

The Project Gutenberg eBook of Como eu atravessei África do Atlantico ao mar Indico, volume primeiro

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you'll have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

Title: Como eu atravessei África do Atlantico ao mar Indico, volume primeiro

Author: Alexandre Alberto da Rocha de Serpa Pinto

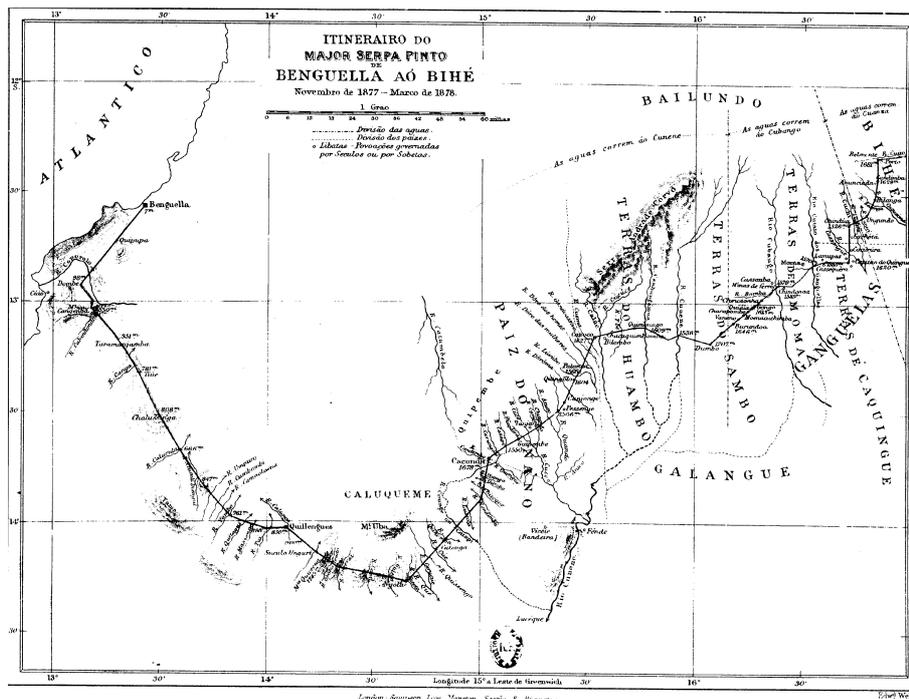
Release date: February 2, 2007 [eBook #20508]

Language: Portuguese

Original publication: Londres: Sampson Low, Marston, Searle, E Rivington, Editores, Crown Buildings, 188 Fleet Street, 1881

Credits: Produced by Rita Farinha, João Miguel Neves, Carlo Traverso and the Online Distributed Proofreading Team at <http://www.pgdp.net> (This file was produced from images generously made available by the Bibliothèque nationale de France (BnF/Gallica) at <http://gallica.bnf.fr>)

*** START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK COMO EU ATRAVESSEI ÀFRICA DO ATLANTICO AO MAR INDICO, VOLUME PRIMEIRO ***



Mappa 2.--De Benguella ao Bihé

COMO EU ATRAVESSEI ÀFRICA DO ATLANTICO AO MAR INDICO, VIAGEM DE BENGUELLA Á CONTRA-COSTA.

A-TRAVÈS REGIÕES DESCONHECIDAS;

DETERMINAÇÕES GEOGRAPHICAS E ESTUDOS ETHNOGRAPHICOS.

Por SERPA PINTO.

Dois Volumes.

Contendo 15 mappas e facsimiles, e 133 gravuras feitas dos desenhos do autor.

VOLUME PRIMEIRO.

Primeira Parte--A CARABINA D'EL-REI.

LONDRES:
SAMPSON LOW, MARSTON, SEARLE, e RIVINGTON,
EDITORES,
CROWN BUILDINGS, 188 FLEET STREET.
1881.

[Tôdos os direitos sam reservados.]

LONDRES:

NA TYPOGRAPHIA DE GUILHERME CLOWES E FILHOS (COMPANHIA LIMITADA),

STAMFORD STREET E CHARING CROSS.

A SUA Magestade EL-REI D. LUIZ 1^o,

COM PRÈVIA LICENÇA

OFFERECE ESTE LIVRO

O AUTÔR.

SENHOR,

Não foi um sentimento de adulação servil que me levou a pedir licença a Vossa Magestade para lhe dedicar este livro, foi o reconhecimento de uma dupla dívida de justiça e de gratidão: de justiça ao Monarcha intelligente e illustrado que firmou o decreto creando recursos para a primeira expedição scientifica Portugueza d'este século á África Central; de gratidão, ao príncipe cujos dotes de coração e de espirito disputam primazias ás suas elevadas qualidades de um dos primeiros reis constitucionaes da Europa contemporânea.

Deu-me Vossa Magestade ensejo de prender indissolavelmente o meu obscuro nome de soldado Portuguez, a uma das mais felizes e auspiciosas tentativas modernamente feitas por Portugal; por isso esse livro pertence a Vossa Magestade como legítimo título da minha immensa gratidão. Ouso rogar respeitosamente a Vossa Magestade queira aceitar a minha humilde offerta com a mesma benevolencia com que se dignou dar-me incitamentos para uma empresa, da qual, depois de realisada, fôram ainda os favôres de Vossa Magestade a mais sincera e não regateada recompensa.

O Vosso ajudante de campo

E o mais dedicado dos

Vossos súbditos,

Alexandre de Serpa Pinto.

Londres, 61 Gower Street,

5 de Dezembro de 1880

A SUA EXCELLENCIA, O CONSELHEIRO JOÃO D'ANDRADE CORVO.

Ill^{mo.} e Ex^{mo.} S^{nr.},

Com propor o meu nome, em 1877, na Commissão Central Permanente de Geographia, para fazer parte da expedição Portugueza ao interior d'África, assumio Vossa Excellencia a responsabilidade da minha nomeação.

Foi para mim pensamento constante, dar a Vossa Excellencia satisfação plena do encargo que tomou indigitando-me para tão árdua tarefa.

Este livro contem, de envolta com a narrativa das minhas aventuras, os resultados dos meus trabalhos e estudos.

Não sei se corresponderá ao que Vossa Excellencia esperava de mim; como não sei se cumpri os deveres que Vossa Excellencia, em nome do paiz, me impoz.

Tenho a consciencia de que trabalhei quanto pude, e que segui, tanto quanto em fôrças humanas cabia, o pensamento e as instrucções de Vossa Excellencia.

A leitura da minha narrativa mostrará a Vossa Excellencia, com quantas difficuldades lutei, e de quão minguidos recursos dispuz.

Se, porem, os meus trabalhos corresponderem á confiança com que Vossa Excellencia me quiz honrar, será isso o maior prêmio a que pode aspirar, o mais respeitoso admirador do talento, vasto saber e elevadas qualidades de Vossa Excellencia,

Alexandre de Serpa Pinto.

Londres, 61 Gower Street,

28 de Novembro de 1880

TRIBUTO DE GRATIDÃO.

Vou citar nomes. É difficil e perigosa tarefa. Ha sempre o receio de ferir modestias, ou levantar susceptibilidades. Não importa; sigo avante.

Será grande a lista, por serem multiplicados os favôres; e posso bem peccar por omissão, filha de memoria preguiçosa.

Que me perdõem os que desejariam esconder êsses favôres na mais velada modestia, como aquelles a quem um lapso de reminiscencia deixasse no olvido.

Seguindo a ordem chronológica dos factos, procurarei no profundo sentimento de gratidão a lembrança dos serviços e favôres recebidos.

Cabe á Commissão Central de Geographia o primeiro logar no meu reconhecimento; por me ter distinguido com a sua escôlha para instrumento da exploração que decidio fazer em África.

Proposto pelo S^{nr.} Conselheiro Andrade Corvo, fui unânimemente aceito, e attendido nas propostas que apresentei para a organização da emprêsa. Falando da Commissão Central de Geographia, não posso omittir de citar nomes; porque, recebendo obséquios de tôdos, fui particularmente auxiliado por muitos.

O D^{or.} Bernardino Antonio Gomes, Marquez de Souza-Hollstein, Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, sam nomes que as lousas tumulares dos seus jazigos, não podem occultar á minha gratidão.

O D^{or.} Julio Rodriguez, Luciano Cordeiro, o D^{or.} Bocage, Conde de Ficalho, Carlos Testa, Pereira da Silva, Jorge Figaniere, e Francisco da Costa e Silva, fôram os cavalheiros que, no seio da Commissão, mais se esforçaram por me encher de favôres.

Outro, que só annos depois conheci pessoalmente (ausente em quanto se organizou a expedição), não deixou de concorrer com o sem consêlho abalizado para a parte scientifica d'ella. Refiro-me ao S^{nr.} Brito Limpo.

Fora da Commissão, prestáram-me valioso auxilio, os meus particulares amigos Marrecas Ferreira e João Botto.

Vem depois da Commissão Central, a Sociedade de Geographia de Lisboa; e com ella mais em evidencia, os seus

Presidentes, D^{or.} Bocage e Vizconde de S. Januario, e os seus Secretarios Luciano Cordeiro e Rodrigo Pequito.

Segue-se o jornalismo Portuguez, a quem cordialmente agradêço tôdos os favôres que me dispensou, e a maneira por que acolheu a minha nomeação.

Fora do paiz prestáram-me valiôso auxilio, o S^{nr.} Mendes Leal, Antonio d'Abbadie, e Ferdinand de Lesseps, em Paris; o Vizconde de Duprat e o Tenente Pinto da Fonseca Vaz, em Londres; sendo que á cooperação d'estes cavalheiros, e só a ella, podêmos eu e Capello ter dado conta do encargo que tomámos de organizar em um mez o material da expedição.

Antes de ter deixado Portugal, ha que citar ainda dois cavalheiros, que concorrêram poderosamente para a realização da nossa empresa.

Sam o Conselheiro José de Mello e Gouvea, que então governava nos negocios do Ultramar, e Francisco Costa, o Director Geral do Ministerio das Colonias.

Pedro d'Almeida Tito, e Avelino Fernandes, dispensáram-me taes favôres em viagem, que não posso deixar de escrever aqui os seus nomes.

Vem, em seguida, o do Governador de Cabo Vêrde, Vasco Guedes, e o do Governador d'Angola, Caetano d'Albuquerque; que ambos me dispensáram innúmeras finezas.

Em Loanda, José Maria do Prado, Urbano de Castro, o Consul Newton, a Associação Commercial, e sôbre tudo os officiaes e Commandante da Canhoneira *Tâmega*, sam crêdores do meu mais profundo reconhecimento.

Apparece agora um nome que n'esse tempo echoava por todas as partes do mundo, e assombrava com as suas façanhas o orbe inteiro:

Henrique Moreland Stanley.

O grande explorador, o ousado viajante, que acabava de fazer a mais prodigiosa viagem dos tempos modernos, foi meu amigo, e meu conselheiro, e d'elle recebi proveitosas lições. Melhor mestre não poderia ter. Que elle recêba n'estas curtas linhas o mais sincero tributo da grande admiração que nutro por elle, e a mais franca expressão da minha estima, e da gratidão que lhe consagro.

Em Benguella, Pereira de Mello e Silva Porto occupam o primeiro logar; e nem me detenho a falar d'elles, que mais alto falam por mim os seus actos narrados n'este livro. Antonio Ferreira Marquez, o Tenente Seraphim, o pharmacêutico Monteiro, e Vieira da Silva, sam outros tantos cavalheiros que não posso esquecer.

Santos Reis, o meu hospedeiro do Dombe Grande, e o Tenente Roza de Quillengues, sam mais dois crêdores á minha gratidão.

Vou dar um salto enorme, e sem me deter a falar do D^{or.} Bradshaw e da familia Coillard, transpôrto-me ao Bamanguato, a *Shoshong* (Xoxon), onde os favôres do rei Kama, e sobre tudo os de M^{r.} e Madame Taylor, me obrigam a não olvidar os seus nomes.

Vai começar para mim um embaraço enorme. Estou em Pretoria; estou na primeira terra do mundo civilisado que encontro depois de Benguella; e ali sam tantos os favôres que se me prodigalizam, que não sei como sahir do embaraço que elles me causam para os agradecer.

M^{r.} Swart, o thesoureiro do Govêrno, foi o primeiro a obsequiar-me, e será o primeiro citado.

Vem em seguida os nomes de Fred. Jeppe, Secretario Osborne, D^{or.} Bissik, M^{r.} Kisch, Major Tylor e Capitão Saunders, e tôdos os officiaes do Regimento 80.

A Baronêza Van-Levetzow, Madame Imink e Madame Kisch, e emfim o Coronel Lanyan.

Sir Bartle-Frere veio logo em meu auxilio, e não se demorou o nosso Consul Portuguez no Cabo, o S^{nr.} Carvalho.

Se dêvo muita gratidão ao Governador Inglez, não dêvo menos ao Consul Portuguez, que, por telegrammas immediatos, veio prestar-me a maior assistencia.

Monseigneur Jolivet, o sabio Bispo de Natal, então residindo em Pretoria, não foi dos últimos a encher-me de favôres.

Em caminho para Durban, recebi um obsequio grande de M^{r.} Goodliffe, e em Maritzburgo multiplicáram-se os obsequios do Coronel Baker, Capitão Whalley e Madame Saunders, e M^{r.} Furs.

Em Durban, M^{r.} Snell, o Consul Portuguez, e M^{r.} e Madame B. H. de Waal, chefe da Handels Company em África Oriental, muito se distinguíram em favôres prestados.

Agora é que se torna verdadeiramente embaraçosa a minha missão. Vou regressar á Europa, tendo terminado a minha viagem, e accumulam-se os obsèquios que recêbo a cada momento.

Em Lourenço Marquez, sam Castilho, Machado, Maia e Fonseca. Em Moçambique, o Governador Cunha, Torrezão e tôdos.

Em Zanzibar, o D^{or.} e Madame Kirk, Widmar, e sôbre tódos o Capitão Draper do 'Danubio' da *Union Steamship Company*, que de Durban me transportou ali.

No Cairo, ainda Widmar me presta grandes favôres. Em Alexandria, sobressáe a tódos o Conde e a Condêssa de Caprara.

Ainda antes de chegar a Lisbôa, recêbo um serviço importante do Barão de Mendonça, em Bordeos.

Em Lisbôa, o Govêrno, primeiro, e amigos velhos e conhecidos novos, porfiam em obsequiar-me.

Estou ali apenas dez dias, em que mal tive tempo para receber favôres, e em que me não sobejou um minuto para os agradecer.

Quizéram que eu fizesse uma conferencia, mal repousado ainda das fadigas da viagem; e sem o poderôso concurso que me prestáram Pequito, Sarrea Prado, Batalha Reis e D^{or.} Bocage, impossivel me seria fazel-a.

Não querendo, não podendo mesmo, citar nomes, tantos seriam elles, não deixo de agradecer, com o mais sincero reconhecimento, á Sociedade de Geographia de Lisboa tudo o que por mim fez.

Á Associação Commercial e ao seu digno Presidente, o S^{nr.} Chamisso, que sempre tomou o maior interesse pela exploração de que eu fiz parte.

Sube em Lisbôa um facto que não posso deixar de consignar aqui com um nome.

Agradêço ao S^{nr.} Thomas Ribeiro as ordens que deu como Ministro da Marinha, para que me fôsem enviados soccorros de Moçambique para o interior d'África.

Ao Côrpo Diplomático residente em Lisbôa expresso os meus sentimentos de gratidão, e sobre todos aos S^{nrs.} Morier, Barão de P. Hegeurt, Laboulay, Marquez d'Oldoini, e Ruata.

Á Associação Commercial do Porto, aos bombeiros voluntarios d'aquella cidade, á Sociedade Euterpe e á Sociedade de Instrucção, aos municipios e mais instituições do paiz que me obsequiáram, consigno aqui um testemunho de agradecimento.

Ás Associações Portuguezas no Brazil, aos meus conterraneos que longe da patria me saudáram, a elles que nada poupáram para mim em honras e distincções, envio um fraternal protesto de immensa gratidão.

Sobre todos áquelles que formáram uma sociedade com o meu nome, e que de Pernambuco me offerecêram um mimoso presente, de tal distincção, que nunca os poderei esquecer.

Cabe agora, pela ordem dos factos, agradecer aos Soberanos estrangeiros as altas honras com que me distinguíram, sôbre tódos ao Monarcha Belga, ao Illustrado e sabio Rei Leopoldo, ao grande impulsor do movimento geogrâphico Africano moderno, que, a par da mais alta honra com que me podia enobrecer, me dispensou a mais cordial estima, e me mostrou o mais affectuoso interesse.

Ás Sociedades de Geographia da França, principalmente ás de Paris, onde o Almirante La Roncière le Noury, Ferdinand de Lesseps, MM. Daubré, Maunoir, d'Abbadie, de Quatrefages e Duveyrier, me enchêram de favôres; de Marselha, que me conferio uma subida distincção, e cujo Presidente, M^{r.} Babaut, muito me obsequiou; e á Commercial de Paris, onde distingo o seu digno Secretario Geral, M^{r.} Gauthiot.

Ainda em Paris, tenho a nomear a Colonia Portugueza, e nella os S^{nrs.} Mendes Leal, Conde de S. Miguel, Camillo de Moraes, Pereira Leite, Garrido, e D^{or.} Aguiar, de quem nunca poderei olvidar os favôres recebidos.

Ás Sociedades de Geographia Belga, e á de Anvers, nomeadamente aos seus Presidentes, o General Liagne e Coronel Wauvermans; e além d'estes cavalheiros, não posso deixar de falar, em um paiz onde tódos me obsequiáram, nos nomes dos S^{nrs.} du Fief, Bamps, e Coronel Strauch, e ainda mais alto no Conde de Thomar, cujos favôres repetidos e cordialidade de trato convertêram em verdadeira amizade a sincera estima das primeiras relações.

Cabe, pela ordem dos factos, o último lugar á Inglaterra, que seria talvez a primeira pêlo número de favôres dispensados.

Principiou nas colonias Inglezas da África do Sul a ter juz á minha gratidão este paiz, onde depois se me tinham de multiplicar os obsequios.

Á Sociedade de Geographia de Londres, ao seu Presidente o Conde de Northbrook, aos seus Secretarios Clements Markham e Bates, aos seus Membros Sir Rutherford Alcock, Lord Arthur Russell, Visconde de Duprat, e muitos outros que impossivel seria nomear, deixo aqui escritos os meus sentimentos de reconhecimento.

Ao S^{nr.} Frederico Youle, ao D^{or.} Peacock, aos S^{nrs.} M. d'Antas, Sampaio, Fonseca Vaz, Quillinan, Duprat, e Ribeiro Saraiva, a estes que além de subidos favôres me dispensaram grandes serviços durante a minha grave doença, não posso deixar de lavrar um bem público testemunho de gratidão.

Ainda me falta citar o nome de M^{r.} David Ward, o Mayor de Sheffield, e do meu particular amigo, o grande e eminente explorador Verney Lovett Cameron, para fechar a lista, que seria interminável a não tomar a resolução de a fechar aqui.

As Sociedades Scientificas dos outros paizes, e a tôdos aquelles que não posso citar, e que me cobriram de favôres, agradeço tudo quanto por mim fizeram, e agradeço tanto mais sinceramente, quanto me custa não os poder personalizar.

Major Alexandre de Serpa Pinto.

Londres, 5 de Dezembro de 1880.

O LIVRO.

Não tem pretensões a obra de literatura este livro.

Escrito sem preocupação da forma, é a fiel reprodução do meu diário de viagem.

Cortei n'elle muitos episódios de caçadas, e outros, que um dia no descanso, produziram um volume de character especial. Busquei sôbre tudo fazer realçar o que mais interessante se tornava para os estudos geogrâphicos e ethnogrâphicos, e se não me pude eximir a narrar um ou outro dos muitos episódios dramáticos que abundaram na minha fadigosa empresa, foi quando a êsses episódios se ligavam factos consequentes, de importancia, ja para alterar o itinerario projectado, já determinando demoras, ou marchas precipitadas, que seriam incompreensíveis sem a exposição das causas determinantes.

Á Europa, e em geral ao homem que nunca viajou nos sertões do interior d'África, não é dado comprehender o que se soffre ali, quaes as difficuldades a vencer a cada instante, qual o trabalho de ferro não interrompido para o explorador.

As narrações de Livingstone, Cameron, Stanley, Burton, Grant, Savorgnan de Brazza, d'Abbadie, Ed. Mohr e muitos outros, estão longe de pintar os soffrimentos do viajante Africano. Difficil é comprehendel-o a quem o não o experimentou; áquelle que o experimentou difficil é descrevel-o.

Não tento mesmo pintar o que soffri, não procuro mostrar o quanto trabalhei, que me façam ou não a justiça de que me julgo merecedor aquelles que examinarem os meus trabalhos, hõje é isso para mim indifferente; porque me convenci, de que só posso ser bem comprehendido pêlos que como eu pisaram os longínquos sertões do continente nêgro, e passaram os maos tratos que eu por lá passei.

Assim como só o homem que, sendo pai, pode comprehender a dôr pungente da pêrda de um filho, assim tambem só o homem que foi explorador pode comprehender as atribulações de um explorador. Ha sentimentos que se não podem avaliar sem se haverem experimentado.

Os factos narrados n'este livro sam a expressão da verdade.

Verdade triste muitas vêzes, mas que seria um crime occultar.

Procurei apresentar n'elle os resultados de um trabalho aturado de muitos mêzes, e garanto o que digo sôbre geographia Africana, porque só eu sou autoridade para falar n'ella na parte respectiva á minha viagem, em quanto outro não houver seguido os meus passos através d'África, e não me convencer do contrario.

As minhas opiniões genêricas sôbre um ou outro problema podem ser errôneas, sam sujeitas á crítica, podem cahir por terra com uma demonstração prática das futuras viagens, como tem acontecido a asserções de muitos dos meus antecessores os mais illustres; mas o que não tem nem pode ter contestação, sam os factos que eu vi, sam aquelles que se referem aos paizes que percorri, e que descrevo n'este livro com a consciencia que deve sempre dictar as acções do explorador.

Não fui á África ganhar dinheiro. Tive a mesquinha paga de official do exêrcito e não quiz outra.

Abandonei uma familia extremosamente querida; deixei a pàtria e tudo para trabalhar, e só para trabalhar, em cooperação com os outros paizes, na grande obra do estudo do continente desconhecido, e tenho a consciencia de que

fiz tanto quanto podia fazer.

Deixo aos homens de sciencia e áquelles que sam autoridades em tal materia o avalial-o.

Ponho ponto n'este assumpto que parecerá filho de um orgulho que não tenho, mas factos insòlitos apparecidos no decurso dos primeiros mêzes da minha residencia na Europa, depois de ter completado a fadigosa jornada d'África, dictáram as palavras que escrevi.

Ha um anno que principiei a coordenar em livro os resultados dos meus trabalhos Africanos, mas uma pertinaz doença por vêzes interrompeu a vontade que nutria de dar á estampa esses trabalhos.

Principiado em Londres em Setembro de 1879, o meu livro foi quasi tôdo escrito nos mêzes de Setembro e Outubro, de 1880, na Figueira da Foz, em Portugal.

A pressa com que foi terminado contribuirá de certo muito para a incorrecção da forma.

A publicação d'elle é feita em Londres, onde encontrei na grande casa editora Sampson Low, Marston, Searle and Rivington, todas as facilidades que não pude obter fora d'ella.

Estes cavalheiros não recuáram ante a enorme despesa a fazer com uma tão difficil e custosa publicação, e leváram a sua condescendencia a fazer imprimir em Inglaterra a edição Portugueza; trabalho difficilimo, porque a differença das linguas dos dois paizes obrigou até á fundição de typo, por causa dos signaes e accentos privativos do nossa idioma.

Devo-lhes a maior gratidão pêlo interesse que t[~e]m dedicado a esta publicação, para o mèrito da qual, se é que ella tivér algum mèrito, elles de certo concorrêram muito.

O S^{nr.} Antonio Ribeiro Saraiva, que, a pesar dos seus trabalhos e da sua avançada idade, me quiz fazer o favor especial de rever as provas do livro; o S^{nr.} E. Weller, o cartògrapho, que se encarregou da gravura das minhas cartas geogràphicas; o S^{nr.} Cooper, que interpretou magnificamente os meus esbocêtos de viagem nas gravuras que illustram a obra, concorrêram tambem de certo muito para o valor d'ella.

Ahi vai, pois, o livro, e só desejo que elle corresponda e sirva á curiosidade de uns e ao estudo de outros; e venha dar novos incitamentos á grande e sublime cruzada do século XIX., a cruzada da civilisação do Continente Nêgro.

Londres, 61 Gower Street,
5 de Dezembro de 1880.

O TÍTULO DO LIVRO.

Hôje, depois de jantar, sahi a dar um passeio, e de volta a casa, encontrei sôbre a minha mêsa de trabalho, pregado com um alfinete, um pedacinho de papel, recortado não sei de que jornal, que dizia assim:

"O *Athenaeum* diz, que o Major Serpa Pinto, restabelecido da sua prolongada doença, chegou a Londres, para terminar a publicação do livro descriptivo da sua jornada atravez d'África. Dá-nos grande satisfação o saber, que o título d'elle foi alterado, de 'Carabina d'El-Rei,' para o de 'Como eu Atravessei África.' 'A Carabina d'El-Rei' pode ser um magnifico título para um livro de aventuras de rapazes, por Mayne Reid ou Gustave Aimard; mas parece um pouco deslocado na pàgina título de um livro sèrio de explorador Africano."

É meia noute, e eu sinto necessidade de me deitar; mas antes d'isso não posso deixar de escrever duas palavras sôbre o assumpto.

A consideração tinha e não tinha razão de ser.

As viagens n'África produzem sempre um romance, e algumas vêzes tambem um livro de sciencia.

A minha, se, como todas, é um verdadeiro romance, não deixa por isso de conter trabalhos geogràphicos de alguma importancia.

Formei logo o projecto, que hôje executo, de misturar em a narrativa esses trabalhos com as minhas aventuras, como elles tinham sido misturados nos sertões Africanos.

A respeito do título para o livro, nada me preoccupei d'isso.

Sendo salva a expedição, e por isso tôdos os trabalhos que a ella se ligavam, pêla Carabina d'El-Rei, pensei em dar aquelle título á obra tôda. Não me davam cuidado juizos dos críticos severos. A minha justificação estaria no correr da narrativa.

Veio porem uma consideração modificar o meu projecto.

Um homem, um único homem no mundo, incapaz de me increpar em público pelo exclusivismo do título, de certo pensaria um momento em que eu tinha sido injusto para com elle em fazer sobressahir no meu livro o facto de ter sido salva a expedição pela Carabina d'El-Rei, quando elle teria igual juz á minha gratidão, tendo-me salvo por seu turno.

Pesou-me aquelle primeiro título escolhido, como uma injustiça que fazia a Francisco Coillard, quando esse título me tinha sido dictado somente por um sentimento de justiça, porque sou pouco propenso a expressões de adulação.

Resolvi immediatamente conservar o título de Carabina d'El-Rei á primeira parte da minha narrativa, e dar á segunda o nome de Francisco Coillard, o homem que, salvando-me, salvou os trabalhos da expedição que eu dirigia. Cumpria um devêr.

Mas desde esse momento, era preciso dar um título geral á obra, e esse não é nunca difficil de se encontrar quando se tem atravessado um continente de mar a mar.

Eis porque o meu livro se chama hoje:--"Como eu atravessei África."

Sei que pouco deve importar ao público o título, qualquér, de uma obra d'estas. É preciso chamar-se-lhe alguma cousa, e eu chamei-lhe assim.

Pesar-me-ha se elle desagradar a alguns, mas ainda assim não me preocupu com isso a ponto de não me ir deitar já, esperando ter um sono profundo durante a noite.

Londres, 61 Gower Street,
12 de Dezembro de 1880, á meia noite.

CONTEÛDO.

PRÒLOGO.

I.--[Como eu Fui Exploradôr](#)

II.--[Como foi Preparada a Expedição](#)

CAPÍTULO I.

EM BUSCA DE CARREGADÔRES.

Chegada a Loanda--O Governador Albuquerque--Não ha carregadôres--Vou ao Zaire--O Ambriz--Chêgo ao Porto da Lenha--Os resgatados--Sei da chegada de Stanley--Vou a Cabinda--Tomo Stanley a bôrdo da *Tâmega*--Os officiaes da canhoneira--Stanley meu hõspede--O nosso itinerario--Chegada do Ivens

CAPÍTULO II.

AINDA EM BUSCA DE CARREGADÔRES.

O Governadôr, Alfredo Pereira de Mello--A casa do Governadôr--Cousas de que não tem culpa o Governo da Metròpoli--O que é Benguella--O commercio--Sou roubado--Outro roubo--A Catumbela--Obtenho carregadôres--Chegada de Capello e Ivens--Nova alteração de itinerario--Outra difficuldade--Silva Porto, o velho sertanejo--Apparecem novos obstàculos--O Capello vai ao Dombe--Partida--O que é o Dombe--Novas difficuldades--Partimos emfim

CAPÍTULO III.

HISTORIA DE UM CARNEIRO.

Nove dias no deserto--Falta de àgua--O ex-chefe de Quillengues--Eu perco-me nas brenhas--Dois tiros a tempo--Perde-se

um muleque eu e uma prêta--Perde-se um burro--Quillengues emfim--Morte do carneiro

CAPÍTULO IV.

POR TERRAS AVASSALLADAS.

Jornada a Ngola--O sova Chimbarandongo--Belleza do caminho--Chegada a Caconda--José d'Anchieta--Nada de correspondencia--Chegada do Chefe--Vamos aos carregadôres--Ivens vai ao Cunene e eu vou ao Cunene--Volta de casa do Bandeira--Falham os carregadôres--O meu juizo

CAPÍTULO V.

VINTE DIAS DE AGONIA.

Parto de Caconda--O sova Quissembe--Quingola e o sova Cáimbo--40 carregadôres--Febre--O Huambo, o sova Bilombo e seu filho Capôco--80 carregadôres--Cartas e noticias--Quasi perdido!--Sigo avante--Grave questão no Chaca Quimbamba--Os rios Caláe, Cahungamua e Cunene--Nova e séria questão no Sambo--O Cubango--Chuvas e temporaes--Grave doença--Uma aventura horrivel--O Bihé finalmente!

CAPÍTULO VI.

PEREIRA DE MELLO, E SILVA PORTO.

No Bihé--Doença--Melhoras--A casa de Belmonte--Decido ir ao alto Zambeze--Cartas ao Governo--Como se organiza uma expedição no Bihé--Difficuldades, e como se vencem--Noticia sôbre o Bihé--Os meus trabalhos--Novas difficuldades--Deixo Belmonte--Até ao Cuanza--Escravatura

Rapido Golpe-de-Vista Retrospectivo

CAPÍTULO VII.

ENTRE OS GANGUELAS.

Passagem do Cuanza--Os Quimbandes--O sova Mavanda--Os rios Varea e Onda--Fetus arbòreos--Atribulações--Escravos--O rio Cuito--Os Luchazes--Emigração de Quibocos--Cambuta--O Cuando--Leopardos--Os Ambuelas--O sova Moem--Cahenda--Descida do rio Cubangui--Os Quichobos--Peripecias--Parto para o Cuchibi

CAPÍTULO VIII.

AS FILHAS DO REI DOS AMBUELAS.

O Cuchibi--O sova Caú-eu-hue--Os Mucassequeres--Opudo e Capeu--Abundancia--Bondade dos indigenas--Povoações e costumes--Um vao no Cuchibi--O rio Chicului--Caçada--Feras--O Rio Chalongo--Uma jornada atroz--As Nascentes do Ninda--O tùmulo de Luiz Albino--A planicie do Nhengo--Trabalhos e fome--O Zambeze a final

LISTA DAS ILLUSTRAÇÕES.

FIG.

1.--Mulheres Mundombes, vendedeiras de carvão

- [2.--Mulheres e Donzellas, Mundombes](#)
- [3.--Homens Mundombes \(*De uma photo. de Monteiro*\)](#)
- [4.--Homem e Mulh r do Huambo](#)
- [5.--Mulh r do Sambo](#)
- [6.--O meu Acampamento entre o Sambo e o Bih ](#)
- [7.--Ponte de Cassanha sôbre o rio Cubango](#)
- [8.--O Século que me deu um P rco](#)
- [9.--Mulheres Ganguelas das margens do Cubango](#)
- [10.--Termites na margem do rio Cutato dos Ganguelas](#)
- [11.--Monte termítico, de 4 metros de altura, nas margens do Rio Cutato dos Ganguelas, coberto de vegeta o](#)
- [12.--Sepultura de Século](#)
- [13.--Ferreiros Caquingues](#)
- [14.--1. Folles; 2. Bocal de Barro; 3. Bigorna; 4. Martello](#)
- [15.--Objectos fabricados pelo gentio entre a Costa e o Bih ](#)
- [16.--Casa de Belmonte](#)
- [17.--Vista exterior da povoa o de Belmonte, no Bih ](#)
- [18.--Planta da povoa o de Belmonte, no Bih ](#)
- [19.--Mulh r do Bih  cavando](#)
- [20.--Carregador Biheno em marcha](#)
- [21.--Palissada s lta; Palissada amarrada com Casca de  rvore; Palissada travada com Forquilhas](#)
- [22.--Planta de uma Libata de gentio no Bih ](#)
- [23.--Fora da Porta das Libatas ha isto](#)
- [24.--Objectos fabricados por Bihenos](#)
- [25.--Quinda, c sta de palha que não deixa passar a  gua; Peneiro para secar a farinha \(fuba\); Peneiro de peneirar; Cabaça para tirar  gua   capata](#)
- [26.--Uma Casquilha do Bih ](#)
- [27.--Mulheres do Bih  pisando Milho](#)
- [28.--Mulheres Ganguelas Luimbas e Loenas. Modo por que cortam os Dentes incisivos](#)
- [29.--Montes term ticos, dos terrenos entre a Costa e o Bih ](#)
- [29A.--Viagem ao Cunene](#)
- [30.--Passagem do Cuanza](#)
- [31.--Homem e Mulh r Quimbandes](#)
- [32.--Raparigas Quimbandes](#)
- [33.--Os Bihenos construindo as Barracas nos Acampamentos](#)
- [34.--Esqueleto da Barraca](#)
- [35.--Barraca concluida em uma hora](#)
- [35A.--Ganguelas e Quimbandes](#)
- [36.--O Sova Mavanda vem dançar mascarado ao meu Campo](#)
- [37.--Mulh r Quimbande carregada](#)
- [38.--1. Cachimbo; 2. Facas; 3. Cac etes de guerra](#)
- [39.--Ditassoa, peixe do rio Onda](#)
- [40.--Fetus arb reos das margens do rio Onda](#)
- [41.--Mulh r de Cabango com o ferro de coçar a cabeça](#)
- [42.--Homem de Cabango](#)
- [43.--Homem de Cabango](#)
- [44.--O Lago Liguri](#)
- [45.--Luchaze das margens do rio Cuito](#)
- [46.--Mulh r Luchaze carregada](#)
- [47.--Isqueiro dos Luchazes, Caixa da isca e Fuzil](#)
- [48.--Atundo, Planta e Fruto](#)
- [49.--Povoa o de Cambuta, Luchaze](#)
- [50.--Mulh r Luchaze de Cambuta](#)
- [51.--Homem Luchaze de Cambuta](#)
- [52.--Objectos fabricados pelos Luchazes](#)
- [53.--Mulh r Luchaze do Cutangjo](#)
- [54.--Cachimbo Luchaze](#)
- [55.--Capoeira dos Luchazes](#)
- [56.--Urivi, Armadilha para caça](#)
- [57.--Luchaze do Cutangjo](#)
- [58.--Objectos Luchazes](#)
- [59.--O Cuchibi](#)
- [60.--F lha e Fruto do Cuchibi](#)
- [61.--O Mapole,  rvore e F lha](#)
- [62.--Mapole, Fruto e disposi o dos Ramos](#)
- [63.--Moene-Cahenda, Sova de Cangamba](#)
- [64.--Chimbenzengue. Machado dos Ambuelas do Cangamba](#)
- [65.--Cachimbo Ambuela](#)
- [66.--O Quichôbo](#)
- [67.--O co](#)
- [68.--Opumbulume](#)
- [69.--O Rato mencionado](#)
- [70.--Songue;](#)
- [70A.--Rasto do Songue](#)
- [71.--Muene-Ca -eu-hue, Chefe dos Ambuelas](#)
- [72.--Mulh r Ambuela](#)

- [73.](#)--Opudo
- [74.](#)--Capêu
- [75.](#)--Barco e Remo do Cuchibi
- [76.](#)--Tambor das festas Ambuelas
- [77.](#)--Caú-eu-hue
- [78.](#)--O Irmão do Sova
- [79.](#)--Caçador Ambuela
- [80.](#)--Chinguene
- [81.](#)--Lincumba
- [82.](#)--Chipulo ou Nhele
- [83.](#)--O Vao do Cuchibi
- [84.](#)--Azagaias dos Ambuelas
- [85.](#)--Feros de frechas dos Ambuelas
- [86.](#)--Malanca
- [87.](#)--1. Cornos vistos de frente; 2. Rasto da Malanca
- [88.](#)--O Bùfalo Africano
- [89.](#)--Escudo dos Luinas
- [90.](#)--O Chefe Cicota
- [91.](#)--Termites do Nhengo
- [92.](#)--1 e 2. Casas Luinas de 1^{m.} 5 de altura; 3. Celeiro; 4. Enxada do Lui
- [93.](#)--Corte vertical de uma Casa Luina da aldeia da Tapa

MAPPAS NO VOLUME PRIMEIRO.

Mappa No. 1.--Africa Tropical e Austral

- " " [2.](#)--De Benguella ao Bihé
- " " [3.](#)--Entre Cubango e Cuanza
- " " [4.](#)--O Paiz dos Quimbandes
- " " [5.](#)--Disposição da água em Cangala
- " " [6.](#)--De Cambuta ao Cubangué
- " " [7.](#)--Paúl da nascente do Cuando
- " " [8.](#)--De Cangamba ao Cuchibi

COMO EU ATRAVESSEI A ÀFRICA.

Primeira Parte.--A CARABINA D'EL-REI.

PRÒLOGO.

I.--Como eu fui Explorador.

No correr do anno de 1869, fiz parte da columna de operações que no baixo Zambeze sustentou cruenta guerra contra os indigenas de Massangano. O S^{nr.} José Maria Latino Coelho, então Ministro da Marinha e Ultramar, dera ordem ao Governador de Moçambique, para que, finda a guerra, me proporcionasse os meios de subir o Zambeze, a fazer um detalhado reconhecimento do paiz, tão longe quanto me fôsse possível.

A ordem foi dada, mas não foi cumprida; e depois de vãs instancias, e de um ligeiro passeio pelas terras Portuguezas d'África Oriental, voltei á Europa, com mais desejo que antes, de estudar o interior d'aquelle continente, que mal tinha entrevisto.

Razões particulares de família fizéram adiar, se não aniquiláram, os meus projectos.

Official do exército, sempre de guarnição em pequenas terras de provincia, fazia das minhas horas de ócio horas de trabalho; e ainda que mal antevia a possibilidade de ir á África, era o estudo das questões Africanas o meu único e exclusivo passatempo.

As sublimes questões de astronomia não eram por mim desprezadas, e o muito tempo que me deixava a vida da caserna era repartido entre o estudo da África e do ceo.

Servia em Caçadores 12 no correr de 1875, e ali tive por camarada um dos mais intelligentes homens que tenho conhecido, o Capitão Daniel Simões Soares.

Pouco depois de havermos feito conhecimento, èramos ligados por estreita amizade.

O quarto mesquinho do illustrado official, na caserna da Ilha da Madeira, reunia-nos durante as horas em que o regulamento nos obrigava a viver ali; e quantas vezes, estando um de nós de serviço, têve a companhia do outro! África, e sempre África, era o nosso assumpto de conversação. Apraz-me recordar esse tempo, essas horas que fazíamos correr velozes, debatendo questões, que eu mal pensava seria chamado a resolver um dia.

Em fins de 1875, redigi uma memoria, que submetti á critica de Simões Soares, e de outro meu camarada, o Capitão Camacho; memoria filha das nossas interminaveis palestras Africanas.

Propunha eu um meio de estudar parcialmente o interior das nossas colonias de África Oriental, e isso com a maior economía para o Estado.

Depois de muito debatida a questão por nós tres, foi a memoria enviada ao Governo de Sua Magestade; mas sube depois que nunca chegara ás mãos do Ministro da Marinha.

A esse tempo, eu pensava outra vez em voltar á África, apesar de ser chefe de familia, e de me prenderem a Portugal interesses de subida importancia.

Por fins de 1876 voltei a Lisboa, e conheci que as questões Africanas tinham ali tomado grande interesse com a criação da Commissão Central Permanente de Geographia, e com a fundação da Sociedade de Geographia de Lisboa.

Falava-se muito n'uma grande expedição geogràphica ao interior d'África Austral.

Fui procurar immediatamente o Ministro das Colonias. Era o S^{nr.} João d'Andrade Corvo. Se não é facil explorar a África, não é menos difficil falar ao Ministro, e sôbre tudo se esse Ministro é o S^{nr.} João d'Andrade Corvo. Sua Excellencia tinha a seu cargo duas pastas, Marinha e Estrangeiros, e o tempo não lhe sobejava para falar aos importunos.

Persegui-o uns oito dias, e na vèspera da minha partida de Lisboa, obtive uma audiencia do Ministro dos Negocios Estrangeiros.

Sua Excellencia recebeu-me com segura, dizendo-me, que podia dispôr de pouco tempo, e perguntando-me, ¿o que eu queria?

Travou-se entre nós o seguinte diàlogo:--

"Ouvi dizer, que V. Ex^{a.} pensa em enviar á África uma expedição geogràphica; e sôbre isto venho falar."

O Ministro mudou logo de tom para comigo, e mandou-me sentar com toda afabilidade.

"¿Já estêve em África?" me perguntou elle.

"Já estive em África, conheço um pouco o modo de viajar ali, e tenho-me occupado muito em estudar questões Africanas."

"¿Quer ir fazer uma longa viagem na África Austral?"

Declaro que hesitei um momento em responder. "Estou prompto a ir," disse por fim.

"Bem;" me disse elle, "penso em enviar uma grande expedição á África, bem provida de recursos; e quando tratar de organizar o pessoal, não esquecerei o seu nome."

"É verdade"; me disse, quando eu já ia a sahir, "¿que condições e que vantagens pede por esse serviço?"--"Nenhumas," lhe respondi eu, e sahi.

Fui do Ministerio dos Negocios Estrangeiros á Calçada da Gloria, N^{o.} 3, e procurei o D^{or.} Bernardino Antonio Gomes, Vice-presidente da Commissão Central Permanente de Geographia. Tivémos larga conferencia, e o distincto sabio, então todo entregue a questões geogràphicas, disse-me, que já tinha pensado em um distincto Official da nossa Marinha de Guerra, Hermenigildo Capello, para fazer parte da expedição.

No dia seguinte parti para o Norte. A viagem e os ares do campo fizéram arrefêcer um pouco o febril entusiasmo que

se apossara de mim em Lisboa, e pensando maduramente, resolvi não ir explorar em África.

Minha mulher e minha filha eram laços difíceis de romper, e cada vez que a ideia de me privar das carícias da meiga criança me passava pela mente, arrefecia completamente em mim o ardor das explorações.

De um lado, a família, e do outro a África, eram dois poderosos atractivos que me tinham perplexo. Encontrei um meio de resolver a questão. Se eu fosse nomeado Governador de um districto, podia ir estudar uma parte d'África, sem me separar da família. Fui collocado no 4 de Caçadores, e na minha viagem para o Algarve, passei alguns dias em Lisboa. Não se falava mais em expedição exploratoria, e apenas um entusiasta, Luciano Cordeiro, não tinha descrido de que ella se faria; e na sociedade de geographia, de que era Secretario, tinha levantado um alto brado a favor d'ella. O D^{or.} Bernardino Antonio Gomes, já de idade proecta, tinha cedido ao peso do seu incessante labutar, e sentia já os primeiros symptomas do mal que, pouco depois, arrancando-lhe a vida, devia arrancar a Portugal e ao mundo uma das maiores illustrações Portuguezas do século 19.

Eu não conhecia a esse tempo o homem ardente e illustrado a quem hoje me prende verdadeira amizade--Luciano Cordeiro.

Todos aquelles a quem falava de exploração, me diziam ser cousa adiada. Ao passo que o estado em que encontrei as cousas em Lisboa me compungia, pois que via perder-se a luz que um momento brilhara, para dar um impulso harmónico ás explorações Portuguezas em África; por outro lado, sentia um certo prazer em ver-me, por esse meio, libertado do meu compromisso; compromisso que me separaria dos entes que me sam caros.

Nutri então a ideia de ir governar, e de me estabelecer em África, n'essa África em que eu queria trabalhar, sem por isso me separar dos meus.

Fui falar ao Ministro.

D'essa vez fui logo cordialmente recebido. Estranhei o caso, não se falando já de explorações.

"¿O que o traz por aqui?"--"Venho pedir a V. Ex^{a.} o governo de Quillimane, que está vago." O S^{nr.} Corvo rio-se. "Tenho missão de maior monta a confiar-lhe;" me disse; "preciso de si para cousa diferente de governar um districto em África; e por isso não lhe dou o governo de Quillimane."--

"¿Então V. Ex^{a.} ainda pensa em fazer explorar a África? Eu com franqueza digo, que hoje não creio que a ideia se realize."--

"Dou-lhe a minha palavra de honra," me disse o Ministro, "que ou hei de deixar de ser João de Andrade Corvo, ou na próxima primavera, uma expedição organizada como ainda se não organizou expedição alguma na Europa, ha de partir de Lisboa para a África Austral."--

"¿E conta comigo?"--

"Conto comsigo," me disse, "e em breve terá noticias minhas."

Sahi aterrado do Gabinete do Ministro.

Cheguei ao Hotel Central, e escrevi o seguinte: "Não tenho a honra de o conhecer, mas preciso falar-lhe, e peço-lhe uma entrevista." Sôbreescretei, a "Hermenigildo Carlos de Brito Capello--Official de guarnição a bordo do couraçado *Vasco de Gama*."

No dia immediato, recebi a seguinte resposta:--"Estou hoje no Café Martinho, ás 3 horas.--Capello."

Ás tres horas entrava no Café Martinho, e vi que as mesas estavam completamente desertas. Só a uma dellas estava sentado um primeiro tenente de marinha, que eu não conhecia mesmo de vista. Devia ser o meu homem. Bebia pausadamente um grog, e tinha a cabeça descoberta.

Era de mediana estatura, tanto quanto eu pude avaliar estando elle sentado. Moreno, de olhar plácido; o cabello raro, e grisalho, o pequeno bigode já esbranquiçado, davam-lhe um ar de velhice, que era desmentido pela tez desenrugada, e apresentando o lustre da juventude.

"¿É o S^{nr.} Capello?"--

"Sou; ¿é o S^{nr.} Serpa Pinto? já o esperava, e sei que, provavelmente, vem falar-me d'África."--

"É verdade. ¿Então está decidido a fazer parte da expedição?"--

"Estou; e já n'isso falei ao D^{or.} Bernardino Antonio Gomes."--

"Foi elle que me falou no S^{nr.}; ¿que compromissos tem?"--

"Nenhuns. Não sei bem o que o Governo quer; falei duas vezes com o D^{or.} Gomes; ainda não vi o Ministro, e apenas lhe posso dizer, que, se for á África, escolherei para companheiro um meu amigo, e camarada na armada, Roberto Ivens. ¿Conhece-o?"--

"Não o conheço. Falei ao Ministro e elle disse-me, que contava comigo para a expedição."--

"N'esse caso, uma vez que já tem compromissos com o Ministro, eu desisto de ir."--

"¡Ora essa!... então desisto eu."--

"Mesmo, eu não creio que a cousa vá a effeito."--

"Nem eu creio muito; mas emfim, se for a effeito, ¿porque não havemos de ir ambos? Não nos conhecemos, é verdade; mas em breve travaremos ìntimas relações, e creio bem chegaremos a ser amigos."--

"¿E porque não? Então, se a expedição for ávante, iremos juntos, e escolheremos para nosso companheiro ao meu amigo Roberto Ivens."--

"Esta dito. ¿Pensa sèriamente que o Governo votará uma tão grande verba como a que é precisa para uma empresa d'estas?"--

"Não sei, duvido; e agora ùltimamente fala-se menos na expedição."

Conversámos largamente, e separámo-nos; tendo a ìntima convicção de que a expedição nunca se realizaria.

Ainda me encontrei com Capello nos dias seguintes, e depois separámo-nos. Elle seguiu viagem no couraçado *Vasco da Gama* para Inglaterra; e eu fui tomar o commando da minha companhia em Caçadores 4, no Algarve.

Com o descanso da vida de guarnição, voltei ao estudo, e tive a felicidade de encontrar um amigo no Algarve, Marrecas Ferreira, distincto official de Engenheiros, que, meu companheiro nas mesas do trabalho, tinha sempre um bom conselho a dar-me, nas questões mathemáticas, que elle maneja com intelligencia superior. Foi por seu intermedio que travei relações epistolares com Luciano Cordeiro, a quem depois me devia ligar estreita amizade.

Por esse tempo, redigi duas pequenas memorias, que por intermedio de Luciano Cordeiro chegaram ás mãos do Ministro da Marinha, em que tratava do modo de organizar uma expedição de exploração na Àfrica Austral.

Passáram-se mezes, e não mais me faláram de expedição.

Recebi duas cartas do Capello, em que me mostrava a sua completa descrença em que a cousa fosse a effeito. Eu mesmo nutria igual descrença. Na Commissão Permanente de Geographia discutiam-se varios projectos de expedições; mas tudo ficava em discussões.

Um dia, vi nos jornaes, que o Ministro, o S^{nr.} João d'Andrade Corvo, apresentara no parlamento um projecto, pedindo um crédito de 30 contos para uma expedição em Àfrica; mas, pouco depois, cahio o Ministerio, e foi o S^{nr.} José de Mello Gouvea encarregado da Pasta das Colonias; quando o projecto ainda não tinha sido votado no parlamento.

Tornava-se a falar da projectada exploração; mas os jornaes davam por escolhidos exploradores que eu não conhecia, e ás vezes apenas falavam em Capello.

Eu então estava em Faro, e se me não descurava dos meus estudos astronòmicos e Africanos, ouvindo os conselhos de João Botto, distincto professor da escola de Pilotos de Faro, não nutria já idéas de viajar. O meu tempo era passado entre as caricias da familia e os meus livros de estudo, e sentia-me muito feliz, nos conchêgos do lar domèstico, para pensar em trocar a minha vida plácida pelo bulicio e azares das viagens.

Seguia com interesse nos jornaes as noticias de Lisboa, e vi que o nôvo ministro, José de Mello Gouvea, havia no parlamento apoiado a proposta de João d'Andrade Corvo, e que fôra votada a somma de 30 contos para uma exploração. A morte de Bernardino Antonio Gomes, vïctima, talvez, do muito interesse que dedicou ao estudo das questões Africanas, n'uma idade em que as fadigas passadas lhe aconselhavam completo repouso de espirito, a morte d'esse eminente sabio, veio produzir um grande vácuo na Commissão Central de Geographia. Outros, é verdade, tomando grande interesse nas questões palpitantes, levantavam a voz no seio da commissão; mas discussões repetidas iam adiando a pràctica urgente.

Eu, apesar de se ter votado a verba no parlamento, já não via possibilidade de se levar a effeito a expedição em 1877; e em vista do que sabia pela imprensa, não pensava que se lembrassem de mim, se aquella fosse a affeito; e devo dizel-o, dava-me isso um certo prazer.

O Algarve é um paiz delicioso; reina ali uma atmospherã oriental, e as copas elegantes das palmeiras que se inclinam sôbre as casas em terraços, faz-nos, ás vezes, esquècer de que vivemos no prosaïsimo da Europa. Eu era ali o commandante militar, quer dizer, que afazeres poucos tinha.

O convivio de uma sociedade escolhida; os carinhos da familia; os meus livros de estudo, e os meus instrumentos de observações, faziam-me passar horas bem felizes, d'essa plácida felicidade que a muitos não é dado conhecer. O lar caseiro, o xambre e os pantufos chegaram a ser para mim o ideal do bem-estar.

Findara o mez d'Abril, e com o de Maio viera o calor, que se faz fortemente sentir em Faro; e eu fazia projectos para o verão; quando, um dia, recebo um telegrama em que me ordenavam de me apresentar immediatamente ao General commandante da Divisão; e ali achei uma ordem para me apresentar sem perda de tempo ao Ministro das Colonias.

Adeos casa, adeos xambre, adeos pantufos, adeos vida tranquillã e plácida junto dos meus; ahi vôlvo a correr mundo.

Quatro dias depois, em torno de uma grande mesa, n'uma grande sala do Ministerio da Marinha, uma duzia de graves personagens, uns d'òculos, outros sem òculos, uns velhos outros nôvos, todos conhecidos, ou pelas sciencias, ou pelas letras, ou pelos seus serviços públicos, tratavam de questões Africanas. Presidia a esta solemne sessão o Ministro José de Mello Gouvêa.

Eram Secretarios D^{or.} José Julio Rodrigues e Luciano Cordeiro. Conde de Ficalho, Marquez de Souza, D^{or.} Bocage, Carlos Testa, Jorge Figaniere, Francisco Costa, o Conselheiro Silva, e Antonio Teixeira de Vasconcellos, lembra-me que estavam ali.

Lá no fundo da mesa a um canto, encaixado na poltrona, estava um homem de basto cabelo e basto bigode grisalho, a olhar para mim por entre os vidros da luneta de tartaruga. Era João de Andrade Corvo, que me dizia com o olhar: "Eu bem lhe afiançei que a cousa se havia de fazer."

Junto de mim estava Capello, e ao cabo de duas horas sahiamos d'ali, com as instrucções precisas para a nossa viagem. Tínhamos escolhido um terceiro socio, e esse era o tenente Roberto Ivens, o amigo de Capello, que eu não conhecia, e que a esse tempo estava em Loanda a bordo do seu navio de guerra. Estávamos a 25 de Maio, e tomámos o compromisso de partir a 5 de Julho. Era muito, porque tínhamos que vir preparar a expedição a França e Inglaterra, e só dispúnhamos de um mez para isso.

Então Francisco Costa, Director Geral do Ministerio, tomou a peito desfazer todos os obstáculos que os indispensaveis caminhos burocráticos nos podiam trazer; e andou de modo, que a 28 de Maio eu e Capello partiamos para Paris e Londres, a comprar o que se nos tornava necessario. Levávamos um crédito de oito contos de réis.

II.--Como foi Preparada a Expedição.

Em Paris fomos logo procurar a M. d'Abbadie, o grande explorador da Abissinia, e M. Ferdinand de Lesseps.

D'elles ouvimos conselhos e recebemos os maiores obsequios.

Infelizmente, não encontrámos no mercado, nem instrumentos, nem armas, nem artigos de viagem, taes como os desejávamos.

Foi preciso encommendar tudo.

Com uma recommendação especial de M. d'Abbadie, fomos procurar os constructores de instrumentos, e durante 10 ou 12 dias, Lorieux, Baudin e Radiguet trabalharam para nós.

Walker tinha-se encarregado dos artigos de viagem, Lepage (Fauré) das armas, Tissier do calçado, e Ducet jeune da roupa.

Feitas as encommendas em Paris, seguimos para Londres, e ali comprámos os chronómetros, em casa de Dent, e alguns instrumentos em casa de Casella; uma boa provisão de sulfato de quinino, e muitos objectos de cautchouc na casa Macintosh, entre elles dous barcos e algumas banheiras.

Procurámos de balde em Londres, como tínhamos de balde procurado em Paris, um theodolito que tivesse as condições necessarias para uma viagem de tal ordem qual iamõs emprehender. Uns, ótimos para observações terrestres, não tinham as condições precisas para as observações astronômicas; outros, que reuniam as condições requeridas, eram intransportáveis, já pelo peso, já pelo volume.

Não havia tempo para fazer construir um de propósito, e de volta a Paris, tivemos de aceitar aquelle que já antes nos tinha sido offerecido por M. d'Abbadie.

Recolhemos, em Paris, tudo o que tínhamos encommendado, e que tinha sido fabricado em nossa curta ausencia; e no dia 1 de Julho, desembarcávamos eu e Capello em Lisboa, completamente preparados para a nossa viagem; podendo assim cumprir o nosso compromisso, de partir para Loanda no paquete de 5. Tínhamos feito os preparativos em 19 dias.

Quando eu estudava o modo de me preparar para uma longa viagem em África, tinha procurado sem resultado em livros de viagens, o modo porque se haviam preparado outros viajantes.

Em todas as narrativas havia escassez de informações a esse respeito, e lembra-me ainda o quanto isso me enfadou.

Resolvi logo, se um dia chegasse a fazer uma viagem em África, e se d'ella escrevesse a narrativa, não ser omisso n'essa parte, e dizendo quaes os objectos de que me provi, dizer quaes os que me prestaram serviços reaes, e quaes os que me fôram carga inutil.

A historia das explorações d'África está no seu comêço.

Muitos exploradores me succederám em África, como eu succedi a muitos, e creio fazer um bom serviço áquelles que depois de mim se aventurarem no inhòspito continente, apresentando-lhes agora uma relação dos objectos de que me provi; e logo, no correr da minha narrativa, as vantagens ou os inconvenientes que n'elles encontrei.

Segundo as instruções que do Governo tinha recebido, podia demorar-me tres annos em viagem, e para isso me preparei.

A experiencia tinha-me mostrado, o grave inconveniente de me sôbrecarregar de bagagens; e francamente declaro, que fiquei aterrado quando, em Lisboa, vi o enorme trem comprado em Paris e Londres.

Só malas tínhamos 17! todas das mesmas dimensões, 0^{m,3} x 0^{m,3} x 0^{m,6}.

Uma era toucador perfeito, contendo um grande espelho, uma bacia, caixas para escovas e mais objectos competentes; outra continha um serviço de meza e chá para tres pessôas; e uma terceira o trem de cozinha.

Tres outras malas de forte sola deviam conter cada uma o seguinte:--4 frascos de quinino, uma pequena pharmacia, um sextante, um horizonte artificial, um chronômetro, umas tâbuas logarithmicas, umas ephemèrides, um aneroide, um hypsômetro, um thermômetro, uma bûssola prismática, uma bûssola simples, um livro em branco, lapis, papél e tinta; 50 cartuxos para cada arma; um vestuario completo, e tres mudas de roupa branca; isca, fusil, pederneiras, e alguns pequenos objectos de uso pessoal.

Cada uma d'estas malas tinha na parte superior um estojo de costura, escrivaninha e logar para papél. Eram pessôaes, e pertencia cada uma a um de nós.

As outras 10 malas continham indistinctamente roupas, calçado, instrumentos, e outros objectos de reserva. Todas tinham fechaduras iguaes e abriam com a mesma chave.

A nossa barraca era uma *tente marquise* de 3 metros de lado por 2^{m,3} de alto. As camas eram de ferro, fortes e cômmodas. As mesas de tezoura, os bancos e cadeiras de lona.

Todos estes artigos fôram da fâbrica de Walker.

Cada um de nós tinha uma carabina magnífica de calibre 16, cujos canos, forjados por Leopoldo Bernard, tinham sido cuidadosamente montados por Fauré Lepage.

Uma espingarda do mesmo calibre da fâbrica de Devisme, uma Winchester de 8 tiros, um revólver e uma faca de mato completavam o nosso armamento.

Em Lisboa tinha eu encomendado na Confeitaria Ultramarina 24 caixas, das mesmas dimensões das malas, contendo, em latas cuidadosamente soldadas, chá, café, assucar, hortaliças secas, e farinhas substanciaes. Hoje devo aqui lavar um alto agradecimento ao S^{nr.} Oliveira, proprietario da mesma fâbrica, pelo escrúpulo que têve na escôlha dos gêneros que nos forneceu, e que muito nos serviram no comêço da viagem.

Os instrumentos que levámos fôram os seguintes: 3 sextantes, sendo um de Casella, de Londres; um de Secretan, e um de Lorieux, verdadeiro primor. Dois círculos de Pistor, fabricados por Lorieux, com dois horizontes de espelho, e os competentes nivéis. Um horizonte de mercurio de Secretan. Tres lunetas astronômicas de grande fôrça, duas de Bardou e uma de Casella. Tres pequenos aneroides, dois de Secretan e um de Casella; 4 pedômetros, dois de Secretan e dois de Casella. 6 bûssolas de algibeira; 1 bûssola Bournier de Secretan; 3 outras azimutaes, duas de Berlin e uma de Casella; 2 agulhas circulares Duchemin; 6 hypsômetros Baudin, 1 de Casella, 3 de Celsius de Berlin, dois mais muito sensiveis de Baudin; 12 thermômetros de Baudin, Celsius e Casella; 1 barômetro Marioti-Casella; 1 anemômetro Casella; 2 binôculos Bardou; 1 bûssola de inclinação, e um aparelho de fôrça magnética, que nos fôram obsequiosamente emprestados pelo Capitão Evans, por entremedio de M^{r.} d'Abbadie. E finalmente, o theodolito universal d'Abbadie, que tem o nome de *Aba*, e que tão cavalheirosamente nos foi cedido pelo seu inventor.

Armas, instrumentos, bagagens, todos os artigos, enfim, tinham gravado o seguinte letreiro--*Expedição Portugueza ao interior d'África Austral, em 1877.*

Duas caixas, contendo o necessario para conservar exemplares zoológicos e botânicos nos fôram enviadas pelos S^{nrs.} D^{or.} Bocage e Conde de Ficalho.

Ferramentas dos diversos officios augmentavam este enorme trem, com que ãamos deixar Lisboa, para nos internarmos nos sertões desconhecidos da África Austral.

CAPÍTULO I.

EM BUSCA DE CARREGADORES.

Chegada a Loanda--O Governador Albuquerque--Não ha carregadores--Vou ao Zaire--O Ambriz--Chego ao Porto da Lenha--Os resgatados--Sei da chegada de Stanley--Vou a Cabinda--Tomo Stanley a bordo da *Tâmega*--Os officiaes da canhoneira--Stanley meu hôtepede--O nosso itinerario--Chegada do Ivens.

No dia 6 de Agosto de 1877, chegávamos a Loanda, no vapor *Zaire*, do commando de Pedro d'Almeida Tito, a quem aqui lavro um testemunho affectuoso de muita gratidão, pelos favores que me dispensou durante a viagem.

Desde a minha saída de Lisboa, uma preocupação constante me perseguia. A nossa bagagem era enorme, e tinha de ser ainda muito aumentada, com fazendas, missangas e outros gêneros, que seriam a nossa moeda no sertão.

Em todos os livros de viagens, n'esta parte do continente Africano, li eu as difficuldades em que se encontráram muitos exploradores, por não poderem obter o número sufficiente de carregadores para as cargas indispensaveis. ¿Como os obteria eu? Em Cabo-Verde sube, que uma carta que eu e Capello tínhamos dirigido ao Ivens não fôra por elle recebida; pois que sube ali, por um telegrama, que Ivens estava em Lisboa, e por isso não podia ter satisfeito ao pedido que n'aquella carta lhe fazíamos, de estudar a questão, e ver se nos obtinha em Loanda os auxiliares precisos. Uma tentativa feita em Cabo-de-Palmas ficou sem resultado, e apesar do apoio que nos prestou o Capitão Tito, nem um só *keruboy* podémos ajustar ali.

Chegámos finalmente a Loanda, e fomos hospedar-nos em casa do S^{nr.} José Maria do Prado, um dos primeiros proprietários e capitalistas da Provincia de Angola, que immediatamente poz á nossa disposição, uma das muitas casas que possui na cidade; casa com accomodações bastantes para receber o enorme trem da expedição.

Do S^{nr.} Prado recebemos innúmeros favores. Na noite do dia 6, fomos procurados por um dos ajudantes-de-campo de Sua Excellência o Governador-Geral, que vinha, em nome do S^{nr.} Albuquerque, fazer-nos os mais cordiaes offercimentos.

No dia 7, procurámos o Ex^{mo.} Governador, que nos recebeu affectuosamente, mostrando a maior benevolencia em desculpar os meus trajos, que, óptimos para a vida do mato, eram, a não poder ser mais, ridiculos para uma visita ceremoniosa.

O S^{nr.} Albuquerque, depois de nos assegurar, que nos daria a maior assistencia nas terras do seu governo, concluiu por nos mostrar a impossibilidade de obtermos carregadores.

Creio que nada mais desagradavel pode haver para quem quer viajar em África, e tem 400 cargas, do-que dizer-se-lhe: *Não ha carregadores.*

Decidí immediatamente ir ao Norte da provincia ver se por ali os poderia contratar; e n'esse sentido pedi ao S^{nr.} Albuquerque, me mandasse transportar ao Zaire.

O só navio de guerra que podia ser posto á minha disposição andava cruzando na foz do Zaire; resolvi d'ir procural-o, e no dia 8, parti n'um escalér, tripulado por 8 prêtos cabindas, que me foi fornecido pela capitania do Porto. Levava ordens do Governo para o commandante da canhoneira. Não ha nada mais desagradavel do-que fazer uma viagem de 120 milhas em um escalér. De Loanda ao Ambriz comi apenas umas sardinhas e bolachas. Tendo resolvido fazer a viagem no escalér no mesmo dia da partida, não tive tempo de fazer preparativos.

No dia 9, ao anoitecer, chegava ao Ambriz, bonita villa assente no planalto de um còmoro, cujas escarpas, de 25 metros, sam cortadas a prumo sôbre o mar.

Fazia as vêzes de chefe, um empregado de fazenda, o S^{nr.} Tavares, que caprichou em obsequiar-me, assim como tódos os habitantes da villa, mormente o S^{nr.} Cordeiro, em casa de quem estive hospedado.

Esperava-me no Ambriz Avelino Fernandes. Tive a felicidade de conhêcer Avelino Fernandes a bordo do vapor *Zaire*, e relações íntimas se estabeleceram entre nós.

É filho das margens do Zaire, e tem grande paixão por esse rico solo, onde as àrvores gigantescas da floresta virgem lhe assombráram o berço. Tem 24 annos. A côr morena e o cabello crespo indicam que nas suas veias, de envolta com o sangue Europêu, gira o sangue Africano. Rico, dotado de uma esmerada educação, adquirida nos principaes centros da Europa, e que uma intelligencia superior soube desenvolver, é o verdadeiro typo do cavalheiro palaciano, que não se pôde conhêcer sem que a elle nos prenda logo verdadeira sympathia. As muitas relações que elle tinha no Zaire podiam facilitar-me os meios de arranjar ali carregadores.

Sube no Ambriz que a canhoneira *Tâmega* devia chegar áquelle ponto dentro de dois dias; e por isso resolvi esperal-a.

A viagem de Loanda no escalér não me tinha deixado recordações tão fagueiras, para que eu persistisse em continuar para o norte da mesma forma.

No dia 10, fui visitar a villa e seus suburbios, e em dois traços vou narrar o que vi.

Do planalto em que assenta a povoação Europêa, desce-se para a praia por um caminho em zigzag, que estava sendo reconstruido por alguns grillhetas. Na praia, entre dois soberbos edificios, que sam armazens das casas commerciaes Franceza e Hollandeza, ostenta-se um albergue, meio-derrocado pêla velhice, meio-em-construcção recente não-continuada, que é a Alfândega; Alfândega sem depósitos, onde as fazendas, arrumadas á porta sôbre o areal, pagam um irrisório tributo de armazenagem. A N.N.E. da villa, muitos hectares de terreno sam occupados por um pântano, inferior de 3 metros e 12 centímetros ao maior preamar; e na encosta da escarpa que do planalto da villa desce ao pântano, assentam as cubatas da povoação indígena, nas peiores condições de salubridade. Ao sul da villa, entre umas moitas de mato virgem, é o cemiterio--onde os cadáveres enterrados de dia, sam pasto das hyenas á noite.

A ponte de desembarque, construida de ferro e madeira, está prestes a ser inutilizada; porque a oxidação do ferro em

contacto com o ar e a água, produz-se cêdo; e a ponte não foi pintada, não ha verba para sua conservação, nem alguém que por ella vigie.

A casa do chefe é um pardieiro derrocado, onde ha verdadeiro perigo em habitar.

O paio ameaçava ruina; e isso fêz-me impressão, porque elle contém a pólvora do commercio, que não rende menos de duzentos mil réis mensaes para o Estado.

É bem de esperar, que nos dois annos decorridos depois da minha visita ao Ambriz, se tenham dado mais cuidados áquella bonita villa, cuja importancia é patente, sendo um grande centro de commercio.

Um kilómetro ao N. da ponte de desembarque, lança no Atlântico as suas águas o rio Loge, cuja foz é obstruida por um banco de areia, que lhe dá difficil accesso, mas que depois é navegavel por uns trinta kilômetros.

No dia 11, fui visitar a importante propriedade agricula, fundada pêlo cèlebre Jacintho do Ambriz, e hõje pertença de seu filho Nicolao. Esta propriedade representa um dos maiores esforços feitos na provincia de Angola, para o desenvolvimento da agricultura.

Jacintho do Ambriz foi levado á África por uma desgraça ìntima. Filho do povo, sem a menor instrucção, não sabendo mesmo ler ou escrever (mas dotado de uma razão clara, de um espirito fino, e de muita felicidade), chêgou a fazer uma grande fortuna. Jacintho casou no Ambriz com uma mulhêr da sua igualha. Era a tia Leonarda, mais conhêcida por *tia Lina*, natural da Beira-Alta; e em 1877, a conhêci eu vestida sempre á moda das camponezas da Beira, falando a linguagem vulgar que fala o pôvo d'aquella provincia, como se de lá tivêsse chêgado. Na sua casa comi um jantar beirense, e por um momento julguei-me transportado a uma das hospitaleiras casas dos nossos lavradores do Norte. A tia Lina entrou muito na felicidade que levou Jacintho á riqueza.

Jacintho fazia o commercio, e esse commercio, na África, obriga a dois distinctos ramos:

Adquirir dos brancos fazendas, e vender-lhes os productos do paiz; e adquirir dos prêtos esses productos, vendendo-lhes as fazendas.

Era Jacintho que fazia o commercio com os brancos, e a tia Lina com os prêtos.

Jacintho, dotado de uma alma generosa, era muitas vêzes victima da sua boa fé, e das extorções de alguns chefes; o que provocava uma phrase á tia Lina, que eu muitas vêzes ouvi repetir: "Ah! Jacintho, os brancos esmagam-te; mas eu esmago os prêtos!"

O verbo empregado pêla tia Lina não era precisamente o verbo *esmagar*, mas, por muito enêrgico, substituo-lhe outro algo semelhante.

Um dia, Jacintho deu em ser lavrador. Era a costumeira de criança que puxava por elle. Comprou terreno, e lançou os fundamentos d'essa vastissima propriedade que é digna de ser visitada; e á qual dedicou o seu trabalho e a sua bôlça, até ao ùltimo momento de vida que têve.

Era Jacintho conhecido por estropiar as palavras, e citam-se d'elle tolices engraçadissimas, pêlo mau emprego de um ou de outro vocábulo que decorara, mas cuja significação não conhecia bem; com tudo, tinha muito espirito, e ha d'elle anedotas engraçadas. Esta por exemplo:

Já elle se achava estabelecido na sua propriedade do Loge; mas, logo que ao porto chêgava navio de guerra Portuguez, ia a bordo fazer offercimentos aos officiaes; que de genio era franco.

Um dia que elle fôra a bordo, o commandante pediu-lhe um macaco. "¿Quantos quizêr?" lhe respondeu Jacintho; "mande amanhã um escalér, pelo Loge até minha casa, buscal-os."

No dia seguinte, um escalér, tripulado por seis homens, encostava ao muro do jardim de Jacintho. Fêz elle subir o escalér até dois kilômetros mais, e chêgando á vertente de um monte coberto de gigantes baobabs, em cujos ramos horizontaes pulavam centos de macacos, disse aos marinheiros: "Tôdos estes macacos sam meus, vivem cá dentro da minha propriedade; tendes licença de apanhar quantos quizerdes e leval-os ao commandante."

Os marinheiros encaráram com os cimos elevadissimos das enormes àrvores, cujos troncos, de espantoso diâmetro, não lhes permitiam a subida; e depois de alguns vãoos esforços, retiráram desanimados, perseguidos pêla grita e pêlas caretas da macacaria.

"Eu dei-lhos; se os não levam, não é culpa minha," dizia o Jacintho, rindo ás gargalhadas.

Visitei a propriedade, e uma cousa que me impressionou foi ver, que, màchinas, aparelhos, instrumentos, etc., tudo era de fàbrica Portugueza.

Nada Jacintho admitia que não fôsse Portuguez, e, custassem-lhe o dôbro, fazia elle fabricar em Lisboa tôdos os seus artigos, já para a agricultura, já para a industria.

A memoria d'esse homem obscuro--mais conhêcido pêlos disparates que dizia, do-que pêlas muitas cousas acertadas

que fêz--dêve ser respeitada por tôdos os que se interessam pêlo desenvolvimento Africano; porque elle foi o homem que, nos modernos tempos, maior serviço fêz, para desenvolver a agricultura em colonia Portugueza, empregando n'isso a sua immensa fortuna, e trabalhando até ao seu último dia.

Na margem esquêrda do Loge, assenta outra propriedade agricula, tambem importante, pertencente ao S^{nr.} Augusto Garrido. Não tive tempo de a visitar, porque, no dia que ali passei, não pude esquivar-me aos muitos favores de Nicolao e tia Lina, e tudo o tempo foi pouco para admirar o que ali, no brejo agreste, a vontade do homem tinha feito.

No dia seguinte, chêgou a canhoneira *Tâmega*, e sube, indo a bordo, que se achava sem mantimentos, e com grande número de praças doentes; motivo por que combinei com o commandante, o S^{nr.} Marques da Silva, esperal-o no Ambriz, em quanto ia a Loanda refrescar.

Três dias depois chêgou a *Tâmega* de volta de Loanda; indo eu logo para bordo, com Avelino Fernandes, seguimos viagem no mesmo dia para o Zaire.

Eu tinha adoecido com uma bronchites aguda, de que felizmente melhorei logo que comêçou a viagem.

Subimos o Zaire até ao Porto da Lenha, onde desembarquei com Avelino Fernandes, que me apresentou aos seus amigos d'ali. Falei logo em carregadores. Disséram-me, que seria, talvez, possivel obtel-os, se os chefes indigenas me quizêsem auxiliar; mas que, o melhor meio para mim, era resgatar escravos, e em seguida contratal-os para o serviço que eu exigia.

Repugnou-me a idéa de comprar homens, embora fôsse para os libertar em seguida. E depois, ¿quem sabe se elles me quereriam acompanhar sendo livres?

Resolvi immediatamente não proceder d'este modo, embora não obtivêsse um só carregador ali.

Na casa em que estava sube que tinha chêgado a Boma, no dia 9, o grande explorador Stanley, que descera tudo o curso do Zaire. Stanley tinha seguido para Cabinda.

Voltei a bordo e combinei com o Commandante irmos a Cabinda offerecer os nossos serviços ao arrojado viajero. Partimos, e logo que ancorámos no porto, fui a terra, com Avelino Fernandes e alguns officiaes da canhoneira.

Foi commovido que apertei a mão de Stanley, homem de pequena estatura, que a meus olhos assumia proporções de vulto colossal.

Offereci-lhe os meus serviços, em nome do Governo Portuguez, e disse-lhe, que se quizêsse ir a Loanda, d'onde mais facilmente poderia obter transporte para a Europa, o Commandante Marques lhe offerecia transporte a elle e aos seus a bordo da canhoneira. Em nome do Governo Portuguez puz á sua disposição o dinheiro de que carecêsse.

Stanley respondeu-me com um vigoroso aperto-de-mão.

Os officiaes da *Tâmega* confirmáram os meus offercimentos em nome do seu Commandante.

Stanley aceitou, e desde esse momento, ficou a canhoneira á sua disposição.

Como bem se pôde calcular, eu e Avelino Fernandes não deixávamos Stanley, e àvidos de ouvir a narração da sua viagem, o tempo que elle tinha preso, era por nós passado a questionar os seus homens.

No dia 19, os officiaes da *Tâmega* déram um soberbo banquête ao intrêpido explorador, para o qual convidáram o Commandante Marques, Fernandes e a mim.

No dia 20, partimos para Loanda, levando a bordo tôda a comitiva de Stanley, que se compunha de 114 pessoas, entre ellas 12 mulhéres e algumas crianças.

Stanley, em Loanda, foi hospedar-se em minha casa; distincção a que eu fui muito sensível, porque recusou, para isso, os muitos convites que têve, e com elles commodidades que eu não podia offerecer-lhe, n'uma casa onde tinha por mobilia os meus utensilios de viajero.

O Governador mandou logo comprimentar o illustre Americano, e offereceu-lhe um banquête, a que assisti. De volta a casa, perguntei a Stanley, ¿qual a impressão que trazia do S^{nr.} Albuquerque? E elle disse-me apenas: "*He is a very cold gentleman.*" ("É um cavalheiro mui frio.")

O Consul Americano, o S^{nr.} Newton, deu-nos um almôço, e muitos favores nos dispensou.

Haviam festas e banquêtes; mas, a 23 de Agôsto, ainda não tínhamos um só carregador; e na noite do jantar offerecido a Stanley pêlo Governador, me repetira sua Excellencia, que não me seria possivel obtel-os, sôbre tudo em Loanda; mostrando-me a dificuldade em que se encontrara o Major Gorjão, que apenas tinha podido obter metade do número de homens de que precisava, para estudar a linha ferrovial do Cuanza.

É tempo de falar dos nossos projectos, segundo a lei, e as instrucções do Governo.

O Parlamento votara uma somma de 30 contos de réis para se estudarem as relações hydrogràphicas entre as bacias do Congo e Zambeze, e os paizes comprehendidos entre as Colônias Portuguezas de uma e outra costa d'África Austral.

Um as instrucções subsequentes indicavam mais particularmente o estudar-se o rio Cuango, nas suas relações com o Zaire; o estudo dos paizes comprehendidos entre as nascentes do Cuanza, Cunene, Cubango, até ao Zambeze superior; indicando, que, se possível fôsse, deveria estudar-se o curso do Cunene.

O que fôra designado na lei do Parlamento, elaborada pêlo S^{nr.} Corvo, parece ao principio problema vasto de mais para uma só expedição, e uma verba de trinta contos de réis; mas a lei foi bem redigida. O S^{nr.} Corvo sabia, que o viajante em África, não só nem sempre é senhor dos seus passos, mas tambem, que no seu caminho pôde encontrar um não-previsto problema, que julgue de importancia superior á do que lhe foi designado; e por isso deixou a maior latitude aos exploradores.

Quanto ás instrucções, fôram ellas mais restrictas, mas ainda assim, deixavam bastante largos os movimentos da expedição.

O ponto de entrada, como dependia essencialmente do logar onde obtivêssemos carregadores, ficou indeterminado.

Tínhamos eu e Capello pensado em entrar por Loanda, seguir a leste, até encontrar o Cuango; descer este rio por dois graos; passarmos ao Cassibi, que intentávamos descer até ao Zaire; e finalmente, reconhêcer o Zaire até á sua foz.

Com a chêgada de Stanley, tendo elle feito uma parte do trabalho que nós propunhamos fazer, e sôbre tudo a impossibilidade de obter carregadores em Loanda, tivêmos de modificar completamente o nosso plano.

Decidímos, que fôsse eu ao Sul procurar carregadores em Benguella; e que, se ali os obtivêsse, entrássemos pêla foz do rio Cunene, subindo-o até ás suas nascentes; e depois seguíssemos com os nossos estudos para S.E., até ao Zambeze.

Como não podíamos ter grande confiança na gente que ajustássemos, lembrámo-nos de pedir ao Governador um certo número de soldados, que fôsem, por assim dizer, a escolta de vigia. Sua Excellencia accedeu e mandou saber aos regimentos, se alguns soldados nos queriam acompanhar; porque, não sendo aquelle serviço regular, não podia compellir os soldados a irem.

Ficou, pois, decidido, que eu partisse para Benguella no vapor que no principio de Setembro devia chêgar de Lisboa.

N'esse vapor veio o Ivens, que pêla primeira vêz eu via. Sympathico, ardente, dotado de grande verbosidade, e muito entusiasmado pêlas viagens difficeis, depressa me ligou a elle a amizade. Narrámos-lhe tudo o que resolvêramos fazer, e as difficuldades que tínhamos encontrado até então. Ivens concordou com-nosco, e ficou definitivamente resolvida a minha partida para Benguella, no dia 6.

Preparei-me logo para partir, e fui dar parte d'isso ao Governador.

Durante a minha ausencia os meus companheiros deviam preparar as bagagens, que estavam em grande desarranjo, com a nossa precipitada partida da Europa.

Cabe aqui contar um episodio que me aborreceu bastante; porque poderia ter feito, que Stanley julgasse do character meu e dos meus companheiros, differentemente do que o devia fazer.

No dia 5, ao almôço, conversávamos eu, Capello, Ivens, Stanley e Avelino Fernandes, a respeito da escravatura, e mostrávamos a Stanley o espirito das leis Portuguezas sôbre o infame tráfico; notando-lhe a falsidade de asserções de estrangeiros a nosso respeito; e a impossibilidade de fazer então escravos onde o Governo tinha força. Discorriamos ácerca do assumpto, quando Capello têve de ir a Palacio falar ao Governador.

Voltou uma hora depois, e logo em seguida recebia Stanley uma carta official do S^{nr.} Albuquerque, a pedir que lhe certificasse, ¿se nas terras do seu governo se fazia escravatura? Stanley veio sorprendido mostrar-me a carta, e não menos sorprendidos ficámos eu, os meus companheiros, e Avelino Fernandes. Effectivamente, a nossa conversação ao almôço, e aquella carta depois de um de nós ir a Palacio, pareceria ao illustre viajante uma comedia habilmente preparada.

Stanley podia certificar a sua Excellencia, que a bordo da *Tâmega*, em minha casa, em casa de sua Excellencia, e na do Consul Newton, não tinha visto fazer escravatura. Fora d'isto, Stanley, como sua Excellencia muito bem sabia, só por informações nossas poderia falar, convivendo quasi exclusivamente com-nosco, e não tendo visitado ponto algum do paiz governado pêlo S^{nr.} Albuquerque. Era querer o S^{nr.} Governador viesse Stanley a pagar caro um jantar e os seus favores, pedir-lhe um certificado que elle Stanley nunca deveria ter passado.

Stanley, creio eu, fêz-nos a justiça de pensar que èramos estranhos áquella carta.

No dia 6, parti para Benguella, levando cartas do S^{nr.} José Maria do Prado para alguns particulares, e nem uma recommendação para o Governador do Districto, que eu não conhecia.

Ia outra vêz á busca de carregadores, que eu, Portuguez, não tinha podido obter em Loanda, e que, 4 mezes depois, tinha ali obtido um estrangeiro, o explorador Schutt, que não encontrou as menores difficuldades, para seguir o primeiro caminho que nós tínhamos tencionado seguir.

Em viagem conheci um passageiro que me disse ser possível obter alguns carregadores em Nôvo Redondo, e que se comprometteu a contratar ali uns 20 ou 30.

Foi já um pouco animado com esta promessa, que chêguei a Benguella, no dia 7 á noite; e ainda que levava cartas de recommendação para alguns negociantes, fui procurar o Governador, e pedir-lhe hospedagem.

CAPÍTULO II.

AINDA EM BUSCA DE CARREGADORES.

O Governador, Alfredo Pereira de Mello--A casa do Governador--Cousas de que não tem culpa o Governo da Metrópoli--O que é Benguella--O commercio--Sou roubado--Outro roubo--A Catumbela--Obtenho carregadores--Chêgada de Capello e Ivens--Nôva alteração de itinerario--Outra difficuldade--Silva Porto, o velho sertanejo--Apparecem nôvos obstáculos--O Capello vai ao Dombe--Partida--O que é o Dombe--Nôvas difficuldades--Partimos emfim.

Alfredo Pereira de Mello,^[1] Governador de Benguella, ao ouvir o meu pedido de hospedagem, mostrou um embaraço que percebi, e disse-me, que não tinha meio de me receber em sua casa. Sorprende-me o caso, sabendo eu que o Governador era bizarro de genio e de natureza franco. Tive convites, logo á minha chegada, já de Antonio Ferreira Marques, já de Cauchoix; mas persisti no intento de hospedar-me em casa do Governador.

Elle disse-me, que não tinha cama a offerecer-me, e eu mostrei-lhe a minha cama de viagem; porque fui logo pondo em casa d'elle a minha bagagem. Disse-me, que não tinha quarto; apontei-lhe para um canto da sala em que estávamos, onde ficaria ótимальmente.

Não havia mais que dizer, e fiquei. Aguçava-me a curiosidade a resistencia do Governador em negar-me a hospitalidade que pedia; mas cêdo desvendei o misterio.

Alfredo Pereira de Mello era homem nôvo, ainda que tinha já uma patente superior na armada. Sympathico e intelligente, é estimado por tôdos aquelles que o conhêcem de perto; porque a uma finissima educação, reúne grande rectidão de character, e a energía peculiár a tudo bom marinheiro. Serviu na marinha Ingleza, e tem de viagens larga prática.

Vio as Amèricas, e antes de ir para África como Ajudante-de-Campo do Governador Andrade, tinha visitado a India, a China e o Japão.

O Governador, que já me conhêcia de nome, ao ouvir o meu pedido, esquêceu que tinha diante de si o explorador, para só se lembrar do homem habituado a viver no meio do luxo e das commodidades. Pereira de Mello têve vergonha de hospedar-me.

Um Governador de Benguella, se é recto e probó, vive mesquinamente com a paga que recebe.

A casa do governo é arrendada. A mobilia, um pouco menos de modesta, guarnece a sala e um quarto.

Na sala, destoa da mobilia, ricamente amoldurado, um retrato d'El-Rei, o melhor que tenho visto.

E com-tudo a este porto, v[~e]m repetidas vêzes navios de guerra estrangeiros, cujos officiaes visitam o Governador, regalam-n-o a bordo; e elle nem um copo d'água lhes pôde offerecer em sua casa, porque a prêta ou o muleque tem de trazer o côpo n'um prato velho. O serviço de mesa era, creio eu, a espada de Damocles suspensa sôbre a cabeça de Pereira de Mello, ao ouvir a minha teimozía em ficar. Não tinha razão. O asseio que presidía a tudo, suppría o vidrado da louça gasto com o tempo, e os manjares simples, mas bem cozinhados, avivavam o appetite já derrancado pêlos ares Africanos; e não se offenda o cozinheiro do Hotel Central em Lisboa, se eu lhe dizer, que comi melhór em casa do Governador de Benguella do que comia dos seus opíparos manjares, ainda que a prêta Conceição, cozinheira do Governador, nunca ouviu falar do heroe das caçarolas, o cèlebre Brillat-Savarin.

Pereira de Mello, logo ao primeiro dia de convivencia, abrio-me o seu coração, mostrando-me a menos que singeleza da sua vida interior. Três officios dirigidos ao Governo da Provincia, em que pedia autorização para fazer algumas reformas caseiras, tinham ficado sem resposta.

Isto não é de estranhar, porque foi sempre assim.

Em um copiador de correspondencia, que existe nos archivos do Governo de Benguella, li eu uns officios datados de 1790, em que o Governador de então já se queixava a El-Rei das mesmas faltas; por a ellas lhe não dar remedio o Governador Geral da Provincia, e entre outras cousas que pede com urgencia, figuram os reparos para duas peças de bronze que designa, e que ainda hõje os carecem.

Sam as mesmas de que fala Cameron; o que elle vai saber agora é, que os reparos já fõram encommendados e não podem tardar em chegar; porque, sendo a encommenda d'elles feita em 1790, dêve estar quasi concluida a sua construcção.

Benguella é uma bonita cidade, que se estende desde a praia do Atlântico até ao sopé das montanhas que formam o primeiro degrau do planalto da África tropical. É cercada de uma espessa floresta, a Mata do Cavaco, ainda hoje povoada de feras; e isso não admira, que os Portuguezes, em geral, de caçadores não t[~e]m manhas. As habitações dos Europeus occupam uma grande área, porque todas as casas t[~e]m grandes quintaes e dependencias.

Os quintaes sam cuidados; produzem todas as hortaliças da Europa, e muitos frutos tropicaes.

Vastos pátios cercados de alpendres servem para dar guarida ás grandes caravanas que do sertão descem á costa em viagem de tráfico, e que repousam três dias na casa onde effectuam as permutações.

Um rio, que na estação estia apenas é larga fita de área branca, que se desenrola das montanhas ao mar, a travez da floresta do Cavaco, é ainda assim a grande fonte de Benguella, que os poços ali cavados dam água boa filtrada pelas áreas calcáreas.

Nas ruas da cidade, largas e direitas, crecem dois renques de árvores, pela maior parte figueiras sycòmoros, de pouco arraigadas, e por isso ainda pequenas. As praças sam vastas, e em uma ajardinada, crescem bonitas plantas de vistoso aspecto.

As casas, todas terreas, sam construidas de adôbes, e os pavimentos sam, em umas de tijolos, e de madeira em outras.

A alfândega é bom edificio, recentemente construido, e tem vastos armazens para as mercadorias do tráfico. Esta alfândega, e o largo ajardinado, como outros melhoramentos de Benguella, fôram de um Governador, Leite Mendes, que de si deixou rasto.

Uma ponte magnífica de architraves de ferro, creio que encommendada pêlo mesmo Leite Mendes, mas muito posteriormente montada pêlo Governador Teixeira da Silva, é guarnecida por dois guindastes e carrís, por onde, em vagonetes, se transportam as mercadorias das lanchas á alfândega. Eu aqui commetti um erro de grammática, escrevendo o verbo transportar no presente do indicativo, quando no condicional é que era.

Transportariam, se houvesse pessoal para isso; mas não *transportam*, porque o não ha.

Tem a cidade um templo decente, e um cemiterio bem collocado e murado.

A povoação Europeia é cercada, por todos os lados, de *senzalas*, ou povoações de prêtos, e mesmo entre a povoação branca ha pequenas *senzalas*, em quintaes abandonados. O seu aspecto geral é agradável e aciado.

Tem Benguella má fama entre as terras Portuguezas de África; e supõem muitos, ser aquillo um paiz infecto, que exhala de miasmáticos pântanos a peste, e com a peste a morte.

Não é assim. Eu não conhêci Benguella como ella fôra em tempos passados; mas hõje, não é nem melhor nem peor do que outros muitos pontos d'África.

O acio e as plantações de arvoredos, de certo t[~e]m. modificado muito as suas anteriores condições hygiénicas, e com uma pouca de boa vontade, não seria difficil o seu saneamento; o que estou certo se fará, porque não pôde deixar de merecer verdadeira attenção um ponto de tão subida importancia commercial, e em facil contacto com tão ricas terras nos sertões.

Os principaes productos que alimentam o commercio de Benguella sam cêra, marfim, borracha e urzella, que chêgam á cidade trazidos pelas caravanas dos sertões. Estas caravanas sam de duas espécies. Umas, dirigidas por agentes das casas commerciaes, trazem ás mesmas casas que os despacham os productos do seu tráfico no interior; outras, exclusivamente compostas de gentio, descem a negociar por conta propria, onde melhor ganho encontram.

O tráfico com o gentio faz-se por permutação directa do gênero por fazenda de algodão, branco, riscado ou pintado. Os outros productos Europeus sam objecto de uma segunda permutação pela fazenda recebida; e assim, depois da primeira troca do marfim ou cêra pelo algodão, é este trocado por armas, pólvora, água-ardente, missanga, etc., á vontade do comprador; porque a fazenda de algodão é, por assim dizer, a moeda corrente n'este tráfico.

O commercio está entre mãos de Europeus e crioulos, e felizmente já ali encontrámos muitos d'esses rapazes que, aventureiros, deixam patria e familia, para ir em terras longinquas buscar fortuna.

Alguns deportados de menor importancia tambem negociam, já por conta propria, já como empregados de casa alheia.

Os maiores criminosos do Reino, os condenados por tôda a vida, sam deportados para Benguella, do que resulta, encontrar-se ali quantidade de patifes, de que é bom resguardar-se; não os confundindo com a gente digna e capaz, que a ha.

A policia é confiada á fôrça militar, que um dos regimentos destaca para Benguella; sendo que de Benguella ainda sam espalhadas differentes fôrças nos concêlhos do interior; desfalcando a guarnição da cidade, já de si pequena.

Nós temos dois exércitos, um na Metròpoli, outro nas colonias, que nenhuma relação t[~e]m entre si.

O nosso exército da Metròpoli é bom, porque o Portuguez é bom soldado; o nosso exército das colonias é mau, porque o preto é mau soldado; e os brancos que ali servem de mistura com prêtos, sam peiores ainda do que estes. Deportados por crimes que os excluíram da sociedade, fazendo-lhes perder na Europa o fôro de cidadãos, vam desempenhar em

Àfrica o posto nobre do soldado; sendo a nossa autonomia Africana, e a segurança pública e particular, confiada á defeza de homens, que dam por garantía um detestavel passado.

Dahi as continuas scenas de character vergonhoso que se presenciavam ali. Durante a minha permanencia em Benguella, houve um grande roubo com arrombamento, no cofre militar. O Governador houve-se com a maior energia na maneira porque procedeu para descobrimento dos culpados, sendo muito coadjuvado pelo seu Secretario, o Capitão Barata, que conseguiu descobrir os ladrões, e haver o dinheiro roubado. Fôra o roubo planeado pelo proprio sargento do destacamento, e levado a effeito por elle e alguns soldados!!!

Se o nosso exército Metropolitano não se presta á censura do homem mais pichoso, as nossas forças coloniaes sam victimas das merecidas chufas de tôdos os estrangeiros, que as observam.

Por mais que tenha cogitado, nunca pôde attingir ao préstimo de tal exército em nossas colonias, que para policia não serve; servindo menos para a guerra, que da minha lembrança tenho visto ser feita por côrpos voluntarios, levantados no reino, e que além vam servir por certo praso. Hoje mesmo, em Lisboa, três batalhões estão sempre prontos a marchar para as colonias, e já lá t[~e]m ido; o que prova sabermos nós, que o ter exército no ultramar, tal como elle é, não passa de velha costumeira.

Na noite da minha chegada a Benguella, fiz o conhêcimento do Juiz de Direito Caldeira, que se associou ao Governador para me certificar, que, como elle, empregaria tôda a sua influencia para que eu não tivêsse vindo de balde a Benguella, e assim o fêz.

O Governador convocou os moradores importantes a uma reunião em sua casa, e expondo-lhes os motivos da minha viagem, e o meu projectado itinerario, pediu-lhes que o coadjuvâsem na empresa de arranjar carregadores; para que eu podêsse levar a cabo a expedição. Todos assim o prometêram.

O Governador Pereira de Mello, e o Juiz Caldeira, fôram incansaveis, e no dia 17, dia em que este último se retirou para Lisboa, tinha eu o número de carregadores que pedira, cincoenta, que, com trinta esperados de Nôvo Redondo, prefaziam um total de oitenta; tantos quantos eu havia julgado precisos para subir da foz do Cunene ao Bihé.

O velho sertanejo, Silva Porto, encarregara-se de fazer transportar ao Bihé o grôssô das bagagens, que nós encontraríamos n'aquelle ponto; onde deveríamos contratar mais carregadores para seguir ávante.

N'esse dia mudei eu para a casa que antes occupava o juiz, continuando a ir jantar com o Governador, ou com Antonio Ferreira Marques, da Casa Ferreira e Gonçalves, que porfiavam em obsequiar-me.

No dia seguinte, um prêto meu serviçal furtou-me uns 75 mil réis, e desapareceu, sem que d'elle mais se soubesse.

A 19 chegaram os meus companheiros na canhoneira *Tâmega*, e n'esse mesmo dia resolveu-se, que não iríamos á foz do Cunene, mas sim entraríamos directamente ao Bihé.

Esta nôva resolução que tomámos, alterava o que havia contratado com os carregadores, e além d'isso, a gente de Benguella, que, transportada a paiz distante, não pensaria em desertar, não me inspirava garantía, viajando logo no comêço em paiz de que conhêcia a língua e os costumes.

Comêçou nôva campanha. Eu tinha presentes as narrações de Cameron e Stanley a respeito dos embarços causados por deserções, e até as do proprio Livingstone, que foi abandonado por trinta homens na viagem de Tete com o D^o Kirk.

Logo depois da chêgada dos meus companheiros, combinámos em ser o Ivens encarregado dos trabalhos geográficos, o Capello de Meteorologia e Sciencias Naturaes, e eu do pessoal auxiliar da expedição, coadjuvando-nos mutuamente. Assim, pois, tive de me pôr logo em campo, e o primeiro passo que dei, foi ir tomar consêlho de Silva Porto.

Narrei-lhe a nôva decisão que havíamos tomado, de seguir directamente ao Bihé, e expuz-lhe o meu embarço. Silva Porto veio a Benguella comigo, pois que a sua casa da Bemposta dista 6 kilômetros da cidade, e precorrêmos as casas onde haviam caravanas de Bailundos, sem que elles quizêsem annuir a levar as cargas ao Bihé. A casa Cauchoix tinha chêgado uma grande caravana, e este cavalheiro chêgou a offerecer uma avultada gratificação ao chefe, e paga dupla aos carregadores, se quizêsem conduzir as nossas bagagens, mas nada conseguiu.

Cabe aqui narrar um facto muito curioso. Os Bihenos sam os primeiros viajantes d'Àfrica, e nenhum outro pôvo estende mais longe as suas correrias, nem se lhe iguala em arrojo e robustez de caminheiros; mas os Bihenos viajam só do Bihé para o interior como assalariados; e se de maravilha v[~e]m á costa, é por conta propria. Os Bailundos alugam os seus serviços entre a costa e o Bihé, e não vam ao interior para leste; mas ao norte estendem suas viagens até ao Dondo e Loanda.

Assim, pois, os negociantes sertanejos fazem transportar as mercadorias de Benguella ao Bihé por Bailundos, e d'ali aos pontos remotos do interior por Bihenos, que voltam, com os productos permutados, ao Bihé. D'este ponto á costa tornam a servir-se dos Bailundos.

Depois de informado d'isto, só me restava mandar assalariar Bailundos, para me virem buscar as cargas; e d'isso se encarregou Silva Porto, despachando logo cinco prêtos ao Bailundo, a ir buscar a gente. O velho sertanejo disse-me logo, que elles teriam muita demora, porque os enviados levavam 15 dias a chêgar ao paiz, e outro tanto tempo, pelo menos, gastariam a reunir os carregadores, e estes, 15 dias para vir; fazendo uma somma de 45 dias; afiançando-me elle, que antes não os teria. Nós estávamos em fins de Setembro, e por isso só poderíamos partir por meado de

Novembro.[2]

Vim participar isto aos meus companheiros, e depois de conferenciar com elles, resolvémos não perder tanto tempo em Benguella; e entregando as cargas a Silva Porto, para que nol-as enviasse pelos Bailundos, partirmos immediatamente com as cargas indispensaveis, indo esperar no Bihé; tempo que aproveitariamos no arranjar de carregadores ali para seguir ávante.

Dos carregadores contratados em Benguella apenas uns 30 mereciam alguma confiança para seguir tal caminho; e estes, com 36 de Nôvo Redondo, faziam um total de 66 homens. Tínhamos, além d'isso, 14 soldados; os meus muleques pequenos de serviço; uns Cabindas de serviço de Capello, e Ivens; e 2 chefes prêtos, um contratado por mim na Catumbella, o prêto Barros, e outro por Capello, em Nôvo Redondo, o Catão.

Em tôda esta gente não tínhamos um só homem de confiança.

Tratámos de separar as cargas julgadas indispensaveis, e conhêcemos que eram 87; isto é, tínhamos 21 cargas mais do que carregadores. Foi de balde que trabalhei para os haver, não me foi possivel obter um só.

Os prêtos, não comprehendendo o que ãamos fazer, ao sertão, estavam receiosos, e com a sua desconfiança natural, imaginavam loucuras e recusavam-se.

Chêgou o fim de Outubro sem nada termos adiantado.

Resolvi, por consêlho de Silva Porto, ir ao Dombe, experimentar se os Mundombes fariãam menos difficuldades, do que a gente de Benguella; mas, sentindo-me incommodado, pedi ao Capello ali fôsse por mim.

No dia 29, partio o Capello, e voltou no dia 3 de Novembro. Nada fêz. Os Mundombes prestam-se com facilidade a ir a Quilengues por caminho conhêcido d'elles; mas, fora d'isso, não fazem outras viagens; e recusãram as pagas avultadas que lhes offereçiamos para irem ao Bihé.

Tornava-se necessario tomar uma resolução, e essa foi logo tomada; seguiriãmos sempre para o Bihé, mas tomariãmos por Quillenges e Caconda.

O Governador Pereira de Mello deu logo ordem ao chefe do Dombe, que tivesse prontos 50 carregadores, para seguirem com-nosco para Quillenges.

Silva Porto encarregou-se das cargas que deviam ser mandadas ao Bihé, e eram umas 400.

Poz o Governador á nossa disposição uma lancha, para transportar por mar ao Cuio (Dombe Grande) as cargas que d'ali deviam ser carregadas até Quillenges, e alguns carregadores de Benguella que estavam doentes.

No dia 11 de Novembro, estãvamos prontos a deixar a costa, e fixãmos a partida para o dia 12. Nesse dia fugiãram 4 carregadores de Nôvo Redondo, e no seguinte 5 de Benguella.

Emfim, no dia 12 deixãvamos a Cidade, depois das mais cordiaes despedidas dos amigos, que se reuniãram para nos dizer adeos.

Pouco antes tinha eu ido á praia, e por muito tempo tive os olhos fixos na vastidão do Atlântico, d'esse mar enorme que ia perder de vista; e mal cogitava então, que só o volveria a ver dois annos depois, na França, em Bordeos.

Não sei se a outros tem acontecido o mesmo; eu, no momento da partida, senti uma pungente mágoa, uma indefinivel saudade, uma dôr profunda, que me produziram como que uma embriaguez, e confesso que não tenho muito a consciencia de ter deixado Benguella.

A bandeira das Quinas estava desenrolada, e afastavase da cidade ao passo cadenciado da caravana; segui-a.

No dia 13, chegãvamos ao Dombe, tendo feito uma jornada de 64 kilômetros. Tínhamos com-nosco 69 pessôas, e seis jumentos, que fôram, homens e burros, alojados na fortaleza. Nós três, com os nossos muleques de serviço, fomos obsequiosamente hospedados em casa de Manuel Antonio de Santos Reis, distincto cavalheiro que porfiou em obsequiar-nos.

Dois dias depois, chegãram as cargas que tinham vindo por mar, e inventariando tudo, conhêci, que para seu transporte precisava de 100 homens, além dos effectivos que comigo tinha.

Isto proveio de termos abusado da facilidade que nos offereceu a lancha, mettendo a bordo mais cargas do que tínhamos julgado absolutamente necessarias.

Decidimos partir a 18, depois de recebermos cartas da Europa, porque o paquete, de costume, está em Benguella a 14; mas a 18 nem o vapor tinha ainda chegado, nem o chefe tinha tambem assalariado um só homem.

A 21 chêgou a mala, mas de gente só tínhamos a trazida de Benguella. O chefe declarou-nos, que no dia 26 poderiãmos partir; mas, precisando nós de 100 homens, apenas nos mandou n'esse dia 19. No seguinte dia appareçãram mais 27; e eu, receioso que elles viessem a debandar se os fizesse esperar, despachei-os logo para Quillenges, acompanhados por dois soldados dos que comigo tinha.

O chefe declara-me que lhe é impossivel conseguir mais gente. Faço reunir na fortaleza os três Sobas do Dombe, no dia

28, e fui eu mesmo tratar com elles. Sam três typos magníficos.

Um chama-se Brito, nome que tomou de um dos Governadores de Benguella, que o restaurou no poder; outro, Bahita; o terceiro é Batara. Os meus companheiros perdem o assistir a esta scena joco-seria, porque desde o dia 24 estão com febre.

O Soba Brito apresenta-se com três saias de chita, pintada de ramageus, muito enxovalhadas; veste uma farda de capitão de infantaria, desabotoada, deixando ver o peito nú, porque camisa não usa; e na cabeça, sobre um barrete de lã vermelha, põe nobremente um chapéo armado de estado-maiór.

O Bahita traja saias de lã de vistosas côres, uma rica farda de Par do Reino, quasi nôva, e na cabeça, sobre o indispensavel barrete, uma barretina de caçadores 5.

O Batara está literalmente coberto de andrajos, e traz á cinta um espadão enorme.

Estes illustres e graves personagens estão rodeados dos séculos e altos dignitários das suas negras côrtes, que tomam assento no chão em torno da cadeira do soberano. O Bahita era acompanhado de um menestrel, que tirava de uma marimba, monòtona toada.

Esta marimba é formada de dois paos de 1 metro de comprido, ligeiramente curvos, em que assentam em cordas de tripa taboinhas pequenas de madeira, cada uma das quaes é uma nota da escala. O som é reforçado por uma fila de cabaças collocadas inferiormente, sendo a que corresponde á nota mais baixa da capacidade de 3 a 4 litros, e á mais alta 3 a 4 decilitros.

Os Sobas portáram-se com grande seriedade, e eu fingi também que os tomava a sério.

Depois de me prometterem carregadores, viéram acompanhar-me a casa, que distava uns dois kilômetros da fortaleza; e como eu desse uma garrafa de água-ardente a cada um, mandáram elles dançar a sua fidalgaria, e o Bahita mandou entrar na dança umas raparigas que haviam ficado de parte.

Eu pedi-lhes que dançassem elles; mas responderam-me, que a sua dignidade lh'o não permittia; sendo isso contra as pragmáticas estabelecidas. Eu ardia em desejo de ver o Bahita dançando, de saias e farda de Par; e conhecedor do imperio da água-ardente nos prêtos, mandei dar outra garrafa aos sobas.

Foi o bastante. Atropeláram as suas leis, e eil-os saltando em brutesça dança no meio do seu pôvo, que entusiasmado por tal honra, redobra de contorsões e momices, que chegam a atingir o delirio. O Bahita é magnífico, e com certeza o typo do rei Bobeche foi creado sobre este molde. Fala continuamente em mandar cortar cabeças, sentenças estas que os seus escutam com a maior submissão, mas de que interiormente se riem, porque bem sabem o Governo Portuguez lh'o não consente.

O Dombe Grande é um fertilissimo valle, que se estende primeiro do Sul ao N., e depois a Oeste, quasi em ângulo recto, até ao mar. É enquadado por dois systemas de montanhas, um por oeste, que borda a costa, e outro por leste, em cujo sopé corre o rio *Dombe*, *Coporolo*, ou *Quiporolo*, e até rio de *S. Francisco*--que todos estes nomes tem.



**Figura 1.--Mulhéres Mundombes, vendedeiras de carvão.
(De uma photographia do pharmaceutico Monteiro.)**

É rio que de inverno traz muita água, mas de verão é sêco; sendo que, mesmo nas maiores estiagens, água se encontra cavando poços; o que acontece em tudo o valle do Dombe, onde não é preciso profundar mais de 3 metros para a obter. Junto das montanhas de Oeste na parte em que o valle se estende N. S., ha uma lagôa, de 50 metros de largo por 1 kilómetro de extenção, e da forma de S. Esta lagôa é curiosa, porque não é formada por depósitos pluviaes, mas sim alimentada por uma forte nascente subterranea, por nunca alterar o seu nivel, e produzir infiltrações, que, um

kilômetro abaixo, vam formar nascentes, que sam aproveitadas na rega de uma propriedade. Dizem que tem peixe bagre, tainha e muitos crocodilos.

Tenho-a visitado muitas vêzes, e nunca vi ali crocodilos ou peixe; mas é certo que os ha, porque m'o afiançou o meu hospedeiro, dizendo-me mesmo, que sam muito vorazes; e que, tendo sido, em 1876, a sua propriedade atacada por um bando de salteadores de Quilengues, estes, rechaçados pêlos seus prêtos, tentáram na fuga atravessar a nado a lagôa, não logrando um só atingir á outra margem, porque tôdos fôram prêsa dos vorazes amphibios.

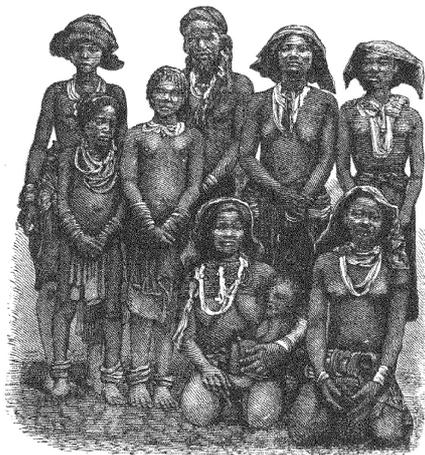
Nas montanhas de oeste junto á lagôa, montanhas formadas de carbonato calcàreo e algum sulfato de cal, existem algumas grutas, uma das quaes nos afiançou o nosso hospedeiro, nunca ter sido visitada, ser enorme, e parecer, tanto quanto por fóra se podia observar, que contém extensas galerias.

Fomos visital-a, eu, Capello, e o nosso hospedeiro Reis, e verificámos não ter ella merecimento.

É um salão pròximamente circular, de 14 metros de diâmetro, architectado pêla natureza na immensa mole de calcàreo, que forma a montanha. Parece ser guarida habitual de feras, que o dá a entender o ar saturado do fedôr almiscarado de certos animaes, bem como as traças de leão impressas no pó impalpavel que cobre o chão, onde encontrámos alguns espinhos do Hystrix Africano.

No valle do Dombe ha algumas feitorias agrìcolas importantes, sendo as principaes a do Loache, a de Paula Barboza, e a do nosso hospedeiro Santos Reis. Esta ùltima conta apenas três annos de existencia, e produz cana de açúcar de que extrahe para cima de 40 mil litros de àgua-ardente; e note-se, que o terreno era antes mato, e foi desbravado ha só três annos. É uma feitoria que começa, tudo ali está ainda em construcção; mas pêlo resultado já obtido se pôde aquilatar a riqueza do solo ali.

Tudo o valle é cultivado de mandioca, pêlos indigenas, e tão fertil é, que depois de três annos de falta de chuva, não tem deixado de ter producção regular, exportando cerca de 70 mil decalitros de farinha por anno. É o celeiro de Benguella. Os indigenas ali não permutam as fazendas, mas sim vendem a dinheiro, cujo valor já conhêcem.



**Figura 2.--Mulhéres e Donzellas, Mundombes.
(De uma photo. de Monteiro.)**

A demora que ali tivémos foi prejudicialissima á ordem, e disciplina da minha gente.

Tôdos os dias apresentavam nôvas exigencias, tôdos os dias levantavam querellas entre si; e eu não podia ser demasiado severo, de receio que me desertassem tôdos.

Vendéram os pannos para comprar àgua-ardente, e chegáram a vender as rações de comida para se embriagarem.

Os soldados eram os peiores. Os sobas não mandáram gente, e eu principiei a ver a repetição das scenas de Benguella. Não podíamos seguir.



**Figura 3.--Homens Mundombes.
(De uma photo. de Monteiro.)**

No dia 1 de Dezembro, chegaram ao Dombe 30 homens mandados de Quillengues pelo chefe militar, a buscar bagagem sua; mas eu lancei mão d'elles, e decidi com os meus companheiros partirmos no dia 4.

Tinha havido mais três deserções, dois homens de Nôvo Redondo e um de Benguella.

Os nossos burros eram muito manhosos, e não havia ensinal-os; todavia resolvêmos conserval-os.

CAPÍTULO III.

HISTORIA DE UM CARNEIRO.

Nove dias no deserto--Falta de água--O ex-chefe de Quillengues--Eu perco-me nas brenhas--Dois tiros a tempo--Perde-se um muleque e uma prêta--Perde-se um burro--Quillengues em fim--Morte do carneiro.

A 4 de Dezembro deixei o Dombe, pelas 8 horas da manhã, e segui para Quillengues. O Capello e o Ivens ficaram ainda, para enviar algumas cargas; deviam ir encontrar-me á noite. Foi consêlho dos guias, que não tomássemos o caminho das caravanas, mas sim um atalho conhecido d'elles, para evitarmos as passagens do Rio Coporolo, que já então levava muita água; dando difficeis vaos, e que aquelle caminho corta em diversos pontos.

Depois de duas horas de jornada na planicie, chegámos ao sopé da serra da Cangemba, que borda por leste o valle do Dombe. Descançámos um pouco, e ás 11 horas, empreendêmos o subir da serra pelo leito de uma torrente, então sêco. Foi difficil trabalho. Os homens iam muito carregados; porque, além das cargas da expedição, do peso de 30 kilogrammas, levavam para si rações para nove dias, em farinha de mandioca e peixe sêco. A differença de nivel era de 500 metros apenas; mas o leito da torrente, formado de rochas calcâreas, offerecia obstáculos enormes ao caminhar por elle. Em muitos pontos, era preciso com as mãos ajudar o côrpo na subida, e o passar ali os seis jumentos, deu grande canceira. Tínhamos comprado no Dombe dois carneiros, para matar em caminho; um dos quaes facilmente seguiu a comitiva, mas o outro deu trabalho, porque se recusava a andar, e a sua teimosia em volver ao Dombe era constante. Fôram três horas de fadigosa marcha; que tanto gastámos para transpor um espaço que não passava de mil metros, e isto por um sol abrasador, deixou-nos extenuados de fadiga. Acampámos logo junto a um poço cavado no leito arenoso de um ribeiro que ia sêco; ribeiro a que os Mundombes chamam Cabindondo. O logar era árido, e apenas vegetavam aqui e além alguns espinheiros brancos, rachíticos e ressequidos pelo sol, que n'esta época do anno queima. O nosso horizonte era formado pelas cumiadas das montanhas que correm norte-sul.

Pêla tarde chegaram Capello e Ivens, e fomos logo comer; que eu estava ainda em jejum. No dia 5 de manhã, seguimos a S.E., e depois de 4 horas de marcha, em que vencêmos um espaço de 20 kilômetros, assentámos campo em um logar que os guias chamáram Taramanjamba; valle extenso, cercado de cêrros pouco altos. A altitude é de 600 metros; mostrando que apenas estávamos elevados 100 metros acima do nosso campo de hontem.

A vegetação continúa pobre, e a falta de água é grande.

Para beber e cozinhar, apenas obtivêmos pouca, de depósitos fluviaes nas cavidades das rochas; depósitos que fôram logo esgotados pêla nossa sedenta caravana, sendo que á noite já se fazia sentir a sêde.

Durante a marcha, se os jumentos continuáram a ser incômodos, não o foi menos o carneiro, que era bravissimo, e mais teimoso que os burros. Decidi matal-o, e tendo combinado isso com os meus companheiros, dei as ordens n'esse sentido aos muleques, e fui dar um passeio aos arredores.

De volta ao campo, vi que os muleques não tinham compreendido a minha ordem, e em lugar de matarem o carneiro bravo, haviam morto o manso.

No dia seguinte partimos de madrugada, e depois de cinco horas de marcha, acampámos no lugar chamado Tine, onde nos afiançáram os guias haver água.

Contra o que eu esperava, o carneiro, não só deixou de ser teimoso, mas poz-se a seguir-me, fazendo-me constante companhia, já em marcha já no campo.

A marcha n'esse dia foi difficil; porque, não só a sede abrasava a gente, mas ainda por uma hora andámos no leito sêco do rio Canga, pedregoso e desnivelado, o que nos fatigou muito.

O terreno é já granítico, e a vegetação arborescente luxuriante.

Água, como na vèspera, foi da chuva, recolhida nas cavidades das rochas; mas era melhor ao paladar e mais limpida á vista.

Tinhamos alguns homens com feridas nos pés, que só chegavam tarde ao campo, porque se lhes difficultava o andar; e ainda outros que, por fracos, se atrasavam, e por preguiça muitos.

N'esse dia, entre os retardatarios figuravam os carregadores do rancho; fazendo isso que só tarde comêssemos. O Capello, de si pouco communicativo, não se queixava dos incòmodos que soffria; mas Ivens, loquaz e de gênio alegre, não se calava e nos fazia rir a cada passo, com os seus ditos engraçados. O appetite era já grande, quando chegaram os carregadores, e elle não desfitava os olhos de uma perna de carneiro que um muleque volteava junto da fogueira em espeto de pao, e de repente disse: "Se meu pai pudesse ver como eu olho para aquella carne até chorava."

Desde o Dombe apenas tínhamos comido uma vèz no dia, e assim, a nossa gente; com a differença, porem, que elles comiam sem interrupção desde o acampar até dormir: o que me fazia receiar, que as rações distribuidas para nove dias, depressa fossem gastas, e em seguida viesse a fome, em paiz onde era impossivel obter viveres.

Avançámos 25 kilòmetros no dia seguinte, a E.S.E., e fomos acampar em uma floresta chamada a Chalussinga; sendo o piso d'esse dia relativamente melhor, sempre por terrenos graníticos, e por entre vegetação mais vigorosa que até ali.

N'essa floresta encontrámos os primeiros baobabs que desde a costa temos visto. Água continuava a ser escassa, e sempre de depósitos pluviaes. Pêlas três horas d'esse dia, fomos avisados de que uma caravana se dirigia ao nosso campo, vindo do interior; e saindo logo ao seu encontro, soubémos ser o ex-chefe de Quillengues, Capitão Roza, que ia doente para Benguella.

Convidámol-o á nossa barraca, onde jantou; partindo em seguida, depois de se prover de medicamentos, que gostosamente lhe offerecêmos. Logo que elle partiu, fui avisado pêlos muleques, de que em torno do campo se viam traças frescas de caça; e sahi a ver se a encontrava. Segui um rasto de grandes antílopes, e tão longe me levou elle, que veio a noite, e com ella as trevas, sem que pudesse atinar com caminho para o campo. Uma montanha elevada projectava o seu vulto sombrio contra um ceo nebuloso, onde nem uma estrella brilhava. Tive idéa de subir a ella, para do cume, vendo o clarão dos fôgos do meu campo, dirigir ali meus passos; idéa que executei com bom resultado, porque effectivamente enxerguei ao longe um clarão que tratei de alcançar, tendo marcado pêla bússola a sua direcção. Não se imagina o que seja caminhar em noite escura por entre as sárças de uma floresta virgem, e quanto tempo se leva a transpor um curto espaço; deixando aqui e além farrapos da roupa, senão tiras da pelle.

Chêguei por fim, já guiado pelo vozear do gentio; mas jqual não foi a minha decepção, vendo, que pêlo meu tinha tomado o campo do Capitão Roza, que devia estar a 6 kilòmetros longe d'elle! Porem, como um caminho ligava os dois campos, porque uma caravana que passa deixa trilho, endireitei n'elle, e depois de uma hora de jornada, já ouvia o som das businas que os meus tocavam, e dos tiros que disparavam, para guiar meus passos.

Foi extenuado de fadiga e molestado dos espinhos, que chêguei á minha tenda, onde Capello e Ivens não estavam livres de cuidados.

Ali tive uma noticia inquietadora, mas que não foi surpresa.

Já se sentia falta de viveres, e sôbre tudo os soldados já tinham em 5 dias comido a ração de 9.

No seguinte dia forçámos a marcha um pouco mais, e percorrémos em 6 horas 30 kilòmetros a E.S.E.

O caminho era bom, marchando no trilho da caravana do Capitão Roza. Nas florestas que atravessámos continuáram apparecendo baobabs gigantescos. Depois de passarmos o rio Calucúla, acampámos na sua margem direita.

O rio leva pouca água, mas esta é limpida e bôa.

Continuávamos a comer só uma vèz ao dia, e a hora da refeição variava entre a 1 e 3, conforme ás marchas. Era preciso poupar os viveres. Ressentido da fadiga da vèspera não sahi a caçar n'esse dia, e fiquei na barraca.

O Ivens foi desenhar, como costumava; e o Capello apanhar insectos e réptiz.

Os soldados termináram as rações, e começaram a queixar-se de fome, falando em matar o carneiro. Eu tinha-me afeiçoado ao animal, que de bravo que era se tinha tornado manso e meigo, acompanhando-me nas marchas e não me

abandonando um momento. Opuz-me a que fôsse morto, e o Ivens deu aos soldados um pouco de arroz do nosso.

A 9, levantámos campo, ás 5 horas, e sustentámos a marcha até á uma; hora a que acampámos nas faldas da serra da Tama. Das 8 ás 9 horas seguimos ao sul, na margem esquêrda do rio Chicúli Diengui, que vai ao N., provavelmente ao Coporolo. A vegetação é cada vêz mais luxuriante, e n'esse dia o nosso caminhar foi por entre floresta espêssa.

Logo que se estabeleceu o campo, renováram-se as representações dos soldados famintos, e com ellas a idéa de matar o carneiro. O Ivens deu nôva ração de arroz aos soldados, e isto, ainda que contemporizava, não era uma positiva salvação para o pobre animal.

Ainda que extremamente fatigado, resolvi ir caçar, para salvar a vida do meu carneiro.

Durante uma hora percorri a floresta sem resultado, e já voltava ao campo, quando avistei, n'uma pequena clareira, duas gazellas que pastavam.

Aproximei-me, mas a mais de cem metros fui presentido. O macho saltou para sôbre uma rocha, e d'ali comêçou a espiar a floresta com a sua vista experimentada; em quanto a fêmea, de orelha á escuta, investigava os arredores.

Era grande a distancia, mas não hesitei, e atirei ao macho, que vi cair fulminado para além do rochêdo. A fêmea, ouvindo o estampido do tiro, saltou ligeira sôbre o penhasco e su disparei-lhe o meu segundo tiro, vendo-a em seguida pular, em salto elegante, e desaparecer no mato.

O meu muleque correu logo a buscar o antilope môrto, mas eu vi que, em lugar de parar junto do rochêdo, seguiu sempre; eu dirigi-me para ali com o coração palpitante, porque supuz que me tinha enganado julgando ver cair o primeiro antilope. Tornei a rocha, e tive um grande alvôrço. O lindo animal (*Cervicapra bohor*) estava estendido sem vida.

Mal tinha tido tempo de o contemplar, quando do mato sahio o muleque curvado ao peso de grande carga.

Era o segundo antilope, que elle tinha levantado môrto, a poucos passos na floresta. Ambos tinham sido feridos no peito, mas ao passo que o macho cahiu sem vida, a fêmea pôde effectuar uma pequena carreira.

Estava salvo o carneiro, e como em dois dias devíamos chegar a Quillengues, e ali teríamos recursos, estava salvo para sempre.

No seguinte dia, depois de marcha de 35 kilômetros, e de termos passado a vao os rios Umpuro, Cumbambi e Comooluena, fomos acampar na margem direita do Vambo--que tôdos correm ao N., a unir as suas àguas (quando as t[~e]m), ao Coporolo, que aqui já se chama Calunga, nome que conserva até á sua nascente.

Na jornada d'esse dia começámos a encontrar gramineas enormes, nas clareiras do mato. Tão grandes, que era impossivel ver nada com ellas, e difficil o caminhar. Durante a marcha desapareceu um meu muleque pequeno, e uma prêta, mulhêr do muleque Catraio do Capello; e ainda que despachei gente a buscal-os, não fôram encontrados.

A escaçez dos mantimentos era grande, e não eram já só os soldados a queixarem-se de fome, tôdos faziam representações, e não attendiam razão. Tivêmos de seguir.

No dia 11, depois de passarmos dois riachos que as chuvas tornam caudalosos, o Quitaqui e o Massonge, fomos acampar na margem direita do rio Tui, muito prôximo de Quillengues. Dos muleques perdidos não havia noticia, e faltava desde a vêspera um jumento, que não appareceu. Em quanto se estabelecia o campo, eu segui para a fortaleza de Quillengues á busca de viveres, com que voltei ás 8 da noite. Estava decididamente salvo o meu carneiro.

N'essa noite apparecêram o muleque e a prêta perdidos, e isso deu-me um verdadeiro prazer; porque, fôrçados a marchar, pela fome, não tinhamos podido demorar-nos a procural-os.

O lugar onde acampámos era baixo e pantanoso, fôra de recursos, é isolado; e por isso resolvêmos ir acampar na libata do chefe de Quillengues, onde entrámos no dia 12, pelas 11 horas.

Paguei e despedi os carregadores do Dombe e Quillengues contratados até ali; e pedi-ao chefe, o Tenente Roza, para me obter outros até Caconda; o que elle me certificou ser facil, dizendo-me logo, que sabia como os rios entre aquelle ponto e Caconda iam cheios, e por isso não davam passagem; o que nos impedia de partir immediatamente.

N'esse dia já comêmos bem, e tivêmos duas comidas, almôço e jantar.

Alguns dias depois, appareceu o jumento que se tinha perdido no mato, trazido por um indigena, que o tinha encontrado. Gratifiquei bem o prêto, para o encorajar a ser honesto; pois que nunca julguei ver mais o pobre animal, que, se escapasse das feras, não escaparia á ladroagem dos naturaes, pensava eu.

Quillengues é um valle regado pêlo Calunga (rio que eu supponho ser o curso superior do Coporolo), valle fertilissimo, e coberto de povoações indigenas.

O estabelecimento Portuguez occupa uma àrea de 45,500 metros quadrados; por ser um rectângulo de 250 metros por 182. Este rectângulo, cercado de palissada, tem quatro baluartes de alvenaria, a um meio de cada face; e dentro uns abarracamentos, que sam morada do chefe militar, e quartéis dos soldados.

Alguns baobabs e figueiras sycòmoros crescem ali, assombrando com seus ramos gigantescos um terreno coberto de gramíneas indígenas, onde pastam os rebanhos do chefe.

Se a importância de Quillengues é grande como ponto productivo, e facilmente colonisavel, não o é menos como posição estratégica; pois que pôde ser considerado uma das chaves do sertão interior, com respeito a Benguella.

Os sobetas do paiz reconhecem a autoridade Portugueza; mas, de natureza salteadores, atacam sem cessar outros povos indígenas, para lhes furtarem o gado.

Sam mais pastores do que lavradores, mas, ainda assim, cultivam a terra, que de ubèrrima suppre o pouco trato; produzindo milho, massambala, e mandioca, em quantidade grande.

As suas habitações sam cubatas circulares, de 3 a 4 metros de diâmetro, construidas de grossos troncos de madeira, revestidas de barro. A porta é bastante alta, para dar entrada a um homem sem curvar-se.

Os Quillengues sam de estatura elevada, e robustos, atrevidos e guerreiros. Sam pouco industriosos, e apenas fabricam o ferro, fazendo azagaias, ferros de frechas, e machados, já de guerra, já de cortar madeira.

As enxadas não as forjam, e sam por elles compradas no Dombe, ou em Benguella.

Os seus curraes sam, como as povoações, cercados de forte palissada; sendo esta revestida exteriormente de abatises espinhosos, para evitar o assalto nocturno de feras.

Os campos de mandioca sam igualmente cercados de espinheiros; porque ali abundam corças pequenas (*Cephalophus mergens*), que das folhas sam àvidas, e causam damno grande ás plantações.

A água-ardente é gènero muito estimado pèlos Quillengues, e sam elles tão dados á embriaguez, que, durante três mezes no anno, tanto quanto dura o fruto do gongo, fazem d'elle uma bebida fermentada, com que estam continuamente embriagados; não sendo possivel obter d'elles o menor serviço.

Quando um homem quer casar-se, envia ao pai da escolhida um presente, que dêve ser pêlo menos de 4 metros de panno da costa, e duas garrafas de água-ardente; e logo com o portador vem a noiva e seus parentes comer, em grande bròdio, um boi, que dêve offerecer-lhes o noivo. O adulterio é coisa de grande estimação para os maridos; sendo que por lei fazem pagar ao amante multa, que se traduz em gado e água-ardente.

A mulhér que não tem commettido algum adulterio é mal vista do marido, que não augmenta o seu haver por esse meio.

Logo que alguma commette a falta, vai ao marido queixar-se de que foi seduzida, e entre elles faz prova a accusação da mulhér.

Entre o pôvo, os cadáveres sam enterrados em logar escolhido, e conduzidos á cova n'uma pelle de boi, cobertos de panno de algodão branco. Os dias de nôjo, sam dias de grande festa em casa do finado. Os sobetas t[~e]m sepultura reservada, e sam ali conduzidos dentro de uma pelle de boi preparada em ôdre, depois de lhe vestirem as melhores roupas.

Nas festas d'òbito ha mortandade enorme de gado, porque o herdeiro tem obrigação de matar todo o rebanho, para regalar o seu pôvo, e contentar a alma do finado.

No dia 22, houve um desastroso acontecimento no nosso campo.

Um dos meus muleques furtou-me uma bala explosiva do systema Pertuisset; e de companhia com dois outros, decidíram repartil-a de modo que a cada um tocasse seu pedaço de chumbo. Armáram-se de uma faca, e pôsta a bala sôbre uma pedra, deu-lhe elle um golpe, estando os outros dois acorados para melhor ver a partilha; quando sùbito a bala faz explosão, ficando os três feridos, e sôbre tudo o muleque de Silva Porto Calomo, que recebeu treze estilhaços, produzindo alguns feridas profundas.

Mandámos uns prêtos reconhecer, se já dariam vao os rios; e por elles soubémos, que se conservavam altos; o que bem soppúnhamos, porque, durante a nossa estada ali, não cessou de chover. Resolvémos então seguir outro caminho, o qual, ainda que mais longo, era mais euxuto de águas; e por isso, pedímos ao chefe nos tivesse prontos os carregadores; o que elle fez, distribuindo eu as cargas no dia 23; mas n'esse dia senti-me muito mal, e ainda que fiz seguir as cargas, fiquei eu, e os meus companheiros por meu respeito. Lutei com violenta febre por três dias, e não tenho consciencia de ter passado o dia 25; dia duplamente festivo para mim, porque, sendo o de Natal, é o anniversario de minha filha.

Tivéram cuidado de mim Capello e Ivens, o Chefe Roza e sua esposa; e no dia 28, pude levantar-me e sair, decidindo logo partir no 1^o de Janeiro de 1878, isto é, três dias depois.

A esposa do Tenente Roza fêz-me dois presentes, que eu mal sabia então estavam destinados a representar um papél, ao diante, na minha viagem.

Fôram elles um serviço de chá de porcelana de Sèvres, e uma cabrinha muito meiga, de raça pequena, a que puz o nome de Córa.

A esse tempo succedeu um desastre, que de véras me contristou. O meu carneiro, por causa de quem eu tive de sustentar tantas lutas com os carregadores famintos, foi môrto por uma cadella perdigueira, que eu levava de Portugal,

e dera ao Capello. Perseguido pêla cadella, na fuga quebrou uma perna ao passar por entre a paliçada do campo, e em breve se finou. Foi o meu primeiro grande desgosto n'esta viagem, tão abundante d'elles.

CAPÍTULO IV.

POR TERRAS AVASSALLADAS.

Jornada a Ngola.--O Sova Chimbarandongo.--Belleza do caminho.--Chegada a Caconda--José d'Anchieta.--Nada de correspondencia.--Chegada do Chefe.--Vamos aos carregadores.--Ivens vai ao Cunene e eu vou ao Cunene.--Volta de casa do Bandeira.--Falham os carregadores.--O meu juizo.

No dia 1^o de Janeiro de 1878, deixámos Quillengues, tendo ali feito provisão de viveres, e comprado bastante gado para matar, bois e carneiros. O chefe, Tenente Roza, acompanhou-nos uns 7 kilômetros, e voltou á sua residencia, seguindo nós sempre a S.E., até ás faldas da serra de Quillengues, onde acampámos junto á povoação do Seculo Unguri. Tinhamos um companheiro de viagem, que em Quillengues nos tinha pedido, o deixássemos ir até ao Bihé em nossa companhia. Era elle Verissimo Gonçalves, filho de um conhêcido sertanejo do Bihé, môrto havia pouco, que em Quillengues era empregado de um ex-criado de seu pai. Este rapaz, mulato e de mesquinha educação, como era de côrpo acanhado, cheio de vicios, dos proprios a tal gente, tinha alguma cousa de bom, e era intelligente.

Tem de figurar no correr d'esta narrativa, e por isso o menciono mais particularmente.

Era acanhado e tímido, mas não covarde, e debaixo de uma apparencia fraca, possuia uma forte organização e músculos de ferro. Sabia apenas ler e escrever, mas era um soffrivel atirador de segunda ordem, e manhoso caçador.

Durante a demora em Quillengues, consegui domesticar dois dos jumentos, que n'esta nôva jornada já me serviram de cavalgadas.

No seguinte dia, logo á saída, começámos a ascensão da serra de Quillengues, que n'esse ponto se chama Serra Quissêcua.

A subida foi difficilima, e durante três horas lutámos com as agruras da montanha, elevando-nos a 1740 metros do nivel do mar, ou 836 acima do planalto que termina em Quillengues.

Em um desfiladeiro da serra passámos um pequeno ribeiro, que os indigenas chamam *Obaba-tenda*, o que quer dizer água fria, fomos acampar na margem de outro chamado *Cuverai*, affluente do Cúe. Estes dois ribeiros sam permanentes, e sam águas que correm ao Cunene.

O terreno continúa granítico, mas a vegetação muda completamente de aspecto--de certo devido isto á altitude. O baobab desapareceu, e já se encontram fetos á sombra das innúmeras e variadas acacias que povôam as matas. A flôra apresenta riqueza maior em plantas herbáceas, e nas gramineas sôbre tudo nota-se uma fôrça de vegetação vigorosissima.

Notei que atravessámos regiões onde se não encontra uma só ave, e de repente entra-se em zonas onde milhares de passarinhos fazem uma chiada enorme. Caça vi ali pouca, mas os rastos anunciam havel-a.

Na noite do seguinte dia aconteceu-nos uma aventura curiosa. Estávamos acampados junto do ribeiro Quicúe, que corre a S.E., em leito granítico, e vai, provavelmente, engrossar o Cúe; quando sentímos a cadella do Capello ladrando e arremettendo furiosa, contra alguma cousa que se aproximava da barraca. Ao mesmo tempo sentiamos um forte ruminar perto de nós; o que nos fez suppor, que os jumentos se tinham soltado e pastavam dentro do campo, que era cercado de abatises espinhosas. Falámos á cadella e adormecémos. Ao alvorecer ouvimos grande rumor no campo, e saindo logo, soubémos, que os prêtos, que ao principio tinham julgado, como nós, que os burros andavam á sôlta, percebêram depois que se enganavam, e que um animal estranho se tinha introduzido no campo. Fôra effectiva menta um búfalo enorme que nos dera a honra da sua companhia durante a noite.

O caso era notavel e de explicação difficil, a não serem os repetidos rugidos dos leões que se tinham ouvido; fazendo com que o búfalo viesse buscar guarida entre nós.

No seguinte dia fomos acampar pròximo da povoação de Ngóla, e eu fiz logo annunciar a minha visita ao Sova.

Depois do almôço, fui á libata procural-o.

Fiz-me acompanhar dos meus muleques, levando uma cadeira para mim, e dois guardasóes.

O Sova appareceu-me logo, armado de dois cacetes e uma azagaia.

Trajava tanga comprida de panno da costa, e sôbre ella uma pelle de leopardo. Tinha o peito nú pendendo-lhe do pescôço um sem-número de amuletos. Recebeu-me fôra da sua barraca, por um sol abrasador; e eu offereci-lhe um

guardasol, que levava para isso, de panninho encarnado; favor a que elle se mostrou muito grato.

Disse-lhe o que andava por ali a fazer, cousa que elle não percebeu muito bem; comprehendendo com-tudo perfeitamente, que lhe offerencia um pequeno barril de pólvora, 50 pederneiras e uma duzia de guizos de latão, sem nada lhe pedir em troca--o que sôbre modo o espantou.

Convidei-o a vir ao nosso campo ver os meus companheiros; e elle accedeu a isso acompanhando-me; coisa muito de notar, que os chefes indigenas sam desconfiados.

Dizendo-lhe, que mandasse uma vasilha em que eu lhe podesse dar àgua-ardente, foi elle buscar uma botija de litro. Mostrei-me admirado de que um chefe quizesse tão pouco, e convidei-o a procurar vasilha maior. Mandou então buscar uma cabaça que levaria o duplo da botija, e eu pedi-lhe que juntasse outra igual.

O Règulo não podia dissimular a sua admiração pêla minha generosidade.

Partímos a pé, acompanhados por três das mulhéres, as filhas, e muito pôvo, tôdos sem armas, para me mostrarem a confiança que eu lhes havia inspirado.

Chegámos ao campo quando Capello fazia observações meteorològicas, e o Sova ficou admirado diante dos thermòmetros e dos baròmetros.

O Ivens veio logo para junto de nós, e depois de grandes cumprimentos, mostrámos ao Règulo as armas de Snider e de Winchester, que lhe causáram verdadeiro assombro.

Este *Chimbarandongo*, que tal é o nome do sova de Ngóla, é intelligente, e sabe viver com o seu pôvo.

Offereceu-nos um boi, e tendo eu pedido licença para o matar, por haver necessidade de provisões, consentio n'isso, pedindo-me para lhe atirar eu.

O boi estava estranho, e fugio para o mato, a uns oitenta metros de nós. Indiquei ao Sova o sitio em que o ia ferir, e disparei. O boi cahio.

Chimbarandongo foi ver o animal, e attentando na ferida, da qual corria o sangue, aberta entre os olhos, no sitio que eu indicava, ficou tão maravilhado, que me deu repetidos abraços no meio do seu enthusiasmo.

Pêlas 4 horas, formou-se sôbre nós tempestade violenta, que se desfez em raios e copiosa chuva, durando até ás 6 horas.

O Sova e as mulhéres recolheram-se á nossa barraca, assim como alguns dos macotas.

Chimbarandongo fez um discurso aos seus macotas, tendente a provar-lhes, que nós tínhamos trazido a chuva, e com ella um grande beneficio ao paiz, ressequido pêlos calores do estío.

Tentámos explicar-lhe, que não tínhamos tão grandes poderes, e que só Deus governava nos grandes phenòmenos da natureza; levando o Ivens a questão a ponto de lhe explicar como e porque chovía. Ouvindo isto, fez o Sova sair os seus macotas e mais pôvo que escutava a lição meteorològica.

Depois d'isso, tendo-se de novo reunido o pôvo, elle disse, que se deixasse de chover, indagara qual dos seus sùbditos tirara a chuva, e o castigaria de morte. Nôvo discurso da nossa parte contra a pena capital; e nôva ordem de despejo da parte d'elle, que, a pesar do meio embriagado, tinha tino bastante para não comprehender que as nossas theorías não quadravam ao seu systema governativo.

Ao anoitecer retirou-se do modo o mais cômico, indo acavallo em um dos seus conselheiros, que levava as mãos nos hombros de outro; e como estivessem tôdos embriagados, a cada passo perdiam o equilibrio, ameaçando com a queda partir a cabeça ao seu soberano.

Este règulo é sensato e homem de bom juizo. Não acredita em feitiços; nem acreditava que nós lhe tivéssemos trazido a chuva; mas convem-lhe apparentar que o crê, para não perder o prestigio entre os seus, que só assim querem ser governados.

No seguinte dia, vindo elle despedir-se de nós, me disse, que a sua política era ser amigo dos brancos; pois que das boas relações com elles provinha a roupa com que se cobria, e as armas e a pólvora com que continha em respeito os seus inimigos.

"Sem os brancos," me disse elle, "nós somos mais pobres que os animaes; porque a elles temos de tirar as pelles para nos cobrirmos; e sam bem loucos os prêtos que não cultivam a amizade dos filhos do Puto."

A libata ou povoação de Ngóla é fortemente defendida por uma dupla palissada feita com arte, que tem até uma das faces dentada para cruzamento de fogos. É tão vasta que pôde conter tôda a povoação do paiz, que ali se recolhe, em caso de guerra, com seus rebanhos. O ribeiro Cutóta corre dentro d'ella, fazendo que possa resistir a longo assedio sem receiar a sêde.

Deixando Ngóla, caminhámos por duas horas a N.E., e encontrámos o Cúe, o maior dos rios, que corre entre Quillengues e Caconda. No sitio em que tentámos a passagem tinha elle 15 metros de largo por 3 a 4 de fundo, não dando por isso vao. A chuva torrencial da vèspera, augmentando-lhe o volume d'àgua, tinha tornado impetuosa a

corrente.

Uma ponte de finos troncos de arbustos, offerecia uma perigosa difficil passagem aos homens carregados; mas os bôis e os jumentos só a nado podiam passar. Depois de grande trabalho, os bôis nadáram para a outra margem; os burros porem recusáram seguil-os.

Só a grande custo conseguiu o prêto Barros, ajudado de mais dois, fazel-os nadar, nadando ao seu lado, e obrigando-os a tomar pé na outra margem; o que era perigoso, que ali abundam crocodilos.

Depois de uma hora de trabalho, avançámos para E.N.E., encontrando o ribeiro Usserem, d'ali marquei, a N.N.O., o monte Uba, onde assentam as povoações de Caluqueime. Passámos depois o rio Cacurocáe, que corre a S.S.E. ao Cúe; e meia hora depois o rio Quissengo, que corre a S.E., e vai affluir ao Cúe; acampando na margem d'este último, pêlas 4 horas da tarde, junto da povoação de Catonga, onde tem a sua libata um tal Roque Teixeira.

A marcha foi de 30 kilômetros, o que muito nos fatigou.

O caminho foi sempre por planicie, onde a altitude varía apenas entre 1450 e 1500 metros.

A vegetação arbòrea apresenta um certo rachitismo; mas a herbàcea continúa a ser variada e rica.

No dia 6, seguímos sempre a N.E., passando logo o Cúe, em ponte feita pêlo gentío. Este ribeiro tem 5 metros de largo, por 1 de fundo, e corre a S.E. ao Catápi. Alcançámos o Coúngi ou Catápi, ás 11 e meia, e acampámos na sua margem esquêrda. O Coúnge, que a montante toma o nome de Catápi, tinha ali 10 metros de largo por um de fundo, com violenta corrente, e dirigindo-se a S.E. vai lançar-se no Cunene pròximo do Lucéque.

N'esse dia matei uma grande gazella (*Cervicapra bohor*), a maior do gènero que vi em tôda a minha viagem, tão grande que fôram precisos 4 homens para a transportar ao campo.

Ao fechar da noite, a cadella ladrou muito, arremettendo com o mato; verificando nós ser contra as hyenas que nos rondavam as barracas, e por noite fôra tivémos música, em um duêto de baixo e contra-baixo, pela voz clara de um leão, na mata, e pêla ronquenha de um hippopòtamo, no rio.

O aspecto do paiz continúa o mesmo. Nas lombadas matas rachiticas, de uma vegetação que mais se pôde chamar arborescente do que arbòrea, pêla maior parte. Leguminosas, nas depressões; vastas clareiras, verdadeiros prados de gramineas diversas, por entre as quaes serpea um ribeiro ou um rio. O terreno continúa granítico, apresentando as rochas aspectos variados; mas sendo pouco abundantes em mica.

Continuámos caminho ao N.E., passando junto da libata de Cuassequera, fortificada entre enormes rochêdos graníticos, e rodeada de gigantescos sycòmoros, produzindo um aspecto muito pintoresco. Depois de passar o ribeiro Lossóla, que corre ao S. para o Catapi, fomos acampar na margem do Nondumba, riacho que, como o antecedente, afflue ao Catápi, mas correndo ao N.

O planalto já é mais elevado, e caminhávamos então n'uma altitude de 1600 metros.

D'esse ponto seguímos a Caconda, tendo atravessado três ribeiros, que correm a N.N.O. ao Catapi, e sam, por sua ordem, o Chitequi, o Jamba, e o Upanga; encontrando em seguida o Catapi, que corre a O.S.O., e que já no dia 6 tínhamos atravessado com o nome de Coúnge.

No ponto em que o passámos tem 10 metros de largo por 1 de fundo, e pequena corrente.

Algumas das clareiras que n'esse dia atravessámos eram cobertas de junco, pantanosas e de difficil accesso.

A passagem do rio levou tempo, e os meus companheiros precedêram-me na chegada a Caconda.

Alancei depois d'elles a fortaleza, e fui recebido á porta pêlo chefe interino, mulato e rico proprietario do consêlho, sargento da guerra prêta; o qual me disse, que o chefe tinha ido para Benguella, deixando-lhe a *espiga* de nos receber (textuaes palavras).

Depois de me ter dito esta amabilidade, o S^{nr.} Matheus convidou-me a entrar na fortaleza. Logo que passei o recinto das fortificações, vi entre os meus companheiros um homem de estatura mais que mediana, aspecto macilento, testa ampla e elevada, olhar pouco fixo, trajando casaca e gravata branca, que o Capello me apresentou, dizendo-me, "Aqui tem José d'Anchieta." Estava diante de mim o primeiro explorador zoologista d'África, esse homem que tinha passado 11 annos nos sertões d'Angola, Benguella, e Mossamedes, enchendo as vitrinas do museu de Lisboa com valiosissimos exemplares. Tive depois occasião de presenciar o seu viver, que é digno de ser descrito.

Anchieta estava estabelecido nas ruinas de uma igreja, a 200 metros da fortaleza.

A casa no interior era em forma de T, e tôda cercada de estantes, onde haviam, de mistura, livros, instrumentos mathemáticos, màchinas fotogràphicas, telescopios, microscopios, retortas, pàssaros de mil côres, vidros variados, louça, pão, frascos cheios de liquidos multicolores, estojos de cirurgia, montes de plantas, medicamentos, cartuxeiras, roupa, etc. A um canto, um feixe de espingardas e carabinas de diferentes systemas. Junto á casa, um cercado, aprisionando umas vacas e uns porcos. Á porta algumas prêtas e prêtos esfolando pàssaros e preparando mamíferos; e d'entro, a uma grande mesa, Anchieta, sentado em velha poltrona, que attesta longos serviços.

Sôbre a mesa é impossivel dizer o que ha.

Pinças, escalpellos e microscopios ha muitos.

De um lado, um monte de bocados de pàssaros mostra que elle acabou de se entregar ao estudo da anatomia comparada. Em frente d'elle, uma flôr cuidadosamente dissecada, attesta que elle acaba de ler na disposição das suas pétalas, no número de seus estames, na forma do seu receptáculo, no arranjo das sementes, no pistilo, os nomes da familia, do gènero e da especie em que a dêve collocar.

De escalpello na mão e microscopio no ôlho, passa elle as horas que pôde tirar ao trabalho de colleccionador, e é já a planta, já a ave, o ponto de mira do seu estudo.

A momentos, é interrompido por um doente que chega, a quem elle dispensa os cuidados de mèdico, e ao mesmo tempo os remedios da cura, quando lhe não dá tambem a gallinha da dieta.

Anchieta professa um respeito sem limites ao Doutor Bocage, director do Museu Zoológico de Lisboa, e fala d'elle com essa respeitosa amizade que é difficil encontrar onde não existem estreitos laços do mesmo sangue.

Isso comprehende-se. Anchieta, que tem a consciencia dos serviços que tem prestado ás sciencias zoológicas, conhêce que tem no D^{or} Bocage o homem que lhe faz justiça, e sabe aquilatar esses serviços; o homem que completa na Europa o trabalho que elle começa em África; o homem, emfim, que sabe quantas fadigas, quantas febres, quantos incòmodos custáram cada um d'esses exemplares, que descreve, descrevendo com elles nôvas especies.

José d'Anchieta é um d'esses nomes que merece o respeito dos homens de sciencia, e o respeito dos Portuguezes seus compatriotas; porque, trabalhador infatigavel, tem sabido honrar o seu paiz, conservando-se elle mesmo honrado e pobre, no meio do vicio e da desmoralização que lavra nas terras em que vive, e de que poderia tirar proveito se fôsse menos escrupuloso.

Basta de falar d'elle, que não ha elogios que lhe não caibam; falando mais alto do que eu as suas obras, e o seu nome, ligado para sempre aos seus trabalhos, que não morrem.

Soubémos que o Chefe Castro tinha sido exonerado do commando, e fôra nomeado outro official do exèrcito de África para o substituir.

Dois dias depois da nossa chegada, chegaram tambem a Caconda o nôvo chefe e o Alferes Castro, e por elles a nossa correspondencia da Europa, que lemos com avidez.

Falei logo em carregadores, e o Alferes Castro promptificou-se a acompanhar-me a casa de José Duarte Bandeira, o primeiro potentado de Caconda, onde me disse que se arranjariam, pêla grande influencia de que dispunha o tal Bandeira.

Partímos para Vicéte no dia 13 de manhã, e n'esse mesmo dia o Ivens seguio para casa de Matheus, a fazer um reconhecimento ao Cunene, no logar da sua confluencia com o Quando. Eu tambem devia ir fazer uma visita ao mesmo rio para o sul.

O Capello ficou em Caconda atacado por uma ligeira febre, e entregue aos cuidados de Anchieta. Seguí a S.S.E., passando logo os rios Secula-Binza, Catapi, e Ussongue, que afflue a leste, correndo a O.N.O., com 3 metros de largo por 1 de fundo, dando-lhe por isso grande contribuição d'água.

Depois de caminhar a S.E. umas 26 milhas, chêguei pêla noite a Vicéte, libata fortificada entre rochas, no cume de um outeiro que domina vasta planicie.

Fui recebido por José Duarte Bandeira, que, depois de bôa ceia, me proporcionou òptima cama, de que bem precisava.

Logo na manhã seguinte, o Alferes Castro falou nos carregadores, e Bandeira prontamente se offereceu para obter 120, que tantos nos eram precisos para seguirmos ao Bihé.

Mostrei o desejo de ir ao Cunene, e ficou decidido que partissemos no seguinte dia.

Caminhámos nove milhas a Leste, e encontrámos o rio no Porto do Fende.

Logo á chegada, matei um grande hippopotamo, que têve a imprudencia de vir resfolgar a meio rio ao alcance da minha carabina. Passei ali dois dias. O rio tem ahi 100 metros de largo por 6 a 7 de fundo, com uma corrente de 1 milha por hora. O seu eixo no Fende é N.O. a S.E. por espaço de 2 milhas, sendo a montante de N.E. a S.O., e ainda acima E.O. a jusante inclina-se para S.S.O. por 26 milhas, até ao Luceque. Por vêzes toma uma largura de 200 metros e mais.

Abundam n'elle hippopotamos e crocodilos.

1 milha a jusante do Porto do Fende, ha uns ràpidos a que chamam Da Libata Grande; meia milha abaixo, outros, as Mupas de Canhacuto; e 10 milhas mais a jusante, as cataractas de Quiverequete, últimas que tem no seu curso superior; sendo depois navegavel até ao Humbe.

A margem direita é, nos pontos em que a visitei, montanhosa e coberta de mato virgem; á esquêrda, vasta planicie, de 4 a 5 kilômetros de largo, que encosta ao sopé dos montes, que formam um pouco elevado systema, correndo N.S.; em cujas vertentes oeste assentam as povoações do Fende.

Pêlas 11 horas da noite do dia 15, formou-se sobre nós uma tormenta, que despedio inúmeras faíscas e copiosa chuva, deixando-nos completamente molhados.

A 17 voltámos para Caconda, com a promessa de termos os carregadores dentro de 8 dias; tendo de mandar, logo no dia seguinte, um barril de água-ardente para a *convocação*. Nesta parte de África, a água-ardente desempenha para com os homens o mesmo papel, que na Europa o azeite para com as máquinas. Sem ella não se movem.

O nosso hospedeiro, que bem nos regalou em sua casa, esqueceu-se de que tínhamos a gastar o dia em jornada; e saindo nós ao alvorecer, só á noite alcançaríamos Caconda. Partímos com o alforje vazio, e pêlo meio-dia já o appetite degenerava em fome.

Parámos n'uma clareira, e eu disse ao Alferes Castro, que ia ver se matava caça para comer; mas apenas avistei uma codorniz, que nos servio a ambos de almôço e jantar, cozinhada n'uma marmita de soldado. Confesso que já tenho almoçado e jantado melhor do que n'esse dia.

Os meus prêtos, vendo a minha avidez em roer os ossos da codorniz, que a cadella de balde devorou com os ôlhos, fazendo-me mil negaças com a cauda, dêram-me uma raiz de mandioca, que partilhei com o Alferes.

Chêguei, á noite, a Caconda, e depois de uma bôa ceia, dei fé que Ivens ainda não tinha chegado, e que Capello já estava bom.

O Ivens chegou a 19, e n'esse dia mandámos o tal barril de água-ardente ao Bandeira, pedindo-lhe a maior urgencia na convocação dos carregadores.

No dia 23, chegáram de Benguella uns artigos que tinham sido requisitados; e para mim um presente de 6 latas de biscoito, que me offerencia Antonio Ferreira Marques.

N'esse dia despachei outro portador a Vicéte, pedindo ao Bandeira os carregadores, que já se demoravam.

Não appareciam os homens promettidos, e eu pedi ao chefe para que fôsse a Vicéte, e usando da sua influencia como autoridade, visse se dava pressa ao Bandeira em nos mandar a gente precisa.

O chefe partio, e escreveu-me logo, dizendo já estarem promptos 61 homens, e em breve haver os mais. Levava elle logo fazenda para os pagamentos, que ali só querem algodão branco, mas disse serem precisas mais 50 peças, que nós não tínhamos, mas que o Bandeira ficou de emprestar.

No dia seguinte, nôva carta do chefe, dizendo, que os carregadores iam ser pagos e viriam logo; dois dias depois, terceira carta, dizendo, já lá ter 94 homens; e finalmente, no dia 5 de Fevereiro, outra carta, dizendo, que não havia nem um carregador, e que nenhum se arranjará.

Imagine-se o nosso desapontamento.

Eu a esse tempo ainda não tinha formulado e arraigado no meu espirito um principio, que mais tarde me sugerio a experiencia, e que entrou depois, de parelhas com a carabina d'El-Rei, no feliz resultado da minha viagem.

O principio formulado e depois profundamente arraigado no meu espirito, traduzio-se n'esta sentença:--

"Desconfiar, no sertão d'África, de tudo e de tôdos, até que provas repetidas e irrefutaveis nos permittam confiar um pouco em alguma cousa ou alguém."

Ora, para mim, essas provas sam tão difficeis de se apreciarem, como o sam as de um amor eterno, ou as da sòlida fortuna do commerciante, embrulhado em transacções de vulto.

Creio que, ao tomarmos conhecimento da carta do chefe, cada um de nós propoz alvitre qual d'elles mais disparatado.

O desapontamento era grande. Socegados os espiritos, decidímos ir eu procurar os carregadores fôsse onde fôsse, e se longe ou perto os não podesse encontrar, seguirmos para o Bihé, e mandarmos d'ali buscar as cargas. Julgávamos isso possivel.

O chefe voltou de Vicéte, e não me deu explicação plausivel do facto.

Acordámos em ir eu ao Huambo, a ver se do Soba d'ali obtinha carregadores; porque, não só o Alferes Castro, como o chefe, e Anchieta mesmo, nos mostravam a impossibilidade de os ajustar mais perto.

Pouco antes, Anchieta tinha encontrado grandes embaraços para fazer uma remessa de productos zoológicos para Benguella, o que era relativamente mais facil.

O que nos estava acontecendo é digno de notar-se.

Não só Bandeira, mas um tal Mathias, o sargento Matheus e outros, enviam grandes caravanas a sertões longínquos; je todos elles não podêram obter um só carregador para nós!

Eu começava de antever um propòsito firme de nos embaraçarem o passo, e mal cuidava então que esse propòsito fôsse tão longe como infelizmente tive occasião de experimentar depois.

O correr d'esta narrativa mostrará, quam habilmente me fôram levantados obstáculos, que só uma decidida protecção de Deos me fez vencer.

Deixemos este assumpto por enquanto, e antes que continúe com a narração das minhas aventuras, que começam aqui a tomar um character mais extraordinario, cabe-me dizer duas palavras a respeito de Caconda.

A fortaleza de Caconda, o ponto mais interior onde hôle no districto de Benguella tremula a bandeira Portugueza, é um quadrado de 100 metros, cercado de um profundo fosso e de um parapeito, onde aqui e àlém se pôdem ver as linhas distinctas de uma fortificação passageira, construida outrora com arte. Uma palissada forma segunda fortificação no interior, resguardando umas casas arruinadas, que fôram habitação do chefe, quartêis e paiol.

Algumas bôas peças de bronze, montadas a barbete, deixam ver por sôbre o plano de tiro, deformado pêlo tempo, as suas bôcas verde-negras e oxidadas.

A 200 metros ao Sul da fortaleza, as ruínas de uma igreja.

Ao norte, uma reunião de pequenas cubatas, morada dos soldados.

O paiz é agradável, e sem ser, como se pertende, isento de febres, é certo que ellas ali sam mais benignas do que em outros pontos. A povoação é pouquissima, e tem-se retirado muito da fortaleza.

O solo é ubèrrimo, e muitas plantas Europêas facilmente se aclimam ali, produzindo espantosamente. No trigo, feijão e batata vi eu isso, em pequenissimas plantações.

O ribeiro Secula-Binza é uma fonte de àgua cristallina correndo em leito de granito.

Junto da fortaleza ha poucas àrvores; que as necessidades dos habitantes t[~e]m despovoado as matas que dêvem ter existido outrora, como ainda hôle existem mais longe.

O commercio é pouco, e esse mesmo é feito muito longe no interior.

A mesma pégada de decadencia que se nos revela em Quillengues, é ainda mais patente aqui.

A importancia de Caconda é igual, senão superior, á de Quillengues; mas tem menos segurança ainda para o commercio; que o caminho de Benguella é infestado de salteadores.

CAPÍTULO V.

VINTE DIAS DE AGONIA.

Parto de Caconda--O sova Quipembe--Quingolo e o sova Cáimbo--40 carregadores--Febre--O Huambo, o sova Bilombo e seu filho Capôco--80 carregadores--Cartas e noticias--Quasi perdido!--Sigo avante--Grave questão no Chaca Quimbamba--Os rios Caláe, Canhungamua e Cunene--Nôva e séria questão no Sambo--O Cubango--Chuvras e temporaes--Grave doença--Uma aventura horrivel--O Bihé finalmente!

Parti de Caconda a 8 de Fevereiro de 1878, levando em minha companhia 10 homens de Benguella, o meu muleque Pepeca, Verissimo Gonçalves, de quem já falei, e o chefe de Caconda, o Tenente Aguiar, que quiz por fôrça acompanhar-me n'esta expedição, que tinha por único fim o arranjar carregadores; querendo mostrar assim a sua bôa vontade em nos auxiliar, e que era estranho aos acontecimentos de Caconda.

Cumpre-me dizer, que eu nunca duvidei da sinceridade do Tenente Aguiar; porque a esse tempo não tinha ainda arreigado no meu espirito o principio que formulei no capitulo anterior, e hôle mesmo creio que elle foi enganado como eu, apesar da sua muita experiencia dos sertões avassallados.

Depois de uma jornada de 17 kilômetros a N.E., alcancei a libata de Quipembe, onde fui recebido pelo sova Quimbundo, que me deu hospitalidade. Passei um pequeno ribeiro o Carungolo, junto a Caconda; e depois o Catapi, que ali corre a S.O.

O sova mandou-me logo um porco pequeno, e não tendo eu podido comprar gallinhas, mandou-me uma. À tarde veio á minha barraca, e depois de larga conversa, disse-me, que, ainda que os seus antepassados fôram sempre avassallados a El-Rei de Portugal, elle não o era; porque as muitas arbitrariedades commettidas pêlos chefes contra elle e os seus, tinham quebrado os compromissos antigos; que o *Mueneputo* ja lhe não fazia justiça, e narrou-me muitos dos acontecimentos em que baseava as suas accusações aos chefes, falando com modo muito atilado.

O chefe estava presente á entrevista, e não podia responder ás accusações dirigidas aos seus antecessores, tão claramente eram ellas formuladas.

Este velho era homem de tino, e falou-me na politica dos Portuguezes em Caconda com um juizo difficil de encontrar em prêto boçal.

Procurei desfazer a má impressão que o soba tinha dos chefes de Caconda, mas creio que nada alcancei n'esse sentido. Mais uma vêz tive occasião de apreciar o mau resultado dos minguados estipendios que se conferem aos chefes dos conselhos do interior; causa primordial da decadencia do nosso poderio e influencia ali.

O sova de Quipembe é muito idoso, e soffre de gota, que lhe embaraça o caminhar.

A sua libata é vasta, bem fortificada e muito bem situada. Desde a minha chegada muitas dezenas de prêtos e prêtas pequenos olhavam pasmados para mim, fugindo em debandada ao menor movimento que eu fazia. Tentei fazer-lhes perder o mêdo que manifestavam, dando-lhes alguns guisos e bagos de coral; mas só mui receosos se chegavam a mim, fugindo logo que recebiam o presente.

Fôram objecto de grande admiração, os meus òculos e o meu cobertor, em que se desenhava um enorme leão em fundo vermelho.

No dia 9 deixei a libata, seguindo a N.E.; passei logo o ribeiro Utapaira, e uma hora depois alcançava o Cuce, affluente do Quando. Este rio tem ali 3 metros de largo por 2 de fundo, dando difficil passagem, por serem as suas margens escarpadas e lodoso o fundo.

A margem direita é montanha suave e pouco elevada, e a esquêrda campina de 1 kilòmetro de largo. Passei ao sul da libata de Banja, magnificamente situada no tôpo de um outeiro, e depois de atravessar três ribeiros, o Canata e Chitando, que vam ao Cuce, e o Atuco ao Quando, alcancei este último rio, um dos grandes affluentes do Cunene.

O Quando corre ao Sul, com uma largura de 20 metros por dois a três de fundo.

No sitio de Pessange, em que acampei, desaparece o rio por baixo de massas enormes de granito, para reaparecer um kilòmetro a jusante.

Este ponto offerece uma das mais bellas paisagens que tenho visto. As margens do rio, um poco elevadas, sam cobertas de luxuriante vegetação, onde as palmeiras elegantes se destacam do verde-negro dos gigantes espinheiros. Os rochêdos denegridos sobressaem aqui e àlém por entre os tufos de mato, mostrando os cabêços puídos do bater das tempestades.

Nuvens de passarinhos chilram nas árvores e innúmeras rôlas esvoaçam sôbre os espinheiros. De quando em quando ouve-se o resfolgar dos hippopotamos nos pegos do rio.

É a belleza selvagem em tôda a sua força, mas a par d'ella ha ali alguma cousa de horrivel, que sam venenosissimas serpentes que a cada passo se arrastam junto de nós.

Matei algumas, que me certificáram os prêtos serem de mortal peçonha.

Apparecéram alguns Hyrax, e eu, internando-me no mato virgem da margem esquêrda, em sua busca, deparei com as ruínas de uma muralha de pedra, que pêla extensão parecem ter sido muro de povoação antiga. Foi este o primeiro dia na minha viagem em que de noite tive por tecto o ceo estrellado, mas por isso não foi menos profundo o meu sono. Ao alvorecer matámos, entre a minha cama e a do tenente Aguiar, uma cobra venenosa.

Seguímos a N.E., e para àlém da povoação de Pessange, encontrámos a de Canjongo, governada por um século, que nos offereceu capata e vendeu algumas gallinhas a trôco de panno de algodão ordinario, e depois de passarmos o rio Droma, affluente do Calae, que corre a S.E., descansámos algumas horas na margem esquêrda, e caminhando depois a N.N.E., chegámos, ás 5 horas da tarde, á libata grande de Quingolo.

O sova deu-me hospitalidade, e mandou logo comida para a minha gente.

Sabendo o motivo da minha viagem, disse-me, que se a elle tivéssemos recorrido com tempo, nos teria arranjado os carregadores, mas que os chefes de Caconda não faziam caso d'elle, e faziam mal n'isso; que ainda assim, me ia dar 40 carregadores que enviaria a Caconda, e fôsse eu ver se obtinha os outros ao Huambo.

Fui atacado de uma ligeira febre. No dia 11, logo de manhã, o sova veio visitar-me e confirmou o seu offerecimento de 40 homens, que me disse partiriam no seguinte dia para Caconda.

Quiz fazer algumas compras de viveres, mas nada me quiséram vender; sabendo isto o sova Caimbo, enviou-me um grande porco. Eu fiz-lhe um presente de 3 peças de riscado e duas garrafas de àgua-ardente.

O chefe Aguiar decidiu voltar a Caconda, no que me deu um verdadeiro prazer.

Ao meio dia apparecéram os chefes dos carregadores que partiam, para receberem os pagamentos.

Esta libata grande de Quingolo é situada sôbre um outeiro granítico que domina uma enorme planicie.

Por entre as rochas crecéram sycòmoros enormes, que lhe dam uma frescura constante. Estas rochas combinadas com as palissadas formam uma temível fortificação, rodeada de um fosso meio obstruido. No tôpo do outeiro dois rochêdos enormes de elevadas proporções formam uma especie de mirante, d'onde se goza um dos mais sorprendentes panoramas que tenho visto.

Semelhante ao golpe de vista da cruz alta do Bussaco, se a mata, em vez de limitada na estreita cinta de muralhas, se estendesse dos cabos Carvoeiro ao Mondego até á beira-mar, apenas interrompida aqui e àlém por verdejantes clareiras, o paiz que se avista do alto de Quingolo é talvez, mais vasto e grandioso, sendo limitado em tórno por um perfil azulado de longínquas montanhas que de distantes mal se avistam.

No dia 12, ainda que me recresceu a febre, decidi partir, e tendo feito as mais cordiaes despedidas ao sova e ao chefe Aguiar, segui ás 8h. 30m., acompanhado de 3 guias que me deu o sova Caimbo, com quem fiquei nos melhores termos de amizade. Logo á saída passei o ribeiro Luvubo, que corre ao Calae, e pèlas 10 horas alcancei a libata do secúlo Palanca, onde pedi agasalho, por me ser impossivel caminhar com febre que recrescia a cada momento.

Apesar do meu estado de saude, fiz observações astronòmicas, para determinar a minha posição; e falo n'isso, por ser este o primeiro d'essa sèrie de pontos que eu devia determinar através d'Àfrica.

Foi a povoação de Palanca o primeiro ponto determinado por mim, n'essa linha que marca o meu caminho do mar Atlântico ao Indico.

Tres gramas de quinino que tomei durante a apyrexia produzíram-me ràpidas melhoras que me permitíram seguir no dia immediato.

Eu viajava acavallo em um possante bôï, e tinha um outro de reserva, bôis muito bem domesticados e que offerciam bôa commodidade ao andar, podendo obter d'elles um aturado trote e mesmo um galope curto.

Segui perto das 8 horas e passei logo o rio Dôro, a que chamam das mulhéres, onde foi muito difficil a passagem dos bôis, por ser de fundo lodoso.

O calor era intenso, e eu comecei a sentir-me mais doente, pêlo que resolvi deitar-me a descansar um pouco.

Não haviam arvores no sitio, e ao sol ardente sôbre uma terra ardente adormeci. Foi curto o meu sono, e ao despertar, senti que estava fresco e tinha sombra. Eram os meus prêtos que, de motu proprio estavam em tórno de mim segurando um panno para desviar do meu côrpo as ardencias de um sol a prumo. Tocou-me tal prova de cuidado. Segui ávante e passei um riacho--o Dôro, a que chamam dos homens, que se une ao primeiro e corre depois ao Calae, não sei se com o mesmo nome. Duas horas depois encontrava o rio Guandoassiva, que tem 5 metros de largo por 1 metro de fundo, em cuja margem descancei. É affluente do Calae e abunda em peixe miudo, que muito ali pescámos. Eu sentia-me bastante doente. A febre que tinha reaparecido unia-se uma extrema fraqueza, pois que, havia dois dias, apenas tinha tomado alguns caldos de gallinha.

Aproveitei o descanso para mandar fazer um caldo de frango, que não levou sal, por se me ter acabado a pequena provisão trazida de Caconda.

Depois de duas horas de repouso, seguímos sempre a N.E., e meia hora depois passávamos o rio Cuená, que tem ali 6 metros de largo por 1,5 de fundo, e corre ao Calae.

Este rio corre entre as vertentes suaves de montanhas mui pouco elevadas, mas cavou um leito fundo, cujas escarpas verticaes de 2 metros, tornáram difficil a passagem dos bois.

Trabalhámos ali duas horas. Duas horas depois, já ao cahir da noite, alcancei a libata do Capôco, o poderoso filho do sova do Huambo.

O Capôco recebeu-me muito bem, deu-me a sua propria casa para habitar, offereceu-me logo um grande porco, e sabendo-me doente mandou-me duas gallinhas.

Falei-lhe em carregadores, que elle me prometeu arranjar.

Fiz-lhe um presente de duas peças de riscado e duas garrafas de àgua-ardente. Pouco depois, um grande rancho de virgens, que se conhecem pelas muitas manilhas de verga de pao, que lhe sobem dos artelhos, trouxeram em cestas abundante comida aos meus prêtos. Depois de tomar alturas da lua, deitei-me, feliz, apesar de doente, por ver coroada de êxito a minha excursão.

No dia seguinte deveriam chegar ali os meus companheiros, e com elles, não só a amizade e a companhia dos meus conterraneos, mas ainda os recursos que já me faltavam completamente.

Adormeci sorrindo. ¡Quam longe estava eu de pensar que adormecia na vèspere de uma agonia, immensa agonia que devia durar por 20 dias!

No dia 14 fui a casa do pai do Capôco, o sova das terras do Huambo. A libata d'este sova, que se chama Bilombo, dista 3 kilòmetros da do filho, e está assente na margem esquêrda do rio Calae.

Bilombo esperava-me. Rodeado do seu pôvo, trajava soberbamente uma casaca escarlata, cobrindo-lhe a cabeça uma barretina de caçadores. Entreguei-lhe o meu presente, que consistia em 3 peças de riscado ordinario e duas garrafas de àgua-ardente, a que se mostrou muito grato. Ficou muito sorprendido vendo a minha carabina Winchester, e pediu-me para eu atirar com ella, ficando admiradissimo de me ver metter algumas balas n'um pequeno alvo a 200 metros, e muito mais quando lhe quebrei um ôvo a 50 metros.

Este sova governava em tudo o paiz do Huambo: mas está hõje reduzido a dominar apenas em parte d'elle. A sua

historia é curta, mas vulgar. Elle era casado com a filha do sova do Bihé, que entretinha relações amorosas com um dos seus séculos.

Tremiam os criminosos da cólera do rei se viesse a saber a sua falta. Houve rompimento entre Bilombo e um régulo vizinho, e a guerra foi declarada. Bilombo tomou o commando do seu exército e partio, ficando a governar na sua ausencia o amante da sua mulhér. Conspiráram ambos e Capussocússo fêz-se acclamar sova. Retirou-se Bilombo para esta parte do paiz banhada pêlo Calae, onde o pôvo se lhe conservou fiel, e á epocha da minha passagem, me disse, estar preparando uma terrivel vingança á adúltera e ao seu amante o traidor Capussocússo.

De volta a casa do Capôco, despedi os três guias, que me acompanháram desde Quingôlo, e por elles escrevi a Capello e Ivens, dizendo-lhes, que os esperava, e que não abandonassem as cargas, por ser o paiz pouco seguro.

Fui de tarde dar um passeio ás margens do Calae, e surpreendeu-me a quantidade de caça que encontrei, que nunca tanta tinha visto, mas nada matei por não ir prevenido para isso.

O sova Bilombo mandou-me um presente de farinha de milho e um grande bôï, presente mui valioso, por ser escaço o gado bovino n'aquelle paiz.

Os carregadores estavam preparando os mantimentos para seguirem no dia immediato para Caconda, e eu escrevia aos meus companheiros, quando chegáram três portadores do sova de Quingôlo, com cartas d'elles, e uma cesta contendo sal e um pequeno sacco de arroz.

Abri pressuroso as cartas; eram ellas duas officiaes e uma particular, assignadas por Capello e Ivens. Diziam-me, que tinham resolvido seguir sós, e que pêlos 40 carregadores enviados por mim de Quingôlo, me mandavam 40 cargas, acompanhadas pêlo guia Barros, para eu as conduzir ao Bihé.

Só o pouco ou nenhum conhecimento do sertão Africano, que então tinham os meus companheiros, podia desculpar um tal proceder. Eu achava-me n'um paiz hostile, e se até ali tinha sido respeitado, fôra só porque o gentio me julgava a vanguarda de uma grande comitiva capitaneada por elles, e o receio das represalias tinha até então sustido a rapacidade dos indigenas. Eu estava no paiz onde Silva Porto, o velho sertanejo, que percorrera impunemente os mais longinquos sertões Africanos, tivera de sustentar cruento combate com um gentio àvido de rapina.

¿Que seria de mim logo que se soubesse que tôda a minha força consistia em 10 homens? Encarei a minha posição e achei-a um pouco séria. Capello e Ivens tinham sido enganados por alguém, que a sua lealdade não lhes consentiria de certo o deixarem-me em tal posição, se elles conhêcessem bem essa posição.

¿Que fazer? Em três dias podia alcançar Caconda, e voltar d'ali a Benguella. Tinha, por outro lado, diante de mim uma jornada de vinte dias ao Bihé, jornada em que teria de arriscar cada dia e a cada hora a vida e as bagagens. ¿Que fazer?

A noite de 17 de Fevereiro foi passada em uma agitação febril indescriptivel.

¿Devia seguir ávante? ¿Tinha o direito de arriscar as vidas dos dez homens que me cercavam, e que dormiam tranquillos junto de mim? ¿Teria o direito de arriscar a minha propria vida em imprudente passo? ¿Deveria voltar a Benguella?

¿Quem comprehenderia na Europa o obstáculo quasi insuperavel que me fazia recuar? Ninguem, a não ser um ou outro explorador infeliz como eu.

¡Que noite horrivel! e a febre a desvairar-me a mente, e o cuidado a augmentar-me a febre. A aurora do dia 18 encontrou-me de pé, e havia momentos que uma phrase estava gravada no meu pensamento e eu repetia machinalmente aquella phrase.

Audaces fortuna juvat. Era a velha sentença dos fortes Romanos, era a lei que dicta as acções dos aventureiros.

Decidi seguir ávante, eu que não tinha ido a África para só visitar o paiz do Nano, que, digamos a verdade, não deixa de ser muito interessante, sôbre tudo para nós os Portuguezes.

Descrevi aos meus 10 homens a nossa posição precaria e a resolução tomada de caminhar para o Bihé; elles protestáram-me a sua dedicação e a intenção de sempre me acompanharem.

D'esses dez homens 3, Verissimo Gonçalves, Augusto e Camutombo estiveram em Lisboa depois de terem atravessado comigo a África; 4 seguiram do Bihé Capello e Ivens, por minha ordem; 1, o prêto Cossusso, enlouqueceu, junto ao Quanza, e foi por mim entregue ao aviado de Silva Porto, Domingos Chacahanga, para d'elle ter cuidado; e os dois restantes, Manuel e Catraio grande, cahiram aos meus pes varados pêlas azagaias Luinas, e cumprindo a sua promessa formulada rudemente n'este dia, morrêram defendendo-me, quando eu mesmo defendia a bandeira das Quinas.

Ao tempo em que vai a minha narrativa, eu mal os conhêcia, e não tivera até então logar de experimentar o seu valor.

Eu estava em casa do Capôco, que até então me tinha dispensado os maiores favores; mas Capôco era o cèlebre salteador do Nano, que chegara a ir atacar Quillengues, um anno antes. ¿O que faria elle, logo que conhêcesse a minha fraqueza?

D'elle dependia o êxito da minha empresa. Capôco é homem de vinte e quatro annos, sympáthico e de maneiras agradaveis. Muitas vêzes me dizia Verissimo Gonçalves, que lhe parecia impossivel ser elle o homem cujo nome era tão temido, e que tão longe dirigia as suas correrias de devastação e morte. Entre as suas escravas conhêceu Verissimo

algumas raparigas roubadas em Quillengues, no ataque do anno anterior. Uma mesmo, com quem falei, era filha de um dos sovas de Quillengues, e Capôco pedia por ella grande resgate.

Capôco é intelligente, parco no comer e beber, e ainda que possui grande número de escravas, as que formam o seu harem sam mui poucas.

Ha no seu fundo alguma cousa de justo por entre a barbaria do seu viver e dos seus principios. Por exemplo: eu vi que a escrava, a que acima me referi, filha do sova de Quillengues, trazia nos artelhos as manilhas de pao, signal infallivel de virgindade, a pesar de ser muito bonita e elegante. Admirou-me isso, e perguntei ao Capôco ¿porque não havia feito d'ella sua amante? "Porque não dêvo," me respondeu elle, "é minha escrava pêlo direito da guerra, mas em quanto seu pai manifestar o intento de a resgatar, dêvo respeit-a e será respeitada, porque a dêvo entregar como a tomei."

Um dia Capôco disse-me, que, estando Benguella d'aquelle lado (apontava para o oeste), o sol passava primeiro pêlo Huambo antes de ir a Benguella. Disse-lhe eu ser isso verdade, e elle quiz saber quanto tempo depois de nascer ali, nascia elle em Lisboa. Procurei fazer-lhe comprehender, que hora e meia; dizendo-lhe o tempo que um homem leva a percorrer tal caminho, elle mostrou-se admirado; porque julgava, me disse, ser o nosso paiz muito mais longe.

Os costumes entre os pòvos do Nano e do Huambo sam os mesmos que entre os Quillengues, assim como falam a mesma lingua. Trabalham o ferro, de que fazem setas, azagaias e machadinhas; mas não enxadas, que v[~e]m do norte.

Como já incidentalmente notei, as raparigas, em quanto virgens, usam nos artelhos de ambas as pernas ou só na esquêrda, umas manilhas de verga de pao, e é grande crime para a familia, conservar as manilhas áquellas que já não t[~e]m direito de as usar.

Uma cousa curiosa nos costumes d'estes pòvos, é haver em tôdas as povoações uma especie de kiosques para conversação.

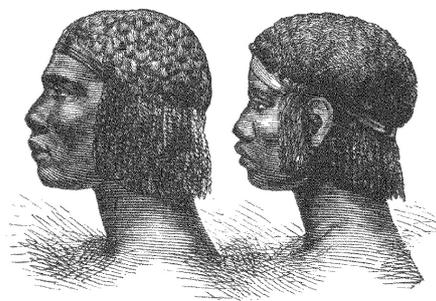


Figura 4.--Homem e Mulhér do Huambo.

Sam como uma cubata, mas os prumos que sustentam o tecto de còlmo, sam bastante separados. No meio arde a fogueira, socia constante do gentio Africano, e em tórno tomam assento os habitantes da povoação em toros de pao. É o sitio da palestra, sôbre tudo quando chove; ali narram-se episodios de guerra ou de caça, fala-se tambem de amor, e muito menos de vidas alheias do que na Europa.

No paiz do Huambo comêça na costa de oeste o grande luxo nos penteados, tanto em homens como em mulhéres, e tenho visto alguns que difficilmente seriam executados pelos melhores cabelleireiros da Europa.

Ha penteados que levam dois e três dias a fazer, e que se conservam por muitos mezes.

Os penteados das mulhéres sam profusamente enfeitados com umas contas de vidro que no commercio em Benguella tem o nome de coral branco ou encarnado, e é este gènero muito procurado no paiz. Eu infelizmente não levava nenhum.

A pòlvora, armas e o sal de cozinha sam ali gèneros de grande valia. Nada d'isso eu tinha, em quantidade de que podesse dispensar, o que tornava mais embaraçosa a minha posição.

Fui falar ao Capôco e expuz-lhe que os meus companheiros tinham seguido por Gallangue, e que só viriam 50 cargas, não precisando eu por isso mais de 40 homens e esses só para irem d'ali ao Bihé.

Despedímos por isso os 80 carregadores que a essa hora já estavam reunidos, e que se retiráram muito descontentes. Capôco prometeu-me que teria os 40 de que precisava até ao Bihé. N'esse dia chegou o prêto Barros com as 40 cargas, e trouxe-me nôva carta dos meus companheiros, confirmando o que diziam as primeiras.

Por elle sube que elles tinham saído de Caconda para o Bihé; acompanhados pêlo ex-chefe, Alferes Castro, e pêlo degradado Domingos, que me tinham mostrado a impossibilidade de obter gente em Caconda, e que a obtivéram no dia em que eu sahi d'aquelle ponto.

A elles, talvez, devia eu a critica posição em que me achava, porque os meus companheiros, pouco conhêdores d'África, e nada d'aquelle paiz, não podiam julgar das difficuldades que me creavam, ao passo que aquelles dois senhores, de sobra as conheciam. Não os accuso de um crime, mas culpo-os de uma leviandade.

Não lhes quero mal, porque a ningem quero mal, e um mez depois de se passarem os successos que estou narrando; espantado ainda dos perigos a que tinha conseguido escapar; prostrado no leito, onde me tinha prendido com garras de

ferro a doença, proveniente de 20 dias de cruel agonia, a que elles déram causa; vi-os entrar, famintos e sem recursos, na casa de Silva Porto, que eu occupava no Bihé; e esquecendo tudo o mal que me haviam feito; e não me lembrando de que um estava privado dos direitos

de cidadão por uma sentença infamante; reparti com elles o pouco de viveres que eu tinha, dando-lhes os meios de voltarem com relativa commodidade a Caconda. É que eu vi n'elles, não só dois brancos, dois Portuguezes, perdidos no já longinquo sertão do Bihé, mas vi mais os homens que me fizéram ter de mim uma opinião de que me sentia orgulhoso, os homens que em 20 dias de agonia que me déram, em mil perigos a que me lançáram, com que me fizéram lutar e que eu venci, me retemperáram a alma para commettimentos maiores. A elles devia a confiança que tinha em Deos e em mim mesmo; e repartindo com elles o pouco que tinha, julgava pagar uma dívida de gratidão, onde outros, succumbindo ao soffrimento, só veriam, talvez, um motivo de vingança.

Não antecipemos factos.

Capôco veio dizer-me, que no dia seguinte teria os 40 homens que queria, mas só até ao Sambo, porque elles se recusavam a ir mais além; por estarem despeitados pêla despedida dos 80 que se haviam reunido para ir a Caconda e ao Bihé, e que eu tinha dispensado. Além d'isso, elles exigiam um pagamento muito superior; porque eu os havia contratado por 10 pannos de Caconda ao Bihé, e estes exigiam só do Huambo ao Sambo 8 pannos. Acertei tudo, para poder partir.

No dia seguinte de manhã, reuníram-se os 40 homens; mas de repente surgio uma nôva difficuldade. Quando em Caconda fomos enganados pêlo Bandeira, o Ivens tinha tirado a tôdos os fardos sortidos o algodão branco; porque os prêtos que esperávamos do Bandeira não queriam pagamento em outro gênero. Esqueceu esta circumstancia, e eu, levando dois fardos sortidos, não levava nem uma só peça de algodão branco. A gente do Capôco declarou-me logo, que não queriam receber senão algodão branco, e não pegariam nas cargas se eu lho não dêsse.

Recusáram-se a receber o riscado, e já se iam, quando appareceu o Capôco, e não sem custo os decidio a receberem metade em riscado, metade em zuarte.

Havia grande descontentamento entre elles quando ás 10 horas os fiz seguir acompanhados pêlo guia Barros. Eu devia partir dentro de uma hora; mas fui atacado de tão violento accesso de febre, que tive de deitar-me.

Desde a vèspora chovia torrencialmente, e sôbre tudo a noite foi tempestuosa.

A febre comêçou a declinar ás 4 horas da tarde, e a chuva cessou. Pêlas 5 horas, precisei sahir da libata e fui a um mato pròximo, os meus passos eram vacilantes e apoiava-me pesadamente no meu bordão.

Precavido sempre, disse ao meu prêto pequeno Pépéca, que me acompanhasse e trouxesse uma das minhas carabinas.

Ia a entrar no mato, quando a vinte passos de mim surge um enorme bûfalo a olhar desvairado, resfolgando estrondosamente.

Tomei das mãos do pequeno a espingarda, e qual não é o meu desespero, vendo que, em logar de carabina, elle tinha trazido uma simples arma de caça, carregada de chumbo! Senti-me perdido e vi a morte inevitavel, terrivel caminhando para mim n'aquella fera, que mugia surdamente.

Lembrei-me de Deos, de minha mulhér e de minha filha. A fera avançava aos saltos, n'esse irregular galope que elles tomam para o ataque. A 8 passos de mim, disparei-lhe o primeiro tiro de chumbo, elle parou meio segundo, para seguir logo. Ao disparar-lhe o outro tiro não havia mais distancia entre a bôca da espingarda e a cabeça do bûfalo do que alguns decímetros. Atirei e fiz um enorme salto para o lado. O bûfalo seguiu sempre, passando a tomar uma carreira vertiginosa, e desapareceu no mato. O meu Pépéca ria a bandeiras despregadas, e inconsciente do perigo, batia as palmas gritando, "O bôï fugio, o bôï fugio, tève mêdo de nós."

Voltei a casa do Capôco; e passei a noite mais socegado. Quiz escrever, e para isso improvisei uma luz de manteiga de porco em uma velha caixa de sardinhas de Nantes.

Era a 21 de Fevereiro de manhã. Despedi-me do Capôco, e febril ainda, segui caminho do Sambo. Antes de chegar ao Calae, recebi un bilhete. Era elle do guia Barros, dizendo-me, que na vèspora á noite, os carregadores tinham fugido tôdos, deixando as cargas na libata do século Quimbungo, irmão do sova Bilombo.

Parei, e mandei chamar o Capôco. Contei-lhe o occorrido, e elle disse-me, que seguisse para a libata do tio, que tudo ia remediar. Segui ávante, e pouco depois passei o Calae, que corre N.S. para o Cunene, tendo ali 30 metros de largo por 1,5 de fundo, com violenta corrente.

As margens sam vastas planicies levemente accidentadas e cobertas de gramíneas, por entre as quaes surge aqui e além um solitario dragueiro. O solo é de formação animal, que tudo o terreno é coberto por um mundo infinito de termites, ou antes o cobre.

Uma ponte, construida toscamente de troncos de árvore, une as duas margens do rio. 100 metros a montante da ponte, recebe o Calae um affluente importante, o Cuçuce, que traz volume d'água igual ao seu. Caminhei a E.N.E., e pêlas 10 horas passei junto á libata do século Chacaquimbamba, em cuja frente havia grande ajuntamento de gentio. Passei sem nada me dizerem; mas tinha andado uns 50 metros, quando senti um grande barulho do lado da libata. N'esse momento Verissimo correu a mim e disse-me, que havia questão com um carregador nosso.

Voltei a traz e vi o prêto Jamba, carregador da minha mala, a quem tinham tirado a espingarda, o que conseguíram facilmente, porque elle a largou com receio de deixar cair a mala, que continha os chronômetros e outros instrumentos

delicados.

Àlém da arma, elles tinham mettido para a libata uma cabra e um carneiro, que me tinham sido dados pêlo Capôco. Intimei-os a que me entregassem o roubo; mas apenas me responderam com um murmurio ameaçador.

Calculei ràpidamente as circunstancias, e vi-me com 10 homens, cercado por 200 que me ameaçavam furiosos.

Esquèci por um momento tôda a prudencia e bom senso, e quiz experimentar o que valiam esses 10 homens, que no futuro teriam de ser meus socios em perigos maiores, e caminhando para a porta da libata, armei o revólver e ordenei-lhes que entrassem e me trouxessem o roubo. O meu prêto de Benguella, Manuel, um môço de que eu nunca fizera caso, soffreu uma transformação sùbita, e armando a carabina, de um salto entrou na libata. Foi logo seguido por Augusto, Verissimo e Catraio grande. Os outros seguiram, e eu, estudando os meus homens, esquèci-me de mim, e podia ter sido vîtima do furor da populaça que me cercava; mas a nossa audacia espantou-os, e recuaram, vendo sahir da libata Verissimo com a cabra, o Augusto com o carneiro, e os outros de carabina prompta cobrindo-lhes a retirada.

A arma, mais facil de esconder do que os animaes, não foi encontrada, mesmo em uma segunda busca mais minuciosa do que a primeira; que o successo desta tinha autorizado.

Os meus prêtos, animados pêla indecisão dos gentios, só proferiam palavras de morte, e custou-me a contel-os para que não fizessem fogo sôbre os indigenas.

Consegui acalmal-os, e prometi-lhes que em breve teriamos satisfação plena.

Eu dizia isto fiado no Capôco, em quem já confiava um pouco.

Seguímos, uma hora depois, e a 1.30 passava o rio Põe, affluente do Caláe, que tem 5 metros de largo por 1 de fundo, cujo leito lodoso e molle dá difficil passagem.

Às 3 horas chegava á libata do século Quimbungo, irmão do sova do Huambo, onde estavam as cargas abandonadas e o prêto Barros. O Quimbungo recebeu-me muito bem, e disse-me que me daria carregadores até ao Sambo, e sabendo do occorrido de manhã, pediu-me que não fizesse mal ao século Chacaquimbamba, que elle me faria entregar a arma roubada, e dar plena satisfação do insulto. Pêlas 6 horas, chegou ali o Capôco, trazendo alguns carregadores dos que tinham fugido, e as fazendas apprehendidas aos outros, fazendas dos pagamentos que eu havia feito adiantados. Disse-me, que no seguinte dia me faria entregar a arma roubada, e poria á minha disposição o chefe da povoação para eu o castigar.

Que não receasse eu mais fuga de carregadores, porque elle mesmo, ou o tio, me acompanhariam até ao Sambo.

Fui deitar-me ardendo em febre, e passei uma noite horrivel.

No dia seguinte reuníram-se mais carregadores; mas não ainda os sufficientes.

Capôco tinha partido logo de madrugada para casa do Chacaquimbamba, e ao meio dia appareceu-me com a arma roubada e aquelle século, a quem perdoei a offensa da vèspera. O delinquente deu-me mil satisfações, e melhor do que as satisfações, dois magníficos carneiros.

Capôco, esse homem selvagem e ferôz, que é o terror do Nano, esse homem que eu consegui dominar completamente e que tantos serviços me prestou, despede-se de mim e volta á sua libata, recommendando-me instantemente ao tio.

De tarde desencadeou-se sôbre nós uma horrivel tempestade, e á chuva torrencial misturava-se o raio e o trovão da tormenta perpendicular. Recresceu-me a febre.

Durante a noite nôva tormenta; mas com chuva moderada. O século Quimbungo, logo de manhã cêdo, me veio dizer estarem promptos os carregadores; mas exigirem o pagamento adiantado.

Recusei positivamente, porque, àlém da experiencia adquirida com o mau resultado dos pagamentos adiantados, foi consêlho do Capôco, nunca fazer taes pagamentos.

Os homens recusáram-se a seguir e fôram-se. Quimbungo reúne a gente da sua povoação, e ordena-lhe que sigam comigo; elles obedecêram, mas sam mui poucos e reunidos aos que me trouxe o Capôco, deixam ainda 27 cargas, que eu entrego ao Barros, e que o Quimbungo promete mandar-me ámanhã para o Sambo, para onde eu decidi seguir immediatamente.

Parti ás 10 horas a Leste, e uma hora depois, passei o rio Canhungamua, de 30 metros de largo por 4 a 5 de fundo, que correndo ao Sul vai unir as suas águas ás do Cunene.

Uma ponte de troncos de árvore, de construcção nôva, deu-me facil passagem e á comitiva, que na margem esquêrda do rio se recusou a ir mais longe n'aquelle dia, sendo-me preciso empregar a maior energia para os fazer seguir até as 3 horas, hora a que acampeei n'uma espêssa floresta de acacias.

O mau tempo continuava sempre, e a febre resistia ao muito irregular tratamento que eu lhe podia fazer.

Durante a noite uma trovoadá horrivel, correndo de S.O. a N.E., passou junto de mim, despedindo raios e chuva torrencial.

Levanto campo no dia seguinte ás 6 horas, e duas horas depois, passava o Cunene, em ponte construída, como tôdas n'esta parte d'África, de troncos grosseiros. O rio tem ali 20 metros de largo por 2 de fundo, e corre ao Sul. As margens sam levemente accidentadas, cobertas de gramíneas, e pouco arborizadas. Duas fileiras de árvores, mui semelhantes aos salgueiros da Europa, desenham duas linhas tortuosas, por entre as quaes o rio se desliza com veloz corrente em leito de areia branca e fina.

Descancei um pouco, depois de ter feito as observações precisas para determinar a altitude, e segui ao meio dia, alcançando, pêlas 2 horas, a libata do sova Dumbo, no paiz do Sambo.

Este sovêta é vassallo do sova do Sambo, é homem rico e tem muita gente nas povoações que governa. Recebeu-me muito bem, e quiz que me hospedasse na libata, o que aceitei.

Prometteu-me carregadores para o dia seguinte, ainda que me disse ter eu chegado em má occasião, por ter muita gente fôra em guerra. Paguei e despedi os carregadores do Quimbungo, e fiquei certo de seguir no dia immediato.

Pouco antes de mim tinha chegado ao Dumbo um secúlo rico, que mora na margem do Cubango, chamado Cassoma, e vinha visitar o sovêta de quem era amigo. Este Cassoma, com quem não sympathizei, veio fazer-me mil protestos de amizade, offerecendo-se para me acompanhar ao Bihé.

De tarde mandei ao sovêta 3 garafas de água-ardente, e fiz lembrar-lhe que me não faltassem os carregadores na manhã seguinte. Ao contrario dos usos da hospitalidade do gentio n'estas paragens, o sovêta nada me mandou para comer, e eu e os meus tivémos fome, porque ninguem nos vendeu farinha.

Seriam 8 horas da noite, quando eu, de muito mau humor e estômago vazio, me ia deitar, senti bater á porta e logo entrarem o sovêta Dumbo, o tal Cassoma e um secúlo chamado Palanca, amigo e principal conselheiro do sovêta, e cinco das mulhéres d'este último.

Conversámos um pouco sôbre a minha viagem; mas de repente o Cassoma, interrompendo a conversa, disse ao sovêta, "Nós não viémos aqui para conversar, queremos água-ardente, e diga a esse branco que nol-a dê já."

O sovêta animado pela arrogancia do Cassoma, disse-me, que lhe desse água-ardente a elles e ás mulhéres. Eu respondi-lhe que já lhe tinha dado três garrafas, que elle nada me tinha offerecido, que era esta a primeira hospedagem que eu recebia de um chefe em que me deitava com fome, e por isso não lhe daria nem mais uma gota de água-ardente. O Cassoma meteu-se logo na questão, animando o sovêta contra mim, e entre nós comêçou uma controversia que durou mais de uma hora, em que eu fiz prova de uma prudencia e paciencia sem limites. Por fim elles concluíram dizendo-me, que pois eu lh'a não queria dar por bem, m'a iam tirar á fôrça.

Eu então, perdendo a paciencia, empurrei com o pé o barril, e armando o revólver, perguntei-lhes qual era o primeiro que bebia.

Elles vaciláram um momento, mas o Cassoma disse ao sovêta: "Tu es rei, vae, bebe primeiro." Dumbo, tirando o cobertor que o envolvia, entregou-o ao Palanca, dizendo-lhe: "Guarda-o, para que o branco m'o não furte," e caminhou ao barril.

Eu levantei o revólver á altura da cabeça do sovêta e fiz fogo; mas Verissimo Gonçalves, que estava junto a mim, empurrou-me o braço e a bala, desviando-se da pontaria, foi cravar-se na parêde.

Os três nêgros, transidos de mêdo, recuáram até á parêde, e as 5 mulhéres fizéram um berreiro horrivel.

Eu ouvi então junto á porta uma estrepitosa gargalhada que me chamou a attenção, e devisei na sombra dois homens encostados ás carabinas, que riam como riem prêtos. Eram os meus Augusto e Manuel, que se tinham aproximado, ao ouvirem a discussão, e que, acompanhados dos outros 8 homens, guardavam a porta.

O Verissimo disse então ao sovêta e aos seus companheiros, que se fôssem deitar, e não me dissessem mais nada, porque, se eu me zangasse outra vez, elle não lhes poderia salvar a vida como ha pouco.

Elles tomáram o prudente consêlho, e retiráram-se, ficando tudo em silencio.

Sem o empurrão que me deu o Verissimo, eu teria môrto um homem, e na situação em que nos achávamos, estaríamos completamente perdidos. Foi elle que salvou tudo.

Com a excitação que me produziu a còlera, recresceu a febre, e cahi sem fôrças nas pelles que estendidas no chão me serviam de leito.

Os meus prêtos deitáram-se atravez da porta, e disséram-me, que dormisse descansado, que elles velariam por mim.

Havia quatro dias, que por um momento estive quasi perdido em três occasiões diferentes: 1^o com o búfalo no Huambo, 2^o na libata do Chacaquimbamba, e 3^o ali n'aquella noite.

Depois de um sono agitado, acordei ao som da tempestade que bramia lá fora.

Pensei nos acontecimentos da noite e não fiquei tranquillo. ¿O que succederia de manhã? Eu estava só com 10 homens, dentro de uma povoação fortificada, d'onde não era facil sahir; e ainda que se me abrissem as portas ¿onde iria eu obter

carregadores, agora que me tinha indisposto com o rêgulo?

Pôde bem julgar-se da anciedade com que esperei o raiar da aurora.

Ao alvorecer a febre tinha abrandado um pouco. Apromptei-me para partir, e mandei chamar o sovêta, que appareceu logo.

Disse-lhe que ia seguir, e ali deixava as cargas sôb sua responsabilidade, e que depois as mandaria buscar; mas elle pedio-me que o não fizesse, que me ia dar os carregadores; e dando-me mil satisfações do occorrido na vèspera, disse-me, que o culpado fôra o Cassoma, que elle já tinha posto fôra de casa; o que era falso, porque eu ali o vi depois.



Figura 5.--Mulhér do Sambo.

Às 10 horas, apresentou-me os carregadores precisos. Verdadeiramente não eram só carregadores, que no grupo devisei 6 raparigas, ainda de manilhas nos artêlhos; tal cuidado poz elle em servir-me, que, para não me demorar, mandando ir homens das povoações distantes, me deu os que na sua tinha disponiveis, e ainda seis das suas escravas, para completar o número pedido. Agradei muito e mostrei-me sensível a tal prova de cuidado, declarando-lhe logo, que não tinha comigo presente digno, de offerecer-lhe, e que querendo dar-lhe uma espingarda lhe pedia mandasse um homem da sua confiança recebê-la no Bihé, mostrando-lhe desejos de que esse homem fôsse o secúlo Palanca seu conselheiro íntimo. Exultei de alegria (que me abstive de deixar transparecer) ao ver o meu pedido satisfeito, e o Palanca nomeado para me acompanhar. O sovêta Dumbo entregava nas minhas mãos um precioso refem, que me responderia já pêla minha segurança, já pêla das cargas que deixei dois dias antes entregues ao Barros, a quem preveni e acautelei em carta deixada ao Dumbo.

Deixei a povoação ás 11 horas, á frente da estranha comitiva, formada dos meus dez bravos de Benguella, dez salteadores do Sambo, e seis virgens escravas do sovêta Dumbo. A chuva era torrencial; mas eu, apesar d'isso, segui sempre, tanto me tardava de ver longe a povoação onde passei tão horrivel noite.

Quatro horas depois, tendo andado a N.E., fui acampar junto da povoação de Burundoa, completamente molhado e tiritando de frio e febre.

Não aceitei a hospitalidade offerecida pêlo chefe da povoação, porque, depois do que se passou na vèspera, recordei-me de um bom consêlho que me deu Stanley, e protestei não mais em África pernoitar em casa de gentio.

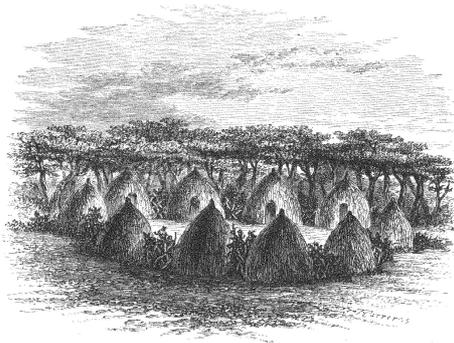


Figura 6.--O meu Acampamento entre o Sambo e o Bihé.

Viéram ao meu campo muitas raparigas vender capata, milho, fuba e batatas magníficas, em nada inferiores ás da Europa.

A chuva continuava mais moderada, mas persistente, e eu sentia-me muito doente.

Junto do meu campo corria um pequeno riacho, cujas águas iam a um ribeiro affluente do Cubango, sam as águas que este último rio recebe mais de Oeste.

Durante a noite houve chuva moderada, mais forte das 4 ás 5 da manhã, hora em que parou. Ha grande abundancia de òptimo tabaco n'este paiz, onde me vendêram muito e baratissimo. Ali poucos prêtos fumam, mas tôdos cheiram tabaco em pó, que preparam torrando a fogo brando o tabaco de fumo, e reduzindo-o a pó no mesmo tubo que lhe serve de caixa, com um pao, especie de mão-de-almofariz, que a elle anda prêso com uma correa fina.

Parti as 7^{h.} 40^{m.} a N.E., atravessando uma região muito cultivada e muito povoada.

Ás 8^{h.} 30^{m.} passei junto da grande povoação de Vaneno, e ás 10 parei para descansar junto da aldea de Moenacuchimba. Segui ás 10 e meia sempre a N.E., ás 11 passei junto da povoação de Chacapombo, muito populosa, e meia hora depois parei perto de Quiaia, a mais importante de tôdas. O chefe d'esta aldea veio ao caminho comprimentar-me e offerecer-me um grande porco. Dei-lhe em algodão riscado o valor do porco, e elle retirou-se satisfeito, mandando em seguida muitas cabaças de capata para a minha gente. Segui no mesmo rumo, e duas horas depois fui acampar no mato pròximo da povoação do Gongó.

Esta última parte da marcha d'aquelle dia foi trabalhosa, porque choveu muito, e o vento S.O. era rijo e frio.

Pêla tarde chegou um enviado do sova grande do Sambo, cuja povoação me ficava uns 15 kilômetros a N.O., mandando-me pedir alguma cousa, e dizendo-me o portador do recado, que se eu houvera passado á porta do sova, elle me daria um bô. Agradei a bôa intenção, e resolvi dar-lhe no dia seguinte alguma cousa, receoso que o enviado, se eu o despedisse sem dar nada, influisse nos carregadores a abandonarem-me, o que seria facil porque já o tinham querido fazer, e foi preciso tôda eloquencia do Verissimo para os convencer a seguirem ávante.

O secúlo Capuço, chefe da povoação pròxima, mandou-me comprimentar por três das suas mulhéres (tôdas feias), e por ellas um presente de uma gallinha e três cabaças de capata. Mandei-lhe seis côvados de riscado e dei algumas missangas ás mulhéres. Junto á noite viéram algumas mulhéres vender farinha, milho e mandioca.

Usam ellas ali os mais extravagantes penteados, e a carapinha é enfeitada com coral branco e reluz da grande profusão de oleo de ricino, que ellas prodigalizam na sua *toilette*. Os homens do sovêta Dumbo eram verdadeiramente insobordinados, querelavam-se com a gente de Benguella, e durante a noite só houve tranquillidade na barraca onde dormiam as seis virgens nêgras, as minhas gentís carregadoras.

A noite foi tormentosa de chuva e vento. Ao alvorecer o secúlo Capuço, veio agradecer os 6 côvados de riscado que lhe dei, e em logar das três mulhéres feias que me enviou na vêspera, trouxe-me um lindo porco e uma gorda gallinha.

O enviado do sova veio receber o presente que lhe tinha prometido; e que foi muito insignificante, sendo como era em trôco da intenção de me dar um bô, se eu passasse junto da libata d'elle.

Segui pêlas 8 horas, e ás 9 passei junto das povoações de Chacáhonha, primeiras da raça (Ganguela) na África de Oeste.

Passei o riacho Bomba, cuja margem esquêrda segui por dois kilômetros, quando os carregadores pousáram as cargas, recusando seguir ávante, e pedindo os seus pagamentos para voltarem. Eu estava a dois kilômetros do Cubango, e querendo passar o rio, instei com elles a que andassem mais aquelle curto espaço, e que logo que estivesse na outra margem lhes daria os seus pagamentos e os despediria.

Recusáram-se formalmente, dizendo, que eu tinha sido muito offendido na sua libata, pêlo sovêta Dumbo, e por isso não iam para diante, sendo certo que, logo que eu os tivesse na outra margem do rio, fôra do seu paiz, me vingaria n'elles das offensas recebidas.

Fôram baldados os meus esfôrços e tudo foi eloquencia perdida. Recusei-me a pagar-lhes se elles não passassem o Cubango; responderão-me que se retiravam sem pagamento, e logo chamáram as seis raparigas e ordenáram-lhes que os seguissem.

Eu estava no desespero; ali perto era a povoação do Cassoma, e eu vi ser aquillo plano combinado de antemão para me entregarem a elle, que me havia precedido no caminho.

As cargas abandonadas n'aquelle ponto eram cargas perdidas. Calcule-se com que ôlhos eu vi partirem os carregadores, abandonando-me.

Olhei para as cargas e estremeci de prazer. Sentado em uma d'ellas estava um homem alto e magro, de figura impassivel, com a longa carabina atravessada sôbre os joêlhos.

Era o secúlo Palanca, que eu havia esquécido. Saltar sôbre elle e derrubal-o foi obra de um momento. Mandei-o amarrar de pés e mãos, e dei ordem a Augusto e Manuel que o enforcassem no ramo de uma acacia que se estendia sôbre as nossas cabêças. Ao ver que a ordem ia ser cumprida, elle, transido de mêdo, gritou-me, "Não me mates, os carregadores vam passar o Cubango," e logo soltou um grito agudo que fêz reunir os carregadores já dispersos.

Ordenou-lhes que pegassem nas cargas e seguissem, e elles obedecêram.

Mandei que lhe desamarrassem os pés, e prometti-lhe um tiro na cabêça á menor excitação dos carregadores. Meia

hora depois passava o Cubango n'uma bem construida ponte, e acampava na margem esquêrda junto das povoações de Chindonga.

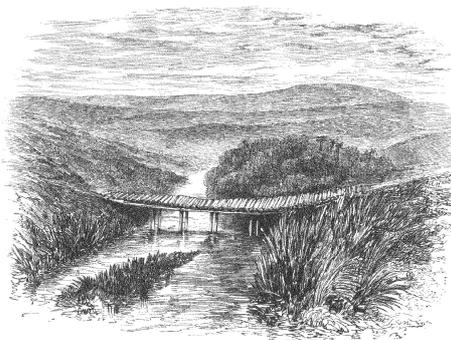


Figura 7.--Ponte de Cassanha sôbre o Rio Cubango.

Entre o rio e o meu campo ficavam umas minas de ferro, d'onde o gentio extrae abundante minerio.

Estava finalmente em terras de Moma, e livre dos paizes do Nano, Huambo e Sambo, de que guardarei eterna memoria.

O Cubango corre ali a S.S.E., e tem 35 metros de largo por 2 a 4 de fundo. Fiz observações para determinar a posição e altitude, e logo corri á barraca, que uma trovoadá vinda de N.N.E. descarregou sôbre nós copiosa chuva.

Paguei e despedi os carregadores do Sambo, dando-lhes dois côvados de riscado a cada um, que tal tinha sido o ajuste.

Chamei as 6 raparigas, e disse-lhes, que a ellas nada daria, porque as mulhéres tinham obrigação de trabalhar e não mereciam paga. Ellas retiráram-se tristes; mas achando natural o meu modo de proceder, tão aviltada é a mulhér n'aquelles paizes.

Quando já se mettiam a caminho para voltarem ao Sambo, mandei-as chamar e dei 4 côvados do mais brilhante zuarte pintado que possuia a cada uma, e alguns fios de missangas diferentes.

É impossivel descrever o contentamento d'aquellas desgraçadas ao receberem tão valiosa paga. Os homens roiam-se de inveja, e eu convenci-os de que, se não tivessem querido voltar para casa na outra margem do Cubango lhes pagaria do mesmo modo.

Foi a minha vingança, e ao mesmo tempo proveitosa lição.



Figura 8.--O Secúlo que me deu um Porco.

N'essa noite veio procurar-me um secúlo da povoação de Chindonga, que me trouxe de presente um porco.

Este secúlo prometeu-me carregadores para o dia seguinte, a um côvado de riscado por dia, dizendo-me, que elles só iriam até ao paiz de Caquingue, onde eu facilmente obteria gente para o Bihé.

A minha febre tinha cedido a fortissimas doses de quinino; mas completamente molhado havia três dias, eu sentia já os primeiros symptomas do terrivel ataque de rhèumatismo que depois ia compromettendo a minha viagem.

A noite foi tempestuosa e o dia seguinte continuou chuvoso.

O secúlo veio logo de manhã com os carregadores; mas eu tinha resolvido descansar ali um dia, e por isso convoquei-os para o dia seguinte. Disse-me elle, que os meus companheiros tinham passado na vèspera, vindos do Sul.

O secúlo Palanca, do Sambo, continúia bem vigiado, mas livre. Eu na vèspera tinha mandado dizer ao sovêta Dumbo,

que a cabeça do seu amigo me respondia pelas cargas que vinham escoltadas pelo prêto Barros, resolução que Palanca achou muito justa e natural, por ser lei do paiz. Talvez o meu procedimento, que eu confesso francamente, me seja censurado, mas eu rogo aos censores, que pensem um pouco na posição de algum, acompanhado só de dez homens, n'um paiz em que tudo lhe é hostil, desde o clima até ao homem. Se eu não professo o principio de que os fins justificam os meios, não sou também bastante virtuoso para apresentar uma face á mão que me esbofeteou a outra. Longe das vistas do mundo civilisado, fôra d'esses dois circulos de ferro que apertam a humanidade culta, a que chamam o código penal e as conveniencias sociaes, círculos que, apesar de estreitos, deixam ainda bastante latitude ao crime e á infamia; o explorador d'África, perdido no meio de povos ignaros, cujos códigos differem essencialmente dos nossos; tendo por única testemunha dos seus actos a Deos, por único censor das suas obras a sua consciencia, precisa ter uma força sublime para se conservar honrado e digno, quando muitas vezes as paixões travam no seu íntimo uma luta infrene. Por mim o digo, que tôdas as ovações que me tem dispensado o mundo civilisado, pela felicidade que tive de vencer os obstáculos materiaes no meu caminho, seriam talvez mais justamente applicadas, se se soubesse quantas lutas, e que terriveis lutas sustentei para me vencer a mim mesmo.

Vencer as suas paixões indômitas, vencer os seus hábitos materiaes e moraes da vida civilisada, sam os dois grandes trabalhos do explorador. Aquelle que o conseguiu, attingirá o seu fim, cumprirá a sua missão.

Eu, no principio da minha viagem, receei muito de mim mesmo.

Tive lutas ingentes, lutas terriveis, por serem surdas e ignoradas, de que sahi sempre vencedor. O meu genio indômito teve de ceder á vontade inquebrantavel, e na falta de tempo para escrever um código, tomei um que accomodei ao meu uso. Os meus principios fôram os do direito natural; a minha lei, curta mas óptima, resumiu-se nos dez preceitos do Decálogo.

Não se julgue que quero fazer jus á canonização, nem mesmo que pretendo ter seguido á risca os preceitos gravados no vigésimo capítulo do livro sublime do Êxodo, de certo o mais bello do Pentateuco; mas fiz o que pude para não me afastar muito d'elles, e fiz bem.

Esta divagação fica aqui, não como narrativa de águas passadas, mas como consêlho a exploradores futuros, que não sejam missionarios, que a esses Deos me defenda de falar em materia da sua competencia.

É verdade que eu encontrei alguns em África que me fizéram lembrar o velho rifão, "Em casa de ferreiro, espeto de pao."

Passemos adiante.

Durante o dia, viéram muitas prêtas vender alimentos, e entre outras cousas vulgares, trouxéram uma mui extraordinaria.

Era uma grande cesta cheia de lagartas, mui semelhantes ás do *Acherontia Atropos*, e da mesma grandeza. Este gigantesco Lepidoptero no seu primeiro estado vive nas gramíneas, e é facil ali colher grande provisão. Os Ganguelas sam ávidos de tal manjar, que os meus prêtos recusáram.

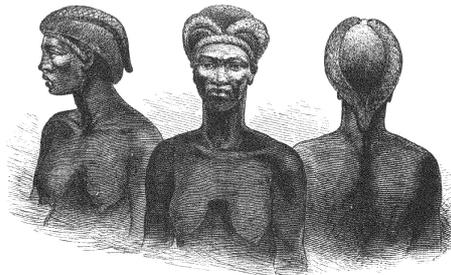


Figura 9.--Mulhéres Ganguelas das margens do Cubango.

No dia seguinte logo de manhã, viéram offerecer-se muitos mais carregadores, que recusei, por me serem inúteis.

Parti depois das 10 horas, hora a que a chuva abrandou. No momento da sahida quebrei os meus óculos, que usava desde Lisboa. Andei a N.E., e cinco horas depois, acampava na margem esquêrda do rio Cutato das Ganguelas, rio que passei em umas alpondras sôbre uma pequena cataracta.

No caminho passei um pequeno ribeiro, chamado Chimbuicoque, affluente do Cutato.

O rio corre n'aquelle ponto a Leste, voltando em seguida ao N., e depois pelo Leste para o Sul. Este S gigantesco é uma serie de rápidos, em que o rio se precipita com fragor enorme, pôr sôbre as rochas de granito que formam o seu leito.

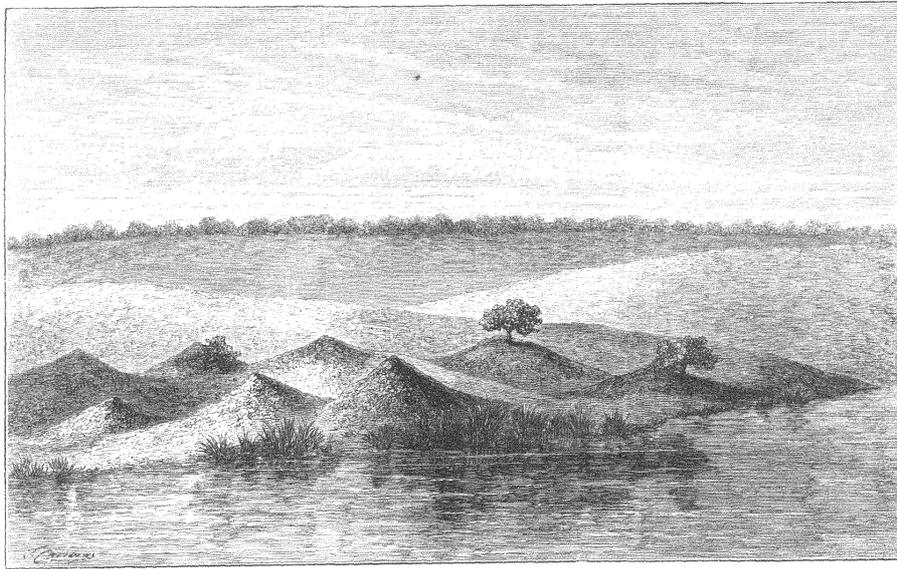


Figura 10.--Termites na margem do Rio Cutato dos Ganguelas.

No sitio das alpondras naturaes, mede 80 metros de largo, e a montante e jusante 27 metros com 4 a 5 de fundo. Vai afluir ao Cubango, dizem os naturaes que 15 dias de caminho ao sul d'este ponto.



Figura 11--Monte termítico, de 4 metros de altura, nas margens do Rio Cutato dos Ganguelas, coberto de vegetação.

A margem direita é occupada pêlas plantações da povoação de Moma, que occupam um espaço que avaleei em mais de mil hectares de terreno. Sam as maiores que tenho visto em África. A cultura entre estes pôvos consiste principalmente em milho, feijão e batata, mas o que mais se vê sam campos de milho. Antes de chegar ás plantações, atravessei uma floresta de acacias enormes, de sorprendente belleza. O aspecto das margens do Cutato é muito original. Onde termina o granito do leito do rio comêça um solo de formação termítica, e o terreno coberto de milhares de monticulos, uns cultivados, outros cobertos de vegetação silvestre, tôdos ligados, formando como que systemas de montanhas, ferem a vista, admirada ao contemplar um tão estranho systema orographico artificial. Marquei a grande povoação de Moma, três kilômetros a O.S.O., e depois de ter determinado a altitude do rio ali, retirei-me, molhado da incessante chuva, e atacado de nôvo acesso de febre.

Os ameaços de rheumatismo continuavam. Durante a noite a chuva foi torrencial, e como sempre, dormi molhado, porque, n'esta época do anno, as gramíneas de que cobria a minha barraca improvisada, não tinham mais comprimento que 50 centímetros, e com herva tão curta é difficil, senão impossivel, vedar a água em uma barraca.

A chuva só abrandou no dia seguinte ao meio dia, e eu, apesar de abrazado em febre, segui ás 2 horas, tinha 144 pulsações.

Caminhei a pé, por me ser impossivel segurar-me a cavallo no bô; mas, depois de uma hora de marcha, as pernas recusavam-se a continuar. Acampei. Os meus prêtos e os proprios carregadores Ganguelas dispensavam-me os maiores cuidados.

O logar em que acampei foi junto de umas povoações a que chamam Lamupas, por estarem perto das cachoeiras do rio, que em lingua do paiz t[~e]m o nome de *Mupas*.

É logar muito povoado e muito cultivado, sendo estes pôvos grandes cultivadores.

Encontrei no caminho algumas sepulturas de secúlos, que sam cobertas de barro, com uma forma semelhante algumas da Europa. Estas sepulturas sam cobertas por um alpendre de côlmo, e sam sempre debaixo de uma árvore grande.

Sôbre ellas vi cacos de pratos e panellas, que ali sam depostos pêlos parentes do defunto, como nós depomos nos tûmulos das pessoas queridas, as saudades e as perpêtuas.

De noite a chuva moderou, e o dia seguinte amanheceu nublado mas estio. A febre abrandou muito, mas as dôres rheumáticas comêçavam a fazer-se sentir atrozmente. Segui ávante, e meia hora depois de ter deixado o meu campo, passei junto da grande povoação de Cassequera.

Logo que passei um pequeno riacho que fica para além da povoação, deparei com umas clareiras enormes cobertas de gramíneas, que me prenderam a atenção pêlo seu enorme e completo desenvolvimento, em uma época do anno em que as plantas d'esta familia estam em principio desse desenvolvimento.

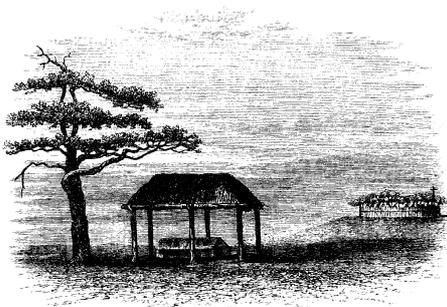


Figura 12.--Sepultura de Secúlo.

O meu muleque Pépéca foi atacado de tão violento e repentino acesso de febre, que cahio inerte. Tive de parar e mandar contratar um homem, na povoação de Cassequera, para o levar ás costas. Ao meio dia, passei junto da libata do Capitão do Quingue, primeira povoação do paiz de Caquingue. Fui hospedar-me em casa de João Albino, mestiço de Benguella, filho do antigo sertanejo Portuguez Luiz Albino, môrto por um búfalo nos sertões do Zambeze.

João Albino mora na libata de Camenha, filho do Capitão do Quingue.

Camenha estava ausente, por ter ido tomar o commando das fôrças do sova de Caquingue, que ia fazer a guerra a uns sovêtas do Cubango.

O tempo melhorou, e a minha febre cessou de tudo, mas o rheumatismo continuava a ameaçar-me.

A noite foi sem chuva, e o dia seguinte amanheceu claro e sem nuvens.

Fui visitar o velho capitão do Quingue, a quem levei de presente uma peça de lenços. Elle deu-me um bôï, que mandei logo matar, porque há muito que tínhamos só carne de porco para comer. O capitão era muito velho e doente. Conversou muito comigo a respeito do motivo da minha viagem, e não comprehendeu o que eu andava fazendo.

Quando eu ia a retirar-me, disse-me elle, "Eu sei o que tu fazes, tu és século de Moeneputo, e elle mandou-te ver estas terras e estudar os caminhos; por aqui fazem-se muitas cousas que não sam bôas, e o Moeneputo hade querer pôr termo a isso; peço-te, que quando isso aconteça, te lembres de que eu te dei um bôï, e te tratei como meu irmão; eu pouco viverei, mas então lembra-te de meus filhos, e não lhes faças mal." Comovéram-me estas palavras do ancião. Os seus séculos viéram acompanhar-me respeitosamente até á libata do filho onde estava hospedado, e poucos deixáram, no correr do dia, de me trazer pequenos presentes, já gallinhas, já ôvos e já canna de assucar. Na libata do capitão vi uma pequena plantação de cana de assucar, tão viçosa como não vi no litoral, e em que esta enorme gramínea tinha um desenvolvimento descommunal.

Notei esta circumstancia, por ter julgado até então, que a uma tão grande altitude, cerca de 1700 metros, não vegetaria tal planta.

De volta á libata, encontrei ali Francisco Gonçalves (*o Carique*), irmão do Verissimo, que, sabendo da minha chegada, vinha visitar-me.

Este *Carique*, filho do sertanejo Guilherme, como o Verissimo, é comtudo filho de outra mãe, e a elle pertence por herança materna o throno de Caquingue.

Vive junto do sova, seu tio, e é casado com uma filha do futuro sova do Bihé.

Foi educado em Benguella, e possui alguma instrucção e bastante intelligencia. Elle trazia com-sigo alguns prêtos que fôram escravos de seu pai, e que logo se offerecéram para me acompanharem na viagem do Bihé para Leste.

Assim, pois, já antes de chegar ao Bihé, arranjei alguns carregadores.

Carique, Albino, o filho do Capitão, e outros que fazem commercio sertanejo, sahem d'aquelle ponto para o Mucusso e Sulatebelle, descendo o Cubango até ao Ngami, sempre pêla margem direita, e vam tambem negociar ao Cuanhama, paiz a leste do Humbe, na margem esquêrda do Cunene.

O artigo principal do tràfico é o escravo, que em caminho trôcam por bôis, e estes e fazendas, por cêra e marfim.

Resolvi demorar-me ali um dia, não só para descançar e enxugar, mas tambem para me informar sôbre este paiz, cujos usos já differem muito dos dos povos que tinha encontrado até ali. De tarde, o Carique e João Albino déram-me largas informações sôbre o paiz, das quaes transcrevo do meu diario as mais curiosas.

O paiz de Caquingue limita ao N. com o Bihé, a oeste com o paiz de Moma, a leste e ao sul com pôvos confederados de raça Ganguela. A raça Ganguela occupa n'esta parte d'África um vasto territorio, e está dividida em 4 grandes grupos, os quaes soffrem ainda subdivisões. A lingua e usos sam os mesmos; mas a sua organização politica differente. No paiz de Caquingue tomam os Ganguelas o nome de Gonzellos, estam constituídos em reino, tendo um único chefe.

Nas suas outras divisões formam confederações, muito vulgares em África, sendo cada povoação governada por um chefe independente. Os que demoram a S.E. de Caquingue chamam-se Nhembas, os do sul Massacas, e aquelles que vivem a leste do Bihé, Bundas. D'estes últimos terei de falar detidamente no correr d'esta narrativa. Os Gonzellos, Ganguelas de Caquingue, sam cultivadores e negociantes, e sam, de tôdos os povos da África Austral, aquelles que mais se aproximam dos Bihenos, em commettimentos de exploração commercial.

No paiz trabalham muito em ferro, e esta industria estabelece entre elles e outros povos activas relações de commercio.

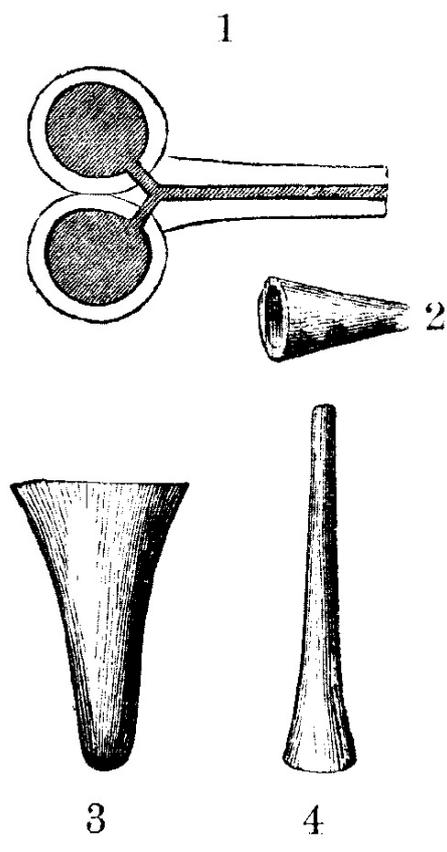
Não tem a menor idéia de uma religião qualquer, e vivem com os seus feitiços, não pensando na existencia de um Ente Supremo que tudo dirija.



Figura 13.--Ferreiros Caquingues.

Nos mezes mais frios, Junho e Julho, os ferreiros Gonzellos deixam as suas libatas, e vam estabelecer grandes acampamentos junto das minas de ferro, que sam abundantes no paiz.

Para extracção do minerio cavam poços circulares de três a quatro metros de diâmetro, que não profundam mais de dois metros; de certo por lhe escacearem os meios de elevarem com facilidade o minerio a maior altura.



- 1. Folles.**
- 2. Bocal de Barro.**
- 3. Bigorna.**
- 4. Martello.**

Figura. 14.

Visitei muitos d'esses poços junto ao Cubango. Extraído que é o minerio que elles julgam sufficiente para o trabalho d'aquelle anno, comêça a separação do ferro, que elles fazem em côvas pouco profundas, misturando o minerio com carvão vegetal, e elevando a temperatura por meio dos seus instrumentos de insuflação, que consistem em dois cylindros de pao, cavados de 10 centímetros, com 30 de diâmetro, e recobertos por duas pêlles de cabra curtidas, ás quaes estam ligados dois paos, de 50 centímetros de comprimento por 1 de diâmetro. É por meio d'estes paos que um rápido movimento dado ás pêlles produz a corrente de ar, que é dirigida sôbre o carvão por dois tubos de pao ligados aos cylindros, e terminados por um bocal de barro.

Depois comêça um incessante trabalhar, noite e dia, até que tudo o metal é transformado em enxadas, machados, machadinhas de guerra, ferros de frecha, azagaias, pregos, facas e balas para as armas, e até mesmo fuzis para ellas, de ferro temperado com unha de bôe e sal. Vi muitos d'esses fuzis darem fogo tambem como os do melhor aço fundido.

Durante tudo o tempo que duram os trabalhos é expressamente prohibido a qualquer mulhér aproximar-se do campo dos ferreiros, porque dizem elles que se estraga logo o ferro. Eu creio que isto foi estabelecido para que os homens se não distraiam do trabalho, em que empregam, como já disse, noite e dia.

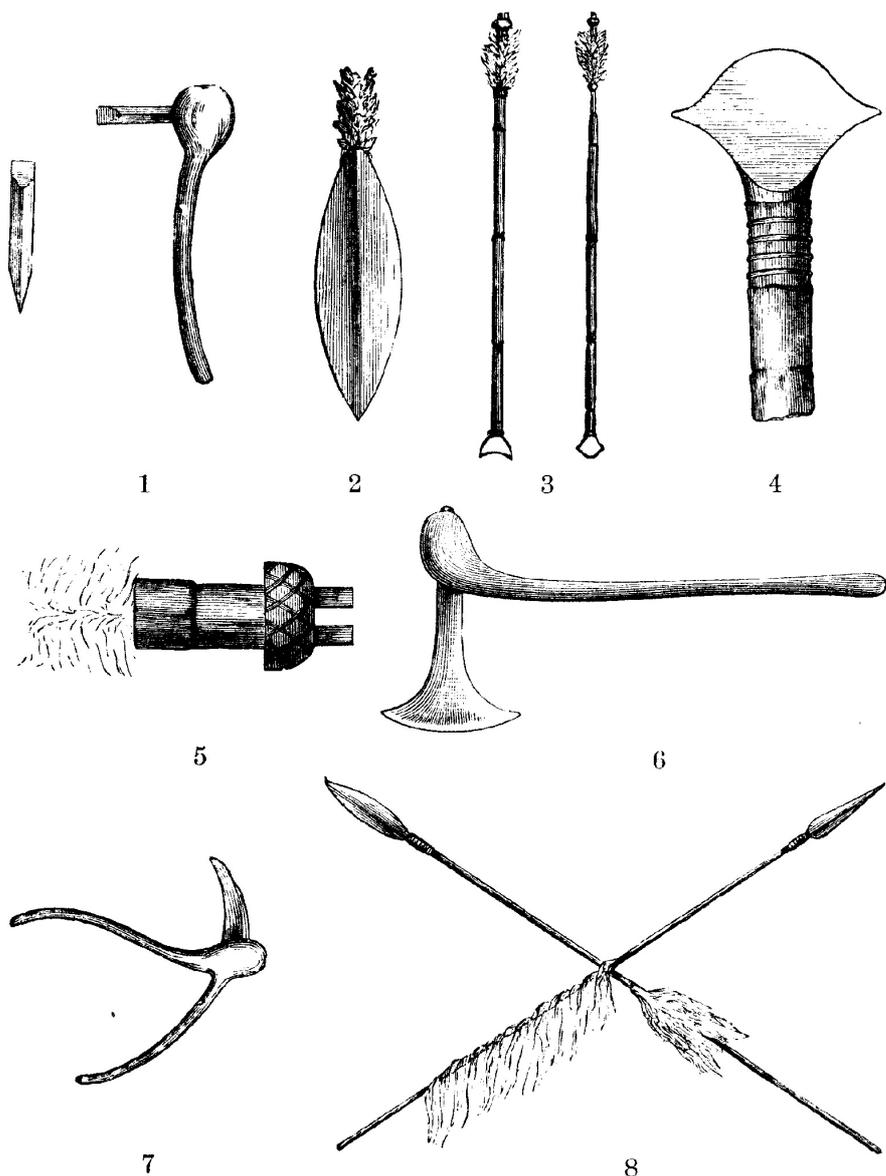


Figura. 15.--Objectos fabricados pêlo gentio entre a Costa e o Bihé.

- 1. Machado de Trabalho.**
- 2. Ferro de Frecha para a Guerra.**
- 3. Frechas.**
- 4. Ferro de Frecha para Caçar.**
- 5. Pé das Frechas.**
- 6. Machado de Guerra.**
- 7. Enxada.**
- 8. Azagaias.**

Findo que é o metal e transformado em obra, voltam os ferreiros a suas casas carregados com a sua manufactura, que vendem em seguida depois de terem reservado o necessario para seu uso.

Tôdos estes pôvos não admittem causas naturaes de doença ou de morte. Sempre que adocece ou morre alguem, ou fôram as almas do outro mundo (uma certa é designada) que produzio o mal, ou então foi algum vivo que fêz feitiço ao doente ou ao môrto. Logo que morre alguem, se os parentes não estam na localidade, mandam-n-os prevenir, e no entanto penduram o cadaver em um grande pao a 200 ou 300 metros da porta da povoação, e esperam que elles venham para fazer o enterro.

Logo que elles chegam ou se estam na localidade, procede-se immediatamente á devinção para saber a causa da morte.

Para isso amarram o cadaver a uma vara comprida, e pegando dois homens nas extremidades, levam o côrpo ao logar destinado ás adivinções, onde o espera o adivinho e o pôvo formado em duas alas.

O adivinho tomando na mão direita um coral branco, comêça a adivinção.

Depois de fazer mil momices e grande grita e de ter feito mexer o môrto, que o pôvo acredita que mexeu sem

intervenção estranha, o adivinho declara que foi a alma de fulano ou de fulana que o matou, ou então que foi feitiço dado por alguém que elle designa.

No primeiro caso, o enterro faz-se em paz, abrindo uma cova no mato, em qualquer lugar indistinctamente, e lançando n'ella o cadaver que cobrem de pedras, paos e terra; mas no segundo caso, a pessoa designada pelo adivinho como feitiçeiro é agarrada, e, ou paga ao mais próximo parente a vida do morto, ou lhe cortam ali a cabeça, indo dar parte do occorrido ao sova, a quem tem de levar de presente uma cabra para elle escutar o caso.

Comtudo pôde dar-se o caso de um accusado negar firmemente a sua culpabilidade na morte, e então tem direito de defesa.

Para isso, vai elle buscar um cirurgião que vem, na presença do povo proceder ás provas da innocencia ou culpabilidade do accusado.

O cirurgião chega á presença dos parentes e do povo, e compõe uma bebida venenosa de que tomam quantidades iguaes o accusado e o mais próximo parente do morto.

A beberagem produz uma especie de loucura temporaria, e é n'aquelle dos dois em que ella se manifesta com mais intensidade que recae a culpa da morte.[3]

Se é no accusado, ou paga a vida do defunto, ou morre; se é no parente, tem este de indemnizar o accusado pela accusação feita, dando-lhe logo um porco para lhe pagar o trabalho de ir buscar um cirurgião, e depois tem de lhe dar o que o accusado exigir, sejam dois bôis, dois escravos, um fardo de fazenda, etc. etc.

Antes de continuar, dêvo fazer sentir uma grande differença que existe de três entidades importantes, nos povos da África Austral, e que muitas vêzes sam confundidas.

Sam ellas o cirurgião, o adivinho e o feitiçeiro. Effectivamente, estas três entidades que parecem á primeira vista ter pontos de contacto, nenhum t[em] na realidade.

O cirurgião fica definido pela palavra. É um curandeiro, tem conhecimento de um certo número de plantas e raizes, que empega sempre empiricamente, bem como as ventosas sarjadas, de que faz grande uso; sendo bem certo que a sciencia de curar está muito em atrazo n'aquelles paizes. O cirurgião, que nunca faz diagnóstico da molestia, faz sempre o prognóstico. A dosagem das plantas medicamentosas é sempre empirica, e nas suas polypharmacias entram os mais absurdos e inuteis componentes. É verdade que entre nós ainda não vai longe o uso da Triaga. O cirurgião, que é ao mesmo tempo pharmacêutico, emprega durante a preparação das suas drogas, um certo número de ceremonias e de palavras sem as quaes ellas perderiam a virtude. Fazem grande segrêdo das plantas que empregam, e dam-se ares de sabios pedantes quando a esse respeito sam interrogados. O cirurgião é pessoa muito importante, e muitos actos sollemnes requerem a sua presença. Elle decide altas questões, porque a sua opinião prevalece á do adivinho (Ditangja), sendo que o cirurgião nunca a emite sem fazer antes um certo número de remedios e ceremonias, já com plantas, já com sangue do homem ou dos irracionaes, a que chamam, *fazer os curativos*.

O adivinho só adivinha, e mais nada. No caso de doença, o adivinho é sempre chamado para adivinhar se sam almas do outro mundo ou feitiços, e só depois d'elle, vem o cirurgião.

Estes dois sujeitos entendem-se sempre.

O adivinho não é só consultado em caso de doença ou morte, é ouvido em tudo e por tudo, e nada se faz sem que elle adivinhe primeiro.

Para a consulta, coloca-se elle no centro de um círculo formado pelo povo, que dêve estar sentado. Arma-se de uma cabaça e um cesto. A cabaça contem missanga grossa e milho sêco, o cesto é cheio das cousas mais disparatadas, ossos humanos, legumes sêcos, pedras, paos, caroços de frutas, ossos de aves, espinhas de peixes, etc.

Comêça por sacudir freneticamente a cabaça, e durante a chocalhada que faz invoca os *espíritos malignos*, ao mesmo tempo sacode o cesto, e nos objectos que vam apparecendo na parte superior, vai lendo o que se quer saber do passado, do presente, ou do futuro. Este uso encontrei eu desde a costa, mas não tão seguido como aqui.

Falei em *espíritos malignos*, e é preciso dizer, que ali os *espíritos malignos* emparelham em malignidade com as almas do outro mundo (*Cassumbi*) e com os feitiçeiros. Às vezes entram no corpo de alguém, e custa muito fazel-os sahir. Outras vêzes, fazem tropelias maiores, tomando conta de uma povoação, onde durante a noite não deixam socegar ninguém, sendo preciso que o cirurgião faça grandes *curativos* para os expulsar.

Estava ali um adivinho, e eu calculei o partido que podia tirar d'elle.

Chamei-o em particular, e fiz-lhe alguns presentes, mostrando por elle grande respeito, e fingindo acreditar na sua sciencia.

Pedi-lhe para adivinhar o meu futuro, e elle logo convocou o povo da libata, e muito da povoação do capitão, para assistirem á adivinhação.

A cerimonia fêz-se com grande aparato, e elle comêçou a ler nas trapalhadas do cesto as cousas mais lisongeiras a meu respeito. Eu era o melhor dos brancos, passados, presentes e futuros; a minha viagem seria feita com grande felicidade, e felizes seriam aquelles que fossem comigo.

Este vaticínio produziu o melhor effeito, e tève grande influencia no resultado da minha partida do Bihé.

Já falei do cirurgião e do adivinho, e vou dizer o que é feiticeiro. Esta palavra tem uma significação que, tendo alguns pontos de contacto com a que lhe damos na Europa, não é comtudo a mesma cousa.

Ali qualquer é, ou pôde ser feiticeiro, e feiticeiro é mais o envenenador do que homem que governa nos espíritos.

Effectivamente, o *feitico* ali é veneno, e dar *feitico* a alguém, é dar veneno, que determine, ou doença, ou morte, ou loucura.

Esta é a rigorosa accepção da palavra, mas ainda assim o feiticeiro pôde causar grandes prejuizos, e como tudo se atribue a *feitico*, a perda de um combate, a epidemia nos gados, as tempestades, etc., tudo provem da sua malevolencia.

Não se julgue porem que se pôde designar o feiticeiro; não pôde. O feiticeiro apparece como causa do effeito, e como essa causa é logo destruida, o feiticeiro é como um meteoro que se desvanece logo depois de apparecer. Esta prática dá logar a terriveis vinganças, como bem se pôde suppor.

Àlém d'estas três entidades, duas das quaes sam definidas e uma indefinida, ha ainda um sujeito que tem certa importancia entre estes pôvos bàrbaros.

É elle o homem que dá e tira a chuva. Ha um certo nùmero de individuos que se atribuem o poder de governar nos meteoros aquosos. Possuindo um espirito observador, attentáram em que com taes ventos em certa èpocha do anno chove, e que com outros estia. E servindo-se d'esses signaes, que sam tão vulgarmente observados na Europa, e mesmo recommendados por homens de sciencia, como Fitz-Roy e outros, que se observam na vida dos animaes, sôbre tudo das aves, elles que podem com certa probabilidade fazer um prognóstico do tempo, atribuem a si o poder, de dar e tirar chuva, tendo previamente annunciado que a vam dar ou tirar.

Estes sujeitos sam vulgares, mas acreditam n'elles muito, porque raras vêzes se enganam.

Estas práticas que nos causam estranheza, eram ha dois sèculos vulgares na Europa, e ainda hõje existem entre nós no baixo pôvo dos campos.

Não é preciso ir á idade media para se encontrarem os Reis consultando os seus astròlogos, e mesmo em Portugal existe um livro, impresso, *com tôdas as licenças necessarias*, em 1712, que o seu autor *Gaspar Cardozo de Sequeira*, mathematico da villa de Murça, intitulou Thesouro de Prudentes, livro acrescentado pêlo engenheiro Gonçalo Gomes Caldeira, que ensina as cousas mais estupendas e maravilhosas, aos homens cultos d'essas eras, porque o pôvo de então não sabia ler. Desculpemos pois os ignaros prêtos d'Àfrica Austral.

Uma lei engraçada d'aquelle paiz, é a respeito das mulhéres que morrem de parto.

Logo que uma mulhér morre de parto, o marido tem obrigação de a enterrar elle só, levando o cadaver ás costas até á sepultura, e fazendo sózinho o trabalho da inhumação. Em seguida, tem de pagar a vida d'ella aos parentes, e se não tem com que, constitue-se escravo d'elles.

As sepulturas dos proletarios não t[~e]m signal algum que as indique, e sam feitas em qualquer logar indistinctamente entre o mato.

Quando eu falar do Bihé, serei mais minucioso em certos costumes que sam communs a estes paizes, e que tive depois occasião de estudar detidamente, sôbre tudo aquelles que se referem aos sovas e aos grandes.

Um costume que é privativo de Caquingue é o que elles chamam *tratar as mulhéres*. Logo que uma mulhér está gràvida, um sujeito pede ao marido em casamento a filha que ella vai ter, e desde logo é obrigado a *tratal-a*, isto é, dar-lhe vestuario e satisfazer as suas exigencias de *toilette*.

Este costume vigora só entre gente rica. Logo que nasce a criança, o noivo redobra de presentes á mãe, e tem o dever de vestir a filha até á puberdade, isto é, á èpocha do casamento. Se acontece nascer um varão, a obrigação de vestir mãe e filho subsiste, e este, logo que chega a ser homem, fica para Quissongo do que o *tratou*.

Mais adiante direi o que é um Quissongo.

Este costume não é tão extraordinario como parece á primeira vista, e se em Àfrica só o encontrei no paiz de Caquingue, cá na Europa é elle vulgar, não na forma, mas na essencia, e na phrase polida dos salões chama-se a isso, creio eu, *casamentos de conveniencia*.

Amanheceu o dia 5 de Março, depois de uma noite tormentosa em que a chuva foi diluvial. Eu estava melhor da febre; mas as dôres rheumáticas eram mais persistentes e estendiam-se dos joelhos aos artelhos. O meu Pépéca estava melhor, e por isso resolvi partir. Receiando porem do meu rheumatismo, fui pedindo uma maca e carregadores para ella, que me fóram obsequiosamente cedidos por Francisco Gonçalves (*o Carique*). Depois de cordiaes despedidas, parti ás 10 e meia ao N., e uma hora depois, passei o ribeiro Cassongue, que corre a S.E. para o Cuchi. Tem 6 metros de largo por 2 de fundo. Ao passar o rio, o meu boi cavallo (Bonito) embarçou-se em umas sarças, perdeu o ànimo, e foi ao fundo; custou muito salvá-lo, e só pude seguir ao meio dia. Á 1^{h.} e 15^{m.} passei o riacho Govêra, de 3 metros de largo por 50 centímetros de fundo, e á 1 e 45 acampava a S.S.O. da povoação de Chindúa. Passei no caminho junto de duas grandes povoações, a de Cacurura, e a de Cachota. Já estava em terras que prestam obediencia ao sova do Bihé. O paiz continúa ali a ser muito povoado e cultivado.

Durante a noite, chuva torrencial e forte trovoadas de leste. A minha febre tinha desaparecido completamente, mas as dores reumáticas recresciam n'uma progressão assustadora, e já ameaçavam estender-se a tudo o corpo. Logo de madrugada, o dono da ponte sobre o Cuchi mandou-me avisar para passar a ponte sem demora, porque estas pontes, dando passagem só a um homem de cada vez, leva ella muito tempo, e é lei, que quando uma comitiva toma conta da ponte, ninguem ali pôde passar sem terminar a passagem da gente que primeiro chegou, e constava que uma grande comitiva de gentio se dirigia para ali em sentido inverso ao meu.

Agradei o aviso, e parti immediatamente, tomando conta da ponte meia hora depois.

O rio Cuchi tem ali 25 metros de largo por 5 de fundo, e corre ao sul ao Cubango.

Da ponte avista-se, 2 kilômetros ao N., a grande cataracta do Cuchi, de sorprendente belleza, cujo ruido chêga até nós.

Demorei-me um pouco para determinar a altitude, e segui depois a E.N.E., passei o pequeno ribeiro Liapêra, que côrre ao Cuchi, e mudando de rumo para N.N.E., passei o ribeiro Caruci, que côrre a N.E. para o Cuqueima; indo acampar, pêlo meio dia, nas matas do Charo, a S.O. da povoação de Ungundo.

Estes dois pequenos riachos, o Liapêra e o Caruci, marcam a separação das águas para o Cubango e Cuanza.

O secúlo Chaquimbaia, chefe da povoação de Ungundo, veio cumprimentar-me, e trouxe-me um porco e umas gallinhas; retribui o presente, e elle deu-me guias para me acompanharem no dia seguinte. Durante o dia, não só em caminho encontrei muitos ranchos de gente armada que vam reunir-se ás forças do sova de Caquingue, mas ainda depois que acampeei, passâram innúmeros prêtos armados que levavam o mesmo destino.

Das 7 ás 9 da noite houve moderada chuva, e ouvia-se a N.E. uma trovada longinqua; mas, ás 9 horas, formáram-se trovoadas em muitos pontos do horizonte, e pareciam tôdas convergir sobre o meu campo, que era situado em um alto. Às 10 horas, 5 trovoadas encontravam-se em choque immenso sobre o campo, e a mais horrivel tormenta que até então tinha presenciado se desencadeou sobre mim. Os raios succediam-se com intervallos de três a cinco segundos, e o estalar sêco dos trovões era incessante.

Havia perfeita calma e apenas algumas grossas gôtas de chuva cahiam aqui e àlém.

O baròmetro apenas desceu dois milímetros, e o thermòmetro conservava uma temperatura de 16 graos Cent. As agulhas magnéticas desnor-teavam, e conservavam um oscillar constante.

Uma bússola circular Duchemim, chegou a voltear ràpidamente.

Durou este estado de cousas até ás 11 horas, hora a que soffreu modificação mais terrivel ainda. Um vento fortissimo, um verdadeiro tufão, começou a soprar de leste, e n'um momento correu os quadrantes pêlo norte até S.O., onde se fixou com a mesma intensidade. Copiosa chuva começou a cahir então. O vento, no seu passar furioso, soprou aos ares as barracas do meu campo, e nós ficámos expostos á chuva torrencial que cahio até ás 4 horas, em que a tempestade começou a abrandar.

Quem o não presenciou não avalia o que seja uma tempestade, de noite, no meio das florestas d'África Austral, quando ao rebombar dos trovões se une o grito multisono das feras, que nos vem ferir os ouvidos com acordes terriveis.

A chuva apagou os fôgos do campo, o vento soprou longe os frageis abrigos, e o raio descendo em luminoso zig-zag, torna mais escuras as trevas, depois do seu ràpido fulgor.

Muitas vêzes, ao estalido do raio succede outro estalar medonho. Foi a árvore, que levou sêculos a crescer, e que n'um momento, ferida por elle, voou em rachas e baqueou no solo.

¡O espectáculo é horrivel, mas grandioso e sublime!

Amanheceu finalmente, e de tudo aquelle pelejar dos elementos, só restavam para o lembrar, innúmeras árvores derrubadas e um terreno encharcadissimo.

¡A mim restava mais alguma cousa!

O ataque de rheumatismo tinha-se declarado com grande intensidade, e estendendo-se a tôdas as articulações, tolhia-me os movimentos. Soffria muito. Parti ao meio-dia na maca, e fazia esforços enormes para calar na garganta os gritos arrancados pêlo soffrimento que infligia o movimento da maca.

Uma hora depois, envolvi-me em um pântano extenso, onde a água dava pêla cintura aos homens que me carregavam.

O terreno, encharcado pêla chuva da noite, estava transformado em pântano enorme. Alcançámos um outeiro, quando, ás 2 horas, nôva tempestade, vinda de leste, cahio sobre nós. Da maca, onde gemia dôres atrozes, animei a minha gente a seguir sempre, com intenção de alcançar as povoações de Bilanga, onde queria pernoitar.

Sei que, no dia seguinte, me achei, n'uma cubata, e me disse o Verissimo, estar eu n'aquellas povoações, na libata do Vicente; mas não tenho a menor idéia, nem do caminho andado, nem da noite velada, que me disséram os prêtos ter sido horrivel. Ao rheumatismo viera juntar-se a febre e o delirio.

A cabeça estava livre, mas o ataque e as dôres recrescéram, se era possivel isso.

Não podia fazer o menor movimento nem mesmo com as phalanges das mãos.

Verissimo e os meus prêtos dispensavam-me os maiores cuidados.

Sube que o rio Cuqueima levava uma cheia enorme, e não dava passagem no vao; mas, sabendo que existia uma pequena canôa a jusante da cataracta, resolvi seguir e passar o rio ali. Chegados ao rio, tratou-se de calafetar com musgo a canôa já muito velha, e que apenas podia soportar o peso de dois homens. O rio, que trazia uma enorme cheia, ia caudalossissimo. Resaltando por sôbre as rochas da cataracta, divide-se, formando uma pequena ilha, e logo depois, une as suas àguas em um só canal, largo de 100 metros.

Era ali que iam passar. Eu fui collocado dentro da canôa com mil cuidados, porque o menor movimento que me davam, me arrancava um grito doloroso.

Um habil barqueiro tomou o remo e a canôa deixou a margem. Tínhamos de atravessar 100 metros de àgua, mas de àgua animada de violenta corrente, e encrespada por ondas furiosas produzidas pêlos baldões da cataracta. O barqueiro dirigio a canôa para a ilha, e até chegar á junção das àguas tudo foi bem; mas ali o fragil barco preso nos enormes rodoinhos não quiz seguir ávante, apesar da pericia do habil nêgro. Eu via a àgua, em ondas espumantes ainda do salto de ha pouco, referver em volta de mim, e comecei a comprehender o grande perigo em que estava.

Tentei mover um braço e apenas consegui soltar um grito de dôr! Julguei-me perdido, porque, se a canôa afundasse, eu não poderia nadar. Sempre presa no rodopiar das àguas, não seguia ávante, e de repente começou a rodopiar ella mesma. O prêto receiou que nos afundasse-mos, e decidio saltar ao rio para alijar o barco. Prevenio-me, e saltou.

Alliviada d'aquelle peso, a canôa fluctuou melhor, mas não deixou o sitio em que estava presa pêlas fôrças desencontradas da àgua.

De repente um baldão entrou na barca e molhou-me. Tive um momento de verdadeira imbecilidade, e não sei o que se passou; só me lembra, que de repente me achei nadando com tudo o vigor, só com um braço, sustentando fôra d'àgua com o outro um dos chronômetros que trazia comigo, para que não lhe chegasse a àgua.

Sentia um verdadeiro prazer em nadar, e cortava ràpido os remoinhos das caudalosas àguas, o que me era facil a mim, que desde criança aprendi a lutar com os ràpidos do meu patrio Douro.

Os prêtos, sempre tendentes a admirar a destreza physica, prodigalizavam-me da margem fervorosos applausos.

Tinham desaparecido as dôres, a febre cessou de repente, e eu sentia-me bem disposto e forte. Ao submergir-se a canôa, do meio de 100 homens que assistiam á scena, e que ficáram boquiabertos e indecisos, um arrojou-se valorosamente á àgua para me salvar.

Menos perito nadador do que eu, não alcançou a margem senão depois de mim, e de nenhum auxilio me foi, mas a sua dedicação ficou gravada no meu coração para sempre. Era o meu prêto Garanganja, que enlouqueceu depois, não tendo uma alma assás forte para sopportar as miserias que experimentámos.

Quando me firmei em terra andei, sem dôres, sem febre. Despi-me immediatamente; mas não tinha roupa para mudar, porque as bagagens estavam ainda na outra margem; e tive de estar exposto a um sol abrasador em quanto a elle enxuguei a roupa que trazia. Voltáram as dôres e a febre, e só sei que no outro dia, estava estendido em um leito na libata da Annunciada, morada que tinha sido do sertanejo Guilherme Gonçalves, pai do Verissimo.

Cheio de dôres e ardendo em febre, mas um pouco melhor, decidi partir e ir encontrar os meus companheiros.

Parti ás 11 horas, e durante uma grande parte do caminho, atravessei uma planicie coberta de fetos herbaceos enormes, e vi muitas àrvores feridas do raio. Vi tambem uma planta que ali abunda, e que é, ou a nossa urze das altas montanhas do norte de Portugal, ou a ella mui semelhante.

Os meus olhos, pouco afeitos ás subtilezas das observações que demanda o estudo do reino vegetal, não sam bastante penetrantes para differençar especies, gêneros e familias, quando ellas não se differençam por si mesmo.

Chêguei ao sitio do Silva Porto (Belmonte) pêla uma hora, e fazendo um supremo esfôrço, fui a casa dos meus companheiros.

Elles, confirmando o que me tinham escrito, disséram-me que iam continuar sós, e que me deixariam uma terça parte de fazendas e material, salvo as cousas indivisiveis que guardariam. O Ivens offereceu-se para me acompanhar a Benguella, visto o meu precario estado de saude, se eu quizesse voltar á Europa.

Manifesto-lhe aqui a minha gratidão, por tão generosa offerta.

CAPÍTULO VI.

PEREIRA DE MELLO E SILVA PORTO.

No Bihé--Doença--Melhoras--A casa de Belmonte--Decido ir ao alto Zambeze--Cartas ao Governo--Como se organiza uma expedição no Bihé--Difficuldades, e como se vencem--Noticia sôbre o Bihé--Os meus trabalhos--Nôvas difficuldades--Deixo Belmonte--Até ao Cuanza--Escravatura.

Depois de 20 dias de cruel agonia e grandes soffrimentos, estava enfim no Bihé, muito doente é verdade, mas cheio de fé e contente de mim mesmo. Logo que falei aos meus companheiros, deixei a casa de Belmonte, e fui em maca para a libata pròxima do Magalhães, onde cahi sem fôrças sôbre as pelles do meu leito. Os primeiros symptomas de uma meningite declaráram-se, ao passo que redrobavam as dôres rheumáticas.

No dia seguinte, fóram ver-me o Capello e Ivens, que me leváram medicamentos. Peiorei, e veio o delirio.

Quando despertei, julguei sonhar. Achava-me deitado em magnífico leito, despido e entre lençoes de fina bertanha. O leito era coberto de elegante cortinado de reps côr-de-rosa e franjado de branco.

Disséram-me, que Capello viera durante o meu delirio, e me mandara aquella cama; que as havia assim no Bihé, em Belmonte, em casa de Silva Porto.

Tinham-me coberto de sanguessugas, e o muito sangue que me tiráram os prêtos, deixara-me em um estado de fraqueza indescriptivel. As dôres tinham cedido um pouco, mas continuava a febre. De tarde, viéram os prêtos de Nôvo Redondo procurar-me, e eu recebi-os diante de Magalhães, Verissimo e Joaquim Guilherme José Gonçalves, irmão mais velho do Verissimo. Vinham elles dizer-me, que não queriam seguir com os meus companheiros, e que ou iam comigo, ou voltavam.

Depois de um grande trabalho, convenci-os a voltarem para elles, e a acompanhá-los. Sube então, que Capello e Ivens estavam construindo um abarracamento a 5 kilômetros d'ali, e já lá tinham as bagagens, devendo em breve mudarem-se de Belmonte.

Dois dias depois, veio procurar-me o Ivens, com quem tive larga conversa.

Dei-lhe tôdas as cartas de recomendação que Silva Porto me havia dado em Benguella para obter carregadores, e comprometi-me a não pedir gente ao sova Quilemo, ficando-lhe o campo completamente livre a elles. Ivens disse-me, que iam mudar para o abarracamento que tinham, e que em casa de Silva Porto me deixavam o que me pertencia na partilha. Eu mandara-lhes entregar tôdas as cargas que trouxera comigo, e as que acompanhou o prêto Barros, que já tinham chegado. O prêto Barros declarou-me, que não queria continuar a viagem, e por isso despedi-o, bem como a alguns prêtos de Benguella, que manifestáram igual intenção. Escrevi poucas linhas a Pereira de Mello, que o meu estado de saude não me permitia ser extenso. Quando, fatigado de determinar tanta cousa, eu ia embrulhar-me nos lençoes e procurar no sono um pouco de descanso, surgiu diante de mim, como um espectro, um homem alto e magro, de physionomia enérgica e distincta. Era o meu prisioneiro que eu havia olvidado, era o secúlo Palanca, o conselheiro íntimo do sova Dumbo do Sambo.

"Já despachaste tôda a tua gente, me disse elle, uns despediste-os, outros ficaste com elles, ¿o que determinas de mim, e qual é a minha sorte?" "Tu vais voltar a tua casa, lhe respondi, levarás ao Dumbo a espingarda que lhe prometti, e alguma pòlvora, e para ti terei alguma cousa tambem. Dêvo-te uma indemnização por aquella corda que tiveste ao pescôço pròximo do Cubango, e pêlos sulcos que te fizéram nos pulsos as cordas com que te amarrei." Chamei o Verissimo, e dei-lhe as minhas ordens n'esse sentido.

Palanca, sempre impassivel diante da liberdade e dos presentes, como o tinha sido diante da prisão e da morte, retirou-se, e deixou logo o Bihé.

Dois homens seguíram-se no meu quarto á sahida do secúlo do Sambo. Estava escrito que eu não descansasse no primeiro dia das minhas melhoras. Estes dois prêtos eram Cahinga e Jamba, os dois homens de confiança de Silva Porto, que elle me mandava de Benguella.

Depois de lhes ouvir mil protestos de dedicação, muitas vêzes repetidos, consegui ficar só. Só, não! Junto de mim estava a única, a grande dedicação que tive na minha viagem a travez d'África. Córa, a minha cabrinha, em pé, com as patas pousadas sôbre o leito, berrando e lambendo-me as mãos, pedia-me uma caricia, que eu não lhe fazia ha muito.

No dia seguinte, os meus companheiros avisáram-me de que deixavam a casa de Silva Porto, e eu em uma maca mudei para ali. Encontrei 7 cargas de fazenda, 6 caixas de rancho, uma mala com instrumentos, e três carabinas Snider, que elles me haviam deixado.

A libata de Silva Porto, ou povoação de Belmonte, está situada sôbre a parte mais elevada de um outeiro, cuja vertente norte desce suavemente até ao leito do rio Cuito, que corre a leste para o Cuqueima.

A posição da libata é muito bonita, e forte como ponto estratégico.

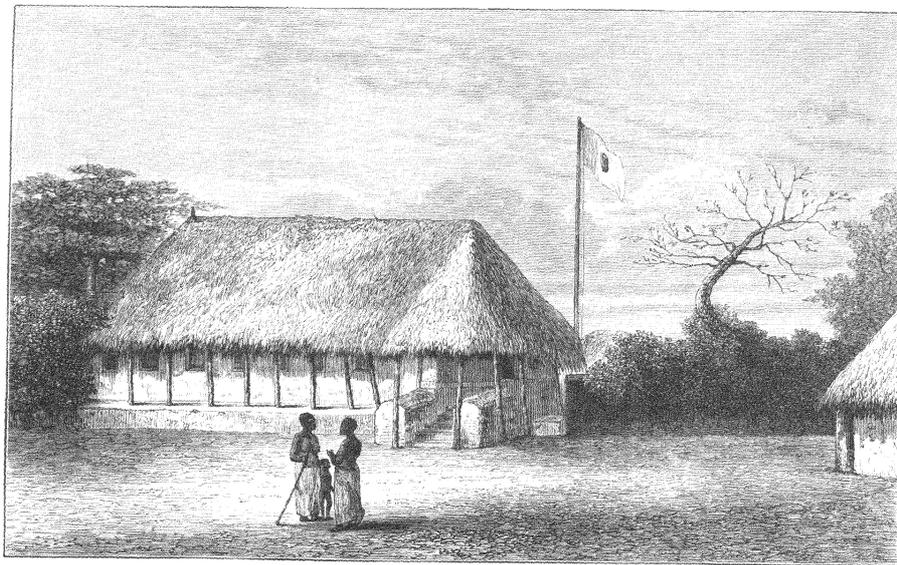


Figura 16.--Casa de Belmonte (Bihé).

Tem dentro um laranjal, onde as laranjeiras estão sempre em fruto e flôr, o que não acontece a outras algumas no Bihé. O laranjal é cercado de uma sebe de roseiras, que atingem uma altura de tres metros, e estão sempre floridas.

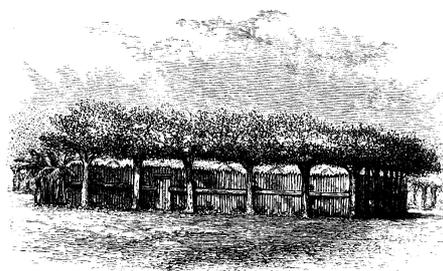


Figura 17.--Vista exterior da povoação de Belmonte, no Bihé.

Sycòmoros enormes assombram as ruas e rodeam a povoação, defendida por uma forte palissada de madeira.

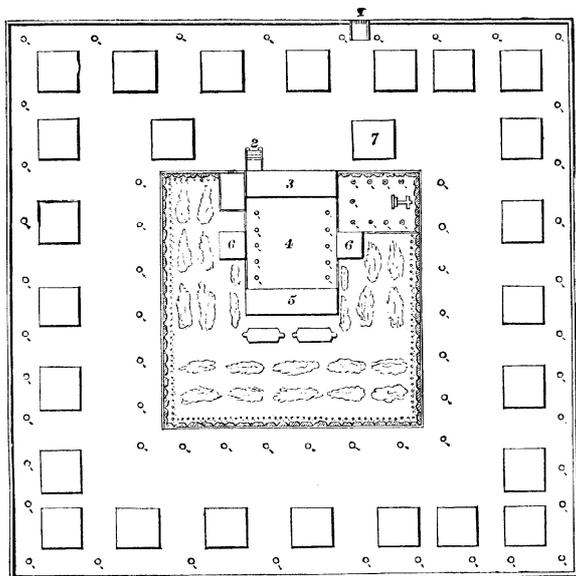
Debaixo d'essas laranjeiras, cuja sombra perfumada me abrigava do sol ardente, quantos dias e quantas horas passei scismando na minha posição, e elaborando projectos mais ou menos sensatos!

Foi ali, que, arrastando ainda os membros tolhidos de dôres, que, queimado da febre, concebí, e organizei na minha mente o plano que havia realizar depois.

Se de alguma cousa me orgulheço na minha viagem, é d'esse tempo.

Mais tarde joguei muitas vêzes a vida, fui de certo mais de uma vez temerario, mas era obrigado a isso para me salvar.

Ali não! Estava doente, quasi anêmico, e sem recursos. Uma facilidade relativa me abria o caminho de Benguella e da Europa. Mil difficuldades, que provinham da minha separação dos meus companheiros, apresentavam-me uma barreira quasi impossivel de transpor, para emprender uma exploração qualquer. O desânimo reinava na minha pouca gente.



- * Sycòmoros.
- * Forte palissada de pau.
- * Palissada da horta coberta de roseiras sempre floridas.
- * Romeiras.
- * Laranjeiras.
- * Hortas.
- * Cemiterio.
- * Casas dos prêtos.

1. Entrada da povoação.
2. Entrada da casa de Silva Porto

3. Casa.
4. Pateo interior.
5. Cusinha e dispensa.
6. Casas de criados.
7. Armazem.

Figura. 18.--Planta da povoação de Belmonte, no Bihé.

Entrêvado e sem fôrças, não pensar um só momento em voltar face ao desconhecido que se erguia ante mim como um abysmo attrahente; desfazer uma a uma as difficuldades que surgiriam; reconstruir muitas vêzes o trabalho feito, que se esvaia como cahe um castello de cartas; criar recursos onde os não havia; conseguir organizar uma expedição sôbre as ruinas de outras que se haviam desmembrado; é, aos meus ôlhos, a parte mais difficil da minha viagem, e de que mais me orgulheço, se é que me orgulheço de alguma cousa.

Comecei por contratar Verissimo Gonçalves para me acompanhar, e consegui fazer-me obedecer por elle cêgamente.

Depois de muito estudar o caminho a seguir, resolvi ir direito ao alto Zambeze, seguindo a cumiada do paiz onde nascem os rios d'aquella parte d'África.

Chegado ao Zambeze, queria seguir a leste, estudar os affluentes da margem esquerda, e descendo ao Zumbo, ir d'ali a Quilimane por Tete e Senna.

Os mais práticos sertanejos, sabedores do meu projecto, diziam-me, que eu não chegava a meio caminho do Zambeze, e creio que me tinham por tôle.

Eu deixava-os falar e prossegui sempre na organização do pessoal e confecção do material necessario aos meus planos.

No dia 27 de Março, primeiro em que pude escrever livremente, escrevi ao Governo da Metròpoli, e ao Pereira de Mello, e Silva Porto. Dava-lhes parte do occorrido até então, e pedia-lhes auxilio e consêlho, submittendo á sua crítica os meus projectos. Despachei portadores para Benguella com as cartas, e fui trabalhando, mais confiado em mim do que em outrem.

A esse tempo, uma grande parte das cargas deixadas em Benguella, em Novembro ¡havia 5 mezes! ainda não tinham chegado.

Appareceram-me na libata o ex-chefe de Caconda, Alferes Castro, e o degradado Domingos, que iam para Caconda. Contáram-me que, chegados ao Bihé, tinham sido encarregados por Capello e Ivens de ir construir o abarracamento, e de fazer transportar para ali as cargas que estavam em Belmonte.

O Alferes Castro voltava sem nenhum confôrto, e eu, das 6 caixas de rancho que me tinha deixado o Ivens, dei-lhe o assucar, chá, café, etc., necessario para a viagem.

Creio que aquelle senhor, depois de ter sido a causa de tanto soffrimento que tive, de tantos riscos que corri, não terá motivo de queixar-se do modo por que o recebi no Bihé; se quizér ser justo e verdadeiro.

Quanto ao degradado Domingos, se bem me recordo, dei-lhe uma carta de recommendação para o Governador de Benguella, de quem ia solicitar um favor.

Foi assim que tratei os dois homens que mais me fizéram soffrer em Àfrica, porque quando déram causa a isso, eu ainda não estava habituado ao soffrimento.

No principio de Abril, eu já bastante melhor, tinha promptos 60 carregadores, e esperava apenas a chegada das cargas de Benguella, para receber mais alguma fazenda e partir.

A minha vida era um trabalhar incessante, e ao mesmo tempo compilava um livro de lembranças, para ter á mão as fôrmulas que me eram necessarias para os meus cálculos; fazia umas tâbuas de raizes quadradas e raizes cúbicas, que calculei para os números de 1 a 1000. Deduzia com trabalho immenso algumas fôrmulas trigonométricas, porque na Europa, para tornar mais portateis as minhas tâbuas logarithmicas, as tinha feito encadernar, supprimindo a parte explicativa; e por um engano deploravel, n'uma remessa de objectos que de Loanda fiz para Portugal, fôram incluidos os meus livros mathematicos. Não se riam os sabios, da singeleza com que lhes narro as difficuldades com que lutei no Bihé para poder ter escritas n'um livrête algumas fôrmulas vulgares. Quem não é explicador de mathematica, vê-se muitas vêzes embaraçado para resolver uma questão mui simples, quando lhe falte um livro que lhe avive a memoria priguçosa. No Bihé faltavam-me tôdos os livros, e por isso eu fazia um, para meu uso, e ou se riam ou não, declaro-lhes

que não me foi facil. Tôda a minha bibliotheca consistia em três almanacs para 1878, 1879, e 1880, as tâbuas de logarithmos, como já disse, sem texto, tâbuas somente, o Eurico de Herculano, as poesias de Casimiro d'Abreu, e um livrinho de Flamarion, *As Maravilhas Celestes*.

Em tudo isto não tinha muito onde refazer a memoria para as questões de x e y .

Depois havia ainda outra difficuldade. Eu tinha de fazer e de pensar em muitas cousas ao mesmo tempo, e cousas um pouco incompatíveis entre si. Às vêzes tinha conseguido quasi reconstruir uma das fôrmulas de Neper para resolver triângulos esphèricos, quando entrava o muleque, e me exigia que dizesse, se a gallinha para o jantar devia ser cozida ou assada (durante a minha estada no Bihé, comi cento e sessenta e nove gallinhas). Logo, entrava outro pedindo sabão para lavar a roupa; depois, eram carregadores que me vinham falar; em seguida, enviados do sova, que me queriam extorquir mais algumas jardas de fazenda. Um inferno, um verdadeiro inferno.

Eu tinha feito e fazia um grande nùmero de observações meteorològicas.

Os meus chronòmetros estavam perfeitamente regulados, e a minha posição determinada. Algumas excursões que fiz no paiz com a bûssola na mão, permitiram-me fazer uma carta, de certo grosseira, mas tão aproximada quanto se pôde exigir de um trabalho d'estes em viagem de exploração. Apesar dos meus trabalhos, ou talvez por causa d'elles, eu estava satisfeito, e mal pensava nas tribulações porque tinha de passar ainda nas terras do Bihé.

Antes porem de continuar a narrativa das minhas aventuras, abro um parenthesis para falar um pouco d'este paiz, tão importante e rico quanto pouco conhecido entre nós, a quem interessa mais o seu conhecimento do que a ninguem.

O Bihé limita ao Norte com o sertão do Andulo, a N.O. com o Bailundo, a Oeste com o paiz de Moma, a S.O. com os Gonzellos de Caquingue, ao S. e L. com os pôvos Ganguelas livres. O rio Cuqueima é quasi um limite natural do Bihé por Oeste, Sul e Leste, mas, na realidade, a autoridade do sova do Bihé ainda se exerce para além d'aquelle rio em alguns pontos. O paiz é pequeno, mas muito povoado.

Eu avalio grosseiramente a sua àrea em 2500 milhas quadradas, e um càculo ainda mais grosseiro fêz-me estimar a sua população em 95 mil habitantes; o que nos dá apenas 38 habitantes por milha quadrada; e ainda que este nùmero nos pareça mui pequeno, por ser menos de um terço do que se dá entre nós, é consideravel para a Àfrica Austral, onde a população está muito pouco accumulada.

Em tempo, como se verá, pouco distante, estas terras do Bihé eram povoadas de matas densas, onde abundavam elefantes, e onde assentavam raras povoações de raça Ganguela.

O rio Cuanza, depois da sua confluencia com o Cuqueima, divide o paiz do Andulo do paiz de Gamba, que lhe fica a leste. Era sova de Gamba um tal Bomba, que possuia uma filha de grande formosura, chamada Cahanda.

Este sova Bomba vivia na margem esquêrda do rio Loando, affluente do Cuanza.

A formosa e nêgra princesa Cahanda, pediu ao pai para ir visitar umas parentas que eram senhoras da povoação de Ungundo, ùnica de alguma importancia no Bihé de outrora.

Estando a filha do sova Bomba n'esta povoação de Ungundo a visitar as parentas, aconteceu chegar ao paiz um ouzado caçador de elefantes chamado Bihé, filho do sova do Humbe, que com grande comitiva tinha passado o Cunene e estendido as suas excursões venatorias até áquellas remotas terras. Um dia o selvagem discipulo de Santo Huberto têve fome, e estando perto da povoação de Ungundo, dirigio-se ali a pedir de comer. Foi então que vio a formosa Cahanda, e é preciso dizel-o, que vel-a e amal-a foi obra de um momento. Estas questões de amor em Àfrica sam muito semelhantes ás questões de amor na Europa, e pouco depois do encontro dos dois jovens, Cahanda era raptada, e Bihé plantava a estacada da grande povoação que ainda hõje é a capital do paiz, paiz a que deu o seu nome, fazendo-se acclamar sova. As dispersas tribus Ganguelas fõram por elle submettidas, e o pai da primeira soberana do Bihé reconciliando-se com a filha, permittio uma grande immigração do seu pôvo para ali. Ao casamento do sova succedêram-se muitos outros entre as mulhéres do norte e os caçadores do seu sèguito, e esta é a origem do pôvo Biheno.

Assim os Bihenos sam Mohumbes, nome que na Àfrica Austral de oeste dam aos descendentes da raça do Humbe, os quaes não se encontram só no Bihé, mas estam tambem espalhados em outros pontos, sôbre tudo frente da costa entre Mossamedes e Benguella, misturados com os Mundombes, que sam a verdadeira raça d'aquelle paiz. Hõje a verdadeira raça Mohumbe no Bihé é representada pêla nobreza e gente rica do paiz, os descendentes dos caçadores do primeiro sova, e ainda assim, fõra da familia reinante, está ella misturada com sangue de raças muito differentes; porque, sendo o Bihé desde o seu comêço um grande emporio de escravatura, e tendo sido colonizado em grande parte por escravos de raças diversas, o baixo pôvo provem de uma mistura inexplicavel, e a nobreza mesmo, nas suas bastardias numerosas, tem trazido ás suas descendencias sangue dos paizes mais remotos da Àfrica Austral.

Da união de Bihé e da formosa Cahanda nasceu um ùnico filho varão, que têve o nome de Jambi, e succedeu no governo a seu pai. Este Jambi têve dois filhos, dos quaes o primogênito se chamou Giraúl, e o segundo Cangombi. Giraúl herdou o poder por morte de seu pai, e receiando de seu irmão, que tinha grande influencia no pôvo, o fez prender secretamente de noite, e o vendeu como escravo, a um prêto que ia levar uma leva de escravos a Loanda.

Cangombi, por acaso, em Loanda foi comprado pêlo Governador Geral, de quem foi escravo. Tempos depois, os despotismos e as arbitrariedades de Giraúl fizêram-n-o detestado do seu pôvo; houve conspiração, e alguns nobres partíram secretamente para Loanda, com muito marfim, para resgatar seu irmão, e acclamal-o, depois de deporem aquelle. O governador de Angola de então, vendo o partido que podia tirar d'esta questão, para a corõa Portuguesa, não só entregou Cangombi sem resgate, mas ainda o encheu de presentes, e lhe deu auxilio contra seu irmão; e por isso Cangombi se apresentou no Bihé com grande comitiva, que veio por Pungo-andongo e subio o Cuanza, entre a qual se

contavam muitos Portuguezes. Declarada a guerra, Giraúl foi vencido, sendo traído pêlos seus, e entregou as redeas do governo a seu irmão mais nôvo, que lhe deu uma povoação e um pequeno dominio para viver.

Quatro annos depois, Giraúl revoltava-se e vinha pôr cêrco á capital. Novamente vencido e prisioneiro, foi entregue por seu irmão aos Ganguelas de além Cuanza para o comerem; não que estes Ganguelas sejam positivamente canibaes, mas, de vez em quando, não desgostam de comer um bocado de homem assado.

Eu não pude saber o nome do governador que prestou mão-forte ao filho segundo do Jambi para lhe dar o poder, mas estou certo que a esse respeito alguma cousa dêve existir no Ministerio da Marinha e Ultramar, porque um passo d'aquelles não podia deixar de ser communicado ao governo da Metròpoli.

Cangombi foi grande sova, e têve oito filhos, dos quaes seis fôram sovas do Bihé; o que não é para admirar, porque ali herda o poder o mais pròximo da ascendencia. Assim, em quanto existem filhos de um sova, os netos não vam ao poder, e o neto primogênito do filho primogênito só toma as rêdeas do governo quando não existe nenhum dos seus tios, irmãos mais nôvos de seu pai.

Por esta lei herdou o poder Cahueue, filho mais velho de Cangombi, e por mortes successivas, seus irmãos Moma, Bandúa, Ungulo, Leamúla e Caiangúla. Os dois filhos de Cangombi que não fôram sovas, fôram Calali e Óchi, por terem morrido cêdo. Este Óchi era immediato ao mais velho Cahueue, e deixou um filho que foi sova por morte de seu tio Caiangúla, por não ter deixado filhos o irmão mais velho de seu pai.

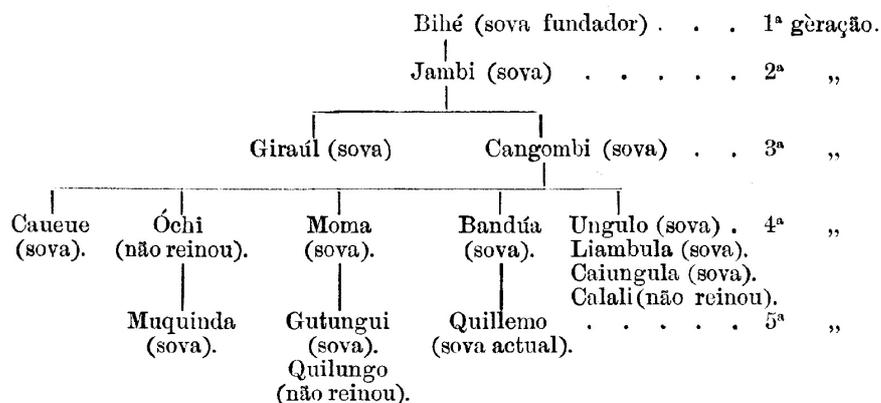
Este sova chamava-se Muquinda, e por sua morte foi o governo a seu primo Gubengui, filho mais velho do sova Moma immediato a seu pai. A este Muquinda seguia-se outro irmão chamado Quitungo, que morreu quando ia ser acclamado, já dentro da capital.

De tôdos os oito filhos de Cangombi, só existia um descendente legítimo, filho do sova Bandúa, que foi acclamado. É elle Quillemo, o actual sova do Bihé.

Ha contudo um filho bastardo de Moma, chamado Canhamangole, que está indigitado para succeder a Quillemo; em seguida passarám ao poder, os filhos d'este último, que sam muitos.

Por este breve resumo da historia do Bihé se vê, que aquelle paiz é de fundação recente, e que desde o seu comêço quasi, existíram relações íntimas entre os Portuguezes e Bihenos, pêla intervenção tomada pêlo Governador Geral de Angola, na acclamação do sova Cangombi, avô do actual sova Quillemo, e neto do fundador da monarchia Bihena.

Assim, pois, o Bihé, desde a sua fundação tem sido governado por treze sovas em cinco gèrações, que vam representadas no seguinte quadro:--



Na carta de Angola, de Pinheiro Furtado, já vem, indicado o Bihé, mas a sua origem não dêve ir muito além da coordenação d'aquella carta.



Figura 19.--Mulhér do Bihé cavando.

Os Bihenos sam pouco agricultores e pouco industriosos, e ali tudo o trabalho é feito pêlas mulhéres, que só ellas cultivam a terra.

Os homens sam dados a viajar, talvez de origem, que o seu primeiro règulo de longe veio, e atrevem-se a ir commerciar nos remotos sertões onde vam traficar em marfim e escravos. Aproveitando estas disposições, alguns homens ousados, taes como Silva Porto, Guilherme (o Candimba), Pernambucano, Ladislao Magiar, e outros negociantes sertanejos, começaram a dirigir os Bihenos nas suas excursões, e fizéram n'isso um grande serviço ao mundo; porque, abrindo nôvos mercados ao commercio, abríram nôvos horizontes á civilisação. Não foi só o seu tràfico que veio augmentar o movimento commercial da praça de Benguella, mas, ainda animado por elles, e perdido o receio dos brancos, o gentio dos mais remotos paizes, desceu a vir permutar directamente os seus gêneros nas casas commerciaes de Benguella.



Figura 20.--Carregador Biheno em marcha.

Nas viagens sertanejas, aos brancos seguiram-se os prêtos, e obtendo, primeiro alguns, depois muitos, um certo crêdito na praça de Benguella, fôram ao Bihé organizar expedições, d'onde partem a procurar a cêra e o marfim nos sertões mais distantes.

Muitos prêtos conhêço eu que negoceiam com um crêdito de 4 e 5 contos de réis, e alguns com mais, como o prêto Chaquingunde, que foi escravo de Silva Porto, que, durante a minha permanencia no Bihé, chegou do sertão, onde tinha negociado por sua conta uma factura de 14 contos de réis!

Não é difficil no Bihé encontrar um branco Portuguez, escapado dos presidios da costa, secretario de um prêto commerciante rico.

Para o Biheno, em questões de viagens de tràfico, nada é impossivel, e tudo lhe parece natural. Se elles soubessem dizer onde t[~e]m estado e descrever o que t[~e]m visto, os geògraphos da Europa não teriam em branco grande parte da carta de África Austral.

O Biheno deixa com o maior desapêgo o lar, e carregado com trinta kilogrammas de fazendas, vai para o sertão, onde se demora 2, 3, e 4 annos, voltando em seguida a casa, onde é recebido com a naturalidade de quem volta de uma viagem de três dias.

Silva Porto, ao passo que se dirigia ao Zambeze, enviava prêtos seus em outras direcções, e negociava ao mesmo tempo no Mucusso, na Lunda e no Luapula.

A fama dos Bihenos tinha chegado longe, e Graça quando intentou a viagem ao Matianvo, foi ali procurar carregadores.

É mui raro que um Biheno deserte da comitiva, e roube algum fardo; o que acontece frequentemente com os Zanzibares.

Além d'isso, os Bihenos t[~e]m outra grande vantagem sôbre os Zanzibares. Ainda que muito dados ao commercio de escravos, não promovem elles mesmos no interior guerras para os haverem; comprando-os a quem os vende, mas nunca tratando de os obter por fôrça. Isto quando em viagem de tràfico sertanejo, que, nas guerras com paizes circunvizinhos, fazem o que podem, e sam dotados de inaudita crueldade.

Os Bihenos, apesar das suas grandes qualidades, coragem e hàbito de viajar, possuem grandes defeitos, e não conhêço em África pôvo mais profundamente viciado, mais abertamente depravado, mais duramente cruel, e mais sagazmente hypòcrita.

Tem esta gente uma certa emulação entre si como viajantes, e muitos conhêço eu que se ufanam de ter ido onde outros não fôram, a que elles chamam *descobrir terras nôvas*. Elles sam educados na vida de caminheiros, e tôdas as comitivas levam innúmeras crianças, que, com cargas proporcionaes ás suas forças, acompanham os pais ou parentes nas mais longinquas correrias; e é por isso que não causa estranheza encontrarmos ali um homem de 25 annos que tenha estado no Matianvo, no Niangué, no Luapula, no Zambeze, e no Mucusso, se elle viajou desde os 9 annos.

Ao homem que chega ao Bihé para seguir em viagem sertaneja, offerecem-se dois meios de obter carregadores. Um é por meio de presentes ao sova e aos potentados, obtel-os, pedindo-os; o outro é anunciar a viagem, e esperar que elles se venham offerecer.

O primero é mau, porque, além do grande dispendio feito com os presentes que é preciso dar ás pessoas a quem se pedem os carregadores, estes sam obrigados a ir, e o que os pedio é responsavel pela vida d'elles para com as familias ou senhores. Além d'isso, as pessoas a quem se pedem, com o intuito de extorquir mais presentes, vam demorando quanto podem a partida, e quando se está na sua dependencia as exigencias crescem.

O segundo meio é bom, porque os que se v[~e]m offerecer sam prêtos livres, v[~e]m por sua vontade, e se algum morre, segundo a lei do paiz, como foi elle que se offereceu, não tem o que o aceitou a menor responsabilidade do facto.

É occasião de falar em Quissongos e Pombeiros. Os carregadores, não só os Bihenos mas sim tôdos em geral, formam grupos pequenos debaixo do commando de um d'elles que é chefe do grupo. Este chefe, desde a costa até a Caquingue chama-se *Quissongo*, e no Bihé e Bailundo *Pombeiro*.

Sam estes Pombeiros que se v[~e]m offerecer, trazendo uns 10, outros mais, outros menos carregadores. Estes grupos sam de differentes naturezas. Uns sam constituídos por parentes que escolhéram um para Pombeiro, e n'estes sam tôdos livres. Outros sam formados por gente livre, que combinam ir debaixo das ordens de um certo Pombeiro em quem t[~e]m confiança. Outros ainda, sam grupos de escravos dos Pombeiros que os commandam.

A obrigação do Pombeiro é vigiar pêla sua gente, e responder por ella ante o chefe da comitiva. Come e dorme com elles, é emfim o cabo de esquadra da caravana.

O Pombeiro não leva carga, mas, em caso de doença ou morte de algum dos seus, substitue-o como carregador temporariamente. Durante a marcha o seu lugar é no couce da comitiva, e logo que um seu carregador se atraza, elle fica para o acompanhar.

O pagamento dos carregadores nunca é feito adiantado, e nas viagens de tràfico regulares é diminutissimo.

Assim, um carregador, para ir do Bihé á Garanganja (Luapula), recebe 12 pannos ou valor de 2400 réis, e na volta uma ponta de marfim escravelho, talvez de 4000 réis, ao tudo 6400 reis, comida á parte, porque o chefe da comitiva tem obrigação de sustentar tôda a sua gente durante a viagem, excepto nos primeiros três dias de sahida do Bihé, para os quaes cada um leva de comer.

Esta regra tem ainda uma excepção. Muitos sertanejos, ao sahirem do Bihé, destinam um certo nùmero de pombeiros para destacarem em caminho, ou no termo da sua viagem, para differentes pontos.

A estes Pombeiros dam um certo nùmero de fazendas, pêlas quaes elles lhes devem trazer um certo producto. Estas fazendas dos Pombeiros que vam traficar livremente, chamam-se *banzos*, e d'ellas comem o Pombeiro e carregadores desde o comêço da jornada. Afora este caso, em tôdos os mais o chefe sustenta Pombeiros e carregadores.

Os Pombeiros não sahem nunca por tempo determinado, e tanto ganham demorando-se pouco como muito. É sabido que os nêgros em África não dam valor ao tempo.

Os costumes Bihenos sam aproximadamente os mesmos de Caquingue, e o contacto com brancos não tem trazido o menor adiantamento a essa gente.

Não t[~e]m a menor idéa de uma religião qualquer, não adoram nem sol, nem lua, nem idolo, e vivem com os seus feitiços e advinhações.

Todavia, parecem acreditar na immortalidade da alma, ou antes no desassocego d'ella em quanto não cumprem certos preceitos ou vinganças em favor do morto.

A forma do governo é monàrchica absoluta, e tem muito do feudalismo.

Cada um é, muitas vêzes, juiz em causa propria, e quando eu falar dos *mucanos* direi como ali se faz justiça.

Os maiores acontecimentos entre os Bihenos sam aquelles que se ligam aos sovas, e sôbre tudo á sua morte e á aclamação do nôvo règulo. Antes porem de descrever estes dois grandes acontecimentos, preciso é falar da sua côrte.

O sova é rodeado de um certo nùmero de sujeitos, a que chamam *Macotas*, que muitos julgam corresponderem aos ministros entre nós, mas que assim não é. Os Macotas formam apenas uma especie de consêlho a que o sova submete sempre as suas deliberações, mas de cuja opinião poucas vêzes faz caso. Sam secúlos e favoritos do sova, e nada mais. Secúlo é o fidalgo, filho de nobre, ou enobrecido pêlo sova.

Muitos secúlos que possuem libatas, dentro d'ellas t[~e]m o tratamento de sovas, e os seus pôvos, quando lhe dirigem a palavra, dizem *Ná côco*, o que quer dizer Vossa Magestade.

Além dos Macotas, ha três prêtos que rodeiam o sova, e que, quando elle dá audiencia, se sentam no chão junto d'elle, e apanham da terra os escarros do regùlo para os irem deitar fora. Ha ainda o que leva a cadeira, e o Bôbo, figura indispensavel em tôdas as côrtes de sova, e mesmo dos secúlos ricos e poderosos. O bôbo tem obrigação de limpar a porta da casa do sova e a rua em tôrno d'ella.

As libatas sam defendidas por uma forte palissada de madeira, quasi sempre coberta de sycòmoros enormes, e dentro

d'ellas uma segunda palissada defende e fecha a morada do sova. Este segundo recinto chama-se o *lombe*. Dados estes esclarecimentos, vamos ver o que se passa pêla morte ou aclamação dos røgulos.

Logo que morre o sova, o acontecimento é sabido dos Macotas, que guardam o maior segrêdo. Dam parte ao pøvo de que o sova está doente e por isso não apparece. O cadaver é deitado na cama, na cubata, e coberto com um panno; isto em Caquingue, porque no Bihé, é dependurado pêlo pescøço ao tecto da cubata.

O cørpo ali jaz até que a putrefacção e os insectos deixam a ossada nua, no paiz de Caquingue; no Bihé, até que a cabeça se separa do corpo.

É então que anunciam a morte do røgulo, e que se procede ao enterro. Os ossos sam metidos em uma pelle de boi e enterrados em uma cubata que existe no Lombe, sarcøphago de tødõs os sovas. A cubata em que apodreceu o cadaver é demolida, e tudo o material é transportado fõra da libata, e abandonado no mato. Será desnecessario dizer, que a morte de um sova é sempre produzida por feitiço, e que um desgraçado paga com a vida, não o feitiço, que não fez, mas a vingança particular de um dos Macotas. Logo que se anuncia a morte do sova, o pøvo sahe furioso, e durante alguns dias, sam roubados tødõs os que passam prøximo da capital, sendo que se apossam das pessøas mesmas, que escravizam para venderem depois.

Os Macotas vam buscar o herdeiro, e acompanham-n-o até á Libata Grande (capital); mas ali elle não entra no Lombe, e fica vivendo na povoação como qualquer do seu pøvo. Em seguida á entrada do herdeiro na Libata, sahem dois bandos de caçadores, um em busca de uma malanca (*Catoblepas taurina*), e outro em procura de uma creatura humana.

Do grupo que vê o antilope, se adianta um caçador que lhe atira, fugindo logo, e sam os outros que lhe vam cortar a cabeça, porque, se fôr o que lhe atirou, é logo assassinado, e nunca pôde dizer que foi elle que o matou.

O bando que procura a creatura humana, apossa-se da primeira que encontra (homem ou mulhér), e arrastando-a para o mato, cortam-lhe a cabeça, que trazem com tudo o cuidado, abandonando o cørpo. Chegados á libata, esperam pêlo bando que foi caçar o antilope; porque mais facil sempre é encontrar e matar um homem do-que encontrar e matar uma malanca.

Reunidas em uma cesta as duas cabeças, a do homem e do antilope, vem o cirurgião, e comêça a fazer *os curativos* precisos para que o nõvo sova possa tomar as redeas do governo, e quando acaba a sua magia, declara que elle pôde entrar no Lombe. Acompanhado dos Macotas, o sova entra no Lombe, no meio de grande grita e muita fuzilaria.

O primeiro passo que dá o sova no seu governo, é escolher entre as suas amantes uma que apresenta como sua mulhér, a qual fica morando com elle, e toma o nome de Ináculo, e o governo caseiro; as outras ficam vivendo no Lombe, mas fõra do recinto do røgulo.

No Bihé, como em tøda a África Austral, está estabelecida a polygamia.

Os crimes no Bihé sam sempre julgados em primeira instancia pêlo lesado, e só se o culpado se não sujeita ao pagamento da multa, é que, algumas vêzes, sobe a causa ao conhecimento do sova, porque em outras a justiça é feita pêlo lesado. A palavra terrivel no Bihé, o vocábulo *Mucano*, não exprime simplesmente o crime, mas designa uma idéa que envolve ao mesmo tempo o crime e o pagamento da multa.

Ali tødõs os crimes sam remiveis a dinheiro, isto é, ao pagamento de multas; e não ha penalidades intermediarias entre a multa e a pena de morte. Se alguém rico søbõre quem pesa um mucano, se recusa a pagar, e o lesado é poderoso, faz presa ao culpado em valor muito superior á multa, ficando a presa em depòsito, para ser vendida, ou ficar pertencendo ao que a fez.

Aquelle que faz uma presa injusta é obrigado pêlo sova á restituição, e a dar um porco ao prejudicado.

Este systema é ázado a roubos, e tødõs os dias apparecem mucanos os mais estupendos.

Um dos mais vulgares é o do adulterio das mulhéres, a quem os maridos mandam que se façam seduzir por este ou aquelle homem que possui alguma cousa, para lhe fazerem depois pagar o mucano. O chefe de uma comitiva é obrigado a pagar os mucanos dos seus prêtos, e responsavel pêlo comportamento d'elles.

Quando um branco responsavel pêlos mucanos dos seus prêtos, tem por seu lado força bastante e se recusa a pagar, elles esperam, ás vêzes, annos até poderem atacar outro branco mais fraco, e fazerem-lhe presas, dizendo-lhe, que é por causa do outro, e que se entenda com elle.

Se o que tève um mucano é fallecido, o desgraçado que vem habitar a sua povoação paga por elle.

O modo por que se *faz justiça* no Bihé, é a causa do grande transtorno que soffre o commercio, e das grandes perdas das casas de Benguella.

Durante a minha estada em casa do Silva Porto, viéram ali uns prêtos que traziam uma gallinha para fazer uns *curativos*, e o hortelão vendo-a disse, que tinha uma muito parecida com ella. Fõram estas palavras objecto de um mucano, em que o hortelão tève de pagar 16 cøvados de algodão ao dono da gallinha.

Logo que chega alguém ao Bihé e traz fazendas, procuram arranjar-lhe innúmeros mucanos, e roubam-lhe assim uma grande parte d'ellas.

Os sertanejos, quando chegam ao Bihé, sam tão defraudados pelos mucanos, que muitas vezes não lhes fica para ir

negociar no interior mais do que a terça-parte das facturas trazidas. Guilherme (o Candimba), pai do Verissimo, a última vez que ali foi em viagem de tráfico, foi obrigado a dar fazendas no valor de 600 mil réis, por um mucano que lhe arranjàram, de um seu prêto ter comprado um bocado de carne de carneiro por três cartuxos de pólvora, e não os ter dado no dia aprasado, mas sim no seguinte, em que já não fôram aceites. Durante a minha estada no Bihé, Silva Porto tève de pagar um mucano de 700 mil réis por uma bagatela ainda maior.

É o mucano, esse roubo infame, porque é legal e autorizado, a causa principal do estôrvo ao commercio, e da decadencia do Bihé.

Foi o mucano que expulsou do Bihé a Silva Porto e aos sertanejos honrados.

Supprima-se o mucano, segure-se o caminho de Benguella, organize-se e legisle-se para as comitivas sertanejas, e dentro em pouco triplicará o commercio de Benguella, e novas fontes de riqueza, atrofiadas hõje pela pouca segurança, virám alimentar as industrias Europeas.

O pôvo do Bihé é ázado a grandes commettimentos. Esmague-se no seu seio a víbora da ignorancia que o corróe; levantem-se esses brutos ignaros á altura de homens, dê-se-lhes uma direcção, e elles caminharám na via do progresso e chegarám onde difficilmente chegará outro pôvo Africano.

Os prêtos d'Àfrica sam como os cavallos de fina raça, quanto mais fogosos e bravos, mais promptamente se tornam doces e obedientes.

Aquelles em que predomina a inercia e a cobardia, difficilmente se poderám civilizar; aos outros não será difficil tarefa trazel-os ao caminho do bem.

Os Bihenos, como tôdos os povos d'esta parte de Àfrica, sam muito dados á embriaguez.

Ali ainda chega a água-ardente, e na falta d'ella fabrica-se muita capata.

A Capata, Quimbombo ou Chimbombo, que lhe chamam de qualquer destes modos, é uma especie de cerveja feita de milho.

Nas terras onde cultivam o lúpulo (*Humulus lupulus*), servem-se das cónicas sementes d'esta trepadeira para confeccionarem a bebida.

Para isso, reduzem as sementes a pó, e misturado este pó com fuba de milho, em uma enorme panella, ferve por espaço de oito ou dez horas em muita água, e logo, retirada do fogo e fria, é a capata, que se bebe immediatamente.

N'este preparado a fermentação acética predomina, e é tão pequena a fermentação alcohòlica, que não embriaga senão em grande quantidade. Como a bebida não é filtrada, fica cheia de farinha em suspensão, e é mais massa muito flúida, do que puramente um liquido. É muito substancial, e ha prêtos que passam um e mais dias sem comer, bebendo só capata.

Nas terras onde não ha lúpulo é este substituído por uma farinha feita de milho em estado de germinação, que elles fazem produzir, já enterrando o milho, já deitando-o em água por alguns dias.

No tempo do mel, fazem produzir na capata uma grande fermentação alcohòlica, addicionando-lhe mel, que no fim de alguns dias está em parte transformado em alcohol.

Esta bebida assim preparada embriaga muito, e tem o nome de Quiassa.

Preparam ali ainda outra bebida que apenas pode considerar-se refresco, mas que é agradável e muito nutriente.

É ella feita com a raiz de uma planta herbàcea, que os meus poucos conhecimentos botânicos não me permitíram classificar, a que os prêtos chamam *imbundi*. Uma forte decocção da raiz do imbundi, depois de fria e de uma ligeira fermentação em uma grande cabaça, e addicionada, a frio, á fuba fervida como para a capata.

A raiz do imbundi contem grande quantidade de materia sacharina.

Esta bebida chama-se Quissangua.

A alimentação do pôvo do Bihé é quasi toda vegetal, e tendo elles poucos gados, que nunca matam para comer, apenas uma ou outra vez comem carne de pôrco, animaes estes que abundam ali no estado domèstico. Creio que fôram introduzidos por Silva Porto. No paiz, muito povoado, escaceia a caça, e a pouca que há sam pequenos antilopes (*Cephalophus mergens*), difficeis de matar por muito esquivos.

Os Bihenos comem toda carne que encontram, e a preferem no estado de putrefacção.

O leão, o chacal, a hyena, o crocodilo, e tôdos os carnívoros, sam para elles finos manjares, mas sôbre tudo o que mais amam sam os cães, que engordam para comerem. Isto talvez provenha da falta de alimentação animal que t[~e]m no seu paiz. Elles não sam positivamente canibaes, mas comem de tempos a tempos um bocado de homem cozido. Preferem os velhos, e um ancião de cabelleira branca é óptimo presente que recebe o sova, ou algum rico século, para um banquete.

Os sovas do Bihé fazem repetidas vezes uma festa, na sua libata, a que chamam a festa do Quissunge, em que sam

immoladas e devoradas 5 pessoas, sendo 1 homem e 4 mulheres, desta sorte:--1 mulher que faça panellas, 1 do primeiro parto, 1 que tenha papeira (é vulgar ali), 1 cesteira, e 1 caçador de côrças.

Presas as vítimas, sam degolladas, e as cabeças lançadas no mato. Os corpos entram de noite para o Lombe da libata grande, onde sam esartejados, e morto um boi, a sua carne é cozida com a carne humana, parte da qual é também fervida na capata; sendo que tudo o que apparecer no banquete deve levar sangue humano. Logo que está prompta a sinistra e repugnante ceia, o sova manda participar que vai começar o Quissunge, e todos os habitantes da povoação correm pressurosos ao festim.

Os Bihenos gostam muito das termites, e destroem as suas habitações para as comerem cruas.

O Biheno é altamente ladrão, e furta sempre que pode algum objecto, logo que está no seu paiz; fóra d'elle, não só se abstem de roubar, mas, como carregador, respeita a carga que lhe confiaram.

Quando uma comitiva acampa no mato, no Bihé, é preciso logo dar parte d'isso ao século dono da terra, mandando-lhe um pequeno presente; sem o que, ficam autorizados os prêtos da povoação vizinha a roubarem quanto possam. Logo que se dá o presente ao dono da terra, é elle o responsável por qualquer roubo que haja.

É também necessario mandar um presente, ou antes um tributo, ao sova; ao que se chama dar a *Quibanda*. Elles nunca ficam satisfeitos, e exigem sempre mais do que se lhes manda.

As libatas ou povoações fortificadas (que todas o sam, desde a costa ao Bihé) t[~e]m as mesmas condições, salvo pequenas modificações, devidas á disposição do terreno. Sam grupos de cubatas feitas de madeiras e cobertas de côlmo, cercadas por uma palissada, que varia entre 2 a 3,5 metros de altura. Esta palissada é formada por estacas de pao-ferro de vinte centímetros de diâmetro, umas apenas cravadas no terreno, outras amarradas com travessas e cascas de leguminosas, e outras amparadas por travessas encaixadas em forquilhas enormes.



Figura 21A.
Palissada Solta.

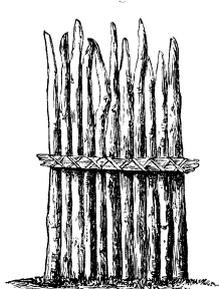


Figura 21B.
Palissada amarrada com
Casca de arvore.

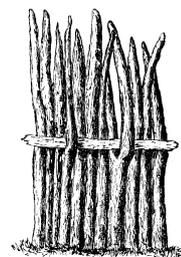


Figura 21C.
Palissada travada
com Forquilhas.

Outra palissada igual á exterior, senão mais forte, rodea o Lombe, ou morada do chefe da povoação. Em muitas vi grupos de casas rodeadas de palissada.

As libatas, e sôbre tudo as antigas, sam cobertas de frondosas àrvores, e estam junto de rio ou ribeiro, sendo que em algumas lhes fazem passar a água por dentro.

Sam quasi todas rectangulares, mas muitas ha ellipticas ou circulares, e outras formando polygonos irregularissimos. Não ha a menor ordem nas construcções, e em geral é a disposição do terreno que as determina.

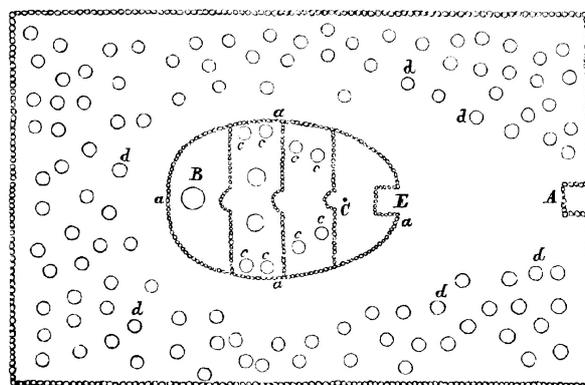


Figura 22.--Planta de uma Libata de gentio no Bihé.

A. Entrada.

B. Cubata onde se enterram os sovas.

C. Trophéu de cornos.

c c c. Casas das amantes do sova. O O. Casa do sova. a a a. Lombe ou morada do sova. d d d. Casas dos prêtos.



Figura 22C.--Trophéu de Cornos de caça, em quasi todas as libatas.

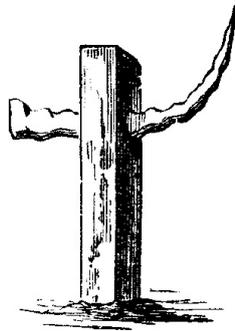


Figura 23.--Fora da porta das libatas ha isto.

As povoações sam fortificadas com o receio dos ataques do homem, que feras não abundam muito no paiz, e não é mesmo isso necessario para feras, porque no interior, onde as ha em bandos, as povoações sam abertas.

As guerras dos prêtos ali sam, a maior parte das vezes, sem causa, e basta a riqueza de um pôvo para que elle seja atacado.

Sam verdadeiros ataques de salteadores.

Logo que um règulo decide ir fazer a guerra a outro, ou a um pôvo qualquer, manda emissarios seus aos sovas e secúlos circumvizinhos, convidando-os a tomar parte na campanha, e estes, como na Europa no tempo do Feudalismo, sahem com os seus guerreiros a reunirem-se ao que os convoca.

Alguns povos fazem periòdica e systemàticamente a guerra, e no Nano, por exemplo, vam, de tres em tres annos, roubar os gados ao Mulondo, Camba e Quillengues, e dizem, que estes povos criam gados para elles, e sam os seus pastores.

Uma circumstancia muito notavel das guerras n'esta parte de África, é a de ser sempre vencedor o que ataca.

Ha excepções, mas muito raras.

Uma das excepções foi o ataque dirigido por Quillemo, o actual sova do Bihé, contra o paiz de Caquingue, em que os Bihenos fôram derrotados pelos Gonzellos, e em que o proprio sova Quillemo foi prisioneiro do sova de Caquingue, onde seria degollado, se por elle não pagassem um grande resgate Silva Porto e Guilherme José Gonçalves (o Candimba).

Nas guerras entre os povos d'estes paizes, pode contar-se, que apenas um quinto dos combatentes sam armados de espingardas, e os outros 4-quintos de arcos e frechas, machadinhas e azagaias. Dizem, que uma guerra vai muito poderosa e forte, quando leva trinta tiros por espingarda. As armas de que usam sam as chamadas no commercio Lazarinas, sam muito compridas, de pequeno adarme, e de silex. Estas armas sam fabricadas na Bèlgica, e tiram o seu nome de um cèlebre armeiro Portuguez que viveu na cidade de Braga, no principio d'este sèculo, cujos trabalhos chegáram a adquirir grande fama, em Portugal e Colonias. Nas armas fabricadas na Bèlgica para os prêtos, que sam uma imitação grosseira dos perfeitos trabalhos do armeiro Portuguez, lê-se nos canos o nome d'elle--Lazaro--Lazarino, natural de Braga.

Os Bihenos não usam balas de chumbo, que sam, dizem elles, muito pesadas, e fabricam-n-as de ferro forjado. Os cartuxos, que elles fabricam tambem, levam 15 grammas de pòlvora, e t[~e]m 22 centimetros de comprido.

As balas de ferro sam de diâmetro muito inferior ao adarme, pesando apenas 6 a 7 grammas. Como sam forjadas, sam mais polyedros irregulares do que esferas.

As armas assim carregadas, de nenhuma precisão, como se pode bem julgar, t[~e]m um alcance de cem metros apenas.

O alcance da frecha é de 50 a 60 metros, mas a grosseira precisão do tiro de frecha, entre os prêtos, não vai além de 25 a 30 metros. As azagaias sam todas de ferro, curtas e ornadas de pello de carneiro ou de cabra, não sam de arremêso, e o Biheno em combate nunca as deixa da mão.

Talvez haja reparo em eu escrever *pello* de carneiro, mas cabe dizer, já que falei n'isso, que os carneiros ali não t[~e]m lâ. Existem no paiz duas differentes especies, que os prêtos em Hambundo designam pelos nomes de Ongue e Omême. O ongue tem um pello grosso e curto; e o omême, que tem o pello mais longo, differe muito da lâ.

Estes carneiros, de raças exòticas, degeneráram de certo por effeito do clima e das pastagens. T[~e]m os Bihenos cabras de uma raça muito inferior, e o seu gado bovino é pouco, e de raça muito pequena e fraca. As gallinhas abundam, mas, sam, como todos os animaes domèsticos no Bihé, de pequeno corpo.

Deixo aqui o que nos meus apontamentos encontrei de mais curioso a respeito d'este paiz, cujas posições e condições climatèricas se encontrarám em um capitulo especial; e retomo o meu diario no dia 14 de Abril de 1878.

As últimas chuvas tinham cahido das 6 ás 9 da noite do dia primeiro de Abril, produzindo apenas 17 milímetros d'água, o que mostra terem sido já muito fracas. O tempo estava esplêndido, e alguns cirrus alvissimos que em seguida ás chuvas tinham pairado nos ares a enorme altura, desapparecêram, para deixar logar a um firmamento limpido, esclarecido de dia por um sol brilhante, e á noite constellado d'estrellas, que dardejavam sôbre a terra escura d'África essa luz melancòlica e scintillante, que ellas só t[~e]m nas regiões tropicaes.

Era o bom tempo de viajar, era já o dia 14 de Abril, e eu estava ainda no Bihé!

Eram 14 de Abril, e eu não partia, porque ainda não tinham chegado as fazendas e as cargas que deixámos em Benguella, em Novembro de 1877, isto é, uma grande parte d'ellas, que outras tinham chegado em principio de Março. Esta demora estava sendo de grande prejuizo para mim. Dos sete fardos de fazendas que me deixáram Capello e Ivens, quatro tinham sido gastos, com a sustentação da minha gente de Benguella e com a minha.

Ainda não tinha dado presente ao sova, que teimava em m'o pedir, e comecei a ver um sombrio futuro na minha empresa.

Reduzi as minhas despesas pessoases, e por isso tive de dispor de duas horas por dia para caçar. Na falta de caça grossa, tinha, na margem esquerda do rio Cuito, nas terras cultivadas de Silva Porto, muitas perdizes.

Chamei-lhe a minha capoeira, e todos os dias ia ali matar uma ou duas, não excedendo nunca esse nùmero para não destruir a provisão. Semelhante ao jogador que faz da banca meio de vida, e que sopeando os impulsos do vicio, se levanta com um pequeno ganho que lhe assegura a sustentação diaria; assim eu, contendo os instinctos de caçador, deixei muitas vezes a caça que podia matar; fazendo sôbre mim supremo esforço, para não proseguir n'um prazer, que destruiria ao mesmo tempo as munições pouco abundantes, e a caça necessaria ao meu sustento futuro.

Não eram só as bandas de perdizes dos campos de Silva Porto que forneciam um prato á minha modesta mesa. Centenares de rolas Africanas, esvoaçavam continuamente sôbre as àrvores das margens do Cuito, e vinham beber ao rio de manhã e de tarde. Os meus muleques pequenos, por meio de armadilhas caçavam algumas, que vinham figurar na minha mesa a par das perdizes e de um prato de massa, feita com farinha de milho cozida em água, que me servia de pão.

Assim pude reduzir a minha despesa, que era pêlo menos de quatro jardas de algodão branco por dia, custo de duas gallinhas.

A demora e com ella o decrescimento ràpido dos meus recursos, fez modificar o meu plano de viajar. O *mucano* aterrava-me, e se eu tivesse de pagar algum, ficava impossibilitado de sahir do Bihé. A demora da minha gente, tinha, com a ociosidade, feito despertar n'elles os vicios adormecidos pelas fadigas e pelos trabalhos da jornada.

O perigo pairava sôbre mim, e estava suspenso por um fio, como a espada sôbre a cabeça de Damocles. Resolvi, depois de muito cogitar, colocar-me em circumstancias de ter a força de meu lado, e de defender a tódo o trance a minha propriedade.

Para isso precisava armar-me, e depois de ter armas precisava ainda de munições de guerra. Eu tinha 10 carabinas Snider, que me tinham dado Capello e Ivens; pude obter mais 11 das deixadas por Cameron no fim da sua viagem, e para estas armas tinha quatro mil cartuxos. Além d'estas, possuia umas 20 espingardas de silex, das últimas d'esse systema usadas pelos exércitos na Europa. Para estas não tinha munições. Fiz correr a noticia de que comprava tôdas as armas inutilizadas que me trouxessem. Principiáram a affluir ellas, e eu ia comprando as que poderia concertar, o que me não era difficil, por ter aprendido o officio de serralheiro e espingardeiro, com meu pai, que é habil artifice, e que ainda hõje emprega as horas de òcio trabalhando na sua officina, mais bem montada que as d'aquelles que as t[~e]m por profissão. Lembra-me aqui uma anecdotia engraçada. Um dia, entra na nossa quinta do Douro um cavalheiro que ia procurar meu pai, e ouvindo um martellar estridente n'uma casa pròxima á de habitação, dirigio-se para ali. Era uma vasta forja, onde dois homens, de tamancos nos pés, carapuças vermelhas na cabeça, largos aventaes de couro pendentes do pescôco e justos á cintura, a cara e mãos negras do carvão e do ferro, estendiam em enorme bigorna uma grossa barra, que projectava em todas as direcções chispas ardentes, ao bater cadenciado de dois pesados martellos, puxados por braços nus até ao cotovelo.

O cavalheiro parou á porta e perguntou: "¿O Senhor Doutor está em casa?" Meu pai, que era elle um dos ferreiros, respondeu-lhe com uma pergunta: "¿Que lhe quer o Senhor?"

O cavalheiro, que não era de genio brando, não gostou da pergunta do ferreiro, que tomou por insolencia, e respondeu pouco convenientemente, dizendo, que vinha procurar sua Excellencia, e que não admittia que um ferreiro que trabalhava em sua casa respondesse com perguntas a elle.

Meu pai quiz explicar o caso, dizendo, que o ferreiro e o Doutor eram a mesma pessoa, o que mais fez exasperar o seu interlocutor, que julgou lhe juntavam a zombaria á insolencia. Ambos de genio irritavel, iam ter uma desagradavel contenda, quando o outro ferreiro, que era eu, entreveio e fez cessar a guerilha; dando o visitante as suas desculpas logo que se convenceu da nossa identidade.

Esta pequena circumstancia de ter aprendido um officio, servio-me de grande auxilio, e foi um dos pequenos ribeiros que veio engrossar o rio dos felizes resultados da minha tentativa.

Assim, pois, mais um trabalho se veio juntar ao meu incessante labutar de tódos os dias, e dentro em pouco pude aproveitar umas vinte-e-cinco espingardas que o gentio julgava inutilizadas.

Faltavam as munições, e era preciso fazel-as. Em casa de Silva Porto encontrei uma colecção completa da *Gazeta de Portugal*, e n'ella o papel necessario aos cartuxos. Nas cargas que esperava de Benguella devia vir muita pólvora, e por isso apenas me faltavam as balas. Obter chumbo era impossivel, e decidi logo fazer balas de ferro forjado. Faltava o ferro é verdade, mas esse era possivel obter-se.

Annunciei que comprava tódo o ferro velho que me trouxessem, e não tardou a apparecer grande quantidade de enxadas inutilizadas, e sôbre tudo de arcos de barris de àgua-ardente. Só suspendi a compra de ferro quando tinha uns duzentos kilogrammas.

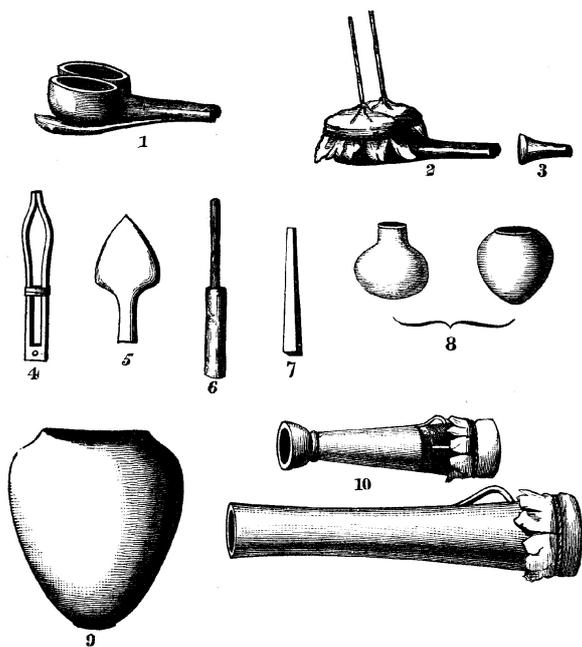
Mandei chamar 4 ferreiros do paiz, estabeleci duas forjas indigenas no pateo interior, com grande escândalo da prêta Rosa, administradora da povoação de Belmonte, e em quanto, fora da libata, os meus prêtos faziam carvão queimando os restos de uma paliçada de pao ferro, de uma libata abandonada, começou no pateo um forjar contínuo.

O primeiro trabalho a fazer era reduzir tódo aquelle ferro a varão cylindrico do diâmetro das balas. Os ferreiros haviam-se com grande destreza. Dobravam os arcos em molhos de 20 centímetros de comprido por 4 de espessura, e levando-os ao rubro, mergulhavam-n-os em uma massa de calixa e àgua. Depois de frios voltavam á forja, e chegados á tempera da fusão eram facilmente caldeados, tornando-se em massa única e homogênea. Depois d'isso o trabalho era facil.

A compra das armas e do ferro tinha deminuido consideravelmente o meu haver.

Eu não possuia missangas, porque um sacco que me mandáram os meus companheiros não tinha curso nos sertões para onde me dirigia. Tratei de procurar alguma no Bihé, e pude comprar aos prêtos aqui e àlém uma pequena porção, que me fez a carga de um homem.

Esta compra veio dar um nôvo golpe na minha fazenda de algodão, e por 17 de Abril, possuia apenas um fardo.



1. Folle.
2. Folle preparado para servir.
3. Bocal de barro em contacto com a chama.
4. Tenaz.
5. Martello grante.
6. Um bocado de cano de espingarda encabado em páo que serve ao ferreiro para levar ao lume pequenas peças.
7. Martello pequeno.
8. Panellas de cozinha.
9. Panella para capata.
10. Tambores dos batúques.

Figura 24.--Objectos fabricados por Bihenos.

Sentia desde a minha chegada ao Bihé uma grande falta, e era ella a de um despertador. Foi olvido que me custou no correr da viagem muitos incòmmodos e algumas febres. Sempre que tinha de fazer observações depois da meia noite, tinha de estar acordado até á hora precisa; e asseguro que é triste passar uma noite a lutar com o sono, sem luz, e por isso sem nada poder fazer para matar o tempo.

No dia 19, o Ivens veio ver-me, e causou-me funda impressão o seu estado.

Estava muito magro, de uma palidez cadavèrica, e accusava nas feições um soffrimento constante. Eu pedi-lhe para vir jantar comigo no dia immediato, que era o dia dos meus annos. Elle disse-me, que talvez não podesse vir pêlo seu estado de saude.

Dois dias depois, fui ao acampamento dos meus companheiros pagar a visita ao Ivens. Capello estava ausente, pois tinha ido determinar a posição da nascente do Cuanza.

No dia 25, tinha eu dez mil balas, ou antes dez mil bocados de ferro, toscamente forjados, com pertenções a terem uma forma esphèrica. Era o que me bastava, e despedi os ferreiros. N'esse dia chegarão os primeiros Bailundos com as cargas de Benguella, e nos seguintes dias fôram apparecendo novas levas com cargas. Estes Bailundos eram insolentes, e iam fazendo uma grande desordem em Belmonte, que teria tomado sèrias proporções se eu não interviesse. Tirei das cargas 10 fardos de fazenda, três barris de àgua-ardente, e dois saccos de caurim.

Faltava-me a pòlvora e o sal, que tinham ficado atraz.

Tratei logo de mandar o presente ao sova, e de me preparar para partir, porque, tendo os cartuxos promptos e embalados, em dois ou três dias os carregaria de pòlvora. Mandeí emissarios a reunir os carregadores, que tôdos estavam justos e promptos.

No dia 29 de Abril, os prêtos de Silva Porto fizêram-me um pequeno furto, e eu zanguiei-me muito com elles, e ameacei-os de os mandar para Benguella. Elles, para entrarem nas minhas boas graças, viêram denunciar-me, que sabiam onde estavam 4 espingardas que tinham sido roubadas á expedição no caminho de Benguella. Uma d'ellas fôra furtada pelo S^{nr.} Magalhães, dono da povoação onde primeiro estive no Bihé.

Pude havel-as todas.

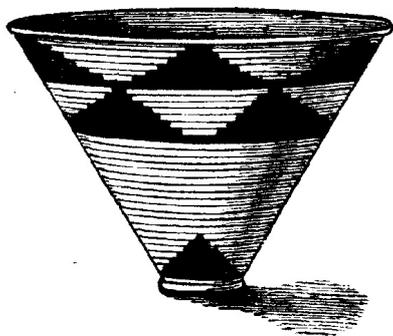


Figura 25A.
Quinda, cesta de palha que não deixa passar a àgua.

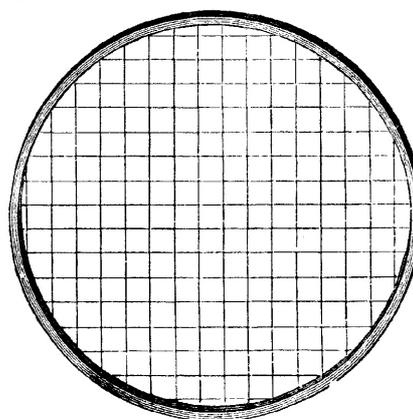


Figura 25B.
Peneiro para seccar a Farinha (fuba).

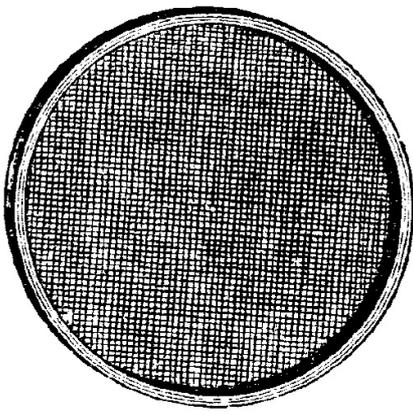


Figura 25C.
Peneiro de penejar.

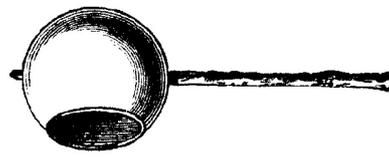


Figura 25D.
Cabaça para tirar Água a capata.

A esse tempo eu mal tinha ocasião de comer. Arranjava as cargas, e era preciso estar presente a tudo, para não ser roubado, porque tôdos os prêtos, os de Silva Porto e os meus, eram uma quadrilha de ladrões.

Havia uma excepção, uma única. Era o meu prêto Augusto, que me deu sempre prova da maior fidelidade.

Quando contratei os carregadores em Benguella, contratei entre elles o Augusto, de quem nunca fiz caso, porque elle se não distinguia dos outros, a não ser talvez por ser um pouco mais dado a embriaguez.

Na distribuição das armas, os prêtos fizéram repugnancia em receber as de Snider, e só o Augusto me pedio logo uma. Foi a primeira vez que attentei n'elle. Um dia, no Dombe, fiz um exercicio ao alvo, e vi que elle era um soffrivel atirador. Depois, em Quillengues, sube, que elle dissera entre os prêtos, que me não deixaria nunca, e como, pêla sua força herculea, e pêla sua coragem, elle tinha tomado um grande ascendente sôbre os outros prêtos, chamei-o a mim.

Ao tempo em que vai a minha narrativa elle tinha subido de posição, e de simples carregador, estava chefe da comitiva.

Alguns eram seus amigos, outros respeitavam-n-o, e muitos temiam-n-o.

Augusto é o melhor prêto que eu tenho encontrado em África; mas ninguem é perfeito n'este mundo, e Augusto não quer ser excepção á regra. Entre os seus defeitos avulta um, que eu sou propenso a desculpar, e que sendo um grande defeito em viajero Africano, fora d'ali poderia passar por virtude.

Augusto é louco pêlo bello sexo.

Forte como um búfalo, corajoso como um leão, entende que deve protecção e apoio ás creaturas frageis que encontra no seu caminho.

Já não tinham conta as suas aventuras galantes desde Benguella ao Bihé. Casado em Benguella, casou de nôvo no Dombe, em Quillengues, Caconda, no Huambo, e desde a sua chegada ao Bihé, já tinha feito ali três ou quatro casamentos. É um verdadeiro D. Juan de côr prêta.

Obediente em tudo o mais, desprezava completamente as minhas admoestações n'esta parte.

Um dia, como as queixas das mulhéres fossem muitas, chamei-o e reprehendi-o severamente, ameaçando de o abandonar se elle continuasse. Chorou muito, lançou-se de joêlhos aos meus pés, fez mil protestos de emenda, e pedio-me para lhe dar uma peça de fazenda, que com isso iria contentar as mulhéres, e só ficaria com Marcolina, a sua mulhér de Benguella.

Dei-lhe a peça de pano, e fiquei satisfeito de tão sincero arrependimento.



Figura 26.--Uma Casquilha do Bihé.

Na tarde d'esse dia, ouvi grande batuque para um canto da povoação, e cantos e festas que anunciavam um acontecimento desusado.

Tive curiosidade de saber o que era, e mandei alguém a ver. ¡Qual não é o meu espanto, sabendo que o Augusto festejava o seu nôvo casamento com uma rapariga da libata de Jamba!

Vi que o furor de casar-se era superior ás suas forças, e decidi não mais me importar com os seus negocios galantes, mesmo porque elle não compromettia ninguem, e casava sempre legalmente.

Estávamos a dois de Maio, e ainda não tinha podido reunir os carregadores, e ainda não tinham chegado do Bailundo, nem a pòlvora nem o sal vindos de Benguella.

O Verissimo andava por lá reunindo a gente; mas ainda nem um só se tinha apresentado.

Na manhã do dia três, estando eu em casa, ouvi fora da porta os acordes de uma rabeca, onde se tocavam arias muito melodiosas, coisa mui differente da mùsica monòtona dos prêtos.

Mandei chamar o menestrel, e appareceu-me um prêto alto e magro, quasi nu, de physionomia triste e expressiva.

Tocava em uma rabeca fabricada por elle, que dava sons tam melodiosos e fortes como o melhor Stradivarius. Este instrumento, mui semelhante em forma ás nossas rabecas, era cavado em uma só peça de pao, que formava a caixa e o braço, sendo o tampo de uma tabua fina da mesma madeira.

Tinha tres cordas de tripa, fabricadas pêlo mùsico, e o arco era guarnecido de duas cordas iguaes, em lugar de clina.

Era de certo uma imitação das rabecas da Europa, e não um instrumento primitivo.

A madeira de que era feita chama-se no paiz *Bóle*, e abunda nas matas da Àfrica de Oeste. Não seria talvez para desprezar o ensaio d'esta madeira na fabricação de instrumentos de corda.

O bàrbaro mùsico cantou uma aria em meu louvor, a *mezzo petto*, com voz muito agradável, acompanhando-se na tósca mas harmoniosa rabeca. Foi muito applaudido pelos prêtos que tinha attraído em volta de si, e eu mesmo gostei d'aquella mùsica original.

Chegáram á libata uns prêtos do sertão do Andulo, que vinham vender tabaco muito bom, que n'aquelle paiz cultivam em quantidade. É este tabaco do Andulo que os Bihenos compram e mandam para Benguella, vendendo-o ali com o nome de tabaco do Bihé.

Eu comprei grande provisão, e calculei que me ficou por 500 réis o kilogramma.

Os preços dos differentes gêneros no Bihé não sam aquelles que me t[~e]m forçado a pagar, e sam os seguintes:

Uma gallinha, uma jarda de fazenda de algodão; seis ovos, uma jarda; um cabrito de dois annos, oito jardas; um porco de 5 a 6 arrobas (75 a 90 kilogrammas), uma peça de algodão branco e outra de zuarte; o alqueire de farinha de milho, duas jardas; o de farinha de mandioca ou de feijão, três jardas. Isto sam jardas de fazendas das mais ordinarias, cujo preço no Bihé não se dêve calcular superior a 200 réis.

Uma jarda de fazenda chama-se no Bihé um *Pano*, 2 jardas uma *Béca*, 4 jardas um *Lençol*, 8 jardas uma *Quirana*.

As fazendas de negocio proprias para o Bihé e sertões explorados pelos Bihenos, sam, algodão branco, zuarte, zuarte pintado, lenços de zuarte pintado, lenços finos, lenços cangengos, fazendas de lei e riscados, tudo da mais inferior qualidade.

As peças de algodão branco tem 28 jardas umas, e outras de melhor qualidade 30. Os zuartes e riscados 18 jardas, os

lenços pintados 8 jardas, os lenços cangengos 6, e a fazenda de lei 12 jardas.

As fazendas boas sam muito inconvenientes ao viajante que percorre esta parte de África, porque, não tendo muito mais importancia para o gentio, sam consideravelmente mais pesadas.

Eu tinha dois fardos de fazenda que tinha preparado ali, cada um dos quaes continha 624 jardas, e os outros, de algodão fino, t[~e]m apenas 180 jardas, e sam mais pesados.[4]

Já se deduz d'aqui a inconveniencia das fazendas de bôa qualidade, que àlém de ser grande o seu custo, é grande tambem a difficuldade do seu transporte, pois que três homens carregam d'ellas tanto quanto um carrega de fazenda ordinaria.

E sôbre tudo para o viajante explorador, como o seu dispender de fazenda é em trôco de alimento, tantas jardas de fazenda bôa tem de dar por um objecto, como de jardas de má fazenda dará pelo mesmo objecto.

O algodão branco de inferior qualidade e o zuarte sam o melhor dinheiro que pode levar o viajante n'aquellas paragens.

Nas missangas já se não dá o mesmo caso, e a que é moda aqui, não é recebida àlém, ás vezes em pontos pouco distantes, por ex.: no Bailundo querem muito a missanga preta, que já no Bihé não tem curso.

Ha contudo uma missanga que é quasi geralmente bem recebida em toda a África Austral. É ella uma missanga miuda encarnada, de ôlho branco, a que no commercio em Benguella dam o nome de Maria 2^a.

O buzio miudo (caurim) serve àlém Cuanza até ao Zambeze, mas o graüdo não é recebido.

O arame de latão ou de cobre vermelho é estimado para manilhas; mas, n'estas paragens, não dêve ter mais de 3 a 5 milímetros de espessura.

Os barretes vermelhos, sapatos de liga, fardas de soldados, etc., sam frandulagens, que, sendo muito estimados presentes para sovas e secúlos, sam pèssima moeda.

Os cobertores, e sôbre tudo aquelles vistosos que na Europa usamos para embrulhar as pernas em viagem, sam muito cubiçados do gentio; estando porem no caso das fardas e barretes, que, sendo óptimo presente, não sam bôa moeda.

Os realejos, caixas de música, e outros objectos d'este gènero, estam no mesmo caso.

Prestigiações, sortes de physica e chímica, produzem certa impressão no gentio, mas não tanta como se julga na Europa. Não comprehendendo as causas que determinam certos phenòmenos, lançam a cousa á conta de feitiçaria, com que explicam tudo que não sabem explicar de outro modo.

Ás vezes até podem ser contraproducentes, e prejudicarem aquelle que as fizér.

De tudo o que eu vi fazer impressão em pretos, aquillo que mais os admira é verem um bom atirador.

Mêtta qualquer, diante de um ajuntamento de pretos, 6 balas em alvo pequeno e distante, corte o pequeno fruto de uma árvore, mate um passarinho, e fique certo de que ganha logo a maior consideração, e será objecto das conversações por muito tempo.

A este respeito vou narrar um factó que se deu na libata, comigo. Um dia, um cirurgião Biheno appareceu ali trazendo um remedio que era preservativo contra as balas, áquelle que o tomasse.

Isto é crença geral entre Bihenos, e muitos ha que gastam tudo o que t[~e]m para adquirirem aquelle abençoado remedio, que os torna mais invulneraveis do que Achilles, porque nem mesmo lhes deixa a possibilidade de receberem a morte por um calcanhar.

Um mestiço civilizado, e educado em Benguella, encontrei eu, que se ria de mim quando eu lhe dizia que se lhe desse um tiro furava-o de lado a lado, apesar do remedio contra as balas de que elle fazia uso.

Mas vamos ao conto. O cirurgião Biheno trazia uma panellinha de meio litro cheia do precioso preservativo, e apregoava que aquelle que o tomasse seria depois tão invulneravel como o era a panella que continha o liquido, panella a que tôdo o mundo, no seu dizer, tinha atirado sem que as balas lhe fizessem o menor damno. Quiz elle dar ao público uma prova irrefutavel, e desafiou-me de atirar á panella; tendo previamente o cuidado de me marcar a distancia (uns 80 passos) a que elle julgava ser impossivel acertar em tão pequeno alvo.

Tomei a carabina, atirei, e fiz a panella em cacos, derramando-se o precioso licor.

Nunca vi applaudir mais phreneticamente alguem, do que eu fui applaudido então pêlo gentio entusiasmado.

O pobre cirurgião foi completamente corrido no meio de geral assuada.

Este pobre homem foi ali buscar o seu descrèdito.

Os melhores atiradores do sertão sam grandes mediocridades, e sam bem mais para temer pretos de frecha e azagaia,

do que de arma carregada.

O Verissimo partio a reunir os carregadores, voltando a 5 de Maio com alguns, e dizendo que outros chegariam no dia seguinte.

N'esse dia recebi cartas e cargas de Benguella, enviadas para mim por Pereira de Mello e Silva Porto.

Fizéram-me uma tal impressão aquellas cartas, que no meu diario escrevi então, na cabeça do capitulo em que falo do Bihé, aquelles dous nomes, e hõje ainda os conservo, como preito e homenagem áquelles dous cavalheiros.

Enviava-me Pereira de Mello 16 espingardas, 30 kilogramas de sabão, um relógio e uma carga de sal, tudo objectos de subido valor para mim.

Não é todavia esta valiosa remessa que me dictou a immensa gratidão para com o governador de Benguella; foi a sua carta e fõram as expressões dos seus sentimentos a meu respeito.

Dizia-me o Governador, que não hesitasse em seguir a minha viagem, que contasse com todo o apoio que elle me podia dar como autoridade, e se acaso ordens superiores coarctassem o Governador, que podia contar com o homem, com Pereira de Mello.

Dizia-me elle, que não tinha recebido de superior autoridade ordem alguma para não me fornecer os meios de que eu carecesse; mas que, se tal ordem viesse a receber, elle e os negociantes de Benguella estavam promptos a enviar-me tudo o que eu pedisse.

Vinha depois a carta de Silva Porto, que não menos valiosa era.

Dizia-me o velho sertanejo, que não partisse sem recursos. Que requisitasse para Benguella o que eu julgasse necessario, e que elle se encarregaria de me fazer chegar ao Bihé aquillo que eu pedisse.

Terminava o honrado ancião por estas palavras: "Estou velho, mas rijo e forte; se o meu amigo se vir n'um d'esses trances, vulgares no sertão, em que a esperança se perde, sustente-se no ponto em que estiver, e dê tudo ao gentio para me fazer chegar ás mãos uma carta sua. Não hesite em o fazer, e tenha esperança; porque no mais curto espaço possivel eu serei com-sigo, e comigo irám todos os recursos, todos os socorros. Sabe que eu não uso fazer offerecimentos vãos, quando precisar escreva, e eu irei logo."

A estas palavras não preciso eu de fazer commentarios, e nem mesmo aqui lhe juntarei uma palavra de agradecimento, que seria ridicula.

Aquella remessa que recebi de Benguella foi-me trazida por um irmão do Verissimo, Joaquim Guilherme, que me disse deverem chegar no dia seguinte o resto das cargas da expedição, e com ellas a pólvora por que eu almejava.

Como sempre que chegava um portador de Benguella, Joaquim Gonçalves trazia-me uma lembrança de Antonio Ferreira Marques.

Eram sempre alguns regalos para a pobre mesa do sertanejo.

Chegou finalmente o 6 de Maio, e começou logo grande tarefa de encher cartuxos, porque de manhã recebi a pólvora.

Durante 4 dias empreguei entre 36 e 40 homens no encher dos cartuxos, que estavam promptos, e só era deitar-lhes pólvora e dobral-os.

Ficou tudo prompto a 10 de Maio, e no dia 11 tinha eu reunidos todos os carregadores prompto a seguir no dia immediato. Fiz a distribuição das cargas, e dei as ordens para a partida.

Na manhã de 12, quando esperava pôr-me a caminho, vejo que só tinha uns trinta homens, tendo fugido todos os outros.

Sube então, que na tarde da vèspera, tinha andado o prêto Muene-hombo de Silva Porto, com uns pretos desconhecidos, dizendo aos Bihenos, que eu os queria levar para o mar, e que aquelles que fossem comigo não voltariam mais, porque eu os venderia.

O prêto Muene-hombo fugira com os Bihenos, e d'elle não havia mais noticia.

Esta nova deu-me um profundo golpe de desânimo.

Os carregadores, que eu a tanto custo tinha reunido, que eu com trabalho imenso tinha contratado, a quem fõra preciso desfazer uma a uma todas as apreensões que tinham contra a minha empresa, fugiam-me, convictos de que eu os ia encaminhar á perdição.

Era um golpe terrivel.

Breve se espalharia no Bihé a noticia do facto; breve se arreigaria entre os pretos aquella convicção, mal destruida pelos meus reïterados argumentos, e então seria impossivel obter um só carregador mais.

Quasi desanimei.

Pela primeira vez, depois que em Lisboa tinha pensado em ser explorador, entrou no meu ànimo o desalento.

Eu sabia que lutar com uma convicção de pretos era baldado esforço.

¿Quem seria aquelle que levou o prêto Muene-hombo a trair-me?

¿Quem seriam os pretos que com elle estiveram na libata no dia anterior?

¿Qual seria a mão occulta que moveu aquella intriga?

Fazia a mim mesmo estas perguntas, ás quaes, nem então nem depois, encontrei resposta que fosse além de suspeita muito vaga.

Perdi a esperança, e fiquei possuido de um verdadeiro desalento.

Meditei todo o dia, e veio o pensamento de voltar a Benguella, mas de repente lembrou-me a carta de Silva Porto recebida dias antes, e lembrou-me a carta de Pereira de Mello em que me dizia "Avante!"

¿Porque não aceitaria eu o offercimento de Silva Porto? Se elle viesse ao Bihé elle me obteria carregadores.

Decidi escrever-lhe no dia seguinte, e esta idéa tranquilizou um pouco o meu ànimo alquebrado.

Com a noute veio a reflexão, e eu escudado no último recurso, o pedir o auxilio do velho sertanejo, resolvi já forte com aquelle apoio, trabalhar, lutar ainda, antes de recorrer a elle.

Na madrugada de 13, fiz marchar o Verissimo e alguns pretos de confiança do Silva Porto a procurarem contratar nova gente.

Voltáram elles dando-me algumas esperanças, e então começou de nôvo o trabalho de organizar nova comitiva, trabalho mais difficil então do que antes.

Aconselháram-me sahir de Belmonte e ir acampar no mato a alguma distancia; porque me diziam, que uma comitiva em marcha, despertava nos Bihenos vontade de se alistar n'ella.

A 22 de Maio já eu tinha podido obter alguns carregadores, ainda que poucos, e resolvi com os meus Quimbares, aquelles carregadores e gente de ganho, seguir no dia 23 para um acampamento, idéa que levei a effeito indo estabelecer o campo nas matas do Cabir.

N'esse dia ao escurecer, appareceram uns 11 carregadores trazidos por um prêto Antonio, homem já velho, natural de Pungo Andongo, que estivera ao serviço de dois sertanejos de nomeada, Luiz Albino, e Guilherme Gonçalves.

Durante a noute houve muito frio, forçando-nos a passar a maior parte d'ella despertos junto ás fogueiras.

O soveta de Cabir veio visitar-me no dia immediato, trazendo-me um pôrco de presente, que eu retribui, ficando nós nos melhores termos.

Emprestou-me elle alguns pilões, e mandou mulhéres para fazerem farinha de milho.



Figura 27.--Mulhéres do Bihé pisando Milho.

Indo agradecer-lhe á sua povoação, passei pelas plantações, onde andavam algumas mulhéres cavando, completamente curvadas, empunhando as enxadas pelos seus dous cabos.

De volta ao acampamento, encontrei um prêto dos de Nôvo Redondo, que não tinha podido seguir com Capello e Ivens, pêlo seu estado de saude. Não se sustinha em pé, e uma ardente febre o devorava.

Vi que o seu estado era melindroso e que pouco poderia viver; mas elle pediu-me que o não abandonasse, e eu agasalhei-o no campo, entregando-o aos cuidados do doutor Chacaiombe.

Veio visitar-me Tiberio José Coimbra, filho do Coimbra, Major do Bihé, o qual me obtêve alguns carregadores de gente da sua povoação.

N'esse dia appareceram mais uns 12 carregadores com que eu já não contava, e eram capitaneados pelo prêto Chaquiçonde, irmão da mãe de Verissimo.

Ia renascendo a esperança, e de nôvo se ia organizando a nova comitiva.

Resolvi partir no dia 27, e ir acampar junto da casa de José Alves, com esperança de completar ali o número de gente que carecia. Obtive do soveta de Cabir alguns homens para me transportarem as cargas que não tinham carregador, e tambem 4 homens e uma maca para o doente de Nôvo Redondo.

Pude seguir no dia marcado, parando, meia hora depois de ter sahido, na povoação de Cuionja, de Tiberio José Coimbra, onde me esperava um ótimo almôço, com ótimo chá. Até havia guardanapos!

Depois de duas horas que ali me demorei, segui avante, chegando á povoação de Caquenha, com 4 horas de caminho.

Ali parei para ver o velho Domingos Chacahanga, dono da povoação.

Este Chacahanga, antigo escravo de Silva Porto, fôra o chefe da cèlebre expedição que Silva Porto mandou do Bihé a Moçambique, e que conseguiu alcançar Cabo Delgado, na costa do mar Indico.

É elle o único dos homens d'aquella expedição que hõje vive.

O velho recebeu-me muito bem, e deu-me um alentado cabrito.

Conversei muito com elle; mas a pesar de todos os meus esforços foi-me impossivel colher d'elle dados com que pudesse marcar com alguma segurança o seu trajecto.

De que foi muito mais ao norte do que vem indicado nas cartas não me restou a menor dùvida, porque ha três pontos que elle precisa perfeitamente.

Um é ter, no Zambeze, deixado ao sul o paiz dos Machachas; outro ter atravessado o Luapula; e terceiro ter contornado pelo norte o Lago Nyassa.

Duas horas depois de ter deixado o velho Chacahanga, acampava nas matas do commandante, dois kilômetros a S.E. da libata de José Alves.

Era já noute, e por isso guardei-me para ir no dia seguinte ver este personagem, que Cameron tornou conhecido de todo o mundo.

Effectivamente, a 28 de Maio estava eu em presença do tão falado sertanejo.

José Antonio Alves é um prêto (*pur sang*) de Pungo Andongo, que, como muitos d'ali e de Ambaca, sabe ler e escrever.

No Bihé chamam-lhe branco, porque ali todo o prêto que usa calças e sapatos de liga e guardasol, é tratado assim.[5] Em Benguella levam a condescendencia a chamarem-n-o mulato, um pouco escuro; mas a verdade é, que nas suas veias não ha uma gôta de sangue Europeu, e que elle é prêto não só na côr como na ascendencia, e quiçá na alma.

Veio para o Bihé em 1845, onde foi empregado de um sertanejo, e depois começou a negociar por conta propria, abonado pela casa Ferramenta de Benguella, que hõje faz avultado commercio sob a firma J. Ferreira Gonçalves.

José Alves é homem de 58 annos, já um pouco grisalho, de corpo franzino, e soffrendo de uma affecção pulmonar.

Vive como prêto, tendo todos os costumes e crendices do gentio ignaro.

Quando cheguei a casa de José Alves, estava elle decidindo um *mucano*.

Informado da questão, sube que um empregado mulato do José Alves seduzira uma das amantes d'este, e como o rapaz nada tinha de seu, elle fez-lhe um mucano á familia da mãe, que possuia alguma cousa, exigindo, em paga do delicto, um boi, ou uma *cabecinha*, para ficar limpo o seu coração. Isto me disse elle, passando a palma abranqueada da mão nêgra por sobre a parte da caixa thorácica onde se alberga aquella vícera, nos que a tem para cousa differente de alimentar a vida physica com os seus movimentos de sistole e diástole.

Que a elle servia para ser limpa de vez em quando com um *mucano*, percebi eu.

Depois de decidido o *mucano*, falei-lhe da minha viagem, que elle duvidou pudesse levar a effeito com os pequenos recursos de que dispunha.

Combinou ceder-me uma pouca de missanga, e falando-lhe em carregadores, evadio-se a responder-me, dizendo-me, sabia que Capello e Ivens estavam junto ao Cuanza lutando com falta de gente; mas que, se elles lhe quizessem pagar bem, não teria difficuldade em os arranjar. Era o mesmo que dizer-me, que lhe pagasse bem para os ter.

Retirei-me lastimando pela primeira vez a Cameron, por ter sido forçado a tal companhia, por tanto tempo.

Nesta parte do Bihé a vegetação arbórea começa a ser mais vigorosa, e junto ao rio Cuito, apresenta o terreno a mesma disposição termitica que descrevi na margem do Cutato dos Ganguellas.

Com uns carregadores que me chegaram no dia 29, enviados pelo irmão de Verissimo, Joaquim Guilherme, tinha eu a gente sufficiente para seguir viagem, e dei as ordens n'esse sentido para o dia 30.

Quem rege as cousas d'este mundo tinha decidido porem de outro modo.

Na tarde d'esse dia, alguém espalhou entre os meus carregadores as mesmas atoardas de Belmonte, e viéram muitos d'elles declarar-me, que voltavam a suas casas, e não me seguiriam.

Fiz esforços de eloquencia para os convencer a seguirem-me, mas poucos me escutáram.

Era a segunda vez que, em vèspere de partida, no Bihé, ficava eu sem gente.

Ali ficáram contudo alguns Bihenos, e decidido a prescindir de todas as commodidades, e a abandonar toda a alimentação que levava, com poucos mais poderia seguir.

Era preciso arranjar esses poucos mais, e eu não desanimei na empresa. Um estranho episodio, acontecido no dia 30, veio coroar de resultado feliz a minha esperança.

No Bihé andam a monte muitos degradados e desertores, escapados dos presidios da Costa.

Um d'estes honrados cidadãos veio procurar-me, e pronunciou uma estudada arenga, que, pela profusa troca da primeira consoante pela dècima-sètima, e repetido emprêgo de termos só usados na minha provincia, me denunciou n'elle um conterraneo.

Se a forma do discurso era picaresca, a sua essencia mostrava, que a alma do orador era sentina de todas as podridões, em decomposição n'um clima tropical, trascalando fedores em cada phrase evaporada d'aquelle espirito immundo.

Depois de me aconselhar a dispor das armas e munições que tinha, n'uma empresa abjecta, a que elle me fazia a honra de se ligar, terminou por me dizer positivamente, que, ou eu o associava a mim, fôsse para o que fôsse, ou elle, empregando manhas que tinha de geito para o gentio, faria que todos me abandonassem, e me poria na impossibilidade de dar um passo.

Terminada esta peroração, que o homem julgou ser argumento triumphante nas minhas decisões, exigiu immediata resposta.

Eu dei-lh'-a logo. Chamei os meus Quimbares, e mandei amarrar o sujeito, a quem mandei applicar logo cinquenta açoutes, para fazermos maior conhecimento; porque, se eu o conheci ás primeiras palavras, elle não me conhecia ainda.

Depois de castigado, fiz-lhe um pequeno discurso, em que lhe disse, que o constituia meu prisioneiro, durante o tempo que estivesse em terras do Bihé, com ração de comida e de chicote todos os dias.

Reuni toda a minha gente, e mostrei-lhe, que a alma d'aquelle branco era mais nêgra do que a pelle d'elles ouvintes.

A nova da minha justiça espalhou-se nas povoações circumvizinhas, e deu-me crèdito entre os pretos, que tinham em má conta o meu prisioneiro.

No dia seguinte, alguns pombeiros do sitio viéram offerecer-me carregadores, e que m'-os traziam dentro de dois dias.

Todos os dias tinha promessas, mas os carregadores não chegavam, e a 5 de Junho, já no maior desespêro, decidi abandonar muitas cargas e seguir ávante.

Reuni os meus pombeiros, e communiquei-lhes a minha decisão.

Tivémos um longo conselho, em que eu sustentei a minha resolução, dando ordem para que os carregadores me acompanhassem ao rio Cuito com as cargas que eu tinha decidido abandonar, para as lançar ao rio.

Já se ia executar esta deliberação, quando o doutor Chacaiombe tomou a palavra, e me pediu para adiar de alguns dias a execução d'ella, dizendo-me, que obtivesse nas povoações vizinhas gente de ganho que transportasse tudo até ao Cuanza; que elle ia tentar um esfôrço junto de um sova seu amigo, e me iria encontrar no Cuanza.

Discutido este alvitre, decidi, partir no dia 6, e demorar-me no Cuanza até 14; por isso, concedi 8 dias a Chacaiombe, declarando-lhe positivamente, que não esperaria um só dia mais.

Os meus pombeiros mostravam-me a maior dedicação, e depois de uma proposta de Miguel (o caçador de elefantes), decidiram pegar tambem elles em cargas, ainda que isso seja não só contra os usos, mas tambem inconveniente em marcha, onde elles t[~e]m o seu serviço especial a desempenhar.

Obtida a gente de ganho, preparei tudo para seguir no dia immediato.

N'esse dia morreu o homem de Nôvo Redondo que eu tinha recolhido no Cabir.

Levantei campo ás 9 horas do dia 6, tendo muita gente de ganho á razão de 1 panno por dia.

Segui a Leste, e duas horas depois acampej junto da povoação de Cassamba.

Fica esta povoação no meio de grande e espessa floresta, onde fui caçar, encontrando apenas algumas *pintadas* que matei.

Quando, a 7 de Junho, levantei campo, saí-me ao encontro o soveta de Cassamba, que me vinha comprimentar, e trazer um boi de presente.

Desculpei-me de não lhe dar immediatamente um presente, por estarem os carregadores em marcha, e pedi-lhe, que mandasse gente sua ao meu nôvo acampamento, d'onde lhe enviaria uma lembrança.

Depois de três horas de marcha, e de ter nas duas últimas atravessado grandes planicies pantanosas, alcancei a margem esquerda do rio Cuqueima, que ali corre ao norte, tendo 80 metros de largo por três de fundo, com uma velocidade de 12 metros por minuto.

Armei o meu bote Macintosh, e n'elle se effeituou a passagem da gente e cargas com grande morosidade, porque a pequena embarcação não tinha capacidade para mais de cinco pessoas, ainda que o poder de fluctuação da sua caixa de ar era muito superior.

Terminada a passagem, e achando-me na margem direita em terreno apaülado, e nu de arvorêdo, mandei pedir ao sova do Gando, para me dar algumas cubatas onde eu podesse pernoitar com a minha gente.

Elle veio ao meu encontro, dizendo-me que punha á minha disposição o lombe da sua povoação, que aceitei e onde me fui estabelecer.

Chegáram uns prêtos de mando do soveta de Cassamba, a reclamar o presente que eu lhe havia promettido, e para se fazerem reconhecer como vindo da sua parte, traziam a azagaia do sovêta, que de manhã eu lhe vira na mão.

É costume entre estes povos, onde a ignorancia da leitura e escrita existe, o mandarem um objecto conhecido pelo portador de uma mensagem, para que não se duvide que elles vam da parte de quem os envia.

Mandei o promettido presente.

O sova Iumbi, do Gando, conversou muito comigo, e era para elle motivo de espanto tudo quanto eu trazia. Deu-me um magnifico boi, ficando muito satisfeito com uma peça de algodão riscado e algumas cargas de pólvora que lhe dei.

No dia immediato levantei campo logo de manhã, e duas horas depois, fui acampar 1 kil. a Oeste da povoação de Muzinda.

Antes de partir, mandei soltar, e pôr na outra margem, o meu prisioneiro branco, já impossibilitado de me fazer mal, porque, passando o Cuqueima, eu estava fora das terras do Bihé.



**Figura 28.--Mulhéres Ganguellas Luimbas e Loenas.
Modo por que cortam os Dentes incisivos.**

Viéram ao meu acampamento muitas mulhéres da povoação de Muzinda, algumas das quaes traziam a cara pintada de verde, sendo dois riscos transversaes sôbre a testa, de orelha a orelha, e outros dois, descendo d'esses, cruzando-se entre os olhos, passando aos lados do nariz, ligados por um sôbre o labio superior.

Os penteados d'essas Ganguellas sam originalissimos, e alguns, a certa distancia, arremedam um chapéo de dama Europea.

Tôdos os homens cortam em triângulo os dois incisivos da frente na maxila superior, formando uma abertura triangular com o vèrtice apoiado na gengive. Esta operação é feita com uma faca em que vam batendo pequenas pancadas.

Deu-me um indigena uma cana sacharina de 2 metros e 30 cent. de comprimento por 50 milímetros de diâmetro, affirmando-me que a producção d'aquella rica gramínea é abundante ali.

Sahio de Muzinda uma pequena comitiva que ia para além do Cuanza comprar cêra a trôco de peixe sêco do Cuqueima.

Estes indigenas andam quasi nus, tendo por único vestuario duas pequenas pelles, que pendem de um estreito cinto de couro.

As mulhéres, essas andam ainda um pouco menos cobertas!

O sovêta de Muzinda veio visitar-me, e trouxe-me um boi, que eu retribui com presente igual ao que dei ao sova Iumbi do Gando.

A 9 de Junho, fui acampar na margem esquerda do rio Cuanza, a E.N.E. da povoação de Liuíca. N'aquelle ponto o Cuanza é mais modesto do que o Cuqueima, porque tem 50 metros de largo por 2 de fundo, com uma corrente de 15 metros por minuto.

O seu leito é de area branca e fina, e notavel a transparencia das suas àguas.

O rio serpea n'uma vasta planicie de dois a três kilòmetros de largo, que encosta de um e outro lado a pequena elevação de vertentes dôces, cobertas do arvorêdo.

Na planicie vegetam gramíneas altissimas, tão bastas que difficil é romper por entre ellas.

O terreno da planicie é mais ou menos pantanoso.

Como eu devia esperar ali 5 dias pelo cirurgião Chacaiombe, tinha, logo que cheguei, mandado construir um acampamento mais vasto do que aquelles que construia só para uma noute.

Veio ali visitar-me o sova de Quipembe, a quem obedecem os sovetas de entre Cuqueima e Cuanza, e que é elle mesmo tributario do sova do Bihé, a quem só obedece quando lhe faz conta; porque não teme os seus ataques, sendo-lhe facil defender a linha do Cuqueima, e sendo a maior parte, senão tôdos, os barcos que navegam ali, das povoações Ganguelas.

Trouxe-me um carneiro de presente, desculpando-se de me não dar um boi, por ser a sua povoação muito distante.

Recebi tambem a visita do sovêta de Liuíca, que me offereceu um boi.

Este sovêta, homem de boa feição, frequentou muito o meu campo durante a minha permanencia na sua vizinhança.

Um dia que elle me tinha visto atirar ao alvo, e que admirava a justeza dos tiros, passou o seu grande rebanho bovino por ali.

Eu propuz-lhe dar-me elle um boi, se o meu muleque Pépéca o matasse com um tiro.

Elle olhou para a criança e aceitou.

O Pépéca, sofrivel atirador ensinado por mim, tomou a carabina, e fez fôgo a um boi que ia mais separado dos outros, e que cahio fulminado. Ouve espanto geral da parte dos Ganguelas, e o sovêta disse-me que mandasse tomar conta do boi, e lhe desse a pelle, e um bocado de carne para elle comer, o que eu fiz logo.

Entre Cuqueima e Cuanza os Ganguelas, que sam de differente raça dos outros povos designados pelo mesmo nome, chamam-se Luimbas junto ao Cuqueima, e Loenas junto ao Cuanza.

No dia 12, aconteceu-me uma aventura extraordinaria, que não posso deixar de narrar aqui.

Andava eu fora, quando alguns dos meus prêtos viéram encontrar-me com um mulato, desconhecido para mim, que me disséram ser chefe de uma comitiva, que me vinha procurar, para me pedir licença de ir comigo até ás margens do rio Cuito, e deixal-o acampar nos meus acampamentos, para segurança sua.

Consenti no pedido, ainda que não de bom grado.

N'essa noute, demorei-me a conversar com os meus pombeiros até tarde, e sentados á porta da minha barraca, discursávamos sôbre as probabilidades que haveria de ser bem succedido o meu cirurgião Chacaiombe na sua empresa, quando eu senti para uma parte do campo um tinido singular.

Era como o bater de martello em safra. Tive curiosidade de saber o que era aquillo, e mandei lá o meu Augusto.

Voltou elle a dizer-me, que na parte do campo occupada pelas barracas do pombeiro Biheno que me pedira agasalho, se acorrentava uma leva de escravos chegados n'essa noute do Bihé.

Nas barracas dos meus tudo dormia, excepto três ou quatro pombeiros que estavam junto de mim.

Contive a còlera que me dominou por um momento, e mandei chamar o meu hòspede.

Elle compareceu logo, e veio sentar-se junto da fogueira defronte de mim.

Perguntei-lhe ¿o que era aquelle bater de ferro? Respondendo-me elle, que era a acorrentar umas *cabecinhas* que levava para vender no sertão.

¡No meu acampamento! onde tremulava a bandeira Portugueza, acorrentava-se uma leva de escravos!

Continuei a fazer um grande esforço para me conter, e disse ao pombeiro, que fosse soltar tódos aquelles desgraçados e m'os trouxesse livres.

Elle negou-se a fazel-o, e respondeu-me com uma gargalhada de riso alvar.

Perdi então a paciencia, e a raiva contida a custo transbordou violenta.

Cego de furor, lancei-me por sôbre a fogueira áquelle boçal mulato, e já a minha faca o ia ferir de morte, quando vi, que algumas espingardas dos meus Quimbares lhe ameaçavam a cabeça, e por um d'esses reviramentos tão vulgares como rápidos no meu espirito, só pensei em salvar-lhe a vida.

Ao meu grito de raiva, e ao barulho da luta, tinha-se levantado tôda a minha gente, e ameaçavam exterminar tôda a comitiva Bihena.

Eu, que conhêço a ferocidade dos negros logo que se sentem fortes, tremi pela vida dos inocentes que podiam ser immolados.

Era uma balburdia em que ninguem se entendia, e á excepção de 5 dos meus pombeiros que assistíram ao comêço da scena, tódos ignoravam o que era aquillo, e só proferiam palavras de morte.

Conseguí dominar o tumulto e fazer me ouvir.

Mandei o meu Augusto soltar os escravos, e trazel-os á minha presença, assim como tódas as correntes e prisões que encontrassem nas barracas onde elles estavam.

Mandei lançar ao rio Cuanza as prisões de ferro, reservando só aquellas com que preendi os prêtos, guardas da leva.

Declarei aos escravos, que podiam ir-se, se quizessem, porque teria os seus guardas presos o tempo sufficiente para os não poderem alcançar. Desapparecêram tódos, excepto uma pequena, que quiz ficar comigo, por não saber onde ir; e só na occasião de deixar o meu acampamento soltei e dei liberdade aos chefes e guardas d'aquelle rebanho de escravos.

Passou-se o dia 13 sem haver noticias do meu cirurgião, e na noute d'esse dia distribui eu as cargas que pude distribuir, umas 87, separando ainda umas 12 que me custava a abandonar, e pondo em pilha aquellas que estavam irremediavelmente condenadas.

Declaro que é difficil tal escolha.

Creio que um dos peores problemas a resolver por um explorador, é escolher entre as cargas, indispensaveis tódas, aquella que hade dispensar.

Se não é mais difficil, é pelo menos tanto como achar o modo de determinar uma boa longitude.

Ali abandonei tudo o que de commodidades eu tinha, tôda a alimentação que para mim levava, e parte da que levava para a minha gente, e algumas cargas de missanga que os meus companheiros me haviam cedido, e que, comprada em Loanda, era de valor problemático nos sertões em que me ia internar.

Se no dia 14 de manhã não tivesse novas do Chacaiombe, as cargas condenadas seriam destruidas, queimando umas e lançando outras ao Cuanza.

¿Para quê? me perguntarâm os meus leitores.

Eu lhes respondo. O chefe de uma comitiva em marcha nos sertões da África, onde tivér de empregar carregadores, tem de inutilizar e tornar inaproveitaveis tódos os objectos que fôr forçado a abandonar, e isto por duas razões, uma que diz respeito á sua propria gente, e outra ao gentio dos paizes que atravessa.

Se consentio que os seus proprios carregadores aproveitem alguma cousa da carga abandonada, tódos os dias terá carregadores doentes, que o obrigarâm a abandonar cargas, para d'ali retirarem objectos em proveito proprio; organizando assim um industrioso roubo permanente.

Por outro lado, sabendo o gentio da terra, que lhe deixam cargas por falta de carregadores, não deixará de ministrar ás comitivas futuras, na muita capata que lhe offerecem, um tóxico qualquer, que, se não matar, os torne doentes; obrigando assim o chefe a abandonar cargas em seu favor; o que não fazem, sabendo que nada aproveitam, porque tudo o que houver de ser abandonado é inutilizado.

Foi isto lição de Silva Porto, de que sempre fiz uso.

No dia 14 de manhã, não tendo noticia do Chacaiombe inutilizei 61 cargas!

RAPIDO GOLPE DE VISTA RETROSPECTIVO.

O Mappa junto mostra o meu caminho de Benguella ao Bihé.

Procurei designar n'elle tudo o que em viagem de exploração se pode colher de dados geogràphicos e topogràphicos.

Muitos dos pontos marcados sam determinados astronòmicamente, sendo os intermediarios, achados grosseiramente pelos rumos da agulha e projecção das distancias percorridas, distancias avaliadas pelos pedòmetros e pelo tempo gasto a percorrel-as.

As posições do Benguella, Dombe, Quilengues, Ngola e Caconda, que empreguei na carta, sam determinadas por Capello e Ivens, e como eu apenas tinha os resultados dos cálculos, ahi os designo taes como m'os deu o Ivens, sem as observações iniciaes. De Caconda ao rio Cuanza as posições astronòmicamente determinadas por mim vam precedidas das observações iniciaes.

Resultado das observações de Capello e Ivens, da Costa a Caconda.

Nome dos Logares.	Longitude E. de Greenwich			Latitude Sul.			Declinação da Agulha			Inclinação da Agulha.		Altitude em metros.
	°	'	"	°	'	"	°	'	O.	°	'	
Benguella	13	25	20	12	34	17	23	30	O.	39	37	7
Dombe Grande	13	7	45	12	55	12	23	26		39	44	98
Quilengues	14	5	3	14	3	10	23	3		40	40	900
Ngola	14	39	1	14	16	46		---		---		1,410
Caconda	15	1	51	13	44	0	22	30		---		1,676

Tendo-me separado dos meus companheiros em Caconda, prossegui nos trabalhos que tinhamos começado, não podendo fazer observações de inclinómetro e fôrça magnética, porque os únicos instrumentos que para isso levávamos ficáram em poder de Capello.

Começarei a expor os meus trabalhos pela determinação das coordenadas geogràphicas de Caconda á margem esquerda do Cuanza, onde pára a minha narrativa no precedente capitulo.

No seguinte quadro procurei compendiar os necessarios dados para se poderem verificar os resultados que designo.

Todas estas observações calculadas em Àfrica fôram recalculadas em Londres pelo 1^o tenente calculador da marinha ingleza, Selwyn Sugden.

Quadro das Observações Astronômicas feitas pelo Major Serpa Pinto entre Caconda e o rio Cuanza.

Anno de 1878.	Logares onde observei.	Hora dos Chronómetros.			Estado para Greenwich.			
		H.	M.	S.		H.	M.	S.
a Janeiro 14	Vicete (junto ao Cunene)	8	10	24	+	1	0	15
b " "	"	10	27	44	+	3	23	2
c " 16	Fende (Cunene)	5	10	2	+	3	23	6
d Fevereiro 12	Libata do Palanca	7	55	0	-	1	0	0
e " "	"	10	30	56	+	3	27	18
f " 13	Libata do Capôco	9	3	0	-	1	0	0
g " "	"	9	57	15	+	3	27	27
h " 18	"	10	18	14	+	3	28	8
i Março 16	Belmonte (Bihé)	10	25	0	-	1	4	0
j " 18	"	5	6	10	+	3	31	43
l		{	5	3	1	}		
m " 22	"	{				}	---	
n		{	9	51	41	}		
o Abril 2	"			---			---	
p " 3	"			---			---	
q " 4	"			---			---	
r " 5	"			---			---	
s " "	"	4	53	40	+	3	24	29
t " 6	"			---			---	
u " 7	"			---			---	
v " "	"	0	8	32	-	0	57	43
x " "	"	10	50	54			---	
z " "	"	10	55	6	+	3	34	54

0	"	23	"	9	4	25				---		
1	"	"	"	9	38	16	+	3	37	26		
2	Maio	24	Matas do Cabir (Bihé)			---				---		
3	"	"	"	9	38	55	+	3	42	47		
4		"	31	9	12	5	+	3	43	56		
5	Junho	1	"			---				---		
6		"	9	6	22	33	+	3	45	52		
7	"	"	"	6	6	53				---		
8		"	10			---				---		
9	"	"	"	9	17	21	+	3	45	57		

	Natureza da Observação	Dupla altura do astro.			[A]	[B]	[C]	[D]	Resultados			
		º	'	"	º	'	H. M.	'		"	º	'
a	Alt. Mer. [-]	101	3	0	---	---	-3 30	1	Lat.	14	2	S.
b	Chron. [*-]	101	2	0	14 2	---	"	1	Long.	15	14	E.
c	"	104	31	0	"	---	"	1	"	15	25	E.
d	Alt. Mer. [-]	97	3	10	---	---	-0 50	1	Lat.	13	20	S.
e	Chron. [*-]	99	6	30	13 20	---	"	1	Long.	15	27	E.
f	Alt. Mer. [-]	98	30	30	---	---	"	1	Lat.	13	9	S.
g	Chron. [*-]	115	5	30	13 9	---	"	1	Long.	15	30	E.
h	"	104	15	30	---	---	"	1	"	15	28	E.
i	Alt. Mer. [-]	131	38	30	---	---	"	1	Lat.	12	22	S.
j	Chron. [*-]	104	58	40	12 22	---	"	1	Long.	16	51	E.
l												
m	Alt. iguaes	103	21	10	"	---	"	2	Estado	3^h.31^m.54^s.		
n												
o	Alt. Mer. [*-]	144	49	0	---	1 8	-3 30	1	Lat.	12º	23'	S.
p	"	144	4	0	---	"	"	1	"	12	23	S.
q	"	143	20	0	---	"	"	1	"	12	22	S.
r	"	142	32	0	---	"	"	1	"	12	23	S.
s	Azimuth 266-30 [*-]	93	34	20	12 22	---	-1 0	1	Varição	21	11	Oes.
t	Alt. Mer. [*-]	141	47	0	---	1 8	-3 30	1	Lat.	12	22	S.
u	"	141	3	0	---	"	"	1	"	12	22	S.
v	Alt. prox. do Mer. [*-]	140	3	0	---	---	"	---	"	12	22	S.
x	Eclipse do 1^o sat. de Júp.	---	---	---	---	---	---	1	Long.	16	46	E.
z	Chron. [*-]	65	48	0	12 22	---	-1 0	1	Diff p^a o logar	4^h.42^m.23^s.		
0	Eclipse do 1^o sat. de Júp.	---	---	---	"	---	---	1	Long.	16º	49'	E.
1	Chron. [-)]	71	31	40	"	---	-0 30	1	Atrazado	4^h.44^m.56^s.		
2	Alt. Mer. [*-]	113	10	40	---	1 7	-1 25	1	Lat.	21º	22'	S.
3	Chron. [*-]	79	22	50	12 22	---	"	1	Long.	16	53	E.
4	"	86	38	10	12 28	---	"	3	"	17	9	E.
5	Alt. Mer. [*-]	110	26	40	---	---	"	1	Lat.	12	28	S.
6	Chron. [-)]	63	59	30	12 35	1 9	35	1	Diff p^a o logar	4^h.54^m.34^s.		
7	Eclipse do 2^o sat. de Júp.	---	---	---	---	---	---	1	Long.	17º	25'	E.
8	Alt. Mer. [*-]	108	15	20	---	1 9	-0 40	1	Lat.	12	35	S.
9	Chron. [*-]	82	43	23	12 35	---	"	3	Long.	17	25	E.

Legenda:

[A] Latitude Sul.

[B] Longitude em tempo.

[C] Erro do instrumento.

[D] N^o. de Obs.

[-)] símbolo da lua debaixo da barra

[*-)] símbolo do sol por cima da barra

[-)] símbolo da lua por cima da barra

Trânsito de Mercurio a través do Sol em 6 de Maio de 1878.

Data	Logar da Observação	Latitude						Longitude			Hora do Chron. para a hora local			Altura do Sol. Erro do sext. - 1' 25".		
		Media de 4			Media de 4			Media de 4			Media de 4					
		°	'	"	°	'	"	H.	M.	S.	°	'	"			
6 Maio 1878	Belmonte	12	22	40	16	49	24	10	6	50	74	36	55			

Data	Estado atrazado de Greenw.			Hora do 1 ^o contacto interno. No chronómetro			Longitude		
	H.	M.	S.	H.	M.	S.	°	'	"
6 Maio 1878	3	39	39	11	35	29	16	50	15

É muito notavel que a primeira longitude que determinei em Belmonte pelo chronómetro é muito pròximo da verdadeira obtida pelo trânsito de Mercurio. Esta longitude muito pouco differe tambem da obtida pelo eclipse do 1^o Satélite de Júpiter a 23 de Abril.

Não inclui n'este quadro as innúmeras observações feitas para estudar as marchas dos chronómetros, que publicarei em separado um dia.

Nos estados dos chronómetros a grande differença que se nota entre alguns provém do pertencerem a differentes chronómetros.

Como se vê, o instrumento empregado por mim foi o sextante com o horizonte artificial de mercurio, que outro não tinha, tendo ficado em poder dos meus companheiros o Abba, único theodolito universal que possuíamos.

Os meus sextantes eram: um de Casela, de Londres, contando 5"; e outro de Lorieux, de Paris, contando 30". As minhas bússolas azimutaes eram fabricadas em Berlim, e tinham pertencido ao infeliz Barão de Barth.

Os meus chronómetros eram de Dent, de Londres, sendo dois de algibeira, e um, que, depois, de Benguella me enviaram ao Bihé, de marinha, tambem de Dent.

Este último era mau; mas os primeiros excellentes, sobre tudo o que eu designo com a letra S, nos cálculos.

Das altitudes muitas sam determinadas pelo hypsómetro, e outras pelo aneroide, cotisado com o hypsómetro.

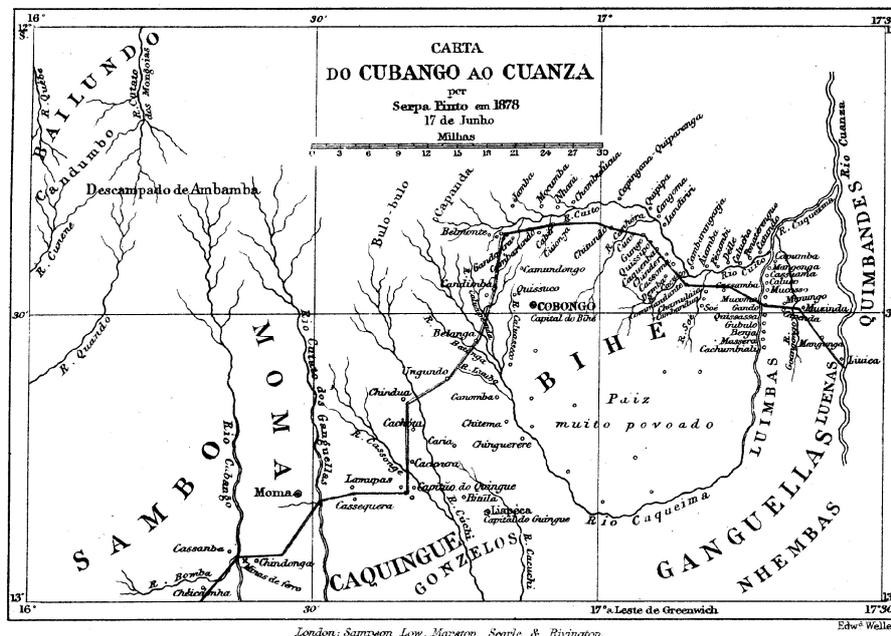
Essas altitudes vam marcadas na carta em metros.

A carta do paiz do Bihé, muito grosseira e incompleta de certo, foi levantada á bússola, nas minhas excursões venatorias; mas, ainda assim, possui a sufficiente exactidão para se julgar do paiz, e prouvera a Deus que as cartas de pontos muito mais pròximos da costa em que dominamos, estivessem tão pròximas da verdade como ella.

Ponho ponto aqui nos detalhes das minhas cartas, para falar ràpidamente do paiz que ellas representam.

De Benguella ao Dombe, como se vê, costeei o mar, em terreno calcàreo, abundante de minèrios diversos.

As àguas faltam ali na estação sêca, e apenas o valle do Dombe Grande tem a sufficiente para ser enormemente productivo. A vegetação, sem ser pobre, não tem, todavia, a opulencia peculiar aos paizes intertropicaes. Entre Benguella e o Dombe apenas se encontra àgua potavel n'um pequeno charco na Quipupa.



Mappa 3.--Entre Cubango e Cuanza

O paiz é abundante de caça, e encontra-se n'elle grande variedade de antílopes, sendo os mais vulgares o *Strepsiceros kudu*, o *Cephalophus mergens*, o *Cervicapra bohor*, e o *Oreas canna*. Nas rochas de carbonato de cal que formam o systema orographico do Dombe Grande, abundam os *hyrax*, e na planicie, entre as grandes e pomposas plantações de mandioca, vivem muitos *hystrix*, maiores um pouco do que os da Europa, e que causam ali grande estrago nas terras cultivadas. O valle do Dombe Grande é de certo a melhor porção de terreno da provincia de Angola. As suas condições de salubridade não sam más, e o solo é de grande fertilidade. Um porto de mar, o Cúio, dista apenas alguns kilômetros do maior centro de producção.

As montanhas que enquadram o valle, sam cheias de minerio, e já tem estado em exploração, sempre em pequena escala, por falta de capitaes. Ha ali enxôfre e cobre.

A população indígena é de bôa índole e trabalhadora, tanto quanto o pode ser um prêto abandonado a si mesmo.

Entre o Dombe e Quilengues o paiz é deserto. Pelo caminho que segui há falta de água, e a vegetação, pobre ao principio, toma luxuriante esplendor ao passo que nos approximamos de Quilengues.

Seguindo o curso do rio Coporolo não ha falta de água, e ouvi dizer, que se encontra sempre uma vegetação rica. Contudo, o paiz mesmo por ali não é habitado.

Ao sahir do Dombe o terreno eleva-se bruscamente a 550 metros, e um systema de montanhas que corre N.S. forma pequenos valles que se vam elevando gradualmente até atingir 900 metros em Quilengues. No rio Canga começa o terreno granitico, e com elle uma vegetação mais pomposa. Todos os rios designados no Mappa até Quilengues sam apenas torrentes na estação chuvosa, mas em muitos é possivel encontrar água na estia, cavando poços nos seus leitos arenosos. O proprio Coporolo está sujeito a esta condição de pobreza.

Quilengues é um extenso e fertil valle, em condições iguaes ao do Dombe; tendo por em quanto muito menos valor, por falta de communicações com a costa.

A sua população é densa, e nas suas campinas pastam milhares de cabeças de gado vaccum de excellente raça.

Os Quilengues sam fortes e aguerridos, e nos ataques que dirigem contra os Mundombes sam sempre vencedores; o que os não impede de serem vencidos pelos povos do Nano, que descem ali a roubar gados e gente.

Estes povos de Quilengues, como os do Dombe, sam avassalados a El-Rei de Portugal, mas não sam tão submissos como os Mundombes.

Tem de certo um futuro o paiz de Quilengues, quando faceis communicações o ligarem á costa, á Huila e a Caconda, e quando fôr administrado como o deve ser.

De Quilengues a Caconda o caminho é por Caluqueime, paiz muito povoado; mas eu segui outro, por motivos que cito na minha narrativa.

Ao sahir de Quilengues para o S.E. encontra-se a alta serra de Quilengues, que se eleva ràpidamente a 1750 metros, e que eu passei na parte chamada Monte Quissécua.

Ali começa o grande planalto da África Austral, e d'ali ao Bihé a planicie enorme conserva aquella altitude, tendo apenas ligeiras depressões nos leitos dos rios, e um ou outro pequeno systema de montanhas isoladas.

D'este planalto já correm rios permanentes, sendo o primeiro que encontrei n'estas condições affluente do Cunene.

A vegetação arbòrea no planalto não é já tão forte como em Quilengues, mas a herbàcea é mais rica, se é possível sel-o.

O terreno continúa granítico, e começa a apparecer n'elle maior abundancia de termites. As únicas povoações que se encontram no caminho que segui sam Ngola e Catonga, de que ja falei detidamente.

Em Caconda o paiz é um pouco mais accidentado, devendo ser não menos rico e productivo do que o de Quilengues.

É cortado de rios permanentes, que o regam em todas as direcções, affluindo ao Catapi, affluente do Cunene.

A febre miasmática é endèmica em Caconda, como em Quilengues e como na costa; mas apresenta ali um character mais benigno, e raras vezes faz victimas.

Eu julgo Quilengues nas mesmas condições de salubridade de Caconda.

As condições climatològicas do paiz de Caconda é que já differem essencialmente das da costa, e mesmo das de Quilengues.

Apenas 13° e 44' distante do Equador, o clima, que deveria ser ardente, é temperado pela altitude enorme a que se encontra; mas está por isso mesmo sujeito ás bruscas mudanças que se dam entre o dia e a noite em todo o planalto. Ha ali uma luta constante entre a altitude e a latitude, sendo que esta impera de dia quando um sol a prumo dardeja raios de fogo, e aquella de noute quando uma altura de 1700 metros nos faz viver n'uma atmospherã tão rarefeita.

Lembra-me aqui que o Anchieta me dizia, que se viveria òptimamente em Caconda, se uma màchina em contacto com um thermòmetro, nos fosse deitando cobertores na cama á medida que o thermòmetro descesse, durante o somno.

Esta grande desigualdade de temperatura entre o dia o a noute dá-se quando o sol tem declinação Norte, porque durante o tempo em que elle anda ao sul do Equador é ella muito menor.

Sempre ouvi dizer, que em Caconda produzem as frutas da Europa, mas infelizmente não o sei de sciencia propria, que nenhuma ali encontrei; todavia, creio que se poderám ali aclimatar. A batata é muito boa e produz muito, não só ali como em todo o planalto; mas é tão difficil o seu transporte para Benguella, que a batata que se consome ali vai de Lisboa.

Ha muito boa hortaliça e legumes da Europa, que se dam bem em todo o planalto.

Perto da fortaleza, a população é rara, mas a uma certa distancia está condensada; sendo governada por chefes independentes.

De Caconda ao Bihé o paiz é muito populoso, e, se menos pastores do que os povos até Caconda, sam um pouco mais agricultores.

Nos paizes do Nano, Huambo, Sambo e Moma, os povos sam mais bruscos, mais aguerridos e independentes.

Os terrenos, como se vê no mappa, sam cortados de rios que dividem as suas àguas para tres grandes arterias, o Cunene, o Cubango e o Cuanza.

Ao N. das terras do Sambo, o planalto forma um enorme descampado, a que chamam no paiz a *Enhana* de Ambamba, terreno alagadiço onde nascem cinco rios importantes, dois dos quaes vam ao Norte e tres ao Sul.

Dos que vam ao Norte, um é o Québe, que vai entrar no mar por 10° 50' de Latitude S., junto ás Tres Pontas, entre Novo Redondo e Benguella Velha.

Este rio na parte inferior do seu curso toma o nome de Cuvo. O outro é o Cutato das Mongoias, que corre ao N. a afluir ao Cuanza.

Os tres que correm ao S. sam o Cunene, o Cubango e o Cutato dos Ganguellas, que se une ao Cubango.

O maior systema de montanhas que encontrei é uma serra que corre de N.E. a S.O. ao N. do paiz do Huambo, em cujas vertentes nascem o Caláe e o Cuçúce, que se unem para afluir ao Cunene.

Uma grosseira observação do aneroide indicou-me o seu cume a mais de 2500 metros acima do nivel do mar.

Fazendo excepção á minha regra de não baptizar em Àfrica rios ou montes, dei a esta serra o nome de Andrade Corvo, por ser designada no paiz apenas por serra do Huambo.

Não encontrei entre os indigenas vestigios de ter o paiz outro minerio além do ferro, o que não quer dizer que o não haja.

O terreno é ainda granítico, e o solo pode dizer-se que em muitos pontos é de formação animal, pois que é construido pelas termites.

Àlém da disposição especial que encontrei no terreno termítico das margens do Cutato dos Ganguellas, encontram-se 4 differentes construcções termíticas, que supponho pertencerem a 4 differentes especies.



**Figura 29.--Montes termiticos, dos terrenos entre a costa e o Bihé.
1 e 2 tem altura entre 2 e 3 decimetros, 3 e 4 entre 1 e 2 metros.**

Ha abundancia de caça, sobre tudo nas faldas da serra de Andrade Corvo, entre o Caláe e o Cuçúce, que nunca vi tanta em África, a não ser no Zambeze.

Alem dos antilopes que já citei falando do Dombe, abundam ali o *Hippotragus equinus*, o *Catoblepas taurina*, e o *Bubalus Caffer*.

As florestas sam em grande parte formadas de Leguminosas, sobresahindo um sem-número de especies da Acacia.

Ha muito poucas plantas trepadeiras.

Passamos a linha divisoria das águas entre o Cubango e o Cuanza, e entramos no paiz do Bihé, de certo o mais importante do Sudoeste d'África.

O paiz do Bihé, de cujos povos falo detidamente no capitulo anterior, é cortado por dois rios importantes, ainda que innavegaveis, o Cuqueima e o Cuito. Innúmeros riachos sulcam em todas as direcções o terreno, e vam affluir áquellas arterias principaes.

O clima é igual ao de Caconda, e subsistem ali as mesmas condições atmosphéricas.

O terreno é granítico e de uma admiravel fôrça productiva. As pastagens sam óptimas para todos os gados. É pobre de caça; mas, em compensação, é desinfestado de feras.

Não creio muito que seja rico em productos mineralógicos, porque a sua densa população não tem encontrado vestigios de minerios ricos, e eu tenho visto em África, que os primeiros a encontrarem o ouro, o cobre, o chumbo e o ferro sam os indígenas.

No Bihé o que é verdadeiramente rico é o terreno, e não sei de paiz Africano que mais podesse prosperar pela agricultura e commercio.

A raça Europea vive ali muito bem, e o producto do cruzamento d'ella com as raças do paiz é physicamente admiravel.

Durante a minha permanencia em Belmonte, fiz um estudo detido das condições climatológicas, e sobre tudo no primeiro mez, em que o pertinaz rheumatismo, contrahido em viagem, me impedio de sahir, observei regularmente o baròmetro e o thermòmetro de 3 em 3 horas durante o dia.

Adiante apresento um quadro d'essas observações, durante trinta dias, fazendo notar, que a igualdade de temperatura que se nota durante o dia é devida á estação do anno em que fôram feitas as observações, estação que corresponde ao nosso outono.

As chuvas t[~e]m duas èpochas, com uma interrupção de estiagem que se dá em Dezembro e Janeiro. As primeiras chuvas cahem em meado de Outubro, e duram até principio de Dezembro, sendo mais moderadas do que as segundas que cahem do fim de Janeiro ao principio de Março.

Os ventos reinantes sam dos quadrantes de leste, sendo muitas vezes persistente o vento leste bastante forte; isto na estiagem, porque na estação chuvosa as maiores tormentas que observei vinham do oes-sudoeste, e dos quadrantes do sul. As chuvas v[~e]m sempre, sobre tudo as de Fevereiro, envoltas com meteoros elèctricos, e cahem no meio de terriveis trovoadas.

O seguinte quadro apresenta as minhas observações desde o dia 25 de Março ao dia 23 de Abril de 1878.

Por esta serie de observações se vê quão ameno é o clima do Bihé n'esta èpochas do anno.

Anno de 1878		6 Horas.		9 Horas.		Meio dia		3 Horas.		6 Horas.	
Mez.	Dia.	[E]	[F]								
Março	25	629.8	19.1	630.5	20.4	629.2	22.4	628.8	23.2	630.0	21.6
"	26	632.0	20.1	631.9	21.2	630.8	21.6	629.8	21.5	629.5	21.0
"	27	629.5	19.4	632.0	19.9	629.6	21.0	628.5	21.3	630.0	20.6
"	28	630.0	19.4	631.6	19.9	629.5	20.4	629.0	22.1	629.0	21.6
"	29	630.2	20.6	632.3	20.8	630.0	21.6	628.5	22.5	629.2	22.1

"	30	631.0	18.3	632.0	20.6	631.0	21.9	630.0	22.2	629.9	21.3
"	31	631.0	19.2	632.3	20.0	631.2	20.9	629.2	21.3	631.0	20.4
Abril	1	630.5	18.6	632.0	19.5	630.6	20.4	630.0	19.9	630.0	19.8
"	2	631.0	17.5	632.0	18.7	630.0	21.1	629.3	20.2	630.0	20.2
"	3	630.0	18.8	632.5	20.0	630.5	21.1	630.0	21.2	629.0	20.9
"	4	632.0	18.6	632.0	20.2	630.0	21.2	629.5	21.6	630.0	20.7
"	5	630.0	18.8	632.0	20.0	630.3	21.1	630.0	22.0	629.8	20.1
"	6	630.0	17.2	632.3	19.8	631.0	20.4	630.5	21.7	630.0	20.2
"	7	630.0	17.8	632.0	19.7	630.5	21.0	629.0	22.7	630.0	21.5
"	8	629.0	17.6	632.0	19.9	630.0	21.5	629.5	22.8	630.0	21.3
"	9	629.5	18.4	631.5	20.4	631.0	21.8	629.3	22.6	629.8	21.1
"	10	631.2	18.1	632.8	20.5	631.5	21.7	629.4	22.4	630.0	21.5
"	11	630.5	16.6	631.9	20.2	631.0	21.4	629.5	23.0	629.8	21.7
"	12	629.0	16.4	629.9	20.1	629.0	21.1	627.0	22.6	629.0	21.8
"	13	628.3	18.2	630.0	20.2	629.6	21.6	629.4	22.3	629.5	21.1
"	14	629.0	18.6	631.5	20.4	630.6	22.0	629.5	23.1	630.0	21.7
"	15	631.4	17.2	632.6	19.7	631.0	21.3	630.5	22.4	630.5	20.7
"	16	630.6	16.1	632.0	19.0	630.3	21.3	629.0	22.8	630.0	20.2
"	17	632.6	19.4	633.0	20.7	631.0	22.0	630.0	22.2	630.0	20.0
"	18	631.6	18.0	632.0	20.1	630.0	20.4	629.7	22.7	629.9	19.8
"	19	631.2	17.8	632.2	20.3	630.6	21.0	630.1	23.0	630.5	19.7
"	20	630.7	16.5	631.9	20.1	630.4	21.2	630.0	22.7	630.0	20.1
"	21	631.0	15.6	632.1	17.8	630.3	19.8	629.3	20.6	629.8	19.5
"	22	630.0	14.6	632.0	17.1	630.0	19.2	628.7	20.4	629.0	19.4
"	23	630.3	14.9	632.0	17.9	630.5	20.0	629.2	21.3	630.0	20.0

Legenda:

[E] Baròmetro

[F] Thermòmetro

É muito notavel a marcha diurna do baròmetro, que ali é inalteravel em presença das mudanças bruscas da atmosphera.

Um boletim meteorològico feito a 0^h. 43^m. de Greenwich, ou 1^h. 50^m. do logar, completa o estudo atmosphèrico d'este paiz n'aquella èpocha.

Este boletim de que agora dou conta em trinta dias, foi continuado durante toda a viagem, tendo apenas as interrupções provenientes de doenças ou de estorvos occasionaes.

O terreno de Belmonte para Leste desce um pouco até ao Cuqueima, na parte em que este rio corre de S. ao N. Na margem direita do Cuqueima eleva-se um pouco para descer ao valle do Cuanza.

Na parte leste do paiz reaparece a vegetação arbòrea mais rica, e ha pequenas mas densas florestas.

Em todo o vasto territorio comprehendido entre o Bihé e Benguella, não existe o zé-zê, esse flagello de muitos pontos da África Austral, que, matando o cavallo e o boi, priva o homem de dois dos seus maiores auxiliares na vida prática.

Uma especie de epizotia, que no paiz chamam *cahônha*, ataca o gado bovino e lanìgero; não fazendo ainda assim os estragos que na Europa e outras partes d'África produz a epizotia.

Boletim meteorològico feito a 0h. 43m. de Greenwich ou 1h. 51m. do Bihé.

Mez.	Dia	[E]	[F1]	[F2]	[G]	Direcção do Vento.	Estado da Atmosfera.
Março	25	628.7	22.9	20.2	40	S.S.O. fraco	{ Durante a noute { trovoada, hõje ceo { limpo
"	26	629.6	22.1	20.0	2	O.S.O. fraco	{ Nublado de noute, { de dia cirrus.
"	27	629.1	21.0	20.1	31	E. forte	Chuva durante a noute.
"	28	628.8	21.5	21.2	0	Calma	Algumas nuvens, cirrus.
"	29	629.0	22.3	21.6	0	"	" " "
"	30	630.0	22.0	21.0	0	"	" " "
"	31	629.5	21.5	20.8	0	E. forte	Nublado.
Abril	1	630.5	20.2	19.4	17	Calma	{ Nublado. { De noute trovoada a N.O.
"	2	629.3	19.8	19.1	0	E. forte	Algumas nuvens, cirrus.

"	3	630.0	20.9	19.1	0	E. moderado	"	"	"
"	4	630.3	21.5	20.2	0	"	"	"	"
"	5	630.5	21.8	20.6	0	"	"	"	"
"	6	630.0	21.1	19.2	0	"	"	"	"
"	7	629.3	21.8	19.7	0	"	"	"	"
"	8	628.1	22.5	19.8	0	"	"	"	"
"	9	629.6	22.2	20.6	0	Calma	"	"	"
"	10	629.0	21.8	19.9	0	"	Ceo limpo.		
"	11	629.8	21.9	19.8	0	"	"	"	
"	12	627.8	21.8	19.8	0	"	Alguns cirrus.		
"	13	629.5	22.0	20.1	0	"	Nublado.		
"	14	630.0	22.5	20.2	0	"	Alguns cirrus.		
"	15	630.5	21.6	19.6	0	E. forte.	Ceo limpo.		
"	16	629.8	21.6	19.7	0	Calma	Alguns cirrus.		
"	17	630.0	22.0	18.6	0	E. forte.	"	"	
"	18	630.0	22.2	20.3	0	"	"	"	
"	19	630.4	22.5	20.1	0	E. moderado	"	"	
"	20	630.2	22.0	20.2	0	"	"	"	
"	21	629.8	19.9	15.5	0	"	Ceo limpo.		
"	22	629.6	19.9	16.1	0	"	"	"	
"	23	630.0	20.5	18.3	0	E. forte	"	"	

Legenda:

[E] Baròmetro

[F1] Thermòmetro seco

[F2] Thermòmetro molhado

[G] Chuva em milímetros

Não existe ali a molestia que mata tantos cavalloos no Transvaal e no Calaári, a que os inglezes chamam *Horse-sickness*. Em toda a parte o gado suino prospera e desenvolve-se como na Europa, sendo facil a conservação da carne, o que já não acontece perto da costa.

O paiz até ao Cuanza, e ainda para além, tem grande carencia de sal, sendo todo o que ali se gasta proveniente da costa.

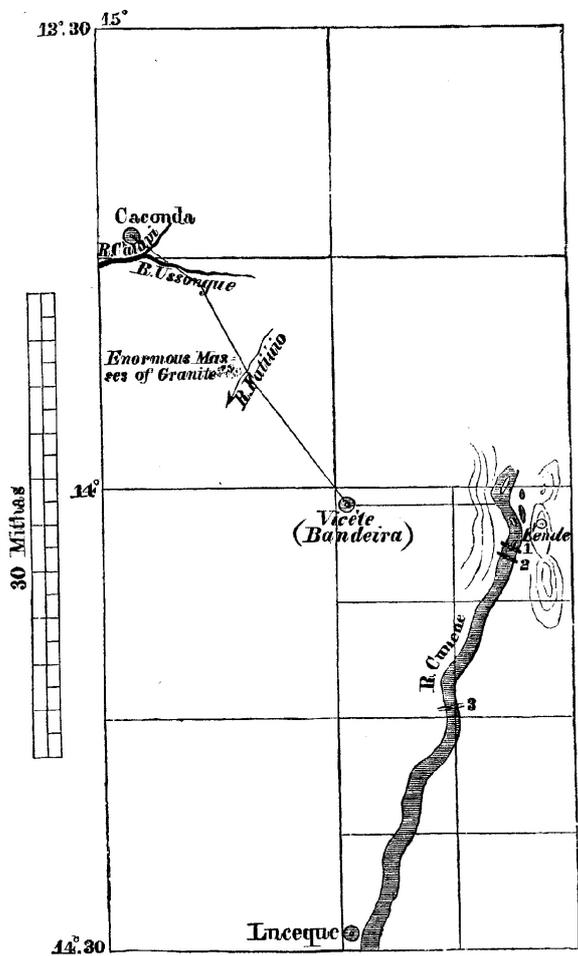
Não ha minas de sal gemma, e as àguas, mesmo as das lagoas, sam potaveis.

N'este succinto resumo, procurei compendiar o resultado das minhas observações, dando uma noticia geral do paiz, e terminarei com um curto juizo meu ácerca d'elle.

Colocado em uma posição geogràphica muito differente da do Transvaal, o paiz comprehendido entre a costa e o Bihé, aproxima-se d'elle pelo clima, e possui um solo mais fertil. A comparação entre a mesma planta vegetando nos dois paizes indica isso.

Tem uma população indigena muito mais condensada do que a do Transvaal e muito mais agricultora. Não é menos abundante em boas pastagens, e é mais rico em florestas.

O Transvaal possui uma grande riqueza mineralògica, que escaceia ali; mas eu creio que estará reservado a este paiz um futuro mais pròspero do que áquelle, porque o Transvaal está isolado do resto d'Àfrica pelos desertos àridos e pela mosca zé-zê, em quanto estes terrenos estam em facil communicacão com um interior quiçá mais rico.



1. Rápido da Libata Grande.
2. Rápido de Canhacuto.
3. Rápido de Quiverequete.

Figura 29A.--Viagem ao Cunene.

CAPÍTULO VII.

ENTRE OS GANGUELAS.

Passagem do Cuanza--Os Quimbandes--O sova Mavanda--Os rios Varea e Onda--Fetus arbóreos--Atribuições--Escravos--O rio Cuito--Os Luchazes--Emigração de Quibocos--Cambuta--O Cuando--Leopardos--Os Ambuelas--O sova Moem--Cahenda--Descida do rio Cubanguí--Os Quichobos--Peripecias--Parto para o Cuchibi.

No dia 14 de Junho, como eu tinha decidido, levantei campo, e ás 10 horas comecei a passagem do Cuanza, que durou duas horas.

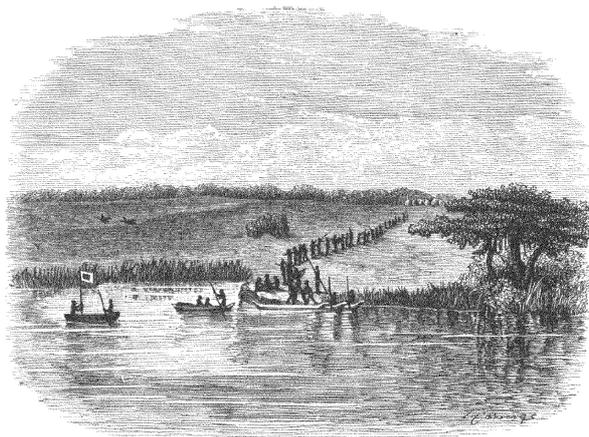


Figura 30.--Passagem do Cuanza.

Prestou-me valiosos serviços o meu barco de cautchuc da casa Macintosh de Londres; mas ainda assim, o sova de Liuíca

emprestou-me quatro canôas, que muito me auxiliaram.

Não houve o menor accidente durante a passagem, e ao meio dia seguia a leste internando-me no paiz dos Quimbandes. Tendo passado junto das povoações de Muzeu e Caiáio, fui acampar pelas 2 horas a E.S.E. da povoação de Mavanda, junto da nascente do riacho Mutango, que corre a N.O. para o Cuanza. As povoações ali não são já tão sòlidamente fortificadas como as de além Cuanza. Os Quimbandes formam uma confederação, sendo o paiz dividido em pequenos estados, que se unem sempre para protecção mútua. Todas as numerosas povoações em tórno do meu campo obedecem ao sova Mavanda, que é tributario do sova do Cuio ou Mucuzo, na mesma margem do Cuanza um pouco ao N. A cousa que primeiro me ferio a attenção entre os Quimbandes, foi o penteado das mulhéres, que são as mais extraordinarias que tenho visto. Algumas entrançam o cabelo de forma que, depois de ornado com buzio (caurim), assimelha um chapéo de dama Europea.

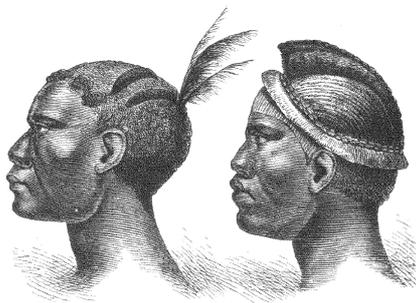


Figura 31.--Homem e Mulher Quimbande.

Outras dam-lhe tal forma, que parecem trazer na cabeça um capacete Romano.

O buzio (caurim) é distribuido ou accumulado com profusão nas cabeças feminiz, e o coral branco ou encarnado aparece ainda, mas muito mais raramente, do que entre os povos de Oeste-Cuanza.

O cabelo, n'estes penteados estupendos, é fixo com um cosmético nauseabundo, massa formada de tacula em pó e óleo de ricino, que lhe dá uma côr avermelhada. O óleo de ricino é preparado em grande quantidade entre estes povos. Depois de extrahirem as sementes do *Ricinus communis*, dam-lhe uma ligeira torrefacção e reduzem-n-as a pó. Este pó conservado por muitas horas em água ebulliente, fornece o óleo, que a frio é separado grosseiramente da água, e guardado em cabaças pequenas.

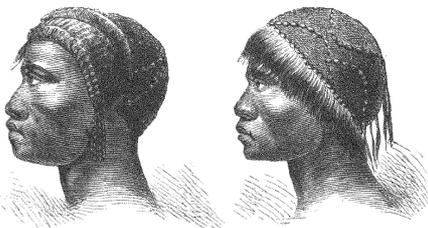


Figura 32.--Raparigas Quimbandes.

Estes povos não o empregam como purgante. Notei logo, que o typo feminino entre os Quimbandes se approxima um pouco do typo caucasio, e vi algumas mulhéres que se poderiam chamar bonitas se não fossem prêtas.

Logo que cheguei, mandei um pequeno presente ao sova Mavanda, que me agradeceu muito, mandando contudo pedir-me uma camisa.

Igual pedido me tem sido já feito por outros, o que mostra a tendencia que t[~e]m para se vestirem.

Os homens Quimbandes cobrem a sua nudez com duas pelles de pequenos antilopes que cahem adiante e atraz de um largo cinto de couro de boi. Só os sovas usam pelles de leopardo. As mulhéres andam quasi nuas, e algum farrapo de pano, ou de liconte, substitue a folha de vinha clássica.

No dia seguinte logo de manhã, viéram uns portadores do sova dar-me parte, de que a gente que eu esperava chegara de noute á outra margem do Cuanza, onde estavam acampados.

Não dei o menor crédito á noticia, porque, já conhecedor das manhas do gentio, sabia que elles t[~e]m costume de indagar o que mais desejamos, para nos virem burlar com uma noticia agradável e pedir alviçasas. Contudo, disse ao indígena que me certificou tel-os visto, que fôsse a elles, e pedisse ao Doutor Chacaiombe, que me mandasse um signal seu para ficar certo de que vinha a caminho.

Ainda de manhã, o sova Mavanda mandou-me uns enviados dizendo, que sahia n'aquelle dia a combater uma povoação vizinha onde um seu súbdito se revoltara contra o seu poder, e ao mesmo tempo pedindo-me que o auxiliasse n'aquelle campanha. Recussei dar-lhe auxilio, mas procurei fazel-o de modo a não me indispor com o sova, o que consegui com boas razões.

Seria meio-dia, quando passou junto ao meu campo o exército de Mavanda.

Á frente ia, em pau muito alto, uma bandeira tricolor como a Francesa, mas com as cores invertidas. Depois seguiam-se dois homens levando a pao e corda uma enorme caixa de pólvora, provavelmente vazia. Seguia-se o sova rodeado dos

seus grandes, e após este estado maior o exército a 1 de fundo. Seriam uns 600 homens armados de arcos e flechas, levando ao todo 8 espingardas. Alguns passos á frente da bandeira, dois prêtos tocavam os tambores de guerra, fazendo um barulho infernal.

Ao anoutecer voltou o exército sem ter combatido; porque o inimigo rendeu-se á discrição.

Logo que passaram o meu campo, principiáram a fazer exercicio, simulando um ataque á povoação do régulo.

Estendéram em linha de atiradores, tomando a bandeira o centro da linha, e sempre atraz d'ella a caixa da pólvora e o sova.

Esta grande linha singela, porque cada homem estava isolado, começou a envolver a povoação, já avançando, já recuando, sempre em acelerado.

A uma voz do sova, precipitáram-se sôbre a povoação, dando saltos enormes, e fazendo toda a especie de momices que usam para aterrar os adversarios, com uma grita infernal.

Quando eu pensava que elles iam direitos a suas casas atacar o jantar, vejo que voltavam á posição que tinham antes do ataque, e que reunidos á voz do chefe, entravam na povoação na mesma ordem de marcha em que tinham sahido.

Á noute voltou o Quimbande a dizer-me, que estêve com o meu doutor, mas que elle não lhe quizera dar signal algum para mim. Vi que se verificavam as minhas previsões, e que era tudo falso.

O meu acampamento dava-me serios receios, porque, coberto de erva secca, podia incendiar-se de um momento a outro, e os meus prêtos, transidos de frio, não calculavam o perigo, e alimentavam dentro das barracas fogueiras enormes.

Desde o rio Cuqueima até Mavanda, e ainda mais além, produz vigorosamente a cana de assucar e o algodoeiro. Os Quimbandes cultivam o algodão, que fiam para fazer linhas onde enfiar o buzio e a missanga.

No dia seguinte, continuáram a asseverar-me, que os carregadores estavam na margem do Cuanza, e não podiam passar o rio por não lhes emprestarem as canôas as indigenas d'ali.

Decidi-me a mandar lá o Augusto, acompanhado de um guia Quimbande.

Pelas 11 horas, chegou um enviado do sova, a participar-me que este viria visitar-me.

Pouco depois chegava Mavanda, rodeado da sua côrte, e se ficou espantado a olhar para mim; eu não fiquei menos a olhar para elle, porque era o maior homem que tenho visto em minha vida. A uma altura enorme reunia uma grossura e gordura verdadeiramente phenomenal. Cobria a cintura com um panno usado, sobre o qual cahiam três pelles de leopardo.

Muitos amulêtos lhe pendiam de um collar de missangas.

Se Mavanda é grande, possui coisas grandes tambem, porque me trazia de presente o maior boi que vi em África.

Depois dos extensos cumprimentos do costume, elle disse-me ex-abrupto, que me vinha pedir um favor, e era o de lhe fazer um curativo ao rebanho de gado bovino, que costumava ir pastar muito longe, prenoitando ás vezes fora do curral, e sendo, nas florestas em que se acoutava, atacado por feras que lhe causavam grande damno.

Dei-lhe immediatamente o remedio com um conselho, e foi elle, o de ter um pastor; porque, se o gado entregue a si mesmo ia longe, se fosse guiado ás pastagens iria onde o pastor o conduzisse. Elle não achou mau o conselho, e disse-me, que apesar de ser contra os usos do paiz o fazer vigiar o gado, daria um pastor ao seu, para evitar as contínuas perdas.

Mostrei-lhe o realejo, as armas, etc., atirei diante d'elle, e vi-o com prazer caminhar de espanto em espanto. Pela tarde retirou-se muito satisfeito, e nos melhores termos de amizade.

Logo que se retirou o sova, chegaram uns enviados do sova Capôco com uma carta para mim. Dava-me noticia do Chacaiombe, e dizia-me, que me mandava os carregadores, pedindo-me para eu consentir, que fôsse comigo uma comitiva sua, que desejava enviar aos sertões do Zambeze a fazer negocio.

Em vista da carta, decidi demorar-me ali uns 6 dias a esperar os carregadores, não contando muito, ainda assim, que elles viessem, e n'esse sentido respondi ao sova Capôco.

Em vista d'aquella deliberação, ordenei a reconstrucção do acampamento para o dia seguinte, mandando cobrir todas as barracas de ramos verdes, com receio de um incendio.

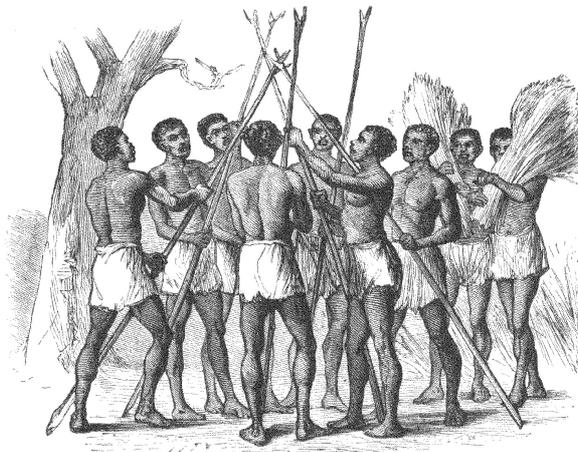


Figura 33.--Os Bihenos construindo as Barracas nos Acampamentos.

No dia seguinte, houve grande actividade na reconstrucção do campo, que estava prompto ao meio-dia, apresentando um bonito aspecto.

O campo era formado de barracas cónicas, de troncos de àrvore, medindo três metros de diâmetro na base, por dois e meio de alto.

A minha barraca, feita pelos Bihenos com mais esmero do que as outras, media cinco metros de diâmetro na base, por três e meio de alto.

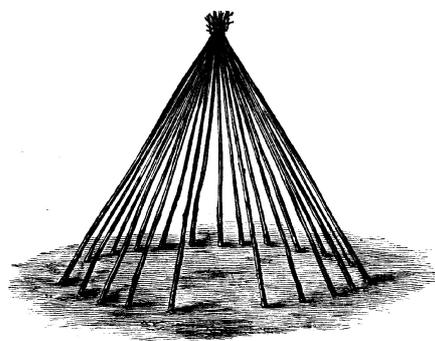


Figura 34.--Esqueleto da Barraca.

O acampamento era formado por uma linha circular de barracas, ligadas por uma fileira de abatizes de àrvore espinhosas.

A minha barraca occupava o centro, e em frente d'ella as cargas estavam em pilha. A minha gente de serviço estabeleceu o seu campo em tôrno de mim, ao alcance da voz.

Tinha finalizado o trabalho do campo, quando me viéram avisar de que uns enviados do sova do Gando me procuravam. Mandei-os vir à minha presença, e conheci em um d'elles um dos grandes do sova, que tinha visto junto d'elle no Gando. Traziam-me uma carta, e uma encomenda, que não sei que sovêta lhe tinha enviado para mim.

Abri a carta, e vi ser ella do meu amigo Galvão da Catumbella, que me enviava um presente, que tinha dirigido ao Bihé, julgando que eu estivesse ainda ali. A bôa harmonia que eu tinha guardado com as povoações por onde passei, fez com que aquella carta e o presente chegassem até mim vindo de mão em mão.

Abri a caixa, e encontrei uma porção de passas de Màlaga, que viéram a propòsito adoçar um pouco a monotonia da minha já bem pobre alimentação.

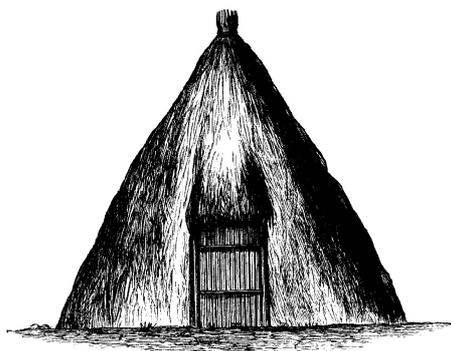


Figura 35.--Barraca concluida em uma hora.

Na carta dava-me elle algumas noticias da Europa, as últimas que tive até chegar a Pretoria. Pensei n'isso então; e,

Pelas 8 horas, chegaram os batuques, e juntou-se grande concurso de povo.

Meia hora depois, appareceu o sova, com a cabeça mettida em uma cabaça, pintada de branco e preto, e o enorme corpo augmentado por uma armação de varas coberta de liconde, igualmente pintado de preto e branco.

Um saio de clinas e caudas de animaes, completavam o traje.

Logo que elle chegou, os homens formáram em linha, com os batuques a traz, e as mulhéres e rapazis desviáram-se para longe. Começáram os batuques, e os homens immoveis do corpo, cantando as suas monòtonas toadas e batendo as palmas.

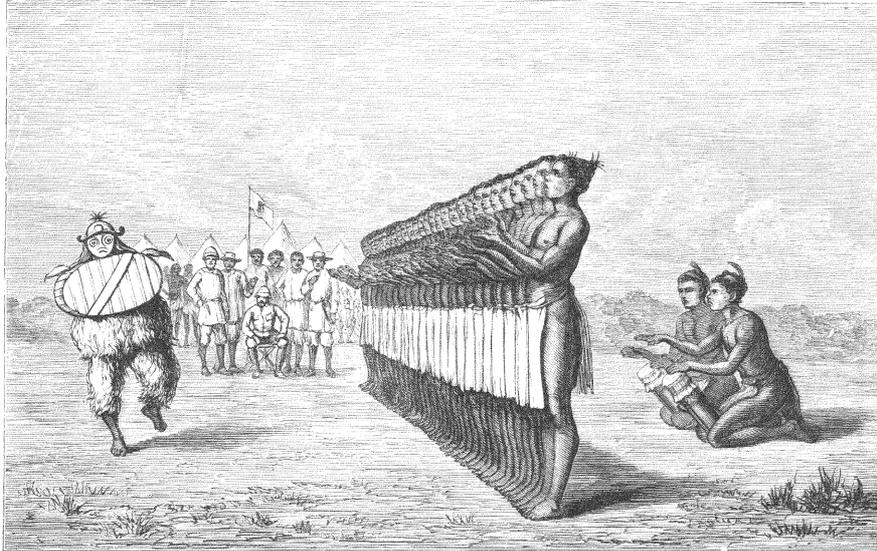


Figura 36.--O sova Mavanda vem dançar mascarado ao meu campo.

O sova foi collocar-se a uns trinta passos em frente da linha, e começou uma brutesca dança, em que parecia fera enraivecida; conquistando os maiores applausos da sua e da minha gente. Meia hora depois, correu, e foi sumir-se na sua povoação, sendo seguido pelos seus. Pouco tempo mais tarde, voltou ao meu campo, já sem o seu traje feroz, e andou comigo até á noute. Decididamente eu tinha-lhe cahido em graça.

Tinha aproveitado tódo o tempo que podia tirar aos meus trabalhos, dando melhor arrumação ás cargas, tendente a diminuir o número d'ellas. A fazenda que tinha era já quasi nenhuma, e tóda a minha riqueza monetaria consistia em um sacco de buzio e na missanga comprada ao José Alves; mas o gasto, para sustentar a minha gente, era grande, e eu via com horror a diminuição do meu pequeno haver. No paiz a caça era pouca e miúda, pois apenas se encontravam algumas gazellas (*Cervicapra bohor*).

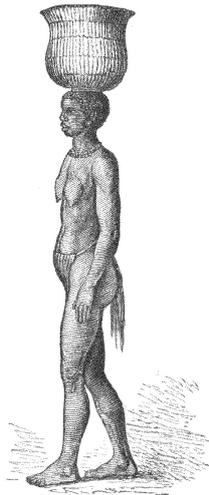


Figura 37.--Mulhér Quimbande carregada.

¡Quantas vezes a pobre rima pouco volumosa das fazendas e missangas me não despertava uma atroz angústia!

¡Quantas vezes uma dôr pungente me não cerrava o coração, fazendo-me antever um futuro bem sombrio!

¡Quantas vezes ficavam sem resposta as caricias da minha cabrinha Cora, e os cantares folgazãos do meu meigo papagaio, que voava para o meu hombro pedindo-me uma meiguice!

¡Quantas vezes uma fé sem limites me invadia o coração, e o desalento era banido do meu ànimo!

A razão queria lutar contra esses raios de infundada esperança que me alegravam o espirito; mas essa esperança era

tão tenaz que procurava argumentos e sophismas para combater a razão.

Sam momentos indescriptiveis, essas lutas do espirito, estando o homem isolado, sendo elle mesmo o pro e o contra das suas idéas, sem um amigo, ou um inimigo, que lhe adule um pensamento ou lhe combata outro.

Fui joven e tive amores, e com elles as penas dos amores; fui pai, e vi morrer-me nos braços uma filha que adorava; mas confesso que nunca senti n'alma tão profunda tristeza, tão cruel melancolia, como a que por vezes, em dias aziagos, experimentei em África.

Só! sózinho, no meio de uma multidão ignara, e estridente, cuja lingua e falares não comprehendia, tinha momentos horriveis, que se traduziam logo em febre e doença!

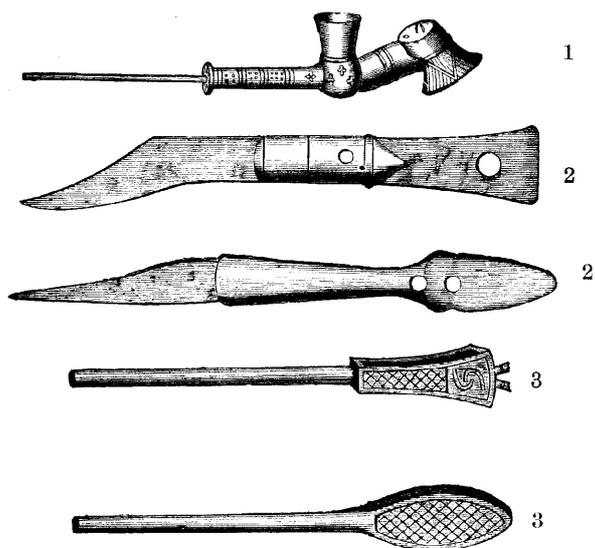
Não conto como soffrimento as fomes, as doenças, a miseria. Não! que homem é e deve ser superior á materia bruta, que deve dominar, para se afastar do irracional.

O soffrimento é a dùvida. O soffrimento é não saber como se hade vencer o abysmo que a razão nos mostra cavado ante os passos que queremos dar. O soffrimento é ver dezenas de pessoas, que nos acompanham cegas, dizendo: "Elle sabe o que faz;" e que arrastamos com-nosco ao abysmo! O soffrimento é a responsabilidade tremenda da missão que nos imposémos. Se me não importava hõje muito que os meus detractores experimentassem um pouco da fome, da sêde e das privações que passei; não lhes desejo, mesmo a elles, que soffressem a millesima parte do que eu soffri moralmente. É verdade, que, para soffrer como eu soffri, é preciso ter alma, coração e uma consciencia.

A carta que de Mavanda escrevi ao D^{or} Bocage, ressentia-se já do que eu soffria então. Foi escrita n'um dos meus dias nebulosos.

Deixemos porem esta divagação, que pouco interessa; e falemos dos acontecimentos de então.

Os Quimbandes fabricam alguns objectos de ferro e de madeira, muito mais perfeitos do que os fabricados no Oeste-Cuanza.



1. Cachimbo.
2, 2. Facas.
3, 3. Cacetes de guerra.

Figura 38.

O frio de noute era muito intenso, e já era grande a differença entre as màximas e as mìnimas. Apesar da carta que recebi do sova Capôco, não acreditava muito na promessa dos carregadores, nem na volta do meu Doutor Chacaiombe; e por isso, ia sempre reduzindo as cargas quanto era possivel; o que só podia fazer distribuindo o conteudo de uma pelas outras. Isto tinha um limite, com o limite do peso que podiam carregar os homens.

Estávamos a 22 de Junho, dia em que expirava o prazo que eu decidira esperar por os carregadores do sova Capôco.

A minha angústia era grande, e só então avaliei bem o mao bocado porque t[em] passado outros exploradores, tendo de abandonar cargas que lhes sam absolutamente precisas.

A escôlha é cousa sèria, quando todas se nos afiguram indispensaveis.

O pouco que de commodidades eu levava já tinha sido abandonado; o resto de algumas latas de comida dei-as aos muleques.

Os meus carregadores, vendo o meu embaraço, pedem-me que os carregue até ao máximo pêso com que podérem caminhar; mas, ainda assim, é impossivel ir tudo.

Depois de todas as reduções, e de ter distribuido as cargas, ficam 4 sem carregadores.

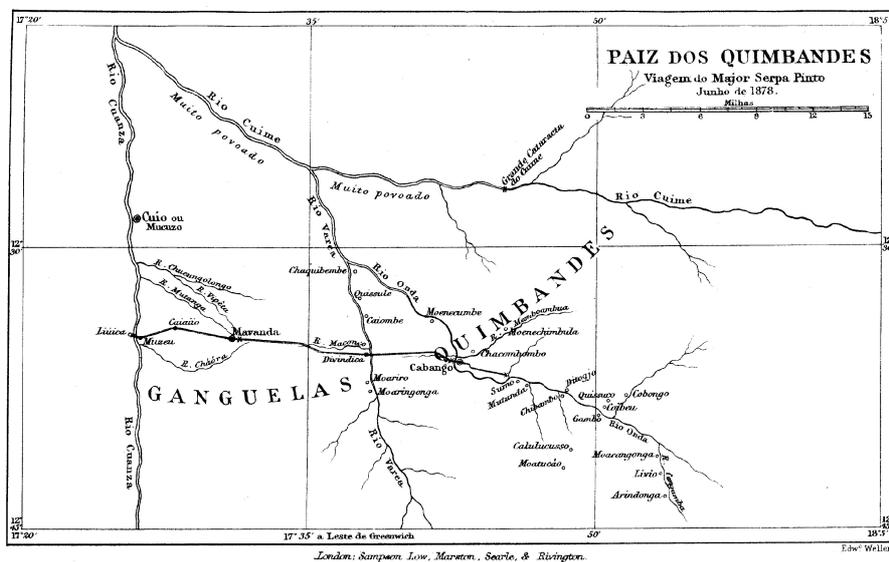
Sam ellas as duas do meu barco Macintosh, um barril de àgua-ardente, e 50 libras de pòlvora.

Decidi abandonar o barco, com grande pesar, e pedir ao sova Mavanda dois homens para me levarem a pòlvora e o barril d'água-ardente de acampamento em acampamento, até que dois dos meus carregadores ficassem sem carga, o que não tardaria a succeder pelo grande gasto que fazíamos.

O sova tomou conta do barco, e deu-me os dois homens que lhe pedi, ficando tudo prompto para seguirmos no dia immediato.

Levantei campo no dia 23 ás 8 horas, e depois de três e meia horas, cheguei á margem esquerda do rio Varea, que passei sobre uma soffrivel ponte de madeira.

O sovêta de Divindica, povoação que assenta na margem esquerda do Varea, na confluencia do riacho Moconco, veio pedir-me alguma cousa pela passagem da ponte, e dando-lhe eu quatro jardas de fazenda, retirou-se satisfeito.



Mappa 4.--O Paiz dos Quimbandes

O rio Varea corre ali ao N., e vai affluir ao Cuime. Tem 25 metros de largo por 2 de fundo, e pequena corrente, não tendo cataractas a jusante de Divindica. Marquei a uma milha ao sul as povoações de Moariro e Moaringonga.

Segui a leste, indo acampar, pelas 2 horas, na margem esquerda do rio Onda, em frente á grande povoação de Cabango, capital dos povos Quimbandes de Leste.

Eu levava duas garrafas de vinho do Porto de 1815, resto de um presente do meu amigo E. Borges de Castro, e ao chegar ao ponto em que acampeei, o muleque Moero, que as levava, cahio, quebrando-se uma d'ellas, e entornando-se o precioso nectar, sem que se podesse aproveitar uma gôta.

Desde Mavanda até ás nascentes do riacho Moconco, cujo curso segui até á confluencia com o Varea, a vegetação arbòrea é esplêndida, e no cimo dos montes que marginam o riacho é tambem pomposa. Para além do Varea é ainda mais rica.

Desde que passei o Cuanza ouvia falar no rio Cuime, como o rio maior do paiz dos Quimbandes, afirmação que me era confirmada pelos grandes afluentes que lhe ia encontrando, o que me fazia arder em desejos de lhe ir lançar uma vista d'olhos.

Do Cuanza a leste o planalto apresenta um aspecto muito differente do que até ali.

As paisagens sam mais pintorescas e não apresentam a monotonia do Bihé. Os rios e ribeiros cavam os seus leitões mais fundos, tornando mais sensíveis os accidentes do terreno. As margens dos rios e ribeiros além dos limites das cheias, já se apresentam cobertas de vigorosa vegetação arbòrea, e a vegetação arborescente forma barreiras impassaveis nas florestas.

Na parte leste do paiz dos Quimbandes, a população começa a rarear. O sova de Cabango é ainda tributario do sova do Cuio ou Mucuzo.

Os costumes d'estes povos sam os mesmos dos Bihenos, salvo na actividade, que é entre os Quimbandes substituida pela mais vergonhosa preguiça.

Os Quimbandes andam quasi nus, não trabalham, não viajam e não negociam.

Poucos t[~e]m espingardas, por não terem com que as comprar. Já apanham alguma cêra, que os Bailundos lhes v[~e]m permutar a buzios e missangas, mas isto em pequenissima escala.

A terra é cultivada pelas mulhéres, e a sua producção é rica. O que mais tenho visto nas plantações é mandioca e ginguba.

Este paiz deve merecer particular attenção. Cortado com rios navegaveis que vam affluir a um grande traço navegavel do Cuanza; tendo um clima magnifico e ubèrrimos terrenos, onde produz bem o algodão, a canna de assucar, os cereaes e virentes pastagens, occupado por uma população que facilmente se submette, está nas melhores condições de um desenvolvimento ràpido.

No dia 24 de Junho passei o rio Onda, e fui acampar na sua margem direita, três milhas àlém do meu campo anterior.

O rio Onda tem, em Cabango, 15 metros de largo por 5 de fundo, e vindo de leste corre depois a N.O. a affluir ao Varea.

Depois de ter determinado a posição do meu acampamento, fui passear rio acima, e encontrei bastante caça. Logo acima de Cabango, o Onda estreita a 10 metros, mas profunda a 6, tendo uma corrente de 10 metros por minuto; corrente que se estende até ao fundo; o que me foi denunciado não só pela sonda, mas tambem pela inclinação que tomam as plantas que vegetam no fundo; o que se vê facilmente, por serem as àguas muito crystallinas e o fundo de area alvissima.

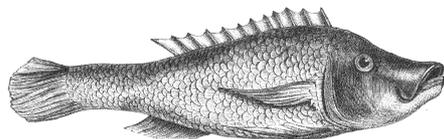


Figura 39.--Ditassoa, peixe do rio Onda.

N'este rio não vi outro peixe, a não ser um que os naturaes chamam *Ditassoa*, e que é soffrivel.

Percorrendo as margens do rio, vi, a distancia, um grupo de àrvores que se destacava da paizagem, e que julguei serem palmeiras; mas aproximando-me reconheci um lindo grupo de Fetus arboreos, da mais elegante belleza.

As margens do rio sam cortadas verticalmente, e por isso apresentam junto á borda a mesma profundidade que no meio.

Retirei do meu passeio, satisfeito com o que vira. O rio Onda era outro rio navegavel, outra estrada natural, que encontrava n'este soberbo paiz.

Ao chegar ao meu campo aguardava-me uma agradavel surpresa.

O Doutor Chacaiombe foi a primeira pessoa que veio comprimentar-me.

Eu, que julgava não mais vel-o, saudei-o com o maior júbilo, porque o seu desaparecimento era uma nuvem nêgra na minha viagem.



Figura 40.--Fetus arboreos das margens do rio Onda.

Já por vezes tenho falado no Doutor Chacaiombe, e não disse quem era.

Este homem foi o adevinho que, em casa do filho do capitão do Quingue, me predisse as cousas mais agradaveis a respeito do meu futuro.

Accumulando as funcções de cirurgião com as de adevinho, veio elle estabelecer-se junto a mim no Bihé, e não mais me deixou até que se encarregou da missão de obter carregadores no Capôco, d'onde julguei que não mais voltaria.

Depois de muitos cumprimentos, annunciou-me Chacaiombe que os carregadores chegariam dentro de dois dias, e eu resolvi esperal-os.

O meu Augusto veio dar-me parte, de que o sova de Cabango viera visitar-me, e se retirara muito contrariado por me não encontrar.

Mandei logo o pombeiro Chaquiçonde ao sova, pedir-lhe dois homens para mandar a Mavanda buscar o barco que ali tinha deixado, com bem pesar meu e da minha gente, que viram os serviços que elle nos prestou nas passagens do Cuqueima e do Cuanza.

Fui em seguida enxugar-me ao fogo, pois que cheguei do rio muito molhado, e ainda me lembrava com horror do rheumatismo no Bihé.

No dia seguinte, parti de madrugada para a caça, dirigindo-me ao norte, onde o paiz é coberto de densas florestas. Depois de ter andado oito milhas, encontrei o rio Cuime, a jusante da sua grande cataracta. Voltei e já era noute quando alcancei o meu campo, extenuado de fadiga; mas tendo feito boa caçada, e tendo visto o rio que ardia em desejos de ver, e que effectivamente é uma via importante, sendo como me asseguráram os naturaes, navegavel desde a sua grande cataracta até ao Cuanza.

No seguinte dia, voltei ao rio Onda, e ali surpreendeu-me a vista mais de uma povoação que divisava ao longe. Ao approximar-me, conheci que eram, não povoações de prêtos, mas sim de formigas brancas (*termites*), que juntavam em grandes grupos as suas construcções cônicas, cuja côr alvacentá, devida á da argila que iam buscar ao sub-solo, lhes dava toda a apparencia de aldeas de indigenas. De volta ao meu campo, encontrei o sova de Cabango, que ali tinha chegado havia pouco, com uma comitiva de 60 homens e muitas mulhéres.



Figura 41.--Mulhér de Cabango com o ferro de coçar a cabeça.

Esta gente, que se apresenta quasi em completa nudez, faz consistir todo o seu luxo nos penteados. Variam-n-os ao infinito e sam elles verdadeiras obras d'arte, e t[~e]m tecnologia propria.

Nas mulhéres o cabello, que fica em forma de cimeira de elmo Romano, chama-se *tronda*, e o que cae em trancinhas, dos lados, *cahengue*.

Os penteados masculinos, que formam tufos encrespados, chamam-se *sanica*.

O sova offereceu-me um boi, e eu dei-lhe um presente com que elle pareceu retirar-se satisfeito.

Chegáram n'esse dia os carregadores que vinham do Capôco e eram apenas quatro, mas eram os sufficientes, sendo dous para o barco, e outros dous para alliviar algumas cargas mais pesadas.

Á noute os meus prêtos e os da terra fizéram grande batuque, que durou até depois das 10 horas.



Figura 42.--Homem de Cabango.

O frio de noute continuava intenso, sendo que ás 3 e meia horas da manhã d'esse dia, o thermòmetro marcara 0°C. A desigualdade entre a màxima e a mìnima era já muito extraordinaria, e grande a seccura da atmospherá, como se verá dos boletins meteorològicos.

O sova voltou a ver-me, e deu-me alguns esclarecimentos sobre o paiz. Diz elle, que já não reconhece a soberania do sova do Cuio ou Mucuzo, e se considera independente.

As matas t[~e]m muita cêra, e os Bailundos v[~e]m ali permutal-a a buzio (caurim) e missangas. Trabalham em ferro, e fazem machados grandes, balas e facas.

Os machados de guerra, frechas e azagaias, v[~e]m-lhes dos Luchazes, e as enxadas dos Ganguelas, Nhembas e Gonzellos.



Figura 43.--Homem de Cabango.

Este sova, que se chama Chaquiunde, é um pouco falto de probidade, o que não admira muito. Veio, depois de larga conversa, fazer-me exigencias, allegando ter-me dado um boi. Vi-me na necessidade de o pôr fora do acampamento; mas elle, vendo a aspreza com que eu o tratava, mostrou-se contente, e explicou a sua impertinencia, desculpando-se com os seus macotas, que o tinham aconselhado a fazer grandes exigencias, e que o que pedia era para elles, pois que a elle eu tinha dado um presente superior ao valor do boi.

Tendo chegado os dois Quimbandes com o meu barco, resolvi seguir no dia immediato.

O dia 28 amanheceu frigidissimo, pois que o thermòmetro, ás 6 horas marcava apenas dois graos acima de zero; e por isso pude só levantar campo ás 8 horas, indo acampar ás 10 e 40 junto da margem do Onda, tendo andado a E.S.E.

Precisava fazer pequenas marchas, porque os meus carregadores iam muito pesados.

O terreno desde o rio Varea até ali é coberto de uma camada arenosa, sendo o sub-solo formado por uma argila de côr cinzenta, variando desde o branco sujo até ao azul acinzentado.

Junto ao leito do Onda o solo é formado por uma forte camada de humos, que ainda assim assenta sobre o sub-solo da mesma argila acinzentada. Junto ao rio vi alguns montes termíticos, apresentando a côr azul cobalto.

O terreno das clareiras é habitado por uma especie de termites differente d'aquella que habita as florestas. As termites das clareiras constroem montes mamelados, apresentando o aspecto de cones truncados cobertos por cúpulas hemisphèricas, tendo de 80 centímetros a um metro de diâmetro na base, por igual altura. Nas florestas formam ellas verdadeiros cones, tendo de 4 a 6 centímetros de diâmetro na base, por 25 a 30 centímetros de altura.

Sam muito approximados, e semelham um eriçado de espinhos que parecem brotar da terra.

Estas termites das florestas vam buscar os materiaes das suas construcções muito perto da superficie da terra, porque nas suas architecturas figura como materia prima a terra vegetal que forma o solo dos matos, e estas, apesar do cimento empregado, não t[~e]m a ligação e dureza das termites das clareiras, que, empregando uma argila consistente, formam verdadeiras petrificações. Nas habitações das termites das clareiras, apesar do seu interior ser formado de células como as de um favo de abelhas, a bala Snider não penetra n'ellas a mais de 10 centímetros.

Como já disse, nas encostas que abeiram o Onda, estas formigas accumulam as suas habitações em limitados espaços, figurando, a quem de longe as vê, verdadeiras povoações Quimbandes.

Por espaço de uma hora, depois que deixei o acampamento, caminhei na margem do rio em terreno descoberto; mas depois entrei em uma esplêndida floresta, cortada de riachos affluentes do Onda.

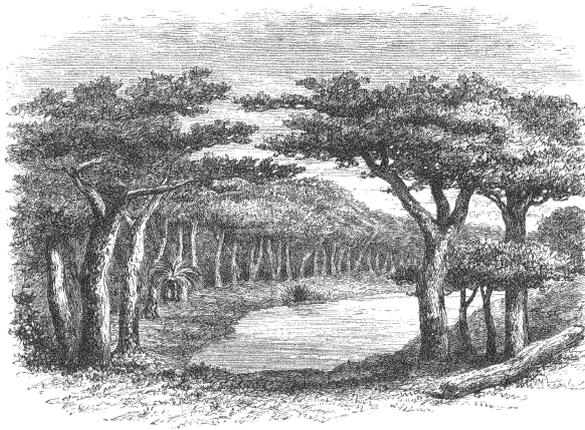


Figura 44.--O Lago Liguri.

Por vezes, a floresta tomava o aspecto de um d'esses grandes parques do norte da Europa, onde uma viçosa relva cobria completamente o solo. No meio da mata os meus passos fôram suspensos para contemplar uma das mais pintorescas paizagens que tenho visto.

Uma vasta clareira era occupada por uma lagôa de àgoa crystallina e fundo arenoso. Árvores enormes assombravam o pequeno lago, que reflectia os seus ramos de um bello verde-escuro, onde chilravam mil pàssaros.

A relva descia dos lados até á àgua, e só desaparecia para deixar logar a uma arêa alva e fina. Os prêtos d'este paiz, que não sam muito poetas, acham encanto n'este pequeno lago, a que chamam Lago Liguri, e em que ja me haviam falado.

Tôdos os riachos d'este paiz t[~e]m as margens apaüladas, e na àgua estagnada ha um depòsito de côr vermelha, que ao principio atribui á presença de ferro; o que conheci ser engano, porque o chá verde feito com aquella agua não a denunciava ferrea, pela formação do tanato de ferro. Só, talvez, por uma accumulacão de animàculos infusorios se produzam aquelles depòsitos vermelhos.

Desde o Bihé, observei, que em tôdos os pontos onde ha àguas estagnadas abundam sanguesugas, mas n'estes còrregos affluentes do Onda sam ellas em maior nùmero.

O rio continûa a ter entre 10 e 12 metros de largo, por 4 a 5 de fundo, tem corrente muito insensivel. Abunda a caça.

No dia seguinte, caminhei a S.E., sempre na margem direita do Onda, por espaço de três horas, sendo difficil a passagem de uma emmaranhada floresta, e mais difficil ainda o vadear o ribeiro Cobongo, de 4 metros de largo por 1 de fundo, e cujo leito lodôso embaraçava o andar.

Depois de três horas de caminho, afastei-me do Onda, seguindo a margem do ribeiro Cangombo, que passei indo acampar na margem esquerda do ribeiro Bitovo.

A 30 de Junho, segui a leste, aproveitando toda a margem do Bitovo, para caminhar livre de floresta, e d'ali passei ao valle do ribeiro Chiconde, cujo curso segui até ao Cuito, onde acampeei. Fez-me profunda impressão o contemplar as aguas do ribeiro Chiconde, correndo velozes para o Cuito. Até ali tinha encontrado àguas correndo ao oceano Atlântico, e essas àguas, cujo murmurio acalentava o meu somno, eram como um laço que me prendia á minha patria, indo cahir no mesmo mar que banhava o meu Portugal. Se ellas podessem converter o seu murmurio em falas, que de saudades, que de angústias que viram, podiam ir contar aos meus!

Ao deixar o Bitovo partio-se esse laço que me ligava á costa do Oeste. ¡Que pungente saudade não foi a minha!

Fazia um anno n'aquelle dia que eu fôra dar o abraço de despedida a meu velho pai, e recordou-me mais do que nunca que elle me deixara com o presentimento de não mais me ver.

N'aquelle dia já assentava o meu campo no paiz dos Luchazes, tendo deixado o dos Quimbandes com o ribeiro Bitovo.

Viéram alguns homens e mulhéres das povoações da margem direita do Cuito ao meu campo; mas nada trouxéram que vender, e nós precisávamos de comida. Prometêram contudo que no dia seguinte traziam algum Massango, porque não cultivam milho nem mesmo Massambala.

Nos seus arimbo cultivam o Massango, alguma mandioca, feijão fradinho, ginguba, mamona e algodão, tudo em pequena escala, apenas o necessario para o consumo do cultivador.

Colhem bastante cêra, já apanhada nas florestas, e já de colmeas que collocam sobre as àrvores, e onde os enxames v[~e]m habitar.

A cêra é um gènero, que elles permutam por peixe sêco do Cuanza, que os Quimbandes ali vam levar. O rio Cuito ali não tem peixe.

Os povos Luchazes sam pouco viajantes, e apenas deixam as suas povoações para fazerem pequenas caçadas aos

antílopes, afim de obterem pelles para se vestirem.

A pequena cultura é feita por homens e mulhéres.

O sovêta que governa as poucas povoações da margem do rio Cuito é o Muene-Calengo, que paga tributo a outro sova Muene-Mutemba, cuja povoação não pude precisar bem onde fica.



Figura 45.--Luchaze das margens do rio Cuito.

Estes Luchazes trabalham em ferro e fazem todas as obras de que precisam. O ferro é encontrado no paiz.

Uma cousa única que vi entre os povos bárbaros que visitei, é usarem os Luchazes de isqueiros para fazerem fogo, com fusil e pederneira. As pederneiras sam trazidas pelos Quibôcos, ou Quiôcos, que as v[~e]m trocar a cêra; e os fuzis fabricados por elles sam de ferro forjado e temperados em água fria, onde os lançam estando o ferro rubro. A isca é preparada com algodão misturado com a amendoa, pisada, contida no endocarpio de um fruto chamado Micha.

As mulhéres Luchazes usam cestos diferentes dos empregados pelas Quimbandes, e differentemente os trazem, porque sam suspensos da cabeça por uma larga tira de casca de àrvore, e caem sôbre as costas.

Este modo de trazer os cestos impede-as de trazerem os filhos, como é uso geral em Àfrica, sobre os rins, trazendo-os ao lado.

No dia seguinte, viéram de manhã algumas mulhéres trazer massango; mas em tão pequena quantidade, que mais fez sentir a fome que já tínhamos.



Figura 46.--Mulhér Luchaze carregada.

O rio Cuito tem no ponto em que o passei 7 metros de largo por 1 de fundo, com uma corrente de 25 metros por minuto.

É affluente do Cubango, e na sua confluencia assenta a grande povoação de Darico.

Nasce na planicie de Cangaba, onde t[~e]m nascente muito pròxima o Cuime e o Cuiba, affluentes do Cuanza, e o Lungo-é-ungo, affluente do Zambeze.

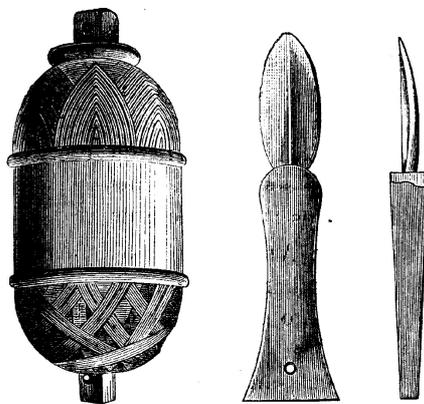


Figura 47.--Isqueiro dos Luchazes, Caixa da isca e Fuzil.

Não podendo obter viveres, resolvi seguir ávante, e quando dava ordens para levantar campo, chegava á margem do rio Cuito uma comitiva de escravos, capitaneada por três prêtos.

Apoderei-me dos três prêtos, e soltei todas as escravas, pois que na comitiva não iam escravos. Fiz com que entrassem no meu campo, e disse-lhes, que eram livres, e se quizessem acompanhar-me eu as fazia chegar a Benguella.

Disse-lhes, que nada receiassem dos seus guardas, e que se convencessem de que eram livres. Declaráram-me uma a uma, que não queriam a minha protecção, e que as deixasse ir como tinham vindo.

¿D'onde eram? Não m'-o sabiam dizer. ¿Que fazer? Repugnou-me leval-as comigo a despeito seu. Depois de algumas instancias, resolvi deixar aquellas desgraçadas seguirem o triste fado a que não queriam esquivar-se.

Demais, ¿seria elle melhor se me seguissem? Não é facil, ainda que isso se afigure na Europa, libertar uma leva de escravos, quando essa leva é encontrada longe dos dominios Europeus.

Uma leva de escravos tem gente de naturalidades diferentes, e muitas vezes longinquas.

Se aquelle que os pode libertar os quizér restituir ás suas familias, tem de percorrer uma grande parte d'Àfrica á busca dos lares dos seus protegidos, o que é praticamente impossivel.

Abandonal-os e dizer-lhes:--*Ide-vos--é fazel-os novamente escravos dos primeiros povos que encontrarem.*

Muitas vezes, aquelles desgraçados, arrancados das povoações em tenros annos, perdêram da memoria o sitio onde nascêram, e falando já uma lingua diferente da que balbuciáram crianças, e esquêcêram longe dos seus, t[~e]m por sua patria a terra da escravidão, e não conhecem outra.

Hôje, depois que os navios de guerra, Portuguezes e Inglezes, cruzam no Atlântico e no Índico, e impedem a exportação do homem, a escravatura é género de permutação apenas no interior, e o seu systema tem-se modificado.

O escravo apparece em Àfrica por dois modos. Ou é o prisioneiro de guerra, ou é o género de pagamento de divida pelos parentes.

Outrora fazia-se a guerra expressamente para se fazer o prisioneiro, e infelizmente ainda hôte se faz, posto-que em menor escala.

O ente humano dado, pelo parente proletario, em pagamento da divida contrahida, ou da multa decretada, é vulgar.

No caso de guerra, outrora todo prisioneiro servia para escravo, porque lhe não era facil, adulto que fôsse, voltar da Àmerica á Àfrica. O Atlântico era garantia segura.

Os adultos mesmos, podendo logo produzir um trabalho maior, eram preferidos ao adolescente e á criança.

Hôte não é assim. O homem feito foge, e tem sempre na idéa o voltar ao ninho d'onde o arrancáram, e essa esperanza não o abandona em quanto pisa o continente onde tem seu paiz.

Disse-me a mim um negreiro:--*sam muito fugitivos.*

A criança, o adolescente e a mulhêr, offerecem ao commerciante maior garantia, porque, espiritos mais irresolutos, não ousam encarar o pensamento de atravessar paizes enormes, para voltar ao seu.

Tem por isso mais valor, hôte, na Àfrica Austral, a criança e a mulhêr, e nas levas de desgraçados que infelizmente ainda arrastam os duros grilhões a travez do solo Africano, é raro vermos um homem feito.

Uma vez que falei na escravatura, direi ainda mais algumas palavras sobre ella.

Portugal, a Inglaterra e a França, t[~e]m, nos últimos tempos, empenhado uma verdadeira luta contra o commercio da carne humana, e as modificações feitas nas antigas praxes Americanas, concorrêram para que esse commercio diminuisse consideravelmente, e se modificasse essencialmente na Àfrica Austral.

Contudo, eu atrevo-me a dizer, que não será ainda a geração que ora começa, aquella que verá desaparecer o escravo do solo Africano.

O mesmo principio que imperava outrora na América, fazendo colonisar com os escravos, existe e existirá por muito tempo em África.

Os governos prêtos tambem t[~e]m a sua política colonisadora, e entre elles e os logares de procedencia do escravo, falta-nos um Oceano, onde possamos fazer singrar as nossas esquadras, e proteger os mesquinhos com as nossas baterias d'aço. Só os principios civilisadores poderám fazer cessar um dia a escravidão; mas infelizmente esse dia está longe, porque os argumentos de que se servem esses principios, sam menos eloquentes e menos enèrgicos do que os projecteis cylindro-cônicos o fôram no Atlântico e no Índico.

Eu tenho para mim, que a abolição da escravatura, no interior da África Austral hade existir de facto, quando deixar de existir a polygamia entre os prêtos; porque, ainda que os principios civilisadores façam desaparecer o escravo, a sensualidade asinina do negro fará subsistir a escrava.

Isto não quer dizer, que eu descreia de que se possam dar alguns rudes golpes de immediato effeito no reprovado commercio; mas sim que penso na difficuldade do seu completo exterminio. Já vai longa a divagação, voltemos ao assumpto.

Dizia eu, que as raparigas não quizéram ser livres, e seguíram os seus conductores.

Eu preparei-me tambem para partir, forçado sobre tudo pelas imperiosas necessidades dos estômagos, que em viagens de exploração governam tanto e mais do que as sociedades de Geographia.

Segui quasi a Leste, e depois de marcha de duas horas, avistava uma povoação, e acampava na margem de um ribeiro perto d'ella. Sube que ribeiro e povoação se chamavam Bembe.

Quando começava a faina de cortar madeira para acampar, vi de repente os meus prêtos dispersarem-se em varias direcções, fugindo espavoridos. Não atinava eu com a causa de tal terror, e dirigi-me ao sitio onde elles trabalhavam, a investigar o que seria. No logar onde eu tinha mandado construir o campo, milhões da terrivel formiga chamada pelos Bihenos Quissonde, sahiam da terra, e d'ella fugíram os meus homens. A formiga Quissonde é uma das mais temiveis feras do continente Africano. Dizem os naturaes, que ataca e mata o elephante, introduzindo-se-lhe na tromba e nos ouvidos. É inimigo que se não pode combater, e atacando aos milhares, só se lhe pode escapar na fuga. O Quissonde tem entre 6 e 8 milímetros de comprido, côr castanho-clara muito luzidía.

As mandíbulas d'este feroz hymenòptero, sam fortissimas e de grandeza desproporcionada.

Da sua mordedura no homem sahi logo um jacto de sangue.

Os chefes conduzem as suas phalanges a grandes distancias, e atacam todo animal que encontram no seu caminho.

Por mais de uma vez, durante a minha viagem, tive de fugir aos ataques d'este feroz insecto. Algumas vezes vi nos caminhos centenaes d'ellas esfregadas aos pés, levantarem-se, e continuarem a sua marcha, primeiro lentamente, depois com a sua celeridade ordinaria, tanta é a sua vitalidade.

Vem a propòsito falar aqui de outras formigas mais vulgares do que o Quissonde.

Uma é pequena, de três milímetros a quatro de comprido, negra e como o Quissonde armada de fortes mandíbulas. Chamam-lhe os Bihenos Olunginge. É o maior inimigo das termites, contra as quaes dirige terriveis ataques, e que vence apesar da desproporção do seu tamanho.

Estas pequenas formigas sam um verdadeiro beneficio, pela enorme destruição que causam nas larvas, nymphas e ovas das termites.

Em alguns pontos encontrei nas habitações das termites uma grande quantidade de formigas enormes, atingindo o comprimento de 20 milímetros, que vivem em commumidade com os abundantes nevròpteros da África Austral.

Estas formigas, supponho eu, que, pouco dadas ao trabalho de construir habitações, vam procurar nas construcções termíticas, abrigo e morada.

Nenhum d'estes pequenos insectos ataca o homem além do Quissonde, que o ataca sempre, e ainda nas margens do rio Bembe fez dispersar os meus carregadores.

Tive pois de ir longe escolher outro sitio para acampar.

Voltáram da povoação do Bembe alguns homens que ali tinha enviado, com a triste nova, de que o sovêta dera ordem para nada me venderem.

A fome já se fazia sentir muito, caça não apparecia, e apenas tivémos n'esse dia um punhado de massango, que tanto coube a cada um de nós na divisão que fiz, do pouco que obtivémos na margem do rio Cuito.

Ali o paiz já era completamente desconhecido a todos, e nenhumaes informações podiamos colher do gentio esquivo.

Reuni os meus pombeiros, e fiz-lhes ver a grande necessidade de alargarmos a marcha no dia seguinte, até encontrarmos povoações mais hospitaleiras.

Elles conviêram na imperiosa necessidade, e apesar de muito carregada a comitiva, e enfraquecida pela falta de alimento, decidiram animar a sua gente para os fazer ir avante. Havia dous dias que encontrava vestígios de ter sido outrora povoadissimo este paiz, pelas ruinas, já antigas, de muitas povoações que encontrei.

¿O que determinaria este abandono?

¿Seria a devastação pela escravatura? ¿Seria a insalubridade do clima? ¿Seria a falta de caça? ¿Seria a má qualidade do terreno?

Não o pude saber; mas a primeira hypòthese parece-me a mais admissivel.

O facto era, que essa falta de população inesperada, nos creou o maior embaraço, e eu n'essa noute soffri horrivelmente das torturas da fome.

No dia immediato, tive logo de manhã o transtorno de um carregador doente; mas o meu Doutor Chacaiombe houve-se com toda a bizarria e offereceu-se para levar a carga.

Na occasião de partir, apparecêram uns enviados do sovêta do Bembe, pedindo-me alguma cousa para elle; fiz-lhes ver o mau procedimento do sovêta para comigo, e mandei-os pôr fora do campo.

Segui ás 8 horas e 40 minutos. O rio Bembe, que tinha a vadear, tem dois metros largo por um de fundo e corre a S.O. para o Cuito.

A sua margem direita é montanha ìngreme; mas a esquerda, depois de uma trincheira quasi vertical, de 10 metros, estende-se, plana e paludosa, por um kilòmetro.

A marcha atravez do paúl levou uma hora, e fatigou muito a faminta caravana.

O terreno em seguida é levemente inclinado e coberto de uma vegetação arborescente difficil de transpor. Depois de outra hora de fatigante caminhar, comecei a descer uma encosta, a cujo sopé se desenrolava uma planicie, occulta por densa floresta. Desci uns 50 metros para alcançar a orla da mata; mas tive logo de alterar o meu rumo. A floresta era impassavel.

Aproveitei um difficil trilho de caça, que ora me levava a Leste, ora a Noroeste, e depois a Sueste, até que o terreno me faltou de repente.

Um sulco profundo de cem metros, cavado pelas àguas de um ribeiro, tolhia-me a passagem.

A difficuldade do caminho, o peso das cargas, e a fraqueza dos meus carregadores, obrigáram-me a acampar ali.

A fome já se fazia sentir em todos os seus horrores. Uma esperanza todavia me animava; eu tinha visto vestígios de caça.

Pouco depois de chegarmos, matou-se no campo uma cobra, que me disse o meu doutor ser muito venenosa; mas haver contraveneno á sua mordedura. Tinha um metro de comprido, e era côr de telha no dorso, tendo o ventre um pouco mais claro. Os olhos eram verdes muito brilhantes e a lingua bipartida.

A bôca era armada de quatro dentes dispostos como as presas de um cão. Ahi ficam os signaes d'ella para aquelles que pisarem um dia aquellas paragens.

Era preciso caçar, e eu, logo que fiz as minhas observações, parti para um lado, e mandei em outras direcções os meus prêtos Augusto e Miguel, os únicos que t[~e]m algumas manhas de caçadores na minha comitiva.

Encontrei perto do campo um grande rasto de búfalos e segui-o.

Não se faz idéa na Europa do que seja caçar para comer. É um prazer horrivel.

Deve ser assim o apontar á banca, do jogador que precisa ganhar uma certa quantia para pagar uma dívida de honra, e que mistura o febril prazer do jôgo, com a cruciante angústia da incerteza. Os olhos com que elle devora as cartas que lentamente vam escorregando por entre os dedos do banqueiro; os olhos que queriam penetrar atravez da carta opaca para anticipar o desfecho da agonia da dùvida, no fim da qual está a salvação ou a morte suicida; devem ter a mesma expressão dos olhos do caçador faminto, que perscruta a floresta em busca da caça que é para elle questão de vida ou morte.

Ha contudo uma differença.

É que o caçador faminto pode invocar em seu auxilio a Divindade, pode balbuciar uma sùpplica a Deus.

Ao passo que o caçador por prazer segue descuidoso uma pista, cheio de felizes emoções ao avistar o gamo que procura; caminha desassombradamente, sabendo que no sitio ajustado, um cozinheiro prepara òptimos manjares; que pára aqui e àlém para contemplar uma flôr mimosa, uma paizagem agradável. O caçador por necessidade só pensa na

caça que, matando-a, lhe matará a fome.

Ao passo que um caminha curvado para chegar ao alcance do tiro, o outro deita-se de rastos, não sente os espinhos que lhe razgam as carnes, e por umas palhas que faz tremer, treme também de dar um alarme, e caminha devagar, devagar, reduzindo a distancia para que o tiro não falhe, com o coração a palpitar, e com o estômago a bradar em contorsões pungentes.

Deve ser assim o caçar do tigre e do leão. O rasto que eu segui levou-me ao fundo do precipicio onde corre o pequeno còrrego, e por muito tempo segui a sua margem direita, passando depois á esquerda, onde vi os búfalos, que caminhavam pastando na orla de uma densa floresta virgem.

Estavam a 500 metros de mim.

Começou então esse fatigante caminhar de rôjo, a carabina a tiracollo como que nadando n'um mar de palha curta. De quando em quando levantava a cabeça descoberta para espreitar a minha presa, e prosseguia n'aquelle caminhar difficil cheio de commoções. Os búfalos pastando, ora caminhavam ora paravam, sempre na orla da mata. Se paravam que alegria, se andavam que desespero o meu!

Na mente phantasiava eu chegar ao acampamento e dizer, "vam á margem do còrrego, e lá encontrarám caça para matar a fome."

Era uma mistura de prazer e de angústia que me causava a incerteza horrivel.

De repente os animaes desaparecêram na floresta em apressado trotar.

¿O que seria? ¿Terme-hiam presentido?

Levantei-me e segui o rasto com a maior presteza; mas entrando na floresta, o meu desespero subio de ponto.

Na mata virgem o solo coberto de musgo espesso não deixa perceber um rasto ao ôlho mais experimentado.

Parei desanimado. Tudo o que tinha phantasiado cahio como sonho fâgueiro ao impertinente despertar.

Ainda fui longe sem nada perceber de caça, e perto das 6 horas da tarde recolhi ao campo, prostrado de fadiga e fome, tendo andado inutilmente 20 kilômetros!

Ao entrar no acampamento, achegou-se a mim o meu Augusto, mostrando-me radiante de alegria um soberbo antilope que tinha morto! Era uma enorme Malanca (*Hippotragus equinus*) da corpulencia de um boi.

Fiz immediatamente a partilha pelos meus carregadores e por mim mesmo, e depois de um longo jejum, que nem Deos me leva em conta por ser involuntario, tive um opìparo jantar, adubado pela fome, que faria inveja aos mais pichosos gastrònomos.

Miguel, o meu bravo caçador de elephantes, também veio cumprimentar-me; mas revelava-se-lhe no rosto a mais profunda tristeza.

Logo que sube a causa do desespero do meu valente, não pude deixar de me consternar muito.

Durante a ausencia de Miguel, a minha cabrinha Córa entrou na sua tenda, e comera-lhe o grande feitiço que elle possuia para matar os elephantes.

Consistia o valioso talisman em um dente humano cahido do tecto de uma casa velha, embrulhado em palha e trapos por um cirurgião de grande fama, que lhe tinha incutido as maiores virtudes; sendo facilimo ao portador de tão extraordinario objecto, o encontrar e matar elephantes sem o menor perigo. Miguel estava inconsolavel; mas eu consegui tranquelizal-o, promettendo-lhe maior feitiço do que o perdido, para o mesmo fim.

E não o enganava, pois que a boa carabina que tencionava dar-lhe, logo que chegássemos a paiz de elephantes, valia bem por tôdos os dentes humanos embrulhados em palha e trapos.

Depois de comer, reuníram-se em tórno da minha fogueira os meus pombeiros, e contáram-me, que durante a minha ausencia, toda a gente tinha ido ao mato, seguindo uns os *indicators*, haviam colhido bastante mel, sendo que outros haviam feito larga colheita de uma fruta chamada pelos Bienes *atundo*, semelhante á goiaba, mas produzida por uma planta herbacea de pequeno talhe. Os pedùnculos d'esta fruta partem do caule junto á terra, e o fruto cresce semi-enterrado. O seu sabor é agradável, não julgando eu que seja muito nutriente.

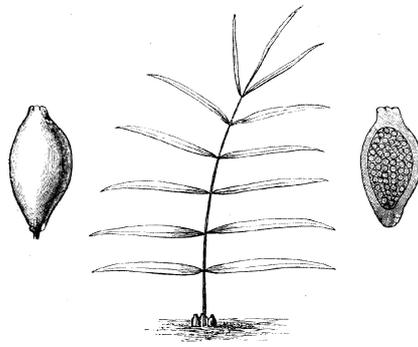


Figura 48.--Atundo, Planta e Fruto.

No dia seguinte era preciso seguir avante, e por isso, apesar do frio, levantámos campo muito mais cedo que do costume.

Seguímos a S.E., encontrando, depois de duas horas de marcha, um rio difficil de transpor. Tinha 4 metros de largo, por 4 de fundo, e violenta corrente.

Mandei cortar grandes árvores na floresta, e pouco depois estava lançada uma ponte e a comitiva passava. Pouco a jusante do sitio em que passei o rio, afflue a elle um riacho vindo de Leste. Segui a margem direita d'este riacho, e uma hora depois, acampava perto de duas povoações que avistava.

Logo que chegámos, viéram espreitar-nos alguns gentios, com quem pudémos falar a pedir provisões. Pouco depois, já apparecia no nosso campo algum massango que pretas quasi nuas vinham vender. Comprando a missanga sem regatear, em breve tivémos alimentação sufficiente para aquelle dia.

Em breve se estabelecêram relações cordiaes entre aquelle gentio e nós. Por elles soubémos, que o ribeiro onde acampámos na vèspora se chamava Licócooa, o rio onde n'aquelle dia havíamos lançado a ponte Nhongoaviranda, e o córrego em cujas nascentes estávamos acampados Cambimbia.

As duas povoações que ficam na margem esquerda do ribeiro sam Luchazes, aquella que ficava a N.O. do meu campo era de Quiôcos ou Quibôcos. Fôram estes últimos que viéram ao meu campo e com quem estava em relações.

Comi mais de um litro de massango cozido em água, não me foi desagradavel tal alimento.

Depois de ter saciado o appetite, calculei a posição em que estaria n'aquelle noute o planeta Júpiter, no momento do eclipse do 1^o satèlite que eu precisava observar.

Eu estava acampado n'uma floresta copada, que não me deixava ver os astros.

Logo que achei pelo cálculo a posição do planeta no momento desejado, escolhi o logar onde assentaria o meu telescopio, e mandei rasgar na floresta um claro sufficiente para poder fazer a observação.

Houve grande faina; e os meus bravos Bihenos, machado em punho, conseguiram em duas horas razgar uma abertura por onde eu podesse dirigir o meu òculo.

As mulhéres dos Quiôcos ou Quibôcos que viéram ao meu campo traziam os filhos ao lado como as Luchazes, suspensos do hombro opposto por uma faixa de casca de árvore.

Além de massango, trouxéram ellas para vender umas raizes tuberculosas chamadas Genamba, de que os meus pretos gostavam muito e eu nada. Não cultivam o milho, e alimentam-se de massango.

O luxo dos penteados não se encontra entre os Quibôcos ou Quiôcos, e o seu vestir é mais miseravel do que entre os Quimbandes. As mulhéres andam nuas!

Causará de certo estranheza ao leitor, que eu, estando em pleno paiz dos Luchazes, lhe esteja falando em Quiôcos. Se isso o admira, não me surpreendeu menos a mim o caso de os encontrar ali.

A emigração constante dos Quiôcos e a colonização das terras Luchazes por elles, é um facto.

O paiz dos Quiôcos ou Quibôcos (que lhes chamam indifferentemente) é collocado ao norte de Lobar, nas vertentes leste da serra da Mozamba. Livingstone fal-o cortar pelo parallelo 11 sul, e pelo meridiano 20 leste de Greenwich.

Os Quiôcos sam viajantes, caçadores, e ousados. Alguns, descontentes com o seu paiz, emigráram para o sul, atravessáram o Lobar, e viéram estabelecer-se na margem direita do Lungo-é-ungo, em paiz Luchaze.

Não foram hostilizados, e atraz d'estes seguiram-se outros, sendo constante hõje a emigração. Não paráram ali, e seguíram muitos emigrantes mais ao sul, indo até ao Cubango. A maior parte da povoação de Darico é de Quiôcos.

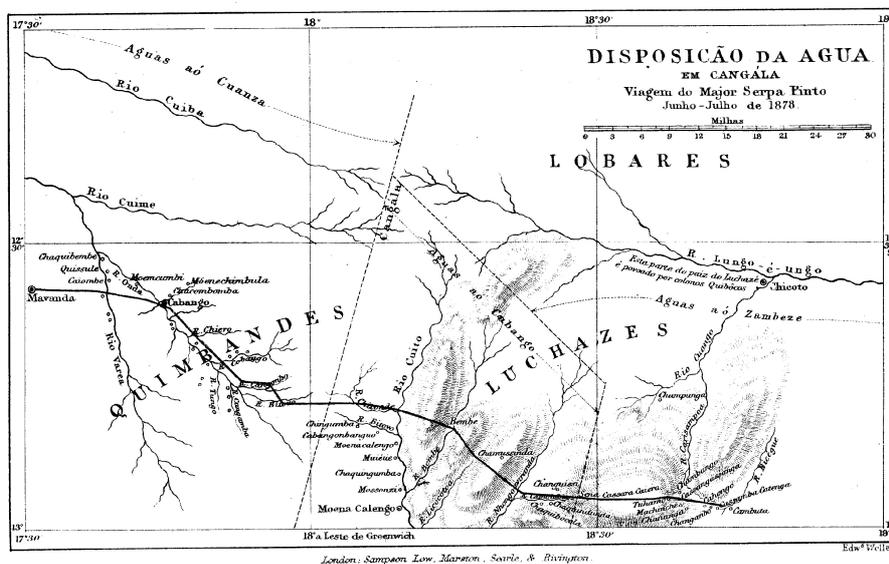
Perguntando-lhes eu, ¿qual o motivo de abandonarem o seu paiz? disséram-me, que a doença e a falta de caça os afugentava de lá.

Estes Quiôcos com quem entrei em relações, estavam estabelecidos ali havia pouco, e não lhes sobravam as provisões para venderem; mas disséram-me elles, que

[**Nota de editor: No original há um salto da página 235 à 237. Trata-se de um erro de impressão.]

[**Transcriber's note: In the original book there is a gap between pages 235, 236 and 237... it is a printing error.]

No alto da serra ha um esplêndido panorama de N.E. a N.O. Vê-se tôdo o curso do rio Cuango, affluente do Lungo-é-ungo pelo sul.



Mappa 5.--Disposição da água em Cangala

Avista-se a bacia d'este desde Cangala até á confluencia do Cuango, e bem assim as bacias superiores dos rios Cuito, Cuime e Cuiba.

O golpe de vista é sorprendente.

Na vertente de oeste da serra Cassara-Caiêra a vegetação arbòrea é esplêndida, na cumiada enfêzada e pobre; na vertente leste a vegetação arborecente e herbàcea verdadeiramente rica.

Esta vertente leste é chamada Bongo-Iacongonzêlo.

Fui acampar na nascente do ribeiro Canssampôa, affluente do Cuango, e durante tôdo o trajecto d'aquelle dia não encontrei água.

Junto ao meu campo, na outra margem do ribeiro, ficavam cinco povoações Luchazes.

Estas cinco povoações sam governadas por um sovêta que obedece ao soba Chicôto, cuja povoação é na confluencia do Cuango com o Lungo-é-ungo.

As duas povoações Luchazes que ficam no Cambimbia obedecem ao Muene-calengo do Cuito.

O sovêta Cassangassanga veio visitar-me, e trouxe-me de presente um cabrito. Dei-lhe alguma missanga com que se retirou satisfeito, promettendo mandar-me algum massango n'aquelle dia, e guias no immediato para me conduzirem a Cambuta, onde me disse eu encontraria muitos vïveres. Cumprio as suas promessas, não só mandando o massango n'aquelle dia, como os guias no seguinte.

O massango, dividido, deu uma pequena ração a cada um de nós; o cabrito não era cousa de vulto para tanta gente, e francamente dormimos com fome.

Ali cultivam massango, pouca mandioca, menos feijão, bastante mamona e algum lúpulo.

Trabalham o ferro com bastante perfeição, sendo o minerio encontrado no paiz.

No dia 6 de Julho, parti a leste, e depois de três horas de caminho, na última das quaes segui a margem do ribeiro Andara-canssampo, acampava em frente da povoação de Cambuta, junto ao rio Bicêque, que corre a N.E. para unir-se ao Cutangjo, affluente do Lungo-é-ungo. O paiz tem uma certa agglomeração de população, que obedece ao sova de Cambuta. Ali pude obter bastante massango, único alimento que cultivam em abundancia, e por isso único que me viéram vender.

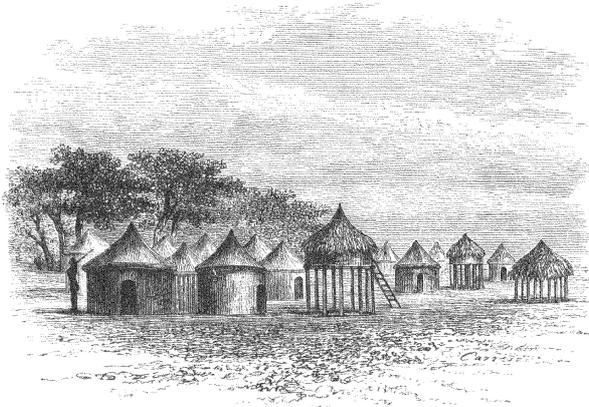


Figura 49.--Povoação de Cambuta, Luchaze.

Nunca vi tão grande quantidade de rôlas como ali, e eu matei muitas, carregando a arma com pedrinhas miúdas das margens do ribeiro. Adoecêram-me alguns carregadores com papeira, e outros com gastrites, de certo provenientes da má alimentação.

Entre as raparigas que viéram ao meu campo vender massango, notei algumas muito galantes e muito esbeltas.

Andam quasi nuas, e mal se lhes percebe, não uma folha de vinha, mas um pequeno farrapo de casca de àrvore.

Ali homens e mulhéres sem excepção t[~e]m os dentes incisivos da frente cortados em triângulo, de modo que estando a dentadura unida, apparece um lozango vazio, formado por os dois triângulos cortados na frente em dentes de ambas as maxilas.

O frio continuava a ser intensissimo durante a noute, e só junto de grandes fogueiras podiamos repousar.



Figura 50.--Mulhér Luchaze de Cambuta.

No dia seguinte, continuavam as doenças. Um caso bem para notar era, serem só atacados os Bihenos, e resistirem os negros de Benguella, não tão habituados como aquelles ás vicissitudes da vida sertaneja.

De manhã, matou-se perto do acampamento uma ave de rapina, que a minha vista pouco experimentada não soube collocar em algum dos gêneros em que se divide a familia dos rapaces diurnos, querendo, na minha ignorancia em tal assumpto, que fosse um Gypeta, ainda que julgo ser única a especie do gênero conhecida.

O meu pássaro parecia-se enormemente com o gypeta, excepto nas dimensões que as tinha muito menores, pois contava apenas, de ponta a ponta de aza, 1 metro e 75 centímetros.

Fôsse o que fôsse, foi saboreado pelos Bihenos, que em materia de gastronomia, desde o homem até ao abutre, passando pelo crocodilo, leopardo e hyena, de tudo comem sem escrúpulo.

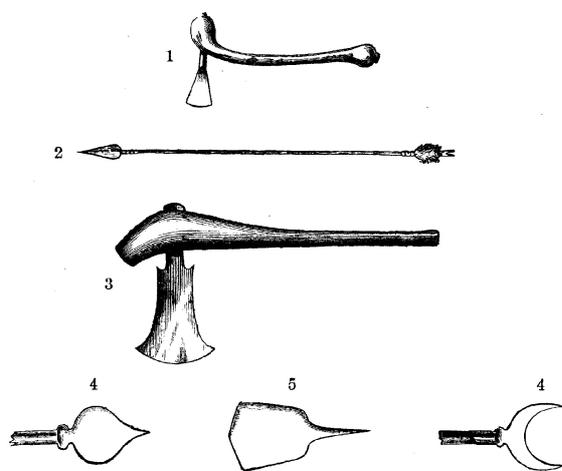


Figura 51.--Homem Luchaze de Cambuta.

N'esse dia, como na vèspere, o tempo que me ficou livre das observações, empreguei-o a percorrer os arredores,

levantando, como costume, uma planta grosseira dos terrenos que avisto, tendo marcado tres milhas ao sul da nascente do Biceque, a nascente do rio Cuanavare, grande affluente do Cuito. Junto da nascente do Cuanavare, estive na povoação de Muenevinde, governada por uma dama, cujo marido que se chama Ungira, não tem voz activa na governação.

Eu nunca fui amante de feijão-fradinho, mas á noute, de volta ao campo, tive um pequeno presente d'elle, e comi-o com devorador appetite.



1 e 3. Machados.

2. Frecha.

4, 4. Ferros de frecha.

5. Enxada.

Figura 52.--Objectos fabricados pelos Luchazes.

O sova de Cambuta estava ausente em caçada, e fizéram-me as honras da casa as suas damas, com quem conservei as mais cordiaes relações, obtendo d'ellas, não só boa provisão de massango, mas ainda 12 carregadores para elle, e dois guias para me encaminharem ás nascentes do Cuando e do Cubangui, affluente d'aquelle, rios que me diziam no paiz serem os *maiores do mundo*.

Permittam-me aqui agora os meus leitores duas palavras, a respeito das últimas do período anterior que sublinhei.

O rio Cuando, de certo o maior affluente do Zambeze, não foi conhecido por mim pelas informações dos Luchazes de Cambuta; e eu, tendo sustentado a minha marcha do Bihé até ali, uma grande parte do caminho fóra e muito ao norte do trilho das caravanas Bihenas, sabia o que fazia, e onde deveria pouco mais ou menos ir encontrar as nascentes de tão grande arteria. Devia isso ás informações de Silva Porto, que já tinha descido aquelle rio do Cuchibi até Liniante, levando cargas em canôas.

Silva Porto tinha-me assignalado as nascentes d'aquelle rio, que elle conhecia nos seus terços medio e inferior, pouco mais ou menos no ponto em que as encontrei, e isto por informações colhidas por elle do gentio.

Se Silva Porto pudesse dar aos pontos que conhece da África Austral, as posições traduzidas em longitudes e latitudes, enchiam-se facilmente os espaços em branco que ainda existem na carta d'aquelles paizes.

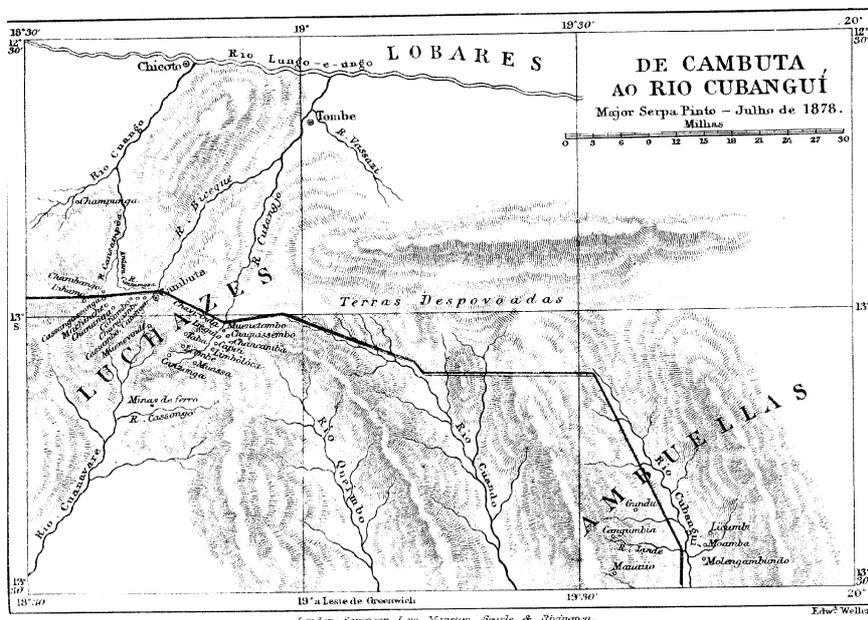
Assim, pois, partindo de Cambuta a buscar as nascentes do Cuando, eu cumpria o itinerario que havia traçado, e ia resolver um dos problemas que mais desejava resolver.

As noticias detalhadas ia eu colhendo em caminho, as geraes essas já as tinha aprendido de Silva Porto.

Disséram-me os meus guias, que iam atravessar, para além do rio Cutangjo, uma região despovoada, e por isso era mistér fazer provisões para o caminho. Foi essa informação que me levou a comprar mais massango, e a pedir 12 homens, ás mulhéres do sova.

Parti no dia 9 de Julho ás 9 da manhã, e três horas depois passava o rio Cutangjo, e acampava na sua margem direita, junto da povoação de Chaquissengo. O Cutangjo tem ali 4 metros de largo, por 1 de fundo, e corre a N.N.E. para o Lungo-é-ungo. Vi que nas plantações havia alguma mandioca e muito massango--o terrível massango, que tanto me havia de perseguir em África!

Algodoeiros e mamona cultivam muito estes Luchazes.



Mappa 6.--De Cambuta ao Cubangué

Trabalham o ferro, que tiram das margens do Cassongo, e as suas obras sam muito perfeitas.

Quasi todos os Luchazes t[~e]m barba por baixo do queixo, e pequeno bigode. Vai ali desaparecendo o luxo dos penteados extraordinarios que até ali faziam a minha admiração.



Figura 53.--Mulhér Luchaze do Cutangjo.

Os homens usam um largo cinto de couro cru, com fivelas feitas por elles; cobrem com pelles a sua nudez, e abrigam-se do frio com licondes, que extrahem de àrvores das florestas.

Não fabricam panellas, e as que usam vam obtel-as dos Quimbandes.

Fazem manilhas, com cobre, que ali lhes v[~e]m permutar a cêra os Lobares, sendo que estes o obt[~e]m da Lunda.



Figura 54.--Cachimbo Luchaze.

Fui ver a povoação de Chaquicengo, que, como todas do paiz, é muito bonita e de um grande aceio. As casas sam feitas de troncos de àrvores, de 1 metro e 20 centímetros de altura, que tanto é a altura das paredes. O intervallo da madeira, que é encostada uma á outra, é cheio, em umas de barro, em outras de palha. Os tectos sam de còlmo, e como as armações sam feitas de varas muito finas, fazem uma curva, tomando um aspecto de tectos Chinezes. Os celeiros sam collocados muito altos sobre uma armação de madeira, todos de palha, e de cobertura movel; pois é preciso levantall-a para ir dentro buscar os mantimentos. T[~e]m accesso por uma escada de mão, e não sam mais do que um cesto gigantesco á prova d'água, em que é tampa um tecto cônico.

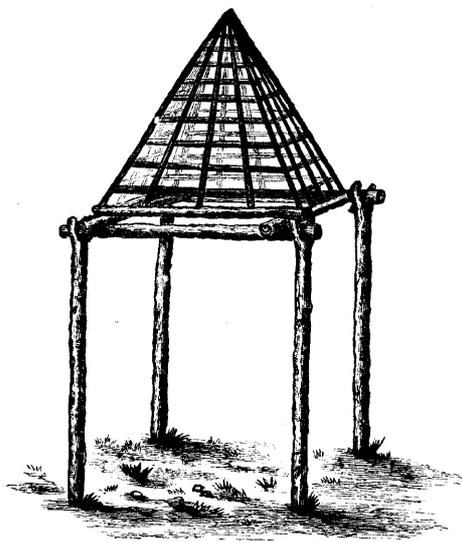


Figura 55.--Capoeira dos Luchazes.

As capoeiras sam umas pyràmides quadrangulares de varas d'àrvore, assentes em quatro pes ou estacas muito altas, para as pôr ao abrigo dos pequenos carnívoros.

No centro da povoação ha, como no Huambo, uma especie de kiosque para conversa.

Ali, em tôrno de uma fogueira, alguns homens preparavam arcos e frechas. Recebêram-me muito bem, e viéram-me offerecer uma bebida preparada com àgua, mel e farinha de Lúpulo, que misturam em uma cabaça onde a deixam fermentar. Chamam-lhe Bingundo, e é a mais alcohòlica que tenho encontrado.

Estes Luchazes usam uma armadilha para apanhar pequenos antilopes e lebres, que é engenhosa, e bem so comprehende em vista do desenho. Chama-se Urivi.

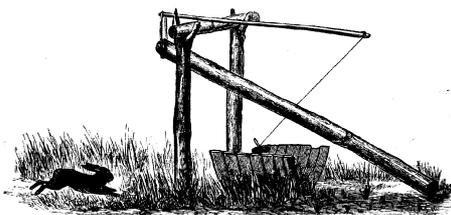


Figura 56.--Urivi, Armadilha para caça.

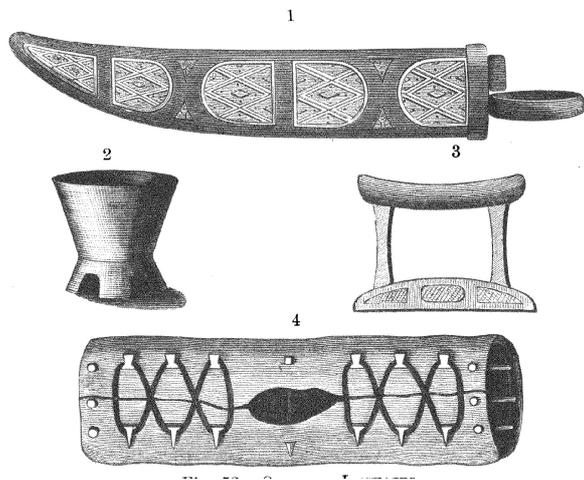
Depois de um passeio até ás nascentes do Cutangjo, voltei ao meu campo, acompanhado por grande nùmero de homens e mulhéres que não cessavam de me admirar.

Entre esta gente das margens do Cutangjo vi muitos typos masculinos de uma fealdade repugnante.

Estes povos, não só apanham muita cêra nas florestas, mas ainda collocam nas àrvores innùmeras colmeas que fabricam com uma grossa casca de àrvore ligada com pinos de pao.



Figura 57.--Luchaze do Cutandjo.



1. Bainha de faca.
2. Cesto.
3. Travesseiro de pao.
4. Cortiço d'abelhas.

Figura 58.--Objectos Luchazes.

No dia 10 de Julho, parti ás 8 da manhã, e meia hora depois, apesar dos guias, andava perdido em uma floresta impassavel, d'onde pudémos a muito custo sahir ás 10 horas. Então encontrámos terreno limpo de arbustos, mas coberto de àrvores gigantes, que nos abrigavam do sol; prazer que durou pouco, porque, meia hora depois, já andávamos outra vez mettidos em mato tão emmaranhado que nos deu verdadeiro trabalho a transpor. Emfim, ás 11 e 20 minutos, descia eu a vertente suave de um còmoro, em cujo sopé a àgua limosa de uma pequena lagôa era cercada por um tapête de verdejantes gramíneas.

Ao chegar ali, dei um tiro em um animal que creio se chama *Leopardus jubatus*, cuja pelle veio augmentar a minha cama felina. Esta pelle, que foi minha cama até Pretoria, offereci eu ao Doutor Bocage.

Este leopardo jubatus bastante raro, porque em toda a minha viagem vi apenas dois, vê muito pouco de dia, supponho eu, e supponho isto por ter notado em ambos, que, ao deparar com elles, fitavam as orelhas para o meu lado, em que sentiam rumor, como querendo perceber o perigo mais pelos orgãos auditivos do que pelos visuaes.

Abeirei-me da lagôa, e determinei a sua posição, tendo mandado construir o meu campo uns 100 metros ao sul, sobre a encosta, ficando uns 30 metros sobranceiro ao paúl, que mais paúl do que lagôa é o charco onde nasce o grande affluente do Zambeze.

Quando trabalhava fui acommettido de um repentino e violento accesso de febre que me prostrou por três horas. Quando voltei a mim, não pude deixar de sorrir. Estava coberto de amuletos, tendo ao pescôço um sem-número de cornos de pequenos antílopes, cheios das mais virtuosas medicinas. Uma pulseira de dentes de crocodilo enlaçava-me o braço direito, e dois enormes cornos de malanca pendiam de dois paos espetados dentro da barraca.

Os meus prêtos, durante a febre, não se haviam poupado a cuidados, e ouvido o doutor Chacaiombe, tinham posto tudo aquillo sobre mim, com a mais inteira fé no resultado.

Uma forte dose de quinino, que tomei, determinando o meu prompto restabelecimento, veio corroborar mais as virtudes dos amuletos, que tudo a elles foi attribuido.

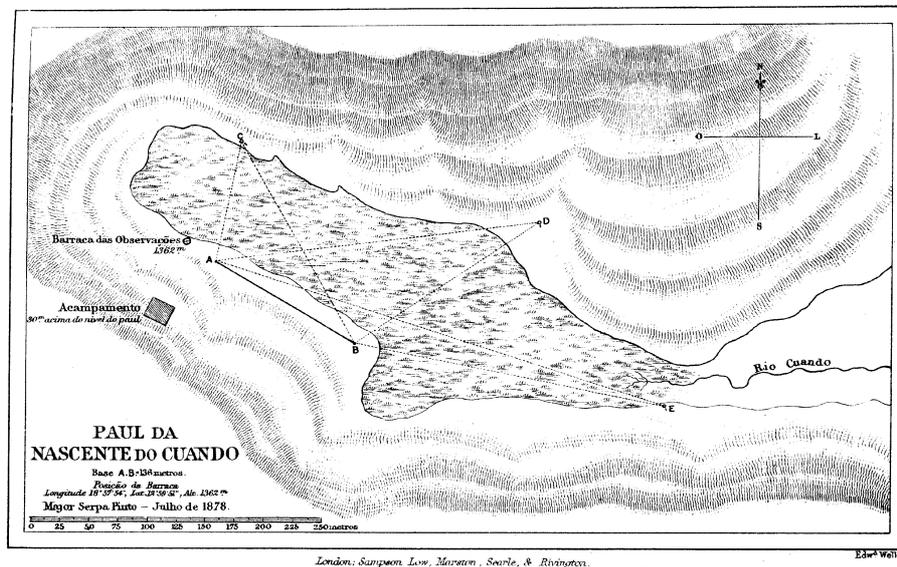
Os meus prêtos Augusto e Miguel, tinham ido caçar; mas voltáram sem nada, tendo encontrado alguns leopardos. Víram contudo muitos rastos de caça grossa.

No dia seguinte de manhã, levantei uma grosseira planta do paúl, rectifiquei a minha posição, e levantei um pequeno padrão, construido de barro, dentro da barraca das observações, onde enterrei um frasco que fôra de quinino, perfeitamente rolhado, contendo um papél, onde, de um lado, por baixo do nome d'El-Rei, escrevi os nomes dos membros da commissão central permanente de geographia, e do outro, as coordenadas do ponto, e a data.

Depois do meio-dia, os guias Luchazes fôram mostrar-me a nascente do rio Queimbo, affluente do Cuando por oeste. Marquei estas nascentes, 6 milhas geogràphicas a S.O. do paúl da nascente do Cuando.

Os doze carregadores Luchazes estavam muito saudosos de suas casas, e queixavam-se muito do frio. O paiz é despovoado, e deve ter muita caça, porque d'ella haviam rastos, continuando a apparecer leopardos, que d'ella sam tambem indicio certo. Nós não vimos nenhuma. Era preciso seguir avante, porque os mantimentos desappareciam ràpidamente, e precisávamos alcançar as povoações Ambuelas, para escapar á fome.

Na manhã de 12 de Julho, por um frio de dois graos acima de zero, mandei levantar campo e preparar para partir; não conseguindo deixar o acampamento antes das 8 horas.



Mappa 7.--Paúl da nascente do Cuando

Milhares de periquitos esvoaçavam nas matas e faziam uma chiada infernal.

Segui a margem direita do Cuando por duas horas, e em seguida, por indicação dos guias, passei á margem esquerda sobre uma ponte que improvisámos de troncos de árvore.

Ali já o rio tinha dois metros de largo por dois de fundo, e violenta corrente.

Ao passar o rio, avistei uma manada de gnous, a que não pude atirar.

Acampei ali. As margens do Cuando sam montanhosas, e desde a nascente até áquelle ponto t[~e]m uma faixa apaülada de 30 a 40 metros, que deita em toda a extensão muita água, que vai engrossar o rio.

Este facto dá-se com quasi todos os rios d'aquellas regiões, que recebem por aquelle meio enorme quantidade de àguas, de modo que, sem a elles affluirem outros, sam navegaveis a algumas milhas das pequenas nascentes.

Na margem direita do rio vi aqui e àlém algumas barreiras verticaes estratificadas, apresentando faxas côr-de-rosa, brancas e azues.

No dia seguinte, levantei ás 8, e caminhei até ao meio-dia, indo acampar junto de um còrrego affluente do Cuando.

Adocêram-me alguns homens, com papeira, e outros com inflamações nas pernas.

Felizmente, as cargas das provisões tinham diminuido sensivelmente, e tinha carregadores de sobreceleste. Nas margens apaüladas do Cuando abundavam sanguessugas, que mandei apanhar, para applicar a alguns doentes que d'ellas careciam.

As matas que atravessei, e aquella em que estava acampado, eram quasi exclusivamente formadas de umas àrvores enormes, a que os Bihenos chamam Cuchibi, àrvores prestadias ao viajante faminto.

O seu fruto semelha um feijão, onde só um grão de vivo escarlata está encerrado na casca verde-escura. Este fruto, depois de uma demorada cocção, separa os invòlucros escarlates dos cotylèdones brancos. Sam aquelles invòlucros escarlates a parte comestivel d'esta semente.



Figura 59.--O Cuchibi.

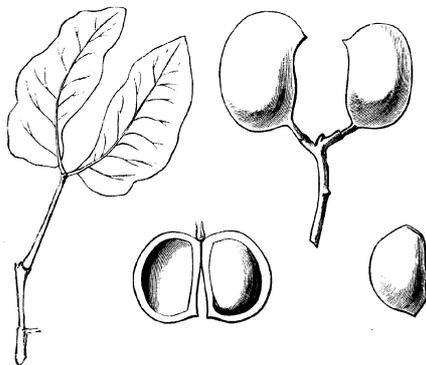
Sam bastante oleaginosos, e os Ambuelas e Luchazes extrahem d'elles um òleo que tempera a comida.

Este fruto é de certo um grande socorro ao viajante faminto; mas não é para pressas, que a sua cocção é demoradissima.

Outro fruto que se encontra ali e que é bastante vulgar em todo o planalto, é o que os Bihenos chamam Mapole.

É produzido por uma àrvore de mediana corpolencia, e semelha pela côr e tamanho uma laranja madura.

Um pedùnculo bastante comprido suspende este fruto verticalmente dos ramos da àrvore. O epicarpio e o mesocarpio estreitamente ligados, formam um invòlucro de quatro milímetros de espessura, de dureza cornea.



**Figura 60.--Folha e Fruto do Cuchibi.
(Tamanho natural.)**

Só com um forte machado se pode partir. No interior a parte comestivel é um liquido espesso e coagulado em que se agglomeram umas sementes como as das ameixas pequenas.

Este líquido, de sabor agro-dôce, tomado em quantidade, é bastante purgativo; mas asseguráram-me os Bihenos, que é muito nutritivo e um homem pode viver d'elle alguns dias.

No dia seguinte, deixei o rio Cuando, que já ali se inclina a S.S.E.; e por indicação dos guias, caminhei a leste, para ir demandar as nascentes do Cubanguí, rio que elles me diziam ser muito grande.

Depois de uma hora de marcha, passei um ribeirão que corre ao sul, n'um terreno apaülado de 100 metros de largo, que custou a transpor; 4 milhas àlém, outro grande ribeiro corre paralelo ao antecedente.

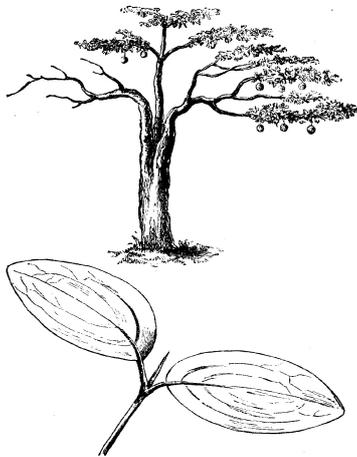


Figura 61.--O Mapole, Àrvore e Folha.

Entre os leitos d'estes ribeiros, e bem assim entre os dos affluentes do Cuando, a leste, correm montanhas norte-sul, montanhas que pertencem a um systema mais importante, que ao norte corre leste-oeste, indo as suas vertentes N. terminar no valle do Lungo-é-ungo.

Pelas 11 e meia, cheguei ao alto da serra, d'onde os guias me mostráram, muito ao longe, as nascentes do rio Cubanguí. Marquei aquellas nascentes perfeitamente a leste; e como receei não poder, chegado que fôsse, determinar a latitude, parei, e ao meio-dia determinei a d'aquelle ponto em que estava, por ser a mesma das nascentes do rio, estando, como estavam, leste-oeste com elle.

Pelas 2 horas da tarde, acampej junto ás nascentes, que sam em tudo semelhantes ás do Cuando. O pântano que dá nascente a este rio tem o seu eixo norte-sul, e estende-se por um kilómetro, variando a sua largura entre 80 e 100 metros.

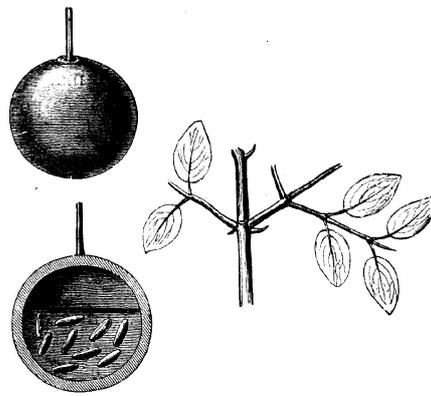


Figura 62.--Mapole, Fruto e disposição dos Ramos.

Não appareceu caça, mas vimos d'ella muitos rastos, e durante a noute, os leões fizéram um concerto infernal em tórno do campo.

Já ali se distribuíram as últimas rações, e de nôvo tínhamos diante de nós a fome.

Os guias diziam, estarem perto as povoações, mas termos de marchar dois dias para as alcançar; porque os muitos doentes, e sobre tudo o pombeiro Canhengo, que estava mal, nos impediam de forçar as marchas.

O meu cuidado era extremo, e receiava já que o aggravarem-se as doenças com a fome e com a fadiga me impedisse de alcançar a tempo os recursos precisos.

No dia seguinte, apesar de todos os meus esforços, não consegui sustentar a marcha àlém de quatro horas, e tive de acampar na margem do Cubanguí, que não deixei desde a sua nascente. No ponto em que acampeí já o rio conta três metros de largo por um de fundo.

Um gnou, que matei, e algum mel que os prêtos colhéram na floresta, deu minguada ração com que passámos um dia.

No dia immediato continuei a seguir a margem direita do Cubanguí, e depois de quatro horas de marcha, acampeí junto ao ribeiro Linde, em frente de três povoações Ambuelas. Mandeí logo não só áquellas povoações, mas ainda a outras que ficavam na margem direita, e apenas pudémos obter uma escassa ração de massango.

Todos nos diziam, que no dia seguinte chegaríamos á terra do sova, e que elle nos daria de comer. Na confluencia do Linde já o rio Cubanguí tem 5 metros de largo por 3 de fundo.

Os meus doentes não melhoravam muito, o que não era por falta de dieta.

Foi preciso sustentar marcha de seis horas, para alcançarmos no dia immediato a povoação do chefe, a quem mandei logo um presente de uma farda velha de cabo de infantaria 2, que elle muito agradeceu, dando ordem aos seus povos para me venderem mantimentos. A trôco de missanga obtivémos massango, o maldito massango, que tanto me havia de perseguir.

Despedi os meus guias, e os doze Luchazes que até ali me acompanháram, e que se retiráram satisfeitos com o que lhes dei.

Elles fraternizáram com a gente das povoações Ambuelas, que estam ali um pouco misturadas com a raça Luchaze.

Em um dos dias seguintes que passei ali, acampou junto de mim uma grande porção de familias Luchazes que se vinham estabelecer no paiz.



**Figura 63.--Moene-Cahenda, Sova de Cangamba.
1. O que elle traz na mão.**

Passou ali tambem um rancho de caçadores, que iam para o sul em busca dos elephantes. Foi a primeira vez que ouvi falar em elephantes, porque todo o paiz que atravessei desde Benguella até ao Cubanguí, não os tem, nem mesmo

d'elles vi rasto antigo.

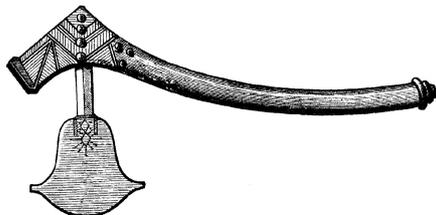
Ainda assim, os taes caçadores disséram-me, que precisavam andar seis dias para os encontrarem.

Dois dias depois da minha chegada, veio visitar-me o sova de Cangamba, Muene Cahenda, que me levava um presente de quatro gallinhas e um grande cesto de massango.

Trajava a farda que eu lhe tinha enviado, e da cinta pendiam-lhe pelles de leopardo. Na mão trazia elle um objecto formado de caudas de antilope, com que sacudia as moscas.

A cultura é feita no paiz por homens e mulhéres, que, em pequenas plantações, cultivam massango, algodão, pouca mandioca, e ainda menos batata dôce.

Trabalham muito em ferro, que extrahem das minas na margem direita do rio, junto das quaes passei, ao norte de Cangamba.



**Figura 64.--Chimbenzengue.
Machado dos Ambuelas de Cangamba.**

Ao contrario dos outros povos Ganguelas, em Cangamba sam os homens que fazem as panellas e as mulhéres esteiras.

Fiam o algodão, que tecem em teares de occasião, fazendo uns pannos, do tamanho de toalhas de rosto, muito perfeitos.

Viéram vender-me tabaco, que dizem cultivar no paiz, mas que eu não vi nas plantações que visitei.

As armas de que usam sam frechas e machadinhas.

O Cubanguí tem, junto a Cangamba, 15 metros de largo por 6 de fundo, e 12 metros de corrente por minuto.

Tem peixe, a que não posso assignalar o feitio, porque os que vi eram sêcos, e tinham de 40 a 50 centímetros de comprido.

Mandioca e peixe sêco; ¡que opìparo banquête para quem andava condenado ao atroz massango!

O rio Cubanguí, para não escapar á lei geral d'aquelle Continente, tem crocodilos, mas sam nada vorazes, e affiançaram-me os Ambuelas, não haver exemplo de uma desgraça causada por elles.

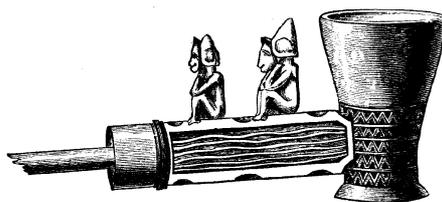


Figura 65.--Cachimbo Ambuela.

Fui pagar a visita ao sova, que é sujeito distincto e sympàthico. Como me não vendiam senão massango, pedi-lhe, que me desse alguma mandioca e algumas batatas dôces, presente que elle me fez em minguada porção, escusando-se por não ter mais.

Ainda assim, chegou para três dias. ¡Três dias de fêrias de massango!

Tendo obtido guias, alguns carregadores, e bastante massango, decidi seguir ávante, no dia 22 de Julho, a demandar as povoações do sova Caú-eu-hue, no rio Cuchibi, onde passa, o caminho outrora seguido por Silva Porto, e que eu abandonei no Cuanza, seguindo mais ao norte.

Disséram-me os guias, que teria de jornadasear em paiz deserto por espaço de 8 dias, e por isso precisava ir bem provido de rações. Os meus doentes tinham melhorado com o descanso e mais abundante alimentação; ainda assim, o Muene-Cahenga forneceu-me dez homens para ajudarem a carregar o massango de que me provi.

Tendo-me dito os guias, que durante dois dias devíamos caminhar na margem do rio, tive a lembrança infeliz de o descer embarcado.

A 22 de manhã, mandei transportar o meu barco de cautchuc ao rio, fiz levantar campo, e tendo entregue o commando da comitiva ao Verissimo, dirigi-me ao barco, que tripulei com dois muleques pequenos, o meu Catraio, e outro pequeno

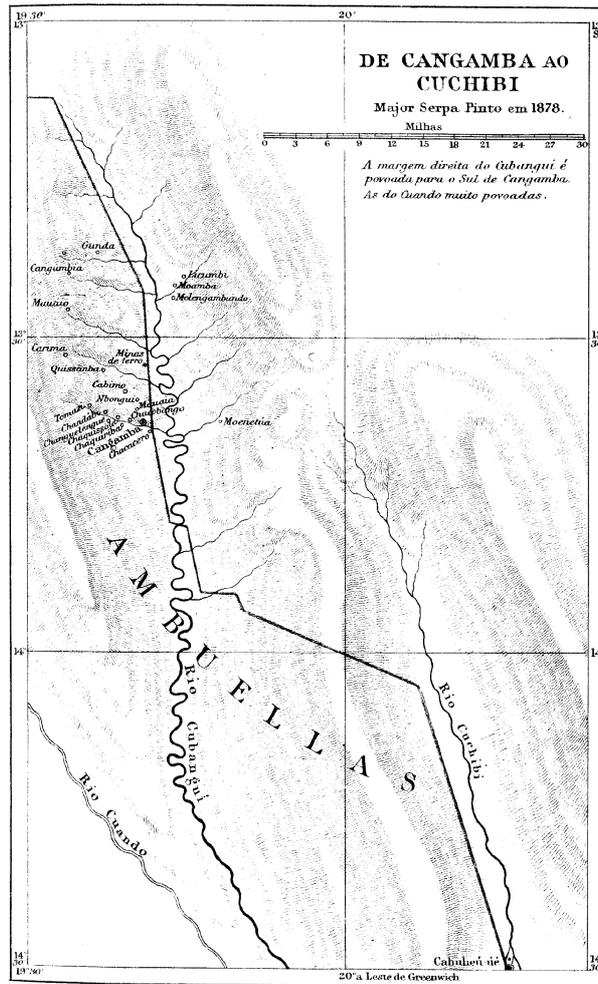
de 12 annos, chamado Sinjamba, filho de um carregador Bihero, que escolhi por falar bem a lingua Ganguela, e poder servir-me de intérprete, se isso fôsse preciso.

Declaro, que não foi sem uma certa commoção que deixei a margem, e me lancei na corrente de um rio desconhecido, tendo por únicos companheiros duas crianças, e governando um barco de fragil tela.

O rio, que nasce trinta milhas ao N., já tem ali 15 metros de largo por 6 de fundo, e pouco a jusante, alarga a 40 e 50 metros, e ás vezes mais.

O seu fundo, que varia entre 3 e 6 metros, é coberto de area muito alva, que de certo cobre uma camada de lodo, porque a flora aquatica do rio é verdadeiramente assombrosa.

Muitas especies de juncos e outras plantas aquaticas enraizam no fundo, atravessam com suas folhas e seus troncos finos, sempre agitados pela corrente, 6 metros d'agua, e v[~e]m desabrochar á superficie, as suas flôres de variado colorido, e elegantes formas. Por vezes, esta pomposa vegetação occupa toda a largura do rio, e parece impedir a passagem. A principio hesitei em lançar o barco sobre aquelle prado aquatico, julgando encontrar fundo e falta de agua para navegar; mas depois que a sonda ali me accusou, ora 4 ora 6 metros de agua, não mais duvidei em deslizar por entre aquelles jardins floridos.



Mappa 8.--De Cangamba ao Cuchibi

Nos pontos onde a água, pela disposição do leito, tem corrente insensível, é que esta vegetação submersa se converte em verdadeira mata virgem, que prende o barco e não o deixa avançar.

Vi muitos peixes nadando ligeiros por entre as sarças, sendo alguns de mais de 60 centímetros de comprido.

Bandos de patos fugiam diante de mim, estranhando de certo o serem interrompidos n'aquellas regiões nunca devassadas por uma canôa.

Nos juncaes das margens, milhares de passarinhos chilreavam e saltavam nos ramos das gramíneas, que mal se curvavam ao seu pêso ligeiro.

Aqui e além, um pássaro pescador sustentava a mesma posição no ar com um rápido bater d'azas, até descer verticalmente com velocidade de frecha a tomar a prêsca que espreitava.

Nos canaviaes da margem, um grande rumorejar na folhagem verde deixava-me perceber um ou outro crocodilo que desaparecia nas águas.

Outras vezes, aquelle rumor era seguido pelo baque de um corpo que em leve salto se precipitava no pego, e mal eu tinha tempo de perceber uma esquiua lontra.

O rio, cuja direcção geral é Norte-sul, descreve as mais caprichosas curvas, que quadruplicam o caminho. A margem direita é um vasto paúl de largura muito variavel, que ás vezes alcança 1000 metros. D'ali se escôa um grande volume d'águas que engrossam o rio a olhos vistas.

Três milhas além de Cangamba, vi um rancho de 18 mulheres que pescavam junto á margem, peixes pequenos, com cestos de vime.

Em uma das voltas do rio, percebi três antilopes desconhecidos para mim, e quando ia a tomar a carabina para lhes fazer fôgo, elles saltáram na água e desappareceram em profundo mergulho.

Este facto causou-me a maior estranhêza, que cresceu de ponto quando, no correr da viagem, por vezes divisei muitos d'aquelles animaes, já nadando e mergulhando ràpidamente, já conservando sempre a cabeça submersa, e deixando ver apenas as pontas dos cornos.

Este animal curioso, que tive depois occasião de matar no Cuchibi, e de cujos hàbitos tive algum conhecimento, obriga-me a suspender por um momento a minha narrativa, para falar d'elle.

Chamam-lhe os Bihenos Quichôbo, e os Ambuelas Buzi. O seu tamanho, no estado adulto, é o de um bezerro de um anno. O pêllo é cinzento escuro, de 5 a 6 centímetros de comprimento, e extremamente macio. Na cabeça o pêllo é mais curto, e tem sôbre as fossas nasaes uma lista esbranquiçada transversal. Os cornos t[~e]m 60 centímetros de comprimento, e a sua secção na base é semicircular, tendo a corda quasi rectilínea. Conserva esta secção até três-quartos da sua altura, depois do quê se torna quasi circular até á ponta. O eixo medio dos cornos é recto, e formam entre si pequeno ângulo. Sam torcidos em tórno do eixo, sem perder a sua forma rectilínea, apresentando as arestas uma espiral de passo muito largo.

As patas t[~e]m compridas unhas semelhantes ás do carneiro, e reviradas nas pontas.

A disposição das patas e os seus hàbitos sedentarios tornam este notavel ruminante improprio para correr. A sua vida passa-se na água, e nunca se afasta muito da margem do rio, onde sahe a pastar, raras vezes de dia, e muito de noite.

O seu sono e o seu repouso é na água.

A sua potencia mergulhadora é igual, senão superior, á do Hippopotamo. Durante o sono aproximam-se da superficie da água, e deixam ver fora d'ella metade dos seus cornos.

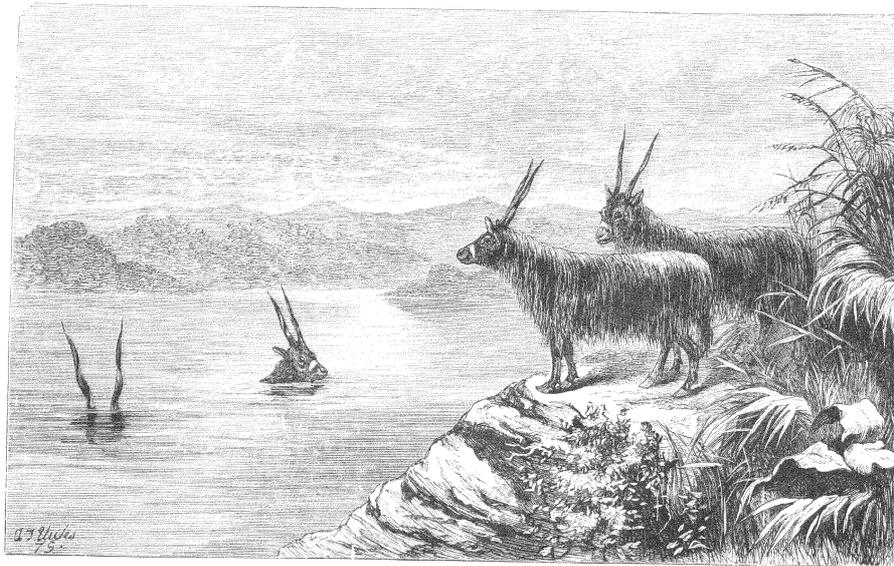


Figura 66.--O quichôbo.

É muito tímido, e acota-se no fundo das águas ao menor signal de perigo.

É facil de surprender e de matar, sendo que os indigenas lhe dam grande caça, para se aproveitarem das suas pelles, que sam magníficas, e da sua carne, que não é muito bôa.

Quando sahem a pastar, a sua pouca destrêza na carreira, permite aos indigenas o apanharem-n-o vivo, não se defendendo no último trance, como fazem quasi tódos os antilopes.

A fêmea, como o macho, é armada de cornos.

Ha muitos pontos de contacto entre a vida d'este extraordinario ruminante e a dos hippopotamos seus conterrâneos.

O rio Cubanguí, o rio Cuchibi e o alto Cuando, dam guarida a centenaes de Quichobos, que não apparecem já no baixo Cuando, nem no Zambeze. Eu explico este facto pela voracidade dos crocodilos no Zambeze e baixo Cuando, que em pouco tempo dizimariam tão tímido animal, se elle se afoutasse a ir viver nas águas onde reina com absoluta soberania o carniceiro amphibio.

Em uma entrevista que tive em Pretoria com um notavel caçador de antilopes, Mr. Selous, me disse elle ter ouvido falar do meu antilope, aos indigenas do alto Cafucue, onde lhe disséram existir um animal n'aquellas condições de vida.

A minha pouca competencia em materia de zoologia, não me permittio fazer mais minucioso estudo de um animal, que eu julgo merecer a attenção dos homens de sciencia pelos seus estranhos hábitos.

Continuando com a minha narrativa, tenho a fazer os maiores elogios ao meu barco Macintosh, que se portava muito bem nas águas do Cubanguí; mas cuja exiguidade de formas me obrigava a uma posição constrangida, que, pelas 4 horas da tarde, me produzia dôres em tôdas as articulações.

Desde que deixei Cangamba não mais vi signaes da minha comitiva, e pêlas 4 horas da tarde, ás dôres de uma posição contrafeita já se unia um vago cuidado e uma fome bem pronunciada. Os meus pequenos remadôres estavam extenuados de fadiga. Aportei á margem esquêrda, e mandei o muleque Sinjamba subir ao tope de uma árvore a investigar se na outra margem se erguia o fumo do acampamento.

Elle julgou ver o fumo a N.O., a montante por isso do sitio em que estávamos.

Tornámos a subir o rio, e eu com muito custo pude saltar no paúl da margem direita e encaminhar-me ao logar onde fôram assignalados os indicios de fumo.

Teria andado um kilómetro, quando percebi vestigios da passagem da minha comitiva para o sul. Os rastos da minha cabra e dos cães não me podiam enganar.

Voltei ao barco e tornei a navegar rio abaixo. De vêz em quando parava e mandava o muleque trepar a alguma árvore da margem esquêrda, mas esta manobra repetia-se sem resultado.

Aproximava-se a noute, e eu não estava sem cuidados; porque, além da fome que sentia, receiava o dormir fora do campo, por causa dos meus chronómetros que ficariam sem corda.

Tinha desaparecido o sol, e n'aquellas paragens o crepúsculo é curto. Decidi acampar com os meus dous pequenos na margem esquêrda, e quando já dava execução ao meu plano, pareceu-me ouvir o estampido de um tiro muito longe a S.O. Redobrámos de esforços, e pouco depois ouvia outro tiro, a que respondi.

Ao meu tiro, vi o clarão de outro atirado a 200 metros de mim. Dirigi para ali o barco, e deparei com o meu Augusto mettido em água até á cinta no paúl de margem direita. Um Biheno estava com elle. Foi grande a sua alegria ao vêrem-me, e logo viéram tirar-me do barco e transportar-me ás costas por tôdo o paúl que era largo ali.

Foi difficil aquelle caminhar que levou meia hora, mas eu cheguei enxuto á margem.

Os pequenos, depois de prenderem o barco a um canavial, seguiram-nos. Disse-me o Augusto, ser longe o acampamento e termos de atravessar uma espêssa floresta.

Eram profundas as trevas na floresta, e difficil o caminhar por entre as sarças.

Tropear aqui, cahir além, andar dez metros em dez minutos, rasgando o vestuario e a carne nos espinhos do matagal, tal é o jornadaear á noute em mata virgem.

Depois de uma hora de violentos esforços, sentímos perto tiros e grande grita.

Eram os meus, que me buscavam.

Fiz-lhe signal e encontrámo-n-os.

Vinha Verissimo Gonçalves á frente de um grupo de Bihenos, que quizéram por fôrça transportar-me ao campo, em umas andas que ali improvisáram com troncos cortados na mata e folhagem d'arbustos.

Assim entrei no meu acampamento, onde, á meia noute, junto de um bom fôgo, matava a fome de 36 horas.

Demorei-me ali um dia, e no seguinte logo de manhã comecei a passagem do rio, que foi muito demorada, porque dispunha apenas para isso do meu pequeno barco Macintosh.

Segui ás 9 horas na margem esquêrda do rio, e uma hora depois, encontrava um ribeiro nas margens do qual appareceu muita caça; segui sempre, e pela 1 hora fui acampar junto de outro riacho, que como o primeiro era tributario do Cubanguí.

Aparecêram no meu campo dois Ambuelas caçadores de cêra (como elles dizem), que preveniram os guias de que era imprudente seguir para o Cuchibi; porque, tendo morrido um sovêta pròximo do caminho que devíamos seguir, estávamos expostos aos desatinos que elles costumam praticar em taes occasiões.

Viéram prevenir-me d'isso, mas eu, a despeito da morte de tôdos os sovêtas possiveis, resolvi seguir ávante, e effectivamente no outro dia, depois de marcha bastante forçada de 6 horas, alcancei a margem direita do rio Cuchibi.

Na minha comitiva havia muita gente com uma molestia que tinha alguma cousa de ridiculo; 18 ou 20 pessoas estavam com papeira.

CAPÍTULO VIII.

AS FILHAS DO REI DOS AMBUELAS.

O Cuchibi--O sova Caú-eu-hue--Os Mucassequeres--Opudo e Capeu--Abundancia--Bondade dos indigenas--Povoações e costumes--Um vao no Cuchibi--O rio Chicului--Caçada--Feras--O rio Chalongo--Uma jornada atroz--As nascentes do Ninda--O túmulo de Luiz Albino--A planície do Nhengo--Trabalhos e fome--O Zambeze a final.

Foi a 25 de Julho que acampej na margem direita do rio Cuchibi.

O terreno que medea entre este rio e o Cubanguí, é occupado por floresta virgem, onde se nota vegetação opulentissima.

Um naturalista botânico encontraria ali vasto assumpto para demorado estudo; tal é a variedade de plantas que crescem, umas á sombra d'outras, n'aquella brenha enorme.

Por espaços o caminhar foi difficil, e mais de uma vez as machadas sahíram dos fortes cinturões de couro, para tornar transitavel um ou outro carreiro de feras.

Ao caminhar na mata foi o meu olfato impressionado por um aroma suave e delicadissimo, emanado da flôr de uma àrvore abundante ali.

Nenhuma das flôres conhecidas tem mais delicado aroma do que o da flôr do *Oúco*, que assim chamam os naturaes á primorosa àrvore.

A configuração da àrvore, a disposição das fôlhas, as flôres, em cachos, e sôbre tudo a minha ignorancia em botânica, fizéram-me escrever no meu diario sem hesitação, é uma Acacia.

Ha tempo, recebendo a visita do boticario da minha aldeia, e vendo elle um dos meus albuns de desenhos, disse-me com tôda a franqueza de aldeão: "O senhor escreveu aqui uma asneira, esta flôr não pode ser de uma acacia, porque tem só duas pêtalas e três estames, e deve saber, que a acacia produz flôres de cinco pêtalas, e dez estames; por isso entra na familia das Papilionáceas, e hôje entra na classe das Leguminosas, e eu vou-lhe buscar o meu *de Candolle*..." Não vá, lhe disse eu, acredito-o sôbre palavra, e como ahi vai representada a flôr, não me metterej a querer classifical-a.



Figura 67.--Oúco.

Flôr dez vezes augmentada. As flôres formam cachos de 3 cent. de comprimento por 15[^]{mm.} de diâmetro. Pêtalas brancas, ovario e estames castanhos, perfume delicioso.

Esta àrvore, cujas flôres cubicej para offerecer ás damas da Europa, não a encontrej antes d'este ponto, e desapareceu no curso superior do rio Ninda.

Outra àrvore que encontrej ali e que chamou a minha attenção, não pelo aroma das flôres, mas pelo gôsto dos frutos, foi uma que os naturaes chamam *Opumbulume*.

O fruto é em tudo semelhante ao Mapole, que já descrevi, sendo o seu gôsto differente, e muito mais differente a àrvore que o produz.

O rio Cuchibi apresenta um aspecto differente do dos outros affluentes do Cuando até ao ponto em que os visitej.

Corre no meio de uma planície que encosta ás vertentes dôces de montanhas cobertas de espêsso mato.

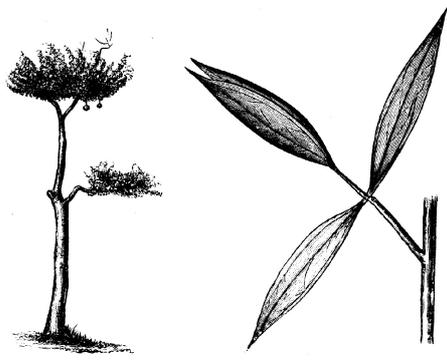


Figura 68.--Opumbulume.

A planície completamente enxuta, e não apaúlada, como quasi tôdas as que fazem margem aos seus congêneres da África de Sudoeste, chêga por vezes a alargar-se em oito kilômetros de extensão.

O rio serpea ali, não em curvas de curto raio como o Cubanguí, mas em pouco ondulada linha, que ao longe faz parecer rectilínea a sua directriz.

Uma pomposa vegetação herbàcea vai terminar nas escarpas do leito, onde corre uma àgua cristallina, deixando perceber o fundo de area branca. Carece completamente da flora aquática que abunda no Cubanguí, não sendo inferior a sua fauna, de que falarei mais tarde.

Havia caça e fiz uma bôa caçada, pois que matei um songue, antílope vulgar nas margens do Cuando e nas dos seus affluentes.

Aparecêram-me n'aquelle dia alguns homens queixando-se de uns tumôres que se desenvolviam nas articulações das pernas, e os impediam de andar. Felizmente, o gasto de mantimentos já me deixava livres outros homens, que tomáram as cargas d'aquelles.

Uma grande parte dos meus carregadores tinham feridas sôbre as tìbias, sôbre a cabeça do proneo e tendão d'Achilles, que não havia meio de curar. Debalde esgotei tôda a minha sciencia mèdica, emprestada do Chernoviz, e debalde o meu doutor Chacaiombe reunio os seus medicamentos selvagens, aos mais estupendos processos de feitiçaria, ellas a tudo resistíram.

Eu attribui o caso a duas causas, e não sei se attribuia bem. Em primeiro logar, o constante exercicio de andar, pensei eu ser uma; em segundo logar, a alimentação seria outra.

Não julguem os meus leitores que lhes vou falar contra o innocente Massango. Não, sou muito leal inimigo para atacar na ausencia aquelle que tanto me perseguio. Deixo em paz o Massango, não é elle offensivo, e creio mesmo que é bôa dieta.

A alimentação a que me refiro, e á conta de quem deito em parte a inutilisação dos meus esforços e dos do doutor Chacaiombe, em curar os meus doentes, é outra.

Os Bihenos, como já tive occasião de dizer, comem de tudo e de todas as carnes em estado de putrefacção.

Ainda que repugne um facto que vou narrar, mostra elle bem a que grao sobe o gôsto do Biheno pela carne.

A minha cadella Traviata têve em caminho oito cachôrros mortos. Mandei-os enterrar pelo meu Augusto, em sitio occulto, para os subtrahir á voracidade dos meus Bihenos; mas dois d'elles, do acampamento seguinte, voltáram atraz, logrâram descobrir o sitio onde elles fôram enterrados, e leváram-n-os; fazendo com aquella carne um banquête. As termites comem elles cruas ás mãos cheias, e apreciam muito os ratos.

Na ordem dos roedores ha um que elles muito procuram, e é um rato pequeno de farta cauda sedosa, que vive nas tocas das abelhas, as quaes não aggride.

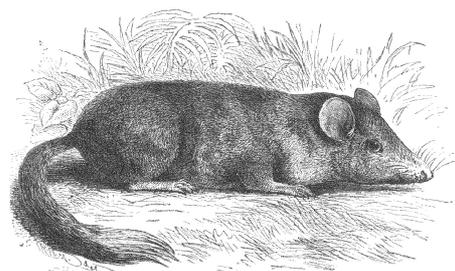


Figura 69.--O Rato mencionado.

O ponto do rio Cuchibi onde eu estava acampado é despovoado de gente, e diziam-me os guias, que só depois de quatro dias de marcha lograríamos alcançar as povoações.

No dia immediato, seguímos viagem rio-abaixo pela margem direita.

A meia jornada, n'esse dia, notei eu que me faltava muita gente. Mandeí fazer alto, e voltei atraz a indagar do caso; quando deparo em um mato com muitos dos meus, que compráram a uns Ambuelas, carne de Quichôbo, a trôco de cartuxos que me tinham furtado.

Fugíram, ao ver-se descobertos; mas menos destros pude alcançar o pombeiro Chaquiçonde e o meu doutor Chacaiombe. Este lançou-se de joêlhos a pedir perdão, mas o século Chaquiçonde tirou do machado para me agredir.

Dei-lhe tão forte pancada na cabeça com a coronha da arma, que elle cahio por terra atordoado, e eu julgei-o môrto; não me causando tanta impressão ter môrto um homem em defesa propria, como o ter sido isso por uma insubordinação, a primeira que se dava comigo. Voltei á comitiva, que mandei acampar, e fiz transportar ao campo o século Chaquiçonde, que vinha banhado em sangue de larga ferida produzida pela pancada.

Fiz-lhe um curativo, e reconheci que não era de circumstancia o ferimento, porque feridas na cabeça, quando não matam logo, em breve cicatrizam. Reuni depois os pombeiros, por quem fiz julgar o delicto do culpado, sendo a maioria de voto, que elle devia ser condenado á morte. Outros entenderam, que lhe deveria mandar dar muita pancada.

Mandeí-o comparecer, fil-o reconhecer a sua culpa, e perdoei-lhe. A minha generosidade produzio geral assombro.

No dia seguinte, sustentei marcha de seis horas, sempre na margem direita do rio.

Continuava de apparecer bastante caça muito esquiva. Matei um *songue*.

Este elegante antilope differe bastante d'aquelle a que os Bihenos dam o mesmo nome entre a Costa e o Bihé.

Tem 1 metro e 50 centímetros de altura na agulha, e 1 e 40 da agulha á raiz da cauda.

O pêllo curto é amarello torrado, e de tinta igual. Medi alguns saltos de 5 metros, e vi-os saltar por sôbre um canal de 2 metros de alto.

No momento do *hallali* defende-se e ataca raivôso. A sua carne é saborosa, mas, como a de tôdos os antilopes, muito sêca.

Vive em manadas, sempre na planicie, e tem vigias em quanto pasta.

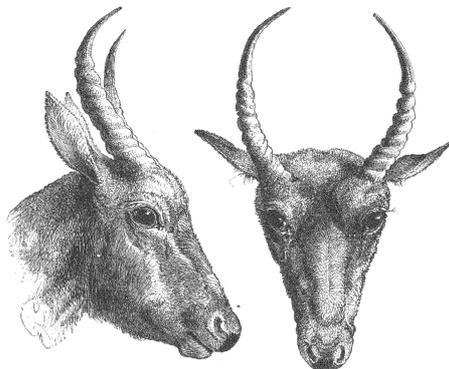


Figura 70.--Songue.

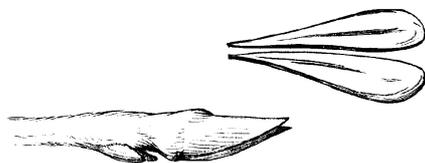


Figura 70A.--Rasto do Songue.

Só muito perseguido se embrenha nas matas, ou atravessa um rio a nado.

Este antilope desaparece completamente àlém do curso superior do rio Ninda.

Segui no dia immediato. Á medida que ia descendo o rio, vi que a planicie marginal mais e mais se alargava.

N'ella pastam bandos de antilopes, predominando os *songues*.

N'esse dia já se sentia grande falta de viveres, e comêram-se as últimas rações de massango.

Finalmente, a 29 de Julho, depois de três horas de marcha, fui acampar em frente das povoações de Caú-eu-hue, onde reside o sova do Cuchibi.

Antes de falar dos povos Ambuelas, e d'um rico paiz atravessado pelo Cuchibi, quero dizer duas palavras do meu modo de viajar, ou antes da minha vida em África.

É certo que tódos os meus predecessôres t[~e]m tido o seu systema, e aquelles que me seguirem terão o seu, tódos òptimos.

A minha vida, salvas raras excepções, foi a seguinte. Levantava-me ás 5 horas, despia-me (porque dormia sempre vestido e armado), e tomava banho em água á temperatura de 33 centigrados.

Os Inglezes tomam banho em água fria, que é mui tónica; eu por mim, lavo-me por aceio, e não uso da hydropathia; para isso tinha uma chaleira de ferro que me servia para aquècer a água. Narrando o meu viver Africano, falarei de alguns objectos que a elle estavam estreitamente ligados. O primeiro, depois da chaleira, era a minha banheira de cautchuc, fabricada pela casa Macintosh de Londres. Era um traste precioso, que, depois de tão aturado serviço, ainda se acha hõje em òptimo estado.

Coisa de borracha fabricada em Inglaterra é assim.

Depois do banho, passava ao meu *toilet*. A bacia era cortada em uma cabaça de 50 centímetros de diâmetro. As toalhas eram de finissimo linho de Guimarães.

Escóvas, esponjas, sabonêtes e perfumarias (eu em África usava muito de perfumarias), eram de primeira qualidade, fornecidas pelo Carlos Godefroy, que vende tudo muito caro, mas muito bom. Terminado o meu *toilet*, a que assistia o meu criado de quarto Catraio, guardava elle cuidadosamente tódos os objectos de que eu me tinha servido, e vinha apresentar-me os chronómetros, thermómetros e barómetro.

Dava corda, e comparava os primeiros, registrava as indicações dos segundos.

A esse tempo já o meu muleque Pépéca tinta feito o chá, e vinha apresentar-m'-o.

Figura aqui um objecto a que eu ligava a maior importancia. Era uma chavena de porcelana, chavena que me foi offerecida pela espõsa do tenente Rosa, em Quillengues.

Fina como uma fõlha de papél, transparente e elegante, aquella chavena fazia as minhas delicias, tornando mais saborosa a infusão das fõlhas do arbusto Chinez.

Depois de tomar três chavenas de chá vèrde, sem assucar, porque o não tinha, fechava as malas, e dava ordem de partida; partida, que raras vezes se effectuava antes das 8 horas, por ser impossivel arrancar os carregadores de junto das fogueiras, onde os prendia um frio intenso.

Partiamos pelas 8 horas. Na frente da comitiva o prêto Cahinga, de Silva Porto, levantava a bandeira, e logo após elle seguiam as caixas de cartuxos, a pao e corda. Iam após os outros carregadores indistinctamente a um de fundo, fechando a marcha eu, o Verissimo, e os pombeiros.

O carregador que por qualquér motivo tinha de deixar o caminho, pousava a carga, e era isso signal para junto d'ella parar o pombeiro a quem elle pertencia, que depois o acompanhava.

Durante o caminho observava os meus rumos, e calculava as minhas marchas, combinando o pedómetro com o relógio. As marchas regulares eram entre 8 e 10 milhas geográficas, sendo elevadas a muito mais quando as circunstancias o exigiam. A tempo acampava, e durante uma hora durava a faina de construir barracas.

Era um cortar de madeira, de ramos e de erva que durava uma hora. Se não tinha observações a fazer, estendia-me horizontalmente na erva viçosa, e dormia até me virem prevenir que estava prompta a barraca.

Geralmente a barraca estava prompta á uma hora; tinha pois de esperar algum tempo para fazer as minhas observações para o boletim meteorológico, que era feito a $0^{\circ}\{h.\} 43^{\circ}\{m.\}$ de Greenwich.

Para saber a hora consultava um relógio que o Pereira de Mello me mandara de Benguella para o Bihé, relógio de latão, puro cylindro de construcção helvética, oito rubins etc., que trabalhava desembaraçadamente.

Á hora precisa, chamava o Catraio, que me trazia os instrumentos, e usando eu de um thermómetro de funda, que pertencêra ao infeliz Barão de Barth, quando eu fazia girar o thermómetro, juntavam-se sempre a distancia tódos os carregadores Bihenos, que contemplavam pasmados aquella operação, que eu repetia tódos os dias, e elles tódos os dias vinham contemplar pasmados.

Logo que registava as observações, vinha o meu muleque Moero com os pratos, e a ração, que eu não quero chamar jantar, aquelle punhado de massango cozido em água.

Depois da refeição, se a fadiga me impedia de ir caçar e percorrer os arredôres, empregava o tempo passando as notas do dia para o diario, calculando as observações, desenhando, etc. A tinta que eu empreguei em tódos os meus trabalhos, foi a dos pequenos tinteiros mágicos, cada um dos quaes me durava de dois a três mezes.

Este systema de fazer apontamentos durante as marchas e durante o dia, que depois passava ao diario, dava em resultado, o ter eu um duplicado dos meus trabalhos, e de haver sempre a possibilidade de se salvar um, se o outro se perdesse. Os apontamentos diarios eram feitos a lapis, em pequenos quadernos, que eu ia lacrando e sellando á medida que os prehenchia. Nelles, além dos factos, estavam registradas tódas as observações iniciaes, já astronômicas, já meteorológicas. Estes cadernos, que ao deixar Durban enviei a Portugal por via de Inglaterra, chegaram a salvo a Lisboa, onde ainda estão por abrir, ao passo que a copia desenvolvida do que elles cont[~e]m, sempre me acompanhou, e está servindo de norma ao que estou escrevendo agora.

Foi-me preciso fazer esta viagem, para saber o quanto vale o tempo, e para quanto elle chêga sendo bem aproveitado.

Vinha á noute, e então crepitava na minha barraca grande fogueira, que me proporcionava calor e luz. Se eu não tinha observações a fazer durante a noute, ou, muitas vezes, se a fadiga obrigava o repouso a preterir tudo o que houvesse a fazer, ia deitar-me sobre as pelles de leopardo que formavam a minha cama, tendo por travesseiro a pequena malinha em que guardava os meus papeis.

Um hâbito que adquiri em viagem, de envolta com o frio da ante-manhã, faziam-me regularmente acordar ás três horas. Levantava-me então e reaccendia a fogueira amortecida. Vinha á porta da barraca, onde via um thermòmetro deixado fóra, e que a essa hora me dava uma mínima muito approximada. Eu não tinha thermòmetros de màxima e mínima, e sam apenas approximadas estas duas indicações thermométricas que v[~e]m nos meus boletins; sendo a temperatura màxima approximada a que se fazia sentir á 1^{h.} e meia, proximamente á hora do meu boletim a 0^{h.} 43^{m.} do tempo de Greenwich.

Depois das 3 horas até ás 5, o meu tempo era passado junto ao fôgo, fumando ininterrompidamente 10 ou 12 cigarros, e pensando na minha patria e nos meus.

¡Quantas vezes a essa hora, hora para mim de meditação e tristeza, não cogitava eu no futuro do meu empreendimento!

Estava então no Cuchibi, 20 graos a leste de Greenwich, e 14 e meio ao sul do equador. Estava longe de tódo o socorro que carecêsse, ¿onde iria buscar recursos para seguir ávante?

Do Bihé até ali ainda tive a pouca fazenda de algodão de que dispunha; mas as últimas peças estavam diante de mim. Eram o meu último dinheiro.

Em tódos os povos encontrei mais ou menos facilidade de permutar o alimento pela fazenda de algodão, sendo a preferida o zuarte, o zuarte pintado e o algodão branco ordinario.

Raras vezes querem os riscados e a fazenda de lei. O buzio miúdo (caurim), que tem muito valor entre os Quimbandes, e muito pouco entre os Luchazes, recupera no Cuchibi a sua importancia, para emprego bem diverso d'aquelle que lhe dam os primeiros d'estes povos.

Ali é para ornamentar as cabeças, aqui é para fazer cinturões, em que ha grande luxo.

A missanga Maria 2^a tem grande valor em toda a parte; mas no Cuchibi é preferida a tudo, excepto á pólvora.

Chegando ao Cuchibi, cheguei ao primeiro ponto em que n'esta viagem me pedíram manilhas de cobre e arame para ellas.

Logo depois de ter estabelecido o meu campo, appareceu n'elle um homem que veio falar-me, dizendo ser Biheno e ter ficado ali doente, deixado por uma comitiva, havia três annos.

Foi reconhecido por muitos dos meus carregadores, e engajou-se ao meu serviço.

Eu estava no caminho das comitivas do Bihé, e como tencionava demorar-me alguns dias, mandei um pequeno presente ao sova, e participar-lhe a minha resolução.

Sube pelo Biheno que me appareceu, que corria a noticia de ter havido uma revolução no Barôze, tendo sido expulso o régulo Manáuíno, e acclamado um outro de que não se conhecia por ora o character.

Não me foi agradavel esta noticia, porque eu sabia que Manáuíno era feroz e sanguinario com os seus, mas hospitaleiro para com estranhos.

Estes Ambuelas, entre os quaes estava, sam a pura raça Ambuela, porque as do Cubanguí estam muito misturadas com a raça Luchaze.

Sam os habitantes do Cuchibi inimigos dos Ambuelas de Oeste, e muitas vezes v[~e]m ás mãos.

A raça Ambuela occupa tódo o paiz banhado pelo Cuando superior, e está agglomerada, sôbre tudo na parte em que este rio recebe os seus confluentes, Queimbo, Cubanguí, Cuchibi, e Chicului.

As povoações no rio Cubanguí sam construidas, já nas ilhas do rio, já no mesmo rio sobre estacaria. Sendo estes povos os únicos que possuem canôas, dormem de noute descansados nas suas habitações aquáticas, sem receio de serem atacados.

O sova mandou-me logo provisões e bastante milho. ¡Com que prazer eu comi um prato de milho cozido!

¡Estava por algum tempo livre do fatal massango!

Mandou elle dizer, que viria visitar-me no dia immediato.

N'esse dia, logo de manhã, sahi a dar um passeio.

O emmaranhado da brenha espinhosa tornava difficil o caminhar na floresta.

Ainda assim, afastei-me uns três kilômetros do acampamento, e fui deparar com uma enorme armadilha de apanhar caça.

Era ella formada por uma sebe que devia ter alguns kilômetros de extensão, fechando um espaço pròximamente circular. Este cercado enorme tinha de 20 em 20 metros, pròximamente, umas aberturas, em cada uma das quaes estava armado um Urivi, armadilha em que a caça, lebres e antilopes pequenos, sam esmagados por um pesado cêpo. Reunida muita gente fazem uma grande batida no mato, e então a caça foge espavorida, e não podendo saltar o cercado, investe com as aberturas, onde vîtima é dos Urivis ali collocados.

De volta ao meu campo, encontrei no mato um acampamento de Mucassequeres, abandonado de ha pouco.



Figura 71.--Muene-Caú-eu-hue, Chefe dos Ambuelas.

Recebi a visita do sova, homem de idade avançada, de typo sympàthico, com um perfil judaico. Vinha bem vestido, trazendo sôbre uma farda um casaco de linho branco, e ao pescôço um grande e vistoso lenço.

Cubria-lhe a cabeça um barrête de listas prêtas e encarnadas. Na mão trazia uma concertina de que tirava sons desordenados.

Deu-me nôvo presente, de milho, mandioca, feijão e gallinhas, que eu retribui dando-lhe algumas cargas de pôlvora, o mais estimado presente que se pode fazer no Cuchibi.

Retirou-se o velho muito satisfeito, promettendo avistar-nos mais vezes.

Disse-me elle n'esta primeira visita, que os reis do Barôze, mandam ali receber tributos, e que elle, para evitar guerra, lh'os manda pagar, estando assim estabelecida uma especie de vassalagem; que, havia pouco, soubera da revolução do Zambeze, mas não conhecia o nôvo potentado, e nenhuma informação me podia dar d'elle.

N'essa tarde, os meus prêtos prendêram no mato dous Mucassequeres que trouxêram á minha presença.

Os dous pobres selvagens tremiam de mêdo e julgavam-se perdidos.

Falavam um pouco a lingua Ambuela, e por meio de um intèrprete pudémos entender-nos. Elles julgavam que uma sentença de morte os ia fulminar, ou ao menos que a escravidão iria sujeitar o resto de seus dias.

Mandei que os desamarrassem, e lhes entregassem as suas armas. Disse-lhes que estavam livres, e que voltariam para a sua tribu, e dei-lhes alguns fios de missanga para as suas mulheres.

Elles caminhavam de surpresa em surpresa, e não podiam crer na verdade das minhas palavras. Dei-lhes de comer, e pedi-lhes que me levassem a ver o seu bivac.

Depois de discutirem acaloradamente um com o outro, n'uma lingua desconhecida a tôdos os que ouviam, e completamente differente na intonação a tudo o que em linguas Africanas eu tinha ouvido até ali, decidíram que me levariam á sua tribu se eu quisesse ir só. Aceitei, e parti com os dois horrorosos selvagens.

Apesar do meu muito hâbito da floresta, era-me difficil acompanhar os ageis guias, que mais de uma vez tivêram de esperar por mim.

Ao cabo de uma hora de caminho, deparámos, no meio de uma pequena clareira, com o acampamento da tribu.

Haviam ali mais três homens, sete mulheres e cinco crianças.

Alguns ramos d'árvore derreados, com outros encostados na frente, sam os seus únicos abrigos.

Não t[~e]m o menor apresto de cozinha. Sustentam-se de raizes, e de carne que assam em espêtos de pao. Não conhecem o sal.

Homens e mulheres mal cobriam a sua nudez com pequenas pelles de macacos.

Arcos e frechas sam as únicas armas de que se servem. Eu estava muito embaraçado, porque não os entendia nem podia fazer-me entender d'elles. Dirigi-me ás mulheres, a quem dei alguns fios de missangas que tinha levado para isso.

Ellas recebêram-n-os sem darem mostra de nenhum sentimento de agrado.

A miseria d'aquelles desgraçados compungia-me. O seu rôsto é feissimo, olhos pequenos e um pouco inclinados nas órbitas, ossos molares muito distanciados e salientes, nariz achatado, com as fossas nasaes desmesuradas.

T[~e]m o cabello encarapinhado e pouco, crescendo em montões separados, mais basto no alto da cabêça.

Alguns bocados de pelle de animaes atados nos pulsos e nos artelhos sam o seu ornamento, ou talvez amuleto milagroso.

Procurei fazer comprehender aos meus guias que ia voltar, e elles precedêram-me no caminho, deixando-me, já noute, na orla do bosque d'onde eu ouvia o vozear do meu campo e alegres cantares.

Durante a minha permanencia no Cuchibi, pude recolher algumas informações, ainda que escaças, a respeito de tão estranhas gentes.

Os Mucassequeres partilham com os Ambuelas os territorios de entre Cubango e Cuando, sendo que estes vivem sôbre os rios e aquelles nas florestas, estes sam b̄rbaros, aquelles selvagens.

Não convivem, mas não se hostilizam.

Se a fome os obriga, os Mucassequeres v[~e]m aos Ambuelas permutar marfim e cêra por alimentos.

As tribus Mucassequeres sam independentes, e não obedecem a chefe commum.

Guerreiam-se mesmo e os escravos que fazem uns aos outros v[~e]m elles vender aos Ambuelas, que os permutam depois ás comitivas do Bihé.

Os Mucassequeres sam os verdadeiros selvagens da África tropical do sul, os outros povos podem ser chamados b̄rbaros.

O Mucassequer nunca têve casa ou simulacro d'ella. Nasceu sob a àrvore da floresta, viveu e morreu sob a àrvore da floresta.

Despreza a chuva e o sol, e soporta as intemperies como qualquér fera dos matagaes.

Ainda o leão e o tigre t[~e]m um antro onde se escondem; o Mucassequer precisa que pêlo côrpo despido lhe sopre a briza do mato.

Não conhece a enxada, porque nunca cultivou a terra. Raizes, mel e caça sam o seu alimento, e cada tribu vagueia sem cessar em busca de raizes, mel e caça.

Nunca dormem hōje onde ficáram hontem. A frecha é a sua arma, e tão destros sam no seu manejo, que caça apontada é caça morta.

O proprio elefante cahi traspassado pelas suas setas lançadas por musculosos braços.

As duas raças que habitam este paiz, sam tão differentes no côrpo como nos h̄bitos.

O Ambuela é prêto e tem o typo da raça caucàsica; o Mucassequer é branco e tem o typo da raça hotentòtica em tôda a sua hediondez.

O nosso marinheiro crestado pelo sol e pelo vento dos temporaes é mais escuro do que o Mucassequer. Ha contudo n'aquella côr branca alguma cousa de amarello terroso, que os torna hediondos.

Tive o maior pesar de não poder recolher dados mais precisos sôbre esta curiosa raça, que me parece dever merecer attenção especial dos anthropologistas e dos ethnògraphos.

É minha opinião, que este ramo da raça Ethiope, pode ser collocado no grupo da divisão Hotentòtia. Tem na forma muito dos seus caracteres, e nós vemos n'essa raça uma variação sensivel na côr da pelle. O *bushman* do sul do Calaári é de côr mui clara, e alguns tenho visto quasi brancos. Sam de estatura pequena, e de côrpo franzino, mas t[~e]m tôdos os caracteres do typo Hotentòtio. No norte do mesmo deserto, sôbre tudo junto aos lagos salgados, formiga outra raça nòmada, os Massaruas, fortes e de estatura elevada, de côr nêgra carregada, possuindo o mesmo typo Hotentote, e indubitavelmente pertencendo ao mesmo grupo. Dissêram-me no Cuchibi, que ainda entre o Cubango e Cuando, mas muito ao sul, existia outra raça em tudo semelhante aos Mucassequeres, em typo e h̄bitos, mas muito prêtos.

Assim, pois, em vista da affinidade dos caracteres, não me repugna admittir, que o grupo Hotentòtico da raça Ethiope, se estenda ao N. do Cabo até entre Cubango e Cuando, passando por diversas modificações de côr e de estatura, devidas quiçá aos meios em que vivem, á altitude, á grande differença de latitudes, ou ainda a outras causas menos apreciaveis.

Por muito tempo as subdivisões da raça Ethiope na África tropical, serám mal conhecidas na Europa, por não ser facil colligir os dados para o seu estudo.

¿Qual é o indìgena d'essas tribus b̄rbaras que deixa moldar o seu côrpo?

¿Caso deixasse, como pode o anthropologista levar a materia para fazer os moldes, e reconduzir depois esses moldes até á costa?

¿Como colleccionar esquelêtos, crâneos mesmo sómente, em paizes onde a profanação de uma sepultura pode ser caso da perda de uma expedição?

¿Como occultar da sua propria comitiva, dos seus proprios carregadores, esses despojos humanos, que seriam olhados como uma fonte de maleficios?

A photographia, de tódos o meio mais incompleto de fazer esses estudos, apresenta, ainda assim, difficuldades insuperaveis.

Em primeiro lugar, é difficil empregal-a em viagem de exploração, onde nem sempre dá os resultados que d'ella se esperam; sendo quasi impossivel o transporte de um laboratorio, em frascos de vidro á cabeça de um carregador, que tropeça e cahi dez vezes por dia. Eu sei-o de experiencia propria, e que o digam Capello e Ivens.

Suppondo porem que se podiam mais ou menos facilmente empregar os meios photographicos, ¿qual era o indigena do interior que deixava apontar uma màchina, e estava um momento firme diante da objectiva da càmara escura?

No correr da minha narrativa terei occasião de narrar uma anecdota acontecida comigo e com o photògrapho Suisso M. Gross, em que eu consegui obter um grupo de Betjuanas, já meio-civilizadas, com uma paciencia e uma despesa incalculaveis.

Com os Mucassequeres, aconteceu-me, de nem mesmo lhes poder apanhar o typo com o lapis e papél!

Voltemos á minha narrativa.

Ao deixarem-me na orla da floresta, já noute, os meus Mucassequeres disséram-me umas palavras, que provavelmente queriam dizer bôa noute, e fôram-se. A claridade espalhada na atmosphera pelas fogueiras do meu campo, e o som de alegres cantares guiavam meus passos, e pouco depois entrava eu no recinto do acampamento, onde, ao som da mùsica bàrbara dos Ambuelas, havia um dançar phrenético.



Figura 72.--Mulhér Ambuela.

Muitas raparigas Ambuelas dançavam com os meus carregadores, fazendo soar as manilhas dos braços em compassado tinir.

Impressionou-me o typo d'aquellas raparigas, que era perfeitamente Europeo, e algumas vi que, com a mudança de côr, fariam inveja a muitas formosas Europeas, a quem igualariam em belleza, e excederiam em formas e elegancias naturaes.

Ali sube um caso nôvo para mim.

Estes Ambuelas, quando chêga ao paiz uma comitiva, v[~e]m tocar e dançar ao seu campo, e á medida que a noute se adianta, vam pouco a pouco retirando, e deixando ali mulheres, irmãs e filhas. É costume de hospitalidade d'esta gente, offerecerem companheiras aos foragidos que apparecem. No dia seguinte, muito cêdo, ellas retiram para as suas povoações, e pouco depois voltam, a trazer presentes ao amante de uma noite.



Figura 73.--Opudo.

Comigo deu-se uma estranha aventura.

Moene-Caú-eu-hue, o velho sova, mandou-me as suas duas filhas, Opudo e Capêu.

Opudo teria uns vinte annos, Capêu dezaseis.

A mais velha era feia, e tinha um modo altivo; a mais nova, sympàthica, tinha um rôsto cãndido e ingènuo.

Desde que me internei em África, decidi ter uma vida austera, o que me deu sempre grande influencia sôbre os meus prêtos, que, não me vendo beber senão àgua, e não me conhecendo uma só aventura galante, me julgáram sempre um ente superior e privilegiado.

Apesar da minha fôrça de vontade, tive de sustentar uma luta atroz comigo mesmo para resistir á tentação da filha mais nova do sova Caú-eu-hue.

Capêu só fala o Ganguela, que eu não entendia, mas Opudo falava o Hambundo.



Figura 74.--Capêu.

"¿Porque nos desprezas?" me perguntou ella com modo altivo.

"¿Por ventura na tua terra tens mulheres mais bonitas do que minha irmã?"

"Nós dormirêmos aqui; porque eu não quero que se diga, que as filhas do chefe dos Ambuelas fôram expulsas por um branco."

¡Imagine-se a ridícula situação em que eu estava collocado! Era tal a atribulação do meu espirito, que não sabia que responder.

É verdade que a única resposta a dar, era aquella que eu não queria dar.

Na minha barraca estavam sentadas duas mulheres, sôbre pelles de leopardo; entre mim e ellas a vasta fogueira deitava uma luz pàlida, que era inda amortecida pelo verde escuro da folhagem que forrava o interior da cabana.

Os lampejos da fogueira alumiam a cabeça cãndida, e collo nú de uma mulhêr de dezaseis annos, que me fitava com um olhar lãnguido, tùmido de desejos, inebriante de lascivas promessas.

Eu via o arfar d'aquelle peito nu, de belleza esculptural, e não podia desviar os meus olhos d'elle.

Lá fóra, ao ruidoso som dos batuques, havia um cantar mais brando, e o dançar mais compassado indicava a lassidão dos membros.

Os meus bravos carregadores escolhiam as companheiras da noute.

Eu estava só com as duas raparigas, mais só do que se estivesse muito longe de gente.

"Nós ficaremos aqui, me disse a orgulhosa Ambuela; não quero expor minha irmã aos chascos das mulheres velhas das povoações, e só te digo, branco, que se tu és século do Muene-Puto, eu sou filha do sova."

O ridículo da minha posição augmentava; eu sustentava uma luta comigo mesmo para não ceder aos atractivos da joven selvagem, e não tinha uma palavra a dizer, porque não sabia o que fazer.

Aquella situação picaresca não podia continuar, e eu não sabia como terminal-a.

Preferia mil vezes estar em luta com o guerreiro pai, que em tal colloquio com a amante filha.

De repente levantou-se a pelle que fechava a porta da barraca, e alguém entrou.

Era a pequena Mariana, que tinha escutado tudo o que se disse na tenda.

Entrou e foi acocorar-se junto á fogueira que atçou. Depois cumprimentou as Ambuelas batendo repetidas vezes as palmas, como é uso no paiz, e repetindo a palavra *Cô-qué-tú--cô-qué-tú*, e disse-lhes: "O branco não as depreza; se as não deixa dormir aqui, é porque aqui só eu durmo, o branco é meu. Junto d'esta está a minha barraca, podem ir dormir ali." As filhas do sova Caú-eu-hue levantaram-se e saíram com a pequena, a quem eu daria tudo para pagar tal serviço; mas, momentos depois, voltava Opudo, e dizia-me baixo, "Hôje durmimos fóra, mas tu has de ser amante de minha irmã." Confesso que me mettei medo aquella mulhér, a mim que nunca temi as feras!

Deitei-me pensando na estranha aventura, e vindo-me vivamente á lembrança a biblica historia da capa de José no Egypto.

No dia immediato, as filhas do røgulo viéram como as outras trazer-me presentes; eu dei-lhes alguma missanga, e ellas retiráram, sem fazer a menor allusão á scena da noute.

Pouco depois, um portador do sova veio prevenir-me, de que elle me esperava essa tarde, e me mandaria um barco para eu ir á sua povoação. No acampamento apparecêram algumas cobras que os prêtos diziam serem venenosas, e muitos escorpiões nêgros de 10 a 12 centímetros de comprido. Alguns dos meus prêtos fôram picados por estes repugnantes aràchnides, cujo veneno não produziu outro accidente além de violenta dôr e tumefacção dos tecidos pròximos.

Os Ambuelas sam os primeiros povos que se encontram no meu caminho, que não vam occultar nas florestas as suas plantações.

É na grande planicie por onde corre o rio que a cultura é feita; por isso a abundancia de producção que tem afamado estes povos como cultivadores.

As cheias alagam a campina; e o nateiro que ali deixam as àguas é ubérrimo adubo que lhe avigora a cultura.

Se não regam o terreno, como não vi fazer a pôvo algum Africano, fazem irrigações, e observei em volta das plantações fundos sulcos, por onde se produz a secagem dos terrenos que cercam.

Estive trabalhando, e só tarde me lembrei de ir procurar a canôa que o sova me prevenio estaria á minha disposição junto ao rio, para ir á sua povoação.

Ao chegar ao ponto designado, ¡qual não foi a minha surpresa ao ver a ligeira barca tripulada por Opudo e Capêu, as duas filhas do røgulo! Eu, que me julgo pouco medroso, confesso que sempre tive muito medo de mulheres.

Todavia não quiz deixar perceber receios, e saltei para a estreita piroga, que equilibrei, dizendo-lhes: "Vamos." Ellas com immensa destreza, com extrema elegancia, manobráram a canôa, correndo por um canalête que conduz ao rio.

O sol estava no occaso. O ligeiro barco deslisava por entre uma vegetação aquática riquissima, que vinha expor as suas bellezas á superficie d'água do canal. As victoria-regias e muitas espècies de Nenuphar, prendiam ás vezes o andar da canôa.

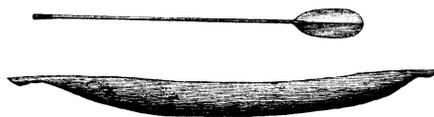


Figura 75.--Barco e Remo do Cuchibi.

Eu só pensava n'aquellas mulheres. Via já a canôa voltada, e eu presa de um crocodilo.

De repente, por uma habil manobra dos remos, a canôa estacou, e Opudo disse-me: "Já é muito tarde para irmos a casa de meu pai, eu esperei-te muito tempo, volvamos para a terra, e amanhã voltarás."

Pouco depois atracávamos, e ellas acompanháram-me ao campo.

Veio a noute, e lá fora no acampamento, as danças e os cantares, e na minha barraca as filhas do røgulo conversando de cousas indifferentes.

Levantáram-se quando cessou o ruido das festas, e fôram deitar-se á porta da barraca junto de uma fogueira que

accendêram.

Quiz que ellas fôsem para a barraca da pequena Mariana, mas Opudo respondeu-me, que "era bicho do mato e estava acostumada a tudo."

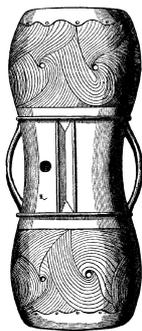


Figura 76--Tambor das Festas Ambuelas.

N'esse dia o meu Augusto, que foi ao mato caçar, encontrou um bando de macacos pequenos, os primeiros que appareceram no meu caminho desde a costa de Oeste.

No dia immediato, fui logo de manhã visitar o sova, mas, querendo evitar aventuras, armei o meu barco de cautchuc e fui n'elle.

O canal que segui vai desembocar n'um braço do rio que tem 20 metros de largo por 6 de fundo, com corrente rápida de 50 metros por minuto.

O rio divide-se, formando ilhotas baixas e encharcadas, onde cresce um canavial espêsso. É n'estas ilhotas, ainda cortadas por pequenos canaes, formando um verdadeiro labyrintho, que assentam as povoações Ambuelas n'um solo pantanoso, ao nivel do rio. As casas sam meio-encobertas pelo canavial basto. As parêdes sam construidas de caniços, assentes sôbre estacaria, e as coberturas sam de côlmo.

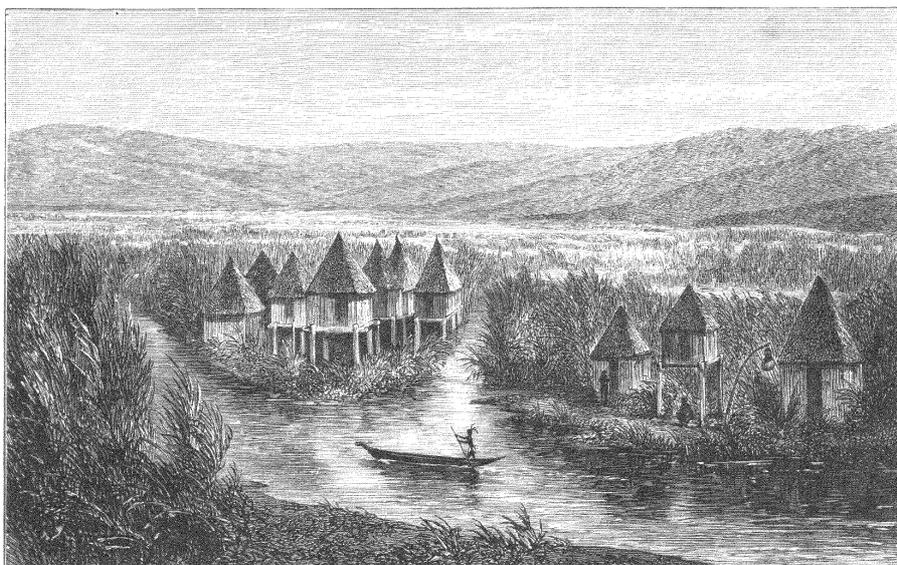


Figura 77.--Caú-eu-hue (Cidade do Cuchibi).

Casas, como tudo o que fazem estes Ambuelas, sam pèssimamente construidas, e pouco abrigam. Fora das portas, pendem de grandes estacas enormes cabaças, onde elles guardam a cêra, e outros objectos.

As proprias casas estam atulhadas de cabaças. Entre os Ambuelas, a cabaça é mala, é cofre, é o seu principal traste de mobilia.

Os depòsitos de mantimentos, só differem das casas de habitação em estarem dois metros elevados do solo, sôbre estacas, e por isso livres das inundações do rio.

N'uma das ilhotas mora o sova Moene-Caú-eu-hue. Ha ali a sua casa de habitação, quatro mais, de quatro mulheres, e alguns depòsitos de mantimentos.

Junto da casa do règulo estam misturados em trophéo rústico, cèveiras, cornos e outros despojos de caça.

Moene-Caú-eu-hue recebeu-me tendo a seu lado dois dos seus favoritos.

Logo que me sentei, o meu intèrprete e um dos favoritos começaram um estridente bater de palmas, e apanhando uma pouca de terra, esfregáram com ella o peito, e repetíram muitas vezes apressadamente as palavras *Bamba* e *Calunga*, terminando por nôvo bater de palmas muito rápido mas pouco forte. Estavam os cumprimentos feitos.

O régulo quiz ver o meu barco, e fez n'elle uma pequena excursão pelo rio.

O seu espanto, ao ver o poder de fluctuação do barco portatil, não tinha limites, e muitas vezes me repetio, que não vendesse d'aquelles barcos aos Ambuelas do Cubanguí, senão estavam perdidos.

Tranquillizei-o dizendo-lhe, que os brancos não queriam guerra entre elles, e por isso teriam tódo o cuidado em não lhes dar os meios de a fazerem.

De volta á ilha, mandou elle vir uma cabaça de *Bingundo*, e um copo de folha de flandres, lata troncocônica de marmelada de Lisboa, deixada ali por algum sertanejo Biheno, em viagem de commercio.

Cheio o copo, entornou o sova algumas gôtas do líquido fermentado no solo, e cobrio de terra húmida o sitio, bebendo em seguida tódo o seu conteúdo.

Tendo-lhe dito o intérprete, que eu só bebia água, elle passou a cabaça aos seus favoritos, que a esgotáram em um momento. Ao meio dia estava de volta ao meu acampamento.

Estive n'esse dia com um indígena, irmão do sova, que me disse, ter descido d'ali ao Zambeze embarcado pelo Cuchibi e Cuando.



Figura 78.--O Irmão do Sova.

Este prêto é intelligente, e fala bem o Portuguez, por ter sido soldado em Loanda, para onde fôra vendido no tempo da escravatura. É um grande caçador, e muitas vezes percorreu, nas suas excursões cynegéticas, as margens do Cuando até Linianti.

Disse-me, ser o Cuando completamente navegavel, sem rápidos, mas por vezes alargar tanto que adquire pouco fundo, e ser tão poderosa a vegetação aquática, que prende os barcos, tornando em alguns pontos difficil a navegação.

Affirmou-me, e depois tive occasião de verificar nas localidades, que o rio Cuando se chama sempre Cuando até Linianti, e d'ali ao Zambe ainda Cuando ou rio de Linianti, e nunca Chobe, ou Tchobe, como vem designado nas cartas.

A raça Ambuela continúa no Cuando o mesmo systema de vida que tem no Cuchibi, e as ilhas sam ainda o local onde edificam as suas povoações.

Nas margens do Cuchibi reaparece o luxo dos penteados, que tinha desaparecido com a raça Quimbande. O bûzio miúdo, *caurim*, é de nôvo muito apreciado ali, não para enfeitar as cabêças, mas para fazer largos cintos adornados com elle.

No fim do canal onde embarquei para ir a casa do sova, notei dois molhos de grossos paos espetados verticalmente e distanciados de alguns metros. D'estes paos pendiam bocados de esteiras já meio-apodrecidas do tempo. Indagando o que era aquillo, sube que junto áquelles paos se praticava a circuncisão ás crianças mâsculas de 6 a 7 annos, e depois as mandavam para o mato completamente despidas, até completa cura, sendo-lhes ministrada a alimentação pelos operados do anno antecedente. Elles no mato teciam esteiras para cobrirem a sua nudez, e ao re-entrarem nas povoações, deixavam-n-as penduradas nos paos em que haviam sido operados.

Mostráram-me ali tambem outra engenhoca muito curiosa.

Sôbre duas forquilhas tôscas elevadas meio metro da terra, descança um pao cylindrico de um metro de comprido com 30 milímetros de diâmetro, envolvido em palha fortemente amarrada, que lhe dá um aspecto fusiforme.

Este apparatus é feito por um cirurgião de fama, que lhe incute um poder extraordinario. Logo que um marido suspeita sua mulhêr de esterilidade, manda chamar o cirurgião, que a conduz junto ao *curativo*.

No meio de palavras cabalisticas, é-lhe esfregado o peito e as costas com o precioso pao envôlto em palha, e affiançou-me o sova, que o resultado apenas se fazia esperar nove luas.

Apesar da muita fé que os Ambuelas t[~e]m n'este systema de terminar a esterilidade, eu não me atrêvo a aconselhal-o na Europa.

As minhas relações com os indígenas eram as mais cordias e affaveis.

As filhas do règulo continuavam a trazer-me presentes, e só ellas proviam á minha alimentação e á dos meus muleques de serviço.

Cousa que eu desejava era logo procurada e a minha vontade satisfeita, querendo ellas fazer acreditar ás outras, que entre nós existiam relações mais íntimas do que as de uma leal amizade. Eu sabia que era uma vergonha para ellas o serem repudiadas pelo forasteiro a quem se dam, e deixava-as apparentar a meu respeito o que realmente não eram.

Vivíamos assim nos termos da melhor amizade, sendo verdadeiramente importante a coadjuvação que ellas me prestavam, para obter os carregadores e mantimentos de que eu precisava, para atravessar uma larga zona despovoada e falta de recursos.

Pude obter larga provisão de milho e algum feijão, sendo a maior parte presente das filhas do règulo.

Os meus haveres tocavam o seu fim, e salvo uma grande porção de pólvora encartuxada, alguma missanga e pouco cobre para manilhas, já nada mais possuía. Dois dos meus carregadores levavam o presente que eu destinava ao règulo do Barôze, no qual figurava um realejo, em cuja tampa dois bonecos automáticos, que dançavam ao som do moinho de música, faziam divertir enormemente o gentio. O meu Augusto aproveitava a curiosidade dos indígenas, explorando-a em meu favor, e fazendo ver o realejo em acção, a trôco de ovos de gallinha, que elle tinha o cuidado prèvio de deitar em água para ver se estavam em bom estado, porque mais de uma vez no principio, foi enganado pelo gentio manhozo, que àvido de satisfazer a curiosidade, não hesitava em ir aos ninheiros tirar ás gallinhas os ovos incubados.

Moene-Caú-eu-hue, de certo a instancias das filhas, resolvia todas as difficuldades que se apresentavam, e preparava-me rapidamente a partida.

Ellas tinham resolvido acompanhar-me até onde fôssem os Ambuelas, devendo ser Opudo quem dirigisse a horda dos seus súbditos.

Antes de seguir os acontecimentos da minha viagem, direi mais algumas palavras do paiz e dos Ambuelas, que tão hospitaleiros fôram para mim.

A lingua Ambuela não é mais do que a lingua Ganguela, a mesma que se começa a falar a leste do rio Cuqueima.

Como o Hambundo, de que é um dialecto, é pobríssima, muito irregular nos verbos e falta de tódos os vocábulos que exprimem um sentimento nobre e generoso.

¿Serám tão infelizes estes povos que não sintam a necessidade de exprimir esses sentimentos pela palavra, por serem elles estranhos á sua existencia?

Impossivel me foi averigual-o, mas não me repugna crel-o.

N'este ponto, onde fui recebido como amigo, e por isso livre de qualquer influencia que predisposesse o meu espirito contra o gentio Africano, não pude ler ainda nos arcanos da alma do nêgro, mais do que sòrdida cupidez, a material lascivia, a cobardia em presença do forte, a ousadia contra o fraco.

Os povos Ambuelas sam, de tódos os que encontrei no meu caminho, os que em maior escala cultivam a terra, que lhes paga o trabalho que elles lhe dispensam com prodigalidade admiravel.

O feijão, a abòbora, a batata dôce, a ginguba, o ricino e o algodão, sam cultivados entre as enormes searas de milho de òtima qualidade. Tambem cultivam estes povos a mandioca, mas pouca pude obter, por terem sido n'aquelle anno destruidas as plantações d'ella por uma cheia do rio extemporânea.

As gallinhas sam o único dos animaes domèsticos que possuem os Ambuelas. O seu viver, sempre em receio dos ataques dos vizinhos, faz com que estes povos não sejam pastôres, deixando ao abandono as extensas planicies cobertas de viçoso pasto, onde poderiam apascentar enormes rebanhos.

O gado bovino deixa de apparecer onde desaparecem os Quimbandes.

O caprino apparece, ainda que raro, entre os Luchazes, entre os quaes apparece mais raro ainda o pôrco domèstico, que abunda no Bihé e entre o Bihé e a Costa Oeste.

Em paizes cobertos de ubèrrimas pastagens, livres da terrivel môsca zê-zê, em todas as condições desejaveis para largas criações de gados, ¿porque faltarám elles?

Não é talvez difficil encontrar a explicação. O gado é a riqueza maior dos povos Africanos, e excita sempre a cupidez dos vizinhos, sendo como eu já tive occasião de dizer, a causa permanente das guerras entre os povos que demoram da Costa Oeste ao Bihé.

O receio de ser rico, e por isso de ser atacado e roubado, não é estranho talvez á falta de gados que se encontra do Cuanza ao Zambeze. Entre estas b̄rbaras gentes os paradoxos sam vulgares, e ha ali principios estabelecidos e arraigados que difficilmente podem ser comprehendidos na Europa.

O cão, esse fiel e dedicado amigo do homem, não desmente junto do prêto o seu mistér de companheiro desvelado, e vigia ladino, encontrando-se entre tódos os povos das raças Ganguelas. É verdade que uma variedade de gozos e alguns

podengos degenerados, sam apenas os espècimens que se encontram da raça canina n'esta parte de Àfrica. Entre os Quimbandes e os Bihenos sam os cães desveladamente tratados, porque sam destinados a serem comidos, e sam apreciado manjar.

Os Ambuelas, como disse, com elementos para serem dos primeiros povos pastores de Àfrica Austral, nenhum gado possuem, e apenas fazem criação de uma variedade de gallinhas muito pequenas.

Entre os habitantes do rio Cuchibi não ha logares destinados para cemiterios. Os sovas sam enterrados no mato em logar separado, mas o pôvo é indistinctamente sepultado no lôdo do rio.

Os Ambuelas t[~e]m costumes brandos, e é mais franca a sua hospitalidade.

Sam bastante caçadores, e apanham muita cêra nos matos.



Figura 79.--Caçador Ambuela.

A mulhêr tem mais alguma consideração entre elles do que entre os outros povos que até ali visitei, onde é apenas escrava ignobil.

Estes indigenas sam muito pescadores, o que não admira vivendo no meio de um rio cuja fauna aquática é variadissima.

Effectivamente, de tôdos os rios que até ali encontrei, nenhum vi tão piscoso.

Pude obter dos indigenas, durante a minha estada ali, 18 variedades de peixes, assegurando-me elles haverem outras ainda.

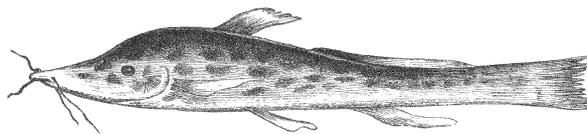


Figura 80.--Chinguêne.

1/4 do natural. Pelle molle e desprovida de escamas. Dorso castanho com manchas mais escuras; forma triangular, sendo o ventre um lado e o dorso o vèrtice; 3 barbatanas ventraes, 2 subdorsaes e duas dorsaes. Dois fios musculares sobre a boca e dois na maxilla inferior. É especie de um gènero muito vulgar em Àfrica e que conta muitas especies.

Áquelles que pude ver dam elles os nomes seguintes:--

Peixes pequenos, menores de 20 centímetros.

1. Mussouzi peixe de pelle.
2. Mango idem.
3. Chinguene idem.
4. Chibembe idem.
5. Limbumbo idem.
6. Dipa peixe de escamas.
7. Chitungulo idem.
8. Lincumba idem.
9. Nhele idem.
10. Lingumoeno idem.

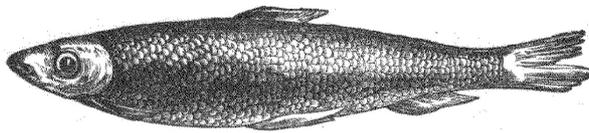


Figura 81.--Lincumba.

Tamanho natural. Escama dura e larga; dorso cinzento azulado; ventre branco prateado; 5 barbatanas ventraes, 1 lombar. Barbatanas moles.

Peixes grandes, entre 20 e 50 centímetros.

11. Chó peixe de pelle.
12. Mucunga peixe de escamas.
13. Undo idem.
14. Chinganja idem.
15. Nassi idem.
16. Bula idem.
17. Ganzi idem.
18. Boei-ie idem.

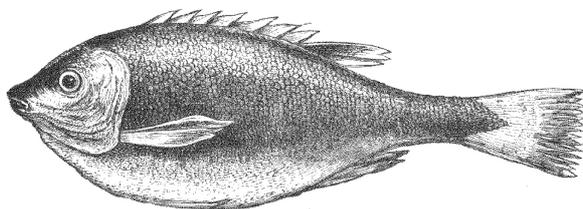


Figura 82.--Chipulo ou Nhele.

Tamanho natural. Escama dura e miuda; dorso cinzento avermelhado; ventre branco avermelhado; 3 barbatanas ventraes, duas sobreventraes, e 1 lombar percorrendo tódo e dorso, armada de espinhos.

Seis diferentes grandes Mamíferos habitam o rio Cuchibi.

1. O Hippopotamo.
2. O Quichôbo ou Buzi (antilope).
3. O Nhundo (Lontra commum).
4. Libao (Grande Lontra malhada de branco).
5. Chitoto (pequena Lontra completamente prêta).
6. Dima (herbívoros do tamanho de uma cabra pequena, desarmado de cornos, vivendo nas mesmas condições do Quichôbo ou Buzi).

Ainda os reptis que habitam as àguas do rio sam numerosos, sendo que os crocodilos sam pequenos e pouco vorazes, e as cobras umas sam, outras não venenosas.

Tem uma grande variedade de batrâchios, que os Ambuelas não distinguem, dando a tódos indistinctamente o nome de Manjunda.

Nos canaes e sitios onde a àgua é estagnada, vivem milhares de sanguessugas, como em tódos os rios d'esta parte de África.

Tinha feito larga provisão de milho, e para elle muitos carregadores, sob o commando das filhas do sova; decidi-me pois a partir, e depois das mais cordiaes despedidas, segui, a 4 de Agosto, continuando a descer o rio na margem direita.

Duas horas depois de ter deixado Caú-eu-hue foi-me indicado pelos guias um vao onde seria possivel a passagem. Passáram elles para me mostrarem o caminho, e eu vi, que a um homem de estatura regular, dava a àgua pelo pescôco durante uns 20 metros.

O rio tem ali de 70 a 80 metros de largo. Despi-me e fui estudar o vao. Vi que era estreito, e logo a montante e a jusante profundava de 3 a 4 metros, mas o fundo era de areia muito resistente. A corrente do rio era sôbre o vao de 60 metros por minuto. N'estas condições a passagem é sempre difficil a uma comitiva carregada.

Dei ordem de começar a passagem, que levou duas horas, conservando-me eu sempre dentro de àgua, com o Verissimo e Augusto, os únicos que sabiamos nadar, promptos a acudir a algum que perdêsse o pé. Não houve porem o menor incidente, e nem uma carga se molhou, tal cuidado tivémos tódos.

Passado o rio, como estivéssemos bastante fatigados, apenas ganhámos a povoação de Lionzi, onde acampámos.

Houve grande affluencia de gentio no meu campo, e chovêram presentes e offertas de venda de mantimentos. Nunca vi em África tantas gallinhas como n'esse dia trouxeram os Ambuelas a meu campo. Não houve carregador ou muleque que não comêsse gallinha assada.

Notei entre aquelle gentio uma moderação e brandura verdadeiramente admiraveis em pôvo Africano.

Tôdos os homens vinham armados de arco e frechas; alguns traziam azagaias, e muitos, além das armas gentílicas, compridas carabinas de silex, de fâbrica Belga.

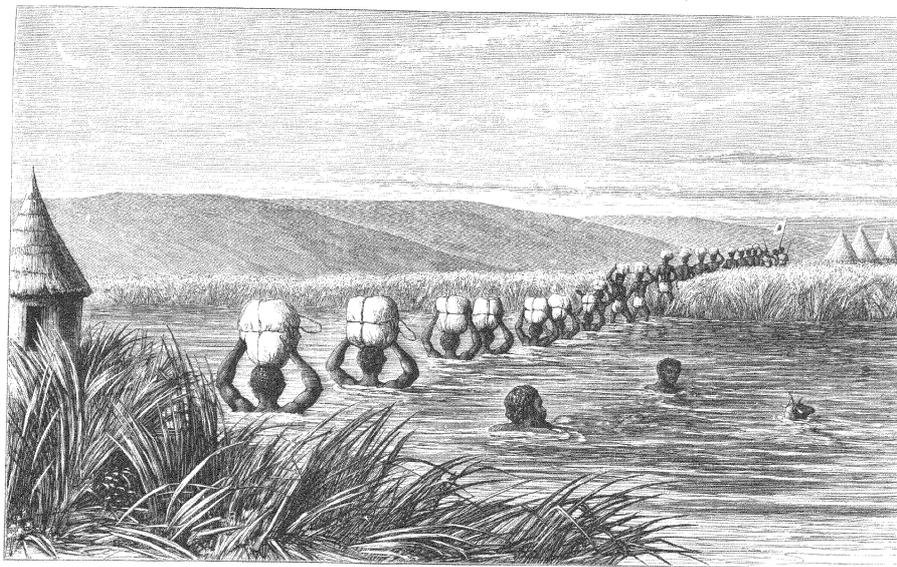


Figura 83.--O vao do cuchibi.

Entre os Ambuelas, homens e mulheres cortam um triângulo nos dois dentes incisivos da frente, mas em ângulo muito mais aberto do que entre os Quimbandes.

As suas armas sam fabricadas por elles, sendo muito imperfeito o trabalho do ferro, que extrahem em minas a jusante da confluencia do Cuchibi e Cuando.

Os Ambuelas que usam espingardas só querem, como eu já disse, as armas lazarinas hõje fabricadas na Bèlgica, e a cada peça de caça que matam, enrolam em tórno do cano um bocado de pelle do animal, o que dá logar, pela simples inspecção da arma, a saber quantas vîctimas ella tem feito.

Isto deforma a arma, e impede de apontar; mas, como elles só arriscam um tiro a dez passos, acontece matarem.

O caçador que vi ali tendo morto mais caça tinha dez bocados de pelle em tórno do cano da espingarda.

Aquella pobre gente, sem as armadilhas do mato, não teria pelles para cobrir a sua nudez.

Pòlvora é rara ali, onde apenas de annos a annos apparece um sertanejo Biheno, que lhe vende pouca, e por isso tem subido valor.



Figura 84.--Azagaias dos Ambuelas.

Entre os Ambuelas que viêram ao meu campo appareceu um muito engraçado, que por tôdos os modos procurava convencer-me a dar-lhe uma carga de pòlvora por um gallo grande que trazia. Divertio-me muito com o modo engraçado por que tentava convencer-me a fazer a transacção, até que eu lhe disse, que faria o negocio, se elle matasse o gallo a cincoenta passos com uma frecha.

Elle aceitou, e eu medi a distancia.

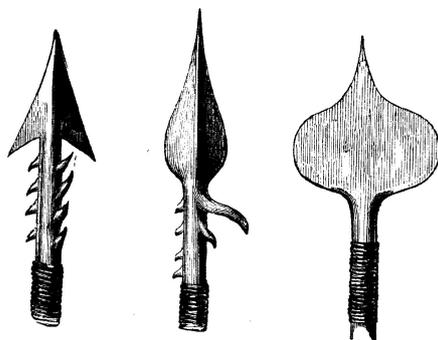


Figura 85.--Ferros de frechas dos Ambuelas.

Colocado o gallo convenientemente disparou-lhe oito frechas que trazia, fazendo pèssimos tiros.

Outros indigenas enthusiasmáram-se com o divertimento, e começou um chuvaire de frechas em tórno do pobre animal, e ainda que alguns se acercáram a quarenta passos, foi de meio metro distante do alvo o tiro mais certo. Eu então disse aos Bihenos que dava o gallo a quem o matasse. Viéram os melhores atiradores de frecha da comitiva, e quem melhores tiros fez foi o prêto Jamba, de Silva Porto, que chegou a cravar uma seta a cinco centímetros do gallo, que ficaria vivo, se eu o não matasse com um tiro da minha carabina Winchester.

No mato em que estava acampado havia uma enorme quantidade de aranhas brancas, com o còrpo volumoso como uma ervilha, que mordiam, causando uma dôr violenta mas passageira.

O acampamento estêve sempre cheio de mulheres, talvez por estarem ali comigo as filhas do règulo. Usam ellas grande nùmero de manilhas de ferro da espessura de dois a três millímetros de secção quadrangular, tendo as duas arestas exteriores picadas.

Quando dançam (e dançam muito as Ambuelas), só o tinir das manilhas é uma música.

Ellas comprimentam-se umas ás outras batendo repetidas vezes com as mãos abertas nos peitos nús.

Um costume que encontrei entre tódos os povos Ganguelas, mas mais rigorosamente cumprido no Cuchibi, é o modo de falar aos sovas ou sovêtas.

A pessoa que fala, diz o que quer dizer ao sova, a um dos prêtos que elle tem a seu lado; este repete o recado a um segundo prêto, que o transmite ao sova. A resposta segue pelas mesmas vias.

A explicação que me dêram d'isto foi a seguinte:--A pessoa que dá o recado, ouvindo repetir depois duas vezes o que disse, pode corrigir alguma interpretação errônea que houvesse da sua idéa, e o mesmo se dá com quem responde.

Eu supponho, porem, que ha ali mais alguma cousa, e que os sovas estabelêceram o uso, para durante a repetição triplíce da arenga, terem tempo de preparar a resposta.

De Lionzi fui dar um passeio de caça pelo rio até á sua confluencia com o Cuando, cuja posição marquei grosseiramente, por não ter podido fazer observações, mas que, ainda assim, não deve ter grande erro, por haver eu determinado perfeitamente a posição de Lionzi.

Junto á confluencia do Cuchibi, encontrei duas grandes povoações Ambuelas, Linhonzi e Maramo, e entre ellas e Lionzi, uma grande povoação, Chimbambo.

Na confluencia do rio Queimbo está situada a povoação de Catiba, governada por um prêto da povoação de Caú-eu-hue, e sujeito ao sova do Cuchibi.

De volta ao meu campo, vim encontrar a minha gente de tal modo entregue ás delicias de Cápua, que não havia fôrça para os arrancar dos braços das formosas filhas desta nova Ninive Africana.

A embriaguez do *Bingundo* e a embriaguez do amor, tornavam surdos os meus homens a rogos e a ameaças.

O sovêta do Lionzi veio ao meu campo, e trouxe comsigo um Mucassequer, seu hòspede. Eu entendi-me logo com o Mucassequer, para elle ser guia até ás nascentes do rio Ninda, que eu queria ir demandar; e estando n'esse dia de muito bom humor, chamei os pombeiros e disse-lhes, que ia seguir com os Ambuelas e os meus muleques, e que ficassem elles se quizessem, mas que eu lhes levava tódos os mantimentos.

Puz-me logo a caminho, guiado pelo Mucassequer e acompanhado das filhas do sova e sua gente.

Os meus Quimbares, vendo-me partir, deixáram tambem o campo, e seguiram-me, ficando tódos os Quimbundos e os muleques do Verissimo.

Depois de uma difficil marcha de seis horas a travez de floresta emmaranhada, e onde se não encontra água, alcançámos a margem direita do rio Chicului, abrasados de sede.

Este rio corre em uma planicie deserta e apaúlada, de 1600 a 2000 metros de largo, e a floresta sempre espêssa vem terminar onde começa o paúl.

Durante a noute os leões e leopardos rondáram sem cessar o meu acampamento, rugindo em còro infernal.

No dia immediato, decido logo de manhã passar á outra margem.

Passei o rio n'uma ponte, de certo construida outrora, por comitivas Bihenas, que eu reconstrui, e que me deu facil passagem; mas não foi igualmente facil alcançar a floresta da margem esquerda, porque havia a atravessar a planicie lodosa, onde nos enterrávamos até por cima da cintura.

O meu Pépéca por vezes ficou só com a cabeça de fóra, e deu trabalho a desenterrar.

Fôram 1500 metros de travessia difficil e fatigante.

O rio tem 15 metros de largo por 4 a 5 de fundo, com uma corrente de 40 a 45 metros por minuto. Vi n'elle muito peixe grande e pequeno, e alguns crocodilos de pequeno talhe.

Depois de passar o rio, vi a um kilòmetro jusante, uma grande manada de songue, e indo logo ali encoberto pelo mato, consegui matar três.

A minha cabrinha Córa não se separa um momento de mim, e anda em contínuo sobresalto desde que sentio os leões.

Os meus prêtos apanharam muitas aves, variedade de codornizes, com uma poupa branca, e pernas brancas.

Pela uma hora n'esse dia, chegaram os meus Quimbundos, e os pombeiros, de orêlha baixa, viéram pedir-me mil perdões de não terem seguido na vèspora.

Eu andava então de tal modo satisfeito, que tudo perdoei, indo em seguida pescar com um enorme tresmalho que levava, e com o qual apanhei innúmeros peixes muito semelhantes aos mugens ou tainhas dos nossos rios.

Esta rêde, tresmalho ou barbal, como lhe chamam os pescadores do rio Douro, foi um presente que me fez meu pai, e que, em muitas circumstancias, foi o único recurso que tivémos para matar a fome.

A doença grave de um dos meus prêtos fez-me demorar dois dias n'aquelle ponto; o que me contrariou em extremo, porque, tendo comigo numerosos Ambuelas, as provisões que eu tinha trazido do Cuchibi desapareciam rápidamente, e eu tinha diante de mim um enorme paiz a atravessar até ao Zambeze, onde nenhum recurso encontraria, além da caça, sempre problemática em África.

Em um dos dias, os Ambuelas fôram á floresta em busca de mel, guiados pelos *indicators* ("indicadores"), e d'elle fizéram grande colheita.

Muitos naturalistas notaveis, desde Sparmann e Leveillant, os primeiros que estudáram esta curiosa ave, até os mais modernos exploradores que t[~e]m descripto os seus hábitos, que me perdoem ainda aqui falar d'ella, e lhes diga, na minha humildade, o que concluí do muito que observei os seus costumes em África.

Que o *indicator* seja ou não um cúco é coisa de que não faço questão, deixando isso á autoridade dos Bocages e dos Günthers.

Que elle se dêva chamar *Cuculus albirostris*, como queria Temminck, ou sómente indicátor, como querem outros, é nova questão, em que não entro. Descrevel-o, sendo profano em ornithologia, seria pedantismo; e por isso limitar-me-hei a contar o que lhe vi fazer, e a tirar uma conclusão minha.

Logo que o homem penetra em uma floresta dos sertões d'África Austral, apparece-lhe o *indicator* saltitando de ramo em ramo, e chegando a aproximar-se, sempre com o seu chilrear monòtono. Logo que lhe damos attenção, levanta elle o seu vôo pesado, e vai pousar mais longe, vigiando se o seguimos.

Se o desprezamos, volta elle para junto de nós, e continua a saltar e a chillar, voando outra vez, e formulando muito pronunciadamente o convite de o seguirmos. Cedemos a final e acompanhamos a ávezinha, que de ramo em ramo, com vôos curtos para nos não perder de vista, nos vai guiando a travez da floresta, a maior parte das vezes até junto de um ninho de abelhas.

Este caso é o mais vulgar, e é sempre aproveitado pelos indigenas buscadores de cêra.

Alguns exploradores, e entre elles o nosso Gamito, dizem, que elle conduz tambem o homem junto do antro da fera. Esse caso nunca se deu comigo, que segui dezenas de *indicators*, e nunca encontrei indigena que m'-o affirmasse.

Conduzir-me junto do cadaver de caça já em putrefacção, a um acampamento abandonado de ha pouco, a uma lagôa, junto de outra gente, isso me aconteceu a mim, e acontece a tódos os que seguem o buliçoso passarinho. E contudo elle nada lucra em guiar os passos do homem para ali.

O que é facto é, que elle leva o homem quasi sempre ao mel, e eu supponho que o quer levar sempre, e que sam occasionaes os outros encontros, que t[~e]m feito impressão a muitos viajantes; encontros nada de estranhar em florestas Africanas.

É mesmo possivel, que no caminho para o enxame encontremos o leão, sem que a intenção do pàssaro seja a de nos fazer devorar pela fera.

Se porem a regra geral, de ir indicar as abelhas, tem excepções, sam ellas tantas e tão variadas, que eu atrevo-me a dizer, que o *indicator* é o verdadeiro apodador da humanidade.

Encontrei junto ao rio Chicului uma pelle de cobra de sete metros de comprido por 40 centímetros de largo, affirmando-me os indigenas que as ha ali maiores.

Pude finalmente seguir a 9 de Agosto, já desejoso que as filhas do sova do Cuchibi voltassem com a sua gente, porque os mantimentos que traziamos desapareciam a olhos vistos, e já não era pequeno o meu cuidado pensando no futuro.

Depois de marcha de três horas, encontrei um ribeiro, correndo a S.S.E., e depois de atravessarmos a vao, encontrámos uma lagôa de duzentos metros, que tivémos de vadear com àgua pela cintura.

Este ribeiro, que entra no Chicului perto da sua foz, é o Chalongo, provavelmente o que nas cartas apparece com o nome de Longo, e que, por uma errada informação, os cartògraphos t[~e]m feito correr ao Zambeze.

Durante a passagem da lagôa, vimos alguns abutres descendo com persistencia em um mesmo logar, a meio kilòmetro de nós. Fui ver o que atrahia ali os repugnantes rapaces, e ao longe vi uma nuvem d'elles esvoaçando sôbre um corpo volumoso cercado de hyenas, que fugíram sem que eu lhes podesse atirar. Aproximei-me, e encontrei uma enorme Malanca (*Hippotragus equinus*) recentemente morta pelo leão.



Figura 86.--Malanca.

A pelle do soberbo antilope estava rasgada em tiras pelas garras da fera, e, cousa notavel, que eu não pude explicar, as unhas das patas estavam completamente roídas.

Os olhos tinham sido arrancados das òrbitas, de certo pelas aves rapaces.

Os meus Quimbundos, logo que víram a Malanca, corrêram sobre ella, e com unhas e dentes disputáram uns aos outros os restos d'aquella carne bafejada pelas hyenas, em mais repugnante espectàculo do que, minutos antes, me tinham offerecido as proprias hyenas e abutres. Mais pareciam feras do que homens.

E note-se, que então não havia necessidade, porque eu tinha môrto caça, e as provisões feitas no Cuchibi nos tinham em abundancia.

Os meus proprios Quimbares não resistiram á tentação, e juntáram-se aos Quimbundos no repugnante espectàculo.

Metti em ordem a caravana, e fiz seguir ávante. Pelo caminho fui pensando no poder que tem a vida selvagem sôbre o prêto.

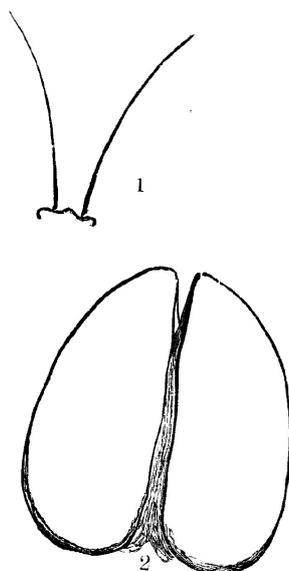


Figura 87
1. Cornos vistos de frente.
2. Rasto da Malanca

Os meus Quimbares, gente meio-civilizada de Benguella, já igualam os Quimbundos em selvageria e embrutecimento.

Eu ás vezes penso, que isto, que se afigura possivel a muita gente na Europa, de civilizar o prêto em Àfrica, é simplesmente absurdo.

O elemento civilizador será por ora tão pequeno junto do elemento selvagem, que este predominará em quanto aquelle não tomar proporções enormes.

É preciso que em África haja por cada prêto um branco para se realizar esse sonho de muitos espiritos elevados do velho mundo; porque só então o elemento civilizador equilibrará com o selvagem, e poderá vencel-o.

Temos até um exemplo d'isto com os Böers do Transvaal, que, Europêos de origem, em um século apenas, perdêram tudo que de civilização trouxeram da Europa, fôram vencidos pelo elemento selvagem do meio em que viviam, e hôte, se sam Europêos pela côr e pela religião de Christo que professam, sam b̃rbaros pelos costumes que tiráram do paiz.

O notavel era, ter eu atravessado tantos povos b̃rbaros, onde nunca chegou o menor elemento civilizador, e não ter encontrado pôvo algum peiôr do que o Biheno, que está em contacto com a civilização da Costa de Oeste.

Ao caminhar pensava eu n'isso, e repetia a phrase que tantas vezes me tinha repetido o meu amigo Silva Porto: "Olhe que os melhores Bihenos sam incorrigiveis, firme-se n'este principio e marche com elles."

Depois que eu entendia o Hambundo é que bem podia avaliar o que elles eram.

Às vezes, á noute, na minha barraca, eu escutava as conversas que se falavam em tôrno de mim, e não se calcula o que eu ouvia.

Uma noute, escutava eu episodios de uma guerra que um anno antes tinha havido no Bihé, contra gente Bihena que não reconhecia a autoridade do sova Quilemo, e entre outros ouvi o seguinte, no meio das gargalhadas e dos signaes de approvação que os ouvintes dispensavam ao narrador:--

Contava elle, que uma noute fizera dois prisioneiros, um muleque e uma rapariga pequena, e que, como a pequena chorasse e gritasse por elle lhe ter amarrado fortemente os braços, elle cortou-lhe uma orêlha com o machado, e depois deu-lhe com o mesmo machado no pescôço, mas de vagar para a não matar logo. Elle descrevia ao auditorio as contorções e gritos da ṽctima, com grande applauso dos companheiros, até que narrou o modo porque a tinha morto; coisa de que depois se arrependera muito, porque a familia d'ella, que não sabia do occorrido, veio offerecer-lhe em resgate três escravos, com que elle poderia ter começado um pequeno negocio.

Não quero narrar mais d'estas scenas repugnantes, e direi apenas, que se deve avaliar bem, como o chefe de bandidos na Europa não precisa, para sustentar a disciplina em sua orda de r̃probos, ter mais energia do que o Europeo que em África tem de commandar tal gente.

Fui acampar á nascente de um cõrrego chamado Combule, que, a uma milha da sua fonte, vai lançar, para o Oeste, no rio Chicului, as suas águas, que ainda ali não seriam sufficientes para mover uma azenha.

Convenci as filhas do sova a voltarem aos seus lares, e fizemos as mais cordiaes despedidas. Ainda Opudo arriscou com timidez o pedido, de eu voltar para o Cuchibi, e ir viver entre elles, e Capêu fez-me, mais eloquente ainda, a súplica, com um olhar de mulhêr, um d'esses olhares que sam a verdadeira força d'ellas, porque sam espontaneos, e não aprendidos na escola da garridice.

Não foi sem pesar que vi partir aquellas duas bôas raparigas, as duas únicas amizades que percebi em indigenas Africanos.

Ao separarmo-nos, chegou-se a mim o meu guia Mucassequer, e disse-me:--

"Eu tenho passado a minha vida no caminho que vais seguir d'aqui ao Limbai, e por isso conhêço bem o paiz. Leva sempre prompta a tua melhor espingarda, e desconfia de tudo no mato, porque vais viver muitos dias entre feras. Toma cautela sôbre tudo com os búfalos do Ninda, no caminho has de ver sepulturas de gente morta por elles, e mesmo de brancos. Eu sou teu amigo, porque não me fizeste mal, e deste-me pôlvora e missangas, por isso te previno."

Depois da partida dos Ambuelas, fiquei só com a minha gente, e verifiquei, não sem algum sobresalto, que tinha havido uma redução enorme nos viveres.

No dia immediato, embrenhei-me em uma enorme floresta espinhosa, e onde era a miúdo preciso abrir caminho para seguir ávante.

Depois de uma fatigante marcha de 5 horas, a mais difficil e atroz que fiz em África, acampej á nascente do rio Ninda, tendo deixado uma grande parte do fato nos espinhos da floresta. Meia hora depois de chegar, estava convertido em verdadeira caricatura, porque estava coberto de bocados de tafetá inglez, onde os espinhos me haviam rasgado as carnes.

Estava pois á nascente do rio Ninda, afamado pela ferocidade dos habitantes das suas margens. Os leões ainda me não tinham devorado; mas cheguei a pensar, que se o quizessem fazer tinham de se apressar, para encontrarem alguns restos do que deixassem milhares de insectos que dirigiam um ataque encarniçado contra mim.

Ao cahir da tarde, uma nuvem de môscas, tão pequenas que não tinham mais de um milimetro, cahio sôbre o acampamento, e n'um louco esvoaçar, entravam pelo nariz, pela bôca, pelos ouvidos, e enchiam-nos os olhos, dando-nos um verdadeiro supplicio, verdadeira praga.

O acampamento foi rodeado de fortes palissadas e enormes abatizes, tomando-se todas as precauções para que

ficássemos ao abrigo de um ataque das feras.

Eu fui acommettido por um violento acesso de febre, o que não impedio que, durante a noute, por mais de uma vez sahisse da minha tenda a investigar porque ladravam os cães.

Os leões rugíram toda a noute em volta do campo, e sôbre a madrugada, um côro de hyenas veio completar aquella mûsica infernal.

Não posso deixar de declarar aqui, áquelles que no entusiasmo de uma coragem temeraria se fazem illusões sôbre as bellezas da vida das selvas, que a vida entre feras é positivamente desagradavel.

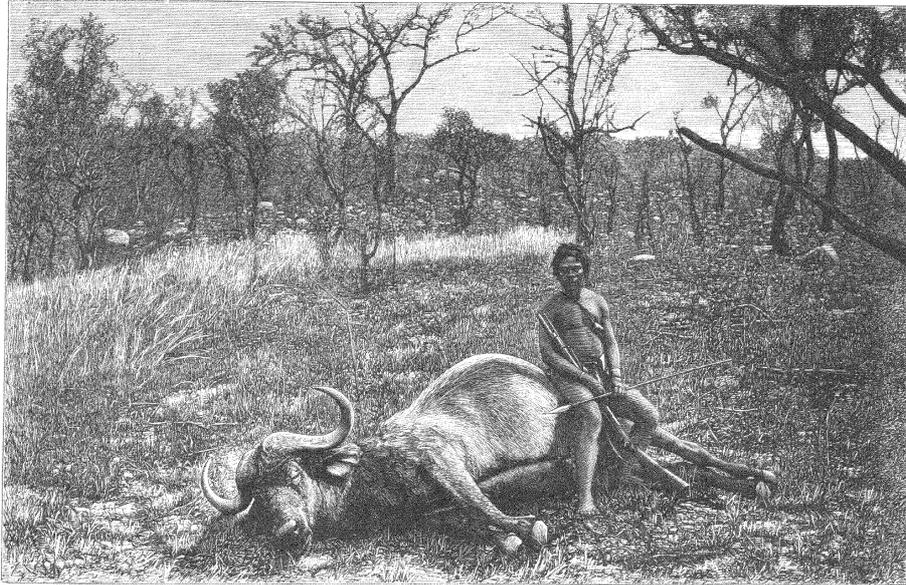


Figura 88.--O bûfalo africano.

No dia immediato, demorei-me até á tarde, para poder determinar aquella posição, e mudei o meu acampamento para uma milha mais a leste.

Junto do sitio onde acampei ficava a sepultura de um Portuguez, o sertanejo Luiz Albino, morto n'aquelle ponto por um bûfalo. Na minha comitiva estava o prêto de confiança de Luiz Albino, o velho Antonio de Pungo Andongo, aquelle que eu fiz alfayate do sova Mavanda.

Luiz Albino sahira do Bihé com uma grande factura que vinha negociar ao Zambeze, e em uma das suas etapes, veio acampar no mesmo ponto onde eu estava acampado n'aquelle dia. Sahio a caçar, e deu um tiro em um bûfalo, ferindo-o na articulação de um pé. Já se vê que atirava mal, porque não se fere um bûfalo em um pé.

Voltou ao acampamento, e chamou o velho Antonio (que então era nôvo), dizendo-lhe, que tinha ferido um bûfalo mortalmente, e que chamasse gente para o irem buscar.

Os Bihenos, sempre cautelosos, não quizéram ir, e elle, chamando-lhes cobardes, foi só com o prêto Antonio. Chegado ao mato, o bûfalo, que, como tôdos os bûfalos feridos, queria vingança e o esperava, correu sôbre elle. Luiz Albino disparou-lhe os dous tiros da espingarda sem lhe acertar, e foi em seguida colhido pela fera, que com uma cornada lhe rasgou o baixo ventre.

Antonio disparou contra o feroz ruminante, e o cadaver da fera foi cahir sôbre o cadaver do branco.

Hôje, uma forte estacada de madeira, cercando um quadrado de cinco metros de lado, fêcha um recinto, onde se levanta uma cruz tôsca de madeira; e lembra ao caminhante, que é preciso ter prompta a carabina e ôlho á mira para viajar ali.

Tinha chegado ao primeiro ponto da minha viagem onde apparecem elephantes, e por isso mandei alguns homens á descoberta, mas os exploradores voltáram tendo apenas encontrado alguns rastos antigos. Eu fui dar uma volta pelo mato, mas nada vi em que podesse dar um tiro.

No dia immediato, segui viagem, sempre na margem direita do Ninda, sem que algum facto extraordinario viesse perturbar a marcha.

A 13 de Agosto, fui estabelecer um nôvo acampamento dez milhas para leste do da vêspera. Um vago receio já me perturbava o espirito. Os viveres diminuiam ràpidamente, e eu estava ainda longe de paiz de recursos. Tentei caçar, mas sem resultado percorri a floresta, ainda que vi muitos rastos frescos e cheguei mesmo a perceber caça, mas tão longe e esquivada que nada fiz.

No dia 14, tinha eu, sòzinho com o meu Pépéca, tomado a dianteira á caravana, quando, ao chegar ao sitio onde resolvi terminar a marcha d'aquelle dia, percebi um enorme bûfalo que pastava tranquillamente.

Pude, ao abrigo do mato, aproximar-me d'elle, e atirei-lhe a trinta metros, apontando á espàdua, porque me ficava atravessado. O animal cahio fulminado, com grande espanto meu, porque o sitio onde atirei era para fazer uma ferida mortal, mas não produzir morte tão ràpida como a que eu vi produzir. Abeirei-me d'elle, e como não fiquei espantado, vendo que a bala, em lugar de ferir o ponto a que a dirigi, subio perto de vinte centímetros na mesma vertical, indo cortar-lhe as vèrtebras, e produzindo a morte instantanea, pela soluçãõ de continuidade da espinal medula!

Este caso fez-me profunda impressãõ, porque um tal desvio da bala podia, em qualquer circumstancia, ser causa da minha perda; e logo que estabeleci o meu campo, tratei de alvejar a carabina a 25 metros.

O desvio vertical revelado no tiro ao búfalo continuava a manifestar-se.

Era a minha carabina Lepage, de grande calibre e balas d'aço.

Sendo a sua trajectoria muito curva, o armeiro calculou a última ranhura da alça para 80 metros; e como eu não tinha ainda com aquella arma atirado a menor distancia, não tinha ainda advertido no perigo que corria fazendo um tiro de 20 a 30 metros. Assim, pois, a estas distancias, ainda que eu pela ranhura mal percebêsse o ponto culminante da mira, o desvio vertical era constante.

Cuidei logo de remediar o defeito, e por tentativas, fui profundando a ranhura da alça, até que obtive a maior precisãõ á pequena distancia requerida.

Este episodio, que registei no meu diario e que hõje descrêvo aqui, ainda que seja de interesse nullo para a maioria dos meus leitores, é uma prevençãõ áquelles que me seguirem em África, prevençãõ que lhes pode ser de subida utilidade.

O rio Ninda corre n'uma planicie levemente inclinada a leste, e que me afirmam se estende ao sul até á junccãõ do Cuando e Zambeze.

Até ao ponto em que eu estava acampado, a floresta desce espêssa até á margem do rio; mas d'ali em diante forma apenas tufos de àrvores, semeados aqui e além n'uma planicie enorme.

Ali o Ouco é àrvore corpulenta, e tão abundante, que por espaço de horas o caminhante vive n'uma atmospherã embalsamada pelo suave perfume das suas flores.

No dia immediato, sustentei marcha de seis horas, e desviei-me um pouco da margem do rio, cujo canavial espêso era obstàculo ao caminhar; indo acampar junto de uma lagõa de bõa àgua, não longe da pequena povoaçãõ de Calombeu, pôsto avançado do règulo do Barõze.

Nada nos quizéram vender, e já começavam a escacear os mantimentos.

Não achando bõa a minha posiçãõ, e não podendo seguir no dia immediato, por ter muitos doentes, mudei o campo para uma milha mais a leste, continuando a tirar àgua da mesma lagõa, ou antes paúl, que melhor lhe cabe este nome.

Estava na enorme planicie do Nhengo, planicie elevada mil e doze metros ao nivel do mar, que se estende a leste até ao Zambeze, e ao sul até á confluencia do Cuando.

O terreno enxuto na apparencia, é encharcado e esponjoso, e cede lentamente á pressãõ do cõrpo, deixando infiltrar àgua do seu seio alagado.

Nas noutes que ali dormi, deitei-me em leito sêco de ervas cobertas de pelles, para acordar n'un charco.

Começava ali para mim uma nova vida de tormentos, porque nem á noute um sono reparador podia vir mitigar as fadigas do cõrpo, e adormecer as apreheções do espirito.

A falta de viveres, que não tardaria a chegar; a difficuldade que me apresentava o paiz; a minha saude que eu sentia profundamente afectada; e a minha propria comitiva que começava a dar signaes de insobordinaçãõ, traziam o meu espirito perturbado, perturbaçãõ que se traduzia por um mau-humor continuo.

No dia 16 de Agosto, tive um momento de desespero. Estavia só, completamente só.

Não havia um homem na minha comitiva que tivesse um pouco de energia.

Àlém das difficuldades que se erguiam diante de mim, tôdos me creavam difficuldades. Eu tinha de decidir, de intervir em tudo, até nas mais pequenas cousas de que nunca me deveria occupar.

Algumas dedicações me rodeavam, não o duvidava, mas dedicações sem energia, em gente capaz de cumprir uma ordem, mas incapaz de fazer cumprir a outros as que lhe transmittia.

O Verissimo não é cobarde, mas espirito acanhadissimo, sem vontade propria, e irresoluto, não tinha a fõrça sufficiente para se impor no commando. Àlém d'isso, aparentado com alguns dos pombeiros, era por elles desattendido.

Via-me forçado até a fazer cumprir as ordens que dava!

No meu diario escrevi então alguns periodos, que vou transcrever aqui textualmente, e que traduzem o meu soffrimento de então.

"Isto desnorteia-me, e traz-me de pèssimo humor. ¡Meu Deos! ¡quanta vontade, quanta persistencia, quanta energia é precisa a um homem que só, rodeado de difficuldades, rios proprios que o cercam as encontra, para proseguir na missão que se impoz! Hôje sózinho no meio d'Àfrica, tendo uma missão a cumprir, e tendo de sustentar a honra da bandeira da minha pàtria, ¡quanto eu soffro! ¡e quanto eu tremo por ella! Preciso de ser um anjo ou um demonio, e chêgo a crer que sou ás vezes uma e outra cousa."

N'este dia já tive de dar comida á ração, e só milho já havia.

Sentado á porta da minha barraca, ao cahir da tarde, terminava a minha parca refeição, e olhava em roda os meus carregadores, que comiam em silencio.

Parecia que uma tristeza profunda havia cahido sôbre o meu campo, apossando-se de tôdos os espiritos.

De repente os meus cães levantáram-se e corrêram ao mato ladrando furiosos.

Um homem desconhecido, seguido por uma mulhêr e dois rapazes, sahio do mato, e sem fazer caso dos cães, entrou no acampamento, que percorreu com um rápido olhar, vindo sentar-se a meus pés.

Era um prêto coberto de andrajos. Um panno esfarrapado mal encobria a sua nudez. Um casaco completamente despedaçado pendia-lhe dos hombros nús. Na cabeça uma cousa que muito esfôrço de imaginação faria suppor os restos de um chapéo braguez, e na mão um pao.

As suas armas eram trazidas pelos dois muleques que o seguiam.

A physionomia enèrgica, o olhar, andar e os modos decididos, do indigena, prendêram logo a minha attenção.

Perguntei-lhe quem era, e o que queria.

Elle respondeu-me em Hambundo: "Eu sou Caiumbuca, e venho procural-o."

Ao ouvir o nome de Caiumbuca, não pude conter a minha emoção.

Tinha diante de mim o mais audaz dos sertanejos do Bihé. Do Nyangue ao Lago Ngami é conhecido o nome de Caiumbuca, o antigo pombeiro de Silva Porto.

Em Benguella dissera-me Silva Porto: "Chame para junto de si a Caiumbuca, e terá o melhor immediato que pode encontrar em tôda a Àfrica Austral."

Procurei-o debalde no Bihé, onde não me soubéram dar noticias d'elle.

"Anda no sertão, e nunca se sabe bem onde elle anda--" foi a resposta que obtive de tôdos.

Caiumbuca estava no Cuando abaixo da confluencia do Cuchibi, e sabendo da minha passagem, viera, só com uma mulhêr e dois muleques, procurar-me.

Conversei a sós com elle por espaço de uma hora, li-lhe mesmo uma carta que Silva Porto me tinha dado em Benguella para elle, fiz-lhe as minhas propostas, e ao cahir da noute, reuni os meus carregadores e apresentei-lhes o meu immediato.

A 17 de Agosto, forcei marcha de seis horas, porque os vïveres estavam no fim, e era preciso alcançar as povoações.

Acampei na margem direita do rio Nhengo, que é o Ninda depois de receber do norte um affluente volumoso, o Loati.

O Nhengo tem de 80 a 100 metros de largo, por 4 e mais de fundo, com uma corrente quasi insensivel. Ás vêzes parece uma comprida lagôa, onde vegetam milhares de plantas aquáticas. Nas suas margens ha uma forte vegetação arbòrea, vegetação que por vêzes estende os seus ramos vigorosos por sôbre as àguas, e de uma e outra margem v[~e]m dar um abraço fraternal a meio-rio.

Este grande affluente do Zambeze corre na enorme planicie de que já disse duas palavras, a planicie que d'elle toma o nome, planicie húmida, onde não é encharcada ou verdadeiro paúl. Ali milhares de moluscos terrestres arrastam a sua casa espiral por entre a herva curta e rachítica.

Alguns càgados e muitas tartarugas de lagôa (*Emydes*), vivem na campina, onde já, aqui e àlém, algumas palmeiras, as primeiras que encontrava desde Benguella, balançam ao vento as suas copas elegantes.

Os meus prêtos fizéram colheita de tartarugas (*Emydes*), que a fome lhes fez devorar, a pesar do repugnante cheiro que rescendem estes pequenos Cheloneas carnïvoros.

Tendo-me dito Caiumbuca, que, a pequena distancia do acapamento, haviam algumas povoações, decidi demorar-me ali um dia, para obter vïveres.

Foi debalde que, no dia immediato, enviei gente ás povoações a pedir mantimentos; o gentio muito esquivo fugia, e não attendia razão nem offertas.

A nossa posição tornava-se muito séria, porque já nada havia que comer para êsse dia, e as tentativas de caça e pesca

não déram o menor resultado.

Um pequeno bando capitaneado pelo meu Augusto, entrou no campo, perseguido por um bando de leões, que só retiráram ao perceber o ruído do acampamento.

Conferenciei com Caiumbuca, e decidimos fazer, no dia seguinte, marcha grande, para alcançar umas povoações a que elle chamava Cacapa, e onde me disse que poderíamos obter víveres.

Seguímos pois no dia 19, tendo comido pela última vez a 17 de manhã.

A marcha foi sustentada por oito horas, indo acampar perto de uma lagôa, porque tínhamos deixado a margem do rio, para nos aproximarmos das povoações.

Apesar da fadiga da jornada e da fraqueza produzida pela fome, enviei gente a procurar víveres, indo entre elles o proprio Caiumbuca. Voltáram ao anoutecer com as mãos vazias. Nada, absolutamente, o gentio lhes quizera ceder, mostrando-se até hostil!

A nossa posição era grave. Tentar outra marcha, no estado de fraqueza em que estávamos, era arriscarmo-nos a ficar todos mortos de inanição.

Reuni os pombeiros, a quem expuz as circumstancias precárias da caravana, e de tal modo os encontrei desalentados, que nenhum alvitre me foi propôsto.

Chamei alguns dos prêtos que tinham ido ás povoações e perguntei-lhe, ¿se effectivamente ali haveria mantimentos? e tendo-me elles respondido afirmativamente, eu tomei uma resolução immediata. Disse aos pombeiros, que fôsem animar a sua gente, porque no dia immediato de manhã teríamos de comer em abundancia.

Ficando só com Caiumbuca, communiquei-lhe a resolução que tinha tomado, de ir no dia immediato fazer provisão de alimentos ou por bem ou por mal.

Na madrugada de 20, mandei de novo o Augusto com alguns prêtos ás povoações, pedir que me vendêssem milho ou mandioca, e expor as circumstancias em que nos encontrávamos.

A única resposta que obtivéram os meus enviados foi uma aggressão insólita.

Então reuni todos aquelles a quem a fome não tinha completamente prostrado, e pude ter oitenta homens, semi-válidos.

Puz-me á sua frente, e assaltei a povoação do chefe, que, depois de um curto tiroteio sem consequencias, se rendeu á discricção.

Corri logo aos celeiros, que estavam cheios de batata doce, e tirei tanta quanta me era precisa para matar a fome da minha gente, regressando ao campo, com o chefe e mais alguns prêtos prisioneiros. Dei a estes o valor das batatas em missanga e pólvora, e pul-os em liberdade, fazendo-lhes ver, que era melhor tratar as cousas por bem d'ali em diante. Elles agradecêram muito a minha generosidade, e prometêram fornecer-me aquillo que tivessem logo que eu lh'-o mandasse pedir.

N'esse dia, á 1 hora e meia, estando o ceo limpo, apenas com espêssa barra no horizonte, cahio um tufão vindo do N., que, depois correu a S.O., o foco passou um kilómetro a O. de mim, arrancando árvores e destruindo tudo na sua passagem.

No meu campo, o vento soprou tão rijo, que tivémos de nos deitar por terra em quanto durou a sua maior intensidade.

O thermómetro subio de 20 a 32 graos, e o barómetro desceu de 667[^]{mm.} a 663. Foi esta a mais violenta oscillação barométrica que observei na África tropical.

Ás duas horas e meia, o vento acalmou de repente, ficando a atmosphaera completamente coberta de um nevoeiro denso.

As povoações que me ficavam um kilómetro ao sul chamam-se Lutué; mas Caiumbuca disse-me, que entre os Bihenos sam conhecidas apenas pelo nome de Cacápa, por serem ricas em batata doce, que na lingua Hambunda se chama *écápa*.

As gentes d'estas povoações, como a de todas da planicie do Nhengo, sam de raça Ganguela, submettidas pela fôrça aos Luinas ou Barôzes. Sam povos miseraveis e intrataveis.

Pêla tarde, chegou ao meu campo uma tropa de Luinas, que andavam rondando no paiz, e que, sabendo que eu chegara ali na vèspere, me viéram ver.

Era commandada por três chefes, dos quaes o maioral se chamava Cicóta.

Os chefes viéram comprimentar-me e offerecer-me os seus serviços, e pedindo-lhes eu logo, que me obtivessem de comer, elles respondêram, que tambem estavam lutando com falta de víveres, mas que no dia seguinte me acompanhariam até umas povoações onde acharíamos recursos. Disséram-me, que me iriam conduzir até junto do rei do Lui, e que nada me faltaria pêlo caminho logo que chegássemos ás povoações Luinas, já pouco distantes.

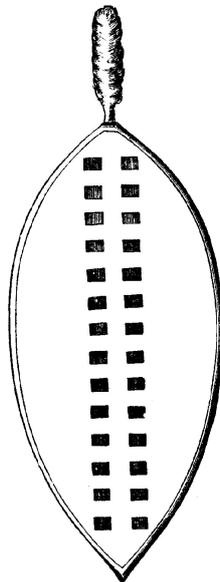


Figura 89.--Escudo dos Luinas.

Estes Luinas t[~e]m uma bôa presença, sam altos e robustos. Uma pelle de antilope primorosamente curtida, passada entre as pernas e prêsa no cinto de couro na frente e nas costas, e um amplo capote de pelles, é o seu vestuario. Os três chefes traziam carabinas raiadas de grande calibre, de fàbrica Ingleza. Os outros sobraçavam grandes escudos de forma ogival, de um metro e 40 cent. de comprido por 60 cent. de largo, e estavam armados de um feixe de azagaias de arremêso. O peito e os braços cheios de amulêtos. Os pulsos sam ornados de manilhas de cobre, latão e marfim, e por baixo dos joêlhos trazem de 3 a 5 manilhas muito finas de latão. O que n'elles e admiravel sam as cabêças, não pêlo cabêllo, que é cortado curto, mas pêlos enfeites que lhe põem.

A do chefe Cicóta está coberta de uma enorme cabelleira, feita da juba de um leão. Os outros traziam penachos de plumas multicolores verdadeiramente assombrosos.

Durante a noute apparecêram entre nós innúmeros escorpiões, sendo mordidos por elles alguns dos meus homens.



Figura 90.--O Chefe Cicóta.

O terreno continúa esponjoso e hùmido, sendo um tormento viver em tal paiz.

Multiplicam-se ali as palmeiras, e já vam apparecendo algumas àrvores no campo.

As termites apresentam aqui já um nôvo aspecto nas suas curiosas construcções.

A 22 de Agôsto, levantei campo, e cinco horas depois, ia de nôvo acampar junto da povoação de Canhete, a primeira povoação de raça Luina. Durante a manhã houve um denso nevoeiro.

Algumas matas que passei eram formadas de àrvores enormes, e limpas de arbustos, sendo facil o caminhar ali.

Logo que acampeei, por prevenção de Cicóta, viéram muitas raparigas ao campo trazer-me gallinhas, mandioca,

massambala e ginguba.

Durante tôda a tarde continuáram a trazer-me presentes, que eu retribuia o melhor que podia. ¡Tinha já que comer em abundancia!

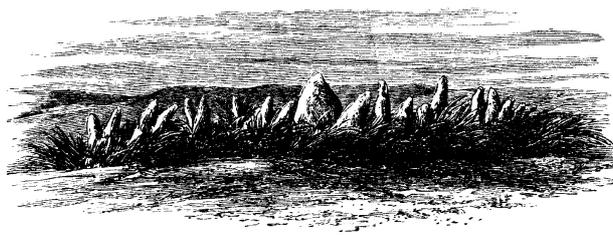


Figura 91.--Termites do Nhengo.

Pedi tabaco, de que eu trazia ainda bôa provisão, e sal, ¡sal que eu não provava havia tantos mezes!

Respondêram-me, que tinham o maior pesar de não poderem satisfazer ao meu desejo, mas que o tabaco e o sal só se davam ou se vendiam por uma licença especial do règulo.

¡Eis uma terra Africana onde ha dois artigos de contrabando! Felizmente não ha alfândegas.

Fui visitar as povoações de Canhete. Cresce ali nos quintaes o tabaco e a cana de assucar com um desenvolvimento enorme.

As casas sam feitas de caniço revestido de côlmo, e t[~e]m umas a forma de um semicylindro de 1,5 metro de raio, outras sam ogivaes, não tendo mais altura do que aquellas.

Os celeiros sam como os das povoações Ambuelas, mas de menores dimensões.

Os Luinas viéram ao meu campo, e fizéram ali uma dança guerreira, muito pintoresca, em que havia um mascarado que fazia o papél de truão.

N'essa noute chegou o prêto Cainga, que eu tinha mandado, dois dias antes, ao règulo, a participar-lhe a minha chegada.

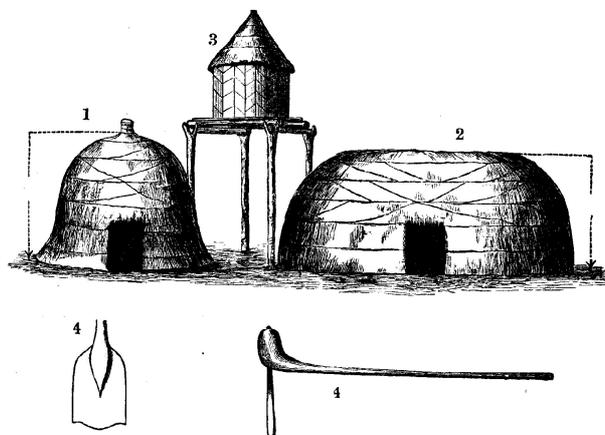


Figura 92.
1 e 2. Casas Luinas de 1^m.} 5 de altura.
3. Celeiro.
4, 4. Enxada do Lui.

Viéram com elle alguns chefes com presentes do rei para mim, e entre elles seis bois.

¡Carne de vacca! ¡tinha carne de vacca para comer!

Disse-me o Cainga, que elle se mostrou ufano por eu vir falar com elle de mando do Mueneputo, e que me esperava uma recepção esplêndida.

Eu estava sempre desconfiado, porque conhecia bem os nêgros, e sabia quantas traições encerram as suas zumbaias, mas não deixei de ficar satisfeito.

Elle mandou reunir muitos barcos, de modo que podesse passar a minha comitiva de uma só vez, para mostrar a sua grandeza.

Disse-me o Cainga, que elle era rapaz de 20 annos, e que, sabendo que eu era nôvo, dissera, que seriamos amigos.

Comi tanta carne e tanta batata, já temperadas com sal, condimento que obtive por contrabando, que me senti muito incommodado, e passei uma pèssima noute.

Os chefes Luinas que viéram da parte do règulo, trouxéram ordem ás povoações para me fornecerem o que eu pedisse sem retribuição. Esta ordem foi acertada, porque eu não tinha com que retribuir.

Quando ia a levantar campo, chegáram novos enviados do rei com sal e tabaco para mim, e com o recado, de eu não seguir o caminho directo da embocadura do Nhengo, porque elle queria castigar as povoações privando-as da minha visita.

Mandei dizer-lhe, que eu não seguiria outro caminho, por ser este o que mais me convinha. Que eu não servia para elle castigar comigo os seus povos delinquentes; e que, se elle me não mandasse barcos ao sitio do Zambeze que eu havia designado, eu passaria o rio sem o auxilio d'elle.

Logo á sahida de Canhete, encontrei um paúl horrivel, que tendo apenas 500 metros de largo, levou 1 hora a transpor. Caminhei a leste, e três horas depois alcancei as povoações da Tapa, onde aceitei uma casa offerecida pêlo chefe, por não ser possivel acampar fóra da povoação em terreno pantanoso.

As casas ali sam formadas por uma pyràmide troncocônica de caniço, coberto interna e externamente de barro. A porta tem 60 centímetros de alto por 50 de largo.

Esta casa é cercada por outra só de granito, concèntrica áquella, e que tem de raio um metro mais. O tecto abrange as duas casas e é feito de caniço coberto de còlmo.

O chefe levou-me um presente de gallinhas e batata dôce.

Marquei, duas milhas ao sul, a grande povoação de Aruchico.

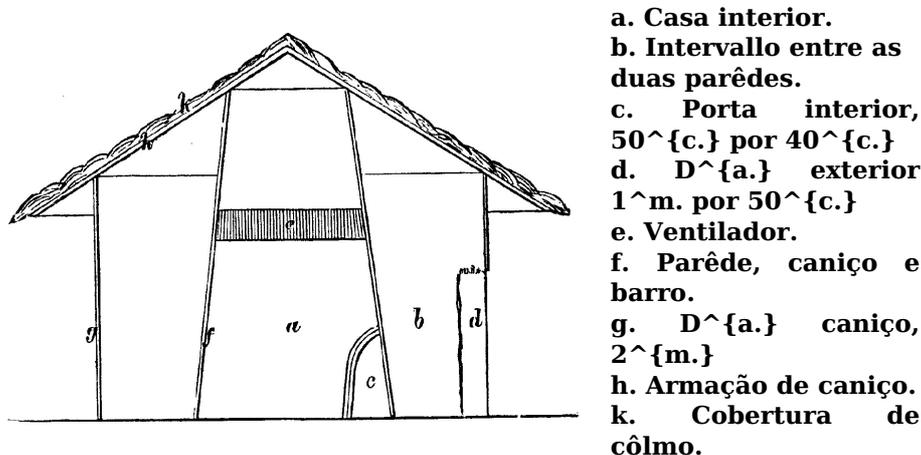


Figura 93.--Corte vertical de uma Casa Luin da aldeia da Tapa.

No dia 24 de Agosto, parti ás 8 horas da manhã, e depois de atravessar um paúl como na vèspera, alcancei a margem direita do rio Nhengo ás 9 horas, descendo até ao Zambeze que encontrei ás 10 e meia.

¡Com que entusiasmo eu saudei o grande rio! Alguns hippopotamos vinham resfolgar á tóna d'água a 30 metros de mim, e dois fôram victimas da sua imprudencia.

Um crocodilo enorme foi tambem infeliz em se conservar ao sol n'uma ilha pròxima.

Tinha saudado devidamente o Liambai! Tinha-o saudado tingindo-o de pùrpura com o sangue das feras.

No meio do maior entusiasmo dos meus e dos muitos Luinas que me acompanhavam, alcancei as canôas, e passei, ao meio-dia, para a margem esquêrda do rio.

Segui sempre a leste, e ás 2 horas, encontrei outro braço do Liambai, que se separa d'elle junto a Nariere. Andei por isso em uma grande ilha onde ha povoações, sendo a principal Liondo.

Aquelle braço do rio, ainda que tem 150 metros de largo, é pouco fundo, e foi transposto a vao. Na outra margem havia mais gente mandada pelo règulo.

Segui sempre, e ás 3 horas, encontrei uma grande lagôa junto á povoação de Liara, que passei embarcado. Este lago, formado pêlas águas que o Zambeze lhe introduz no tempo das chuvas, chama-se Norôco.

Segui sempre a leste, por entre um labyrintho de pequenas lagôas, que era preciso evitar, e ás 5 horas cheguei a Lialui, grande cidade, capital do Barôze, ou reino do Lui.

O rei tinha feito programma.

Tive em poucos dias duas grandes surpresas, para mim já meio selvagem e esquecido dos costumes Europeus. O contrabando de tabaco, de sal, e o programma do rei do Lui.

Uns mil e duzentos guerreiros formáram alas até á casa que eu devia provisoriamente ir occupar, e um dos grandes da côrte, acompanhado de uns trinta figurões, formáram o meu sèquito.

Chegado á casa, que tinha um grande pàteo cercado de caniçal, estava um estrado, onde eu me devia sentar, para receber os cumprimentos da côrte.

Logo em seguida, chegaráram os quatro conselheiros do rei, dos quaes é presidente Gambela. Com elles vinham tôdos os grandes que formavam a côrte do rei Lobossi.

Sentáram-se, e começou, da parte d'elles e da minha, uma troca de cumprimentos e saudações, com mil protestos de amizade.

Por fim retiráram-se gravemente, e fôram substituidos por outros massadores, que só me deixáram á noute fechada.

Retirei-me para a casa que me destinavam, que era um d'esses semicilindros de que já falei, e tive uma noite de insomnia, pensando no futuro da minha empresa.

Estava sem recursos, e se o rei não protegesse enèrgicamente a minha viagem, ¿que poderia fazer?

Sem a generosidade d'elle, nem mesmo teria que comer ali.

Elle mandara-me dizer, que me falaria no dia immediato. ¿Como nos entenderíamos? Aquelle Gambela, o presidente do Consêlho, que acabava de estar comigo, o homem que tôdos me diziam ser o verdadeiro rei, ¿que seria elle para mim?

O capitulo seguinte mostrará, que não era sem razão que um presentimento mal definido me produzio uma noite de insomnia em 24 de Agosto de 1878.

INDICE.

Abbadie, M. d'. , 10, 11

Abutres, 308

Acacias, 57

soberba floresta de, 103

Adulterio, sancionado, 54

Adevinho, indigena dos sertões d'Àfrica, 112, 113

consulta a meu respeito, 114

Agua, escassa, 48

Àgua-ardente como incentivo, 67

Algodão, producção, 198, 210-242

Ambriz, 17, 18

ponte de desembarque, 18

Ambuellas, povoações, 248

descripção do paiz, 265-277

seu chefe, 278

danças, costumes do paiz, etc., 284, 285

aperfeiçoamento agricola entre elles, 288, 289

o paiz, 290-292

reino animal e vegetal, etc., 293-301

Anchieta, José de, 63

seu tracto pessoal, laboratorio, etc., 64, 65

Andara-canssamboa, ribeiro, 238

Angola, chegada a, 15

recepção pelo governador, 16

Antílopes, 48-50, 220-232

amphibios abundantes no rio Cuchibi, e outros, 261, 262

songue, 268-270

À prova de balla: incidente, 165, 166

Armas, geralmente usadas, 151

faço-me aprovisionar de, 154

fabrico ballas, 156

Aruchico, grande povoação, 327

desço o Nhengo até ao Zambeze

Associações, obsequios recebidos de, xii

Atuco, ribeiro, 73

Atundo, sorte de goiaba, 233

Augusto, prêto fiel, 160

um Don Juan de côr prêta, 161

Banja, libata de, 73

Baobabs, 48

gigantêscos, 49

Barôze, revolução no, 277-315

Barracas, construcção de, 200, 201

Batatas, 94

Belmonte, povoação de, 127

planta da povoação, 128

Bembe, sovêta do, 229

rio Bembe, 229

Benguella, sigo de Loanda para, 26

descripção, 29-31

sou hospede do governador, 28

producção e commercio, 31, 32

obtenho carregadores, 34

partida de, 38

Bernardino Antonio Gomes, vii, 4-6

Biceque, rio, 240

Bihé, resolvemos ir directamente ao Bihé, 35

descripção do paiz, seu trafico, etc., 36

deliberação de seguir eu sòzinho para o Bihé, 80

descripção ethnogràfica, 132

historica, 133

suas differentes raças, 134

quadro genealogico de sovas, 136

figuras, 136, 137

commercio em larga escala, 138

fidelidade de carregadores, 138

qualidades Moraes, 139

juizamento de crimes, 144

adulterio, 144

futuro commercial, 146-151

carneiros e cabras, 152

uma elegante, 161

sempre demora á espera de carregadores e cargas, etc., 162

modo de commerciar, 163

preparo munições, 168

prompto a deixar o Bihé, 170

episodio com um degradado, 174

descrição do paiz, 190-193

Bihenos, semy-carnivoros, 147

solemnidades barbaras com sacrificio de carne humana, 148

comendo carne putrefacta, 268, 269

sam incorrigíveis, 310

barbarismo, 310, 311

Bilanga, povoação do, 120

Bilombo, sova do Huambo, 77

presentes do, 78

Bingundo, bebida dos Luchazes, 245-304

Bitovo, ribeiro, 219

Bocage (D^{or.} J.V.B. de), 9, 65

carta ao D^{or.}, 203

Bois servindo de cavalgadura, 75, 76

Bomba, riacho, 96

Bongo-Tacongongzêlo, vertente, 237

Bùfalos, 58

encontro com, 85, 231, 313, 314

Burundoa, povoação, 94

Buzi, antilope amphibio, 260

Cabango, sova de, 214

descrição do paiz e seus costumes, 214-217

Cabindondo, ribeiro, 46

Caça, 48-50

abundancia, 78

no Bihé, 153, 189, 231

Cacapa, povoações, 320

marcha forçada, 321

mantimentos tomados á força, 321

tufão, 321

descrição de raças, 322

Cachota, povoação, 117

Caconda, seguimos para, 63, 69

fertilidade, 188

Cacurocáe, rio, atravessámos, 61

Cacurura, povoação, 117

Caiumbuca, sertanejo audaz do Bihé, 318

fica ao meu serviço, 318

Calombeu, povoação no Baroze, 315

Calucúla, acampámos, 49

Caluqueime, povoações de, 61

Cambimbia, córrego, 234

serra, 236, 237

Cambuta, povoação, 238

abundancia de rôlas, 238

raças, costumes, etc., 239, 240

recepção pelas mulheres do sova, 241

Cameron, Commander Verney Lovett, xii

Cana de assucar, 42, 198, 210

Canata, ribeiro, 73

Cangala, 237

Cangamba, Muene-Cahenda, sova de, 255

descripção do paiz e costumes, 256

Cangemba, serra do, 45

Cangombo, ribeiro, 219

Canhete, povoação da raça Luina, 324

traffico, costumes do paiz, etc., 325

Canhungamua, rio, 89

Canjongo, povoação de, 74

Cansampõa, ribeiro, 237

Capata, 94, 146

Capêllo e Ivens, 5, 7, 10, 25

encontramo-nos em Benguella, 35

combinação de trabalhos scientificos, 35

apreciação humorística, 47

escrevem-me, resolvendo seguir sós, 78

resolvo-me, a meu turno, a seguir só, 79-80

Ivens offerece-se a acompanhar-me do Bihé a Benguella, em consequencia do meu estado de saude, 123

separação entre mim e meus companheiros, 124, 125

visita trocada entre Ivens e mim, 158

Capôco, poderoso filho do sova do Huambo, 77

minha visita a elle, 77

sua audacia, 80

idéa de pundonor, 81

presta bom serviço, 88, 89

mensagem do sova, 200

Capuço, século, manda-me presentes, 96

Caquingue, paiz do, 105

descripção do paiz e raças, 107

figuras, 108

trabalhão principalmente o ferro, 109, 110

superstição, 111

Carabina d'El-Rei, significação, xx

Caravana de Quilengues, 48

Carbonato calcareo, 42

Carregadores, falta de, 15, 22, 23

falta de confiança em, 25, 27

em procura de, 26

obtenho a final, 34, 37

novas dificuldades, 37, 40, 66, 67, 83, 85

fujida de, 86

ladrões em geral, 150

Caruci, ribeiro, 118

Casamentos contractados antes da noiva nascer, 116

Cassamba, acampo perto de, 176

Cassára-Caiéra, serra, 236

Cassôma, século rico, imposição arrogante delle a seu sequito, 91

repulsa, 91

Cassongue, ribeiro, 117

Catapi, rio, 65

 affluente do Cunene, 188

Catonga, povoação de, 61

Caú-eu-hue, sova, 257

Cêra, 220

Chacahanga, conversa com o velho, 172

Chacahonha, povoação da raça Ganguela, 96

Chacaiombe, D^{or.}

 o adevinho, 212

 pretende curar-me por meio de feitiços, 248

Chacapombo, povoação, 95

Chacaquimbamba, libata, 86

 roubo e resgate, 87

Chalongo, ribeiro, por outra, Longo, 307

Chalussinga, floresta, 48

Chaquicengo, povoação, 243

costumes e industrias, 244-246

Chaquiconde, século, investe contra mim e é repellido, 270

Chaquimbaia, século chefe da povoação de Ungundo, 118

extraordinaria temporal, tufão, etc., 119

Charo, matas do, 118

Chiconde, ribeiro, 219

àguas correndo para o Cuito, 219

Chicôto, soba, 237

Chicului, rio, 304

passagem do rio, 305

Chicúli-Diengin, rio, 50

Chimbarandongo, sova de Ngóla, 59

discurso de superstição, 60

a cavallo em um de seu sequito, 60

amigo dos brancos, 61

Chimbuicoque, ribeiro, affluente do Cutato, 102

Chindonga, século de, traz-me um presente, 99

Chindúa, povoação, 117

Chinguene, peixe, 298

Chipulo, peixe, 299

Chitando, ribeiro, 73

Chitequi, ribeiro, 63

Circumcisão, 293

Cirurgião, indigena dos sertões d'Àfrica, 112

Cobongo, ribeiro, 219

Cobras, venenosas, 74, 229, 230, 288

Coillard, referencias á familia, x, xx

Combule, córrego, desaguando no Chicului, 311

Comitiva, ordem da minha comitiva em viagem, 273

Comooluena, rio, 51

Córa, cabrinha de leite, dada de presente, 55, 126, 232, 305

Côrpo diplomático, estrangeiro em Lisboa, xii

Côrte ou sequito no Dombe, 40

Côrvo, João de Andrade, homenagem a, v, 5, 10, 24

serra de And^e Corvo, 189

Coungi ou Catápi, rio, 62

Crocodilos, 42, 327

Cuanavare, rio, 240

Cuando, o maior afluente do Zambeze, 241

suas nascentes, 242

descrição, 249, 293

correção de nomes porque é designado, 293

Cuango, affluente do Lungo-é-Ungo, 237

Cuanza, nascente do, 158, 179

divisão entre o Cubando e Cuanza, 190

passagem do, 194

o paiz entre o Cuqueima e o Cuanza, 209

Cuassequera, libata de, 62

Cubango, perto do, 96

a minha gente recusa-se a passar o, 97

passagem do, 28

ponte sobre o, 98

observações, 98

mulhéres, 102

divisão entre o Cubango e Cuanza, 190

Cubangui, affluente do Cuando, 241

nascentes, 252

descripção, 257

Cuchi, 117

atravessei a ponte sobre o, 117

descrição, observações, etc., 118

Cuchibi, produzindo fruto alimenticio, 249, 251

atravesso no meu barco de cautchuc, 258

descrição do rio, perigos de, 259

em procura da minha comitiva, 262

aviso de perigos, 264

suas margens, 267, 289

Cué, rio, travessia do, 61

Cuena, rio, 76

Cuiba, 237

Cuime, rio, 209, 213, 237

Cuionja, povoação de, 171

Cuito, rio, affluente do Cubango, 222, 237

Cumbambi, rio, 51

Cunene, rio, resolução de não ir á foz do Cunene, mas directamente ao Bihé, 35

reconhecimento ao, 65, 73

travessia do, 90

Cuqueima, rio, travessia perigosissima, 121

canoa submergida salvando-me eu por milagre, 122

chego a Belmonte, 118, 123

atravessei-o por meio de um barco Macintosh, 177, 178

Cutangjo, rio, 242

Cutato, rio, 102, 103

Danças, indigenas, 40, 205

Desastres, explosão de uma balla Pertuisset, 54

Deserção de serventes, 51, 52

Doenças, eu doente, 55

Capello, 65, 104

muleque Pépéca, 105

tolhido de dores rheumaticas, 119

durante jornada, peiorei, 120

grave, no Bihé, 124

endêmicas, 188

acho-me envolto em feitiços de curandeiro, 247, 254, 268

Dombe Grande, chegada ao, 31, 40

Dombe, tem outros nomes, 41

sua descrição, 42

partida do, 45, 186, 187

Donzellas, 77

Dôro, rio, chamado das mulhéres, 76

Droma, rio, afluente do Calae, 74

Dumbo, soveta, 90, 91, 93

Elephantes, caçador de, 232

feitiço contra, 232, 313

Enterros, 54

da mulhér que morre de parto, 116

de um sova, 142, 143

Entrevistas com o Ministro das Colonias, 3, 5, 9

Escravos resgatados para servirem de carregadores, 22, 107

libertei uma leva de, 181, 222, 223

escravatura, 224-226

Expedição, preparos, 11

instrumentos, armamento, barracas, etc., de, 12-14

subsídio votado, 24

Explorador, como eu fui, 1

Extravio, jumento fugido, é entregue por um indigena, 52

Feiticeiro, indigena dos sertões d'África, 112, 115

Forças colonias, compostas de maos elementos, 33

Frederico Youle, xii

Gando, sova Tumbi, do, 177, 202

Ganguelas, mulheres, 178, 180

o paiz, 124

mappa, 204

Gazellas, grande, 62

Gongo, povoação, 95

Govêra, riacho, 117

Guandoassiva, rio, 76

Hippopotamos, 62, 66, 327

Homenagem a Andrade Côrvo, v, 9

Huambo, descrição, 81

penteados, 83

figuras, 82

Hyenas, 62, 308

Hyrax, 73

Hystrix Africano, 42

"Indicator." Como indicador, ou não, da existencia do mel nas florestas, 306, 307

Instrucções do Governo concernentes á exploração, 21

Instrumentos de música, 40;

rebeca, 163

Jacinto, do Ambriz, 19

Jamba, ribeiro, 63

José Antonio Alves, 172, 173

José Maria do Prado, hospede de, 16

Lagartas como alimento, 102

Lamupas (ou Mupas), 105

Leões, 62, 253, 304, 312, 319

Leopardo, morto por mim, 247, 248, 304

Lialui, capital do Barôze, 328

sou recebido pomposamente pela côrte, etc., 328

o rei promette receber-me no dia immediato, 329

Libatas, 142, 149

planta de uma libata, 150

Licócoítoa, ribeiro, 234

Liguri, lago, 219

Limbai, prevenção contra perigos no caminho para o, 311, 328

Lincumba, peixe, 298

Linica, povoação, 179, 180

Linde, ribeiro, 254

Liondo, povoação de uma Ilha, 328

Lionzi, povoação, 300

seus costumes, etc., 301-304

Livro. Seu pensamento e fim, xv

seu título, xix

Loge, rio, 18

Lossóla, ribeiro, 62

Luceque, rio, 66

Luchazes, paiz dos, 220

raças, 221

o paiz, costumes, etc., 221-3, 237, 243, 255

Luciano Cordeiro, viii

escrevo a, 203

Luinas, commandados por Cicota, vem ao meu acampamento, 322

o paiz, 323

Luiz Albino, sertanejo Portuguez morto por um búfalo, 313

Lungo-é-Ungo, rio, 237, 242

Luvubo, ribeiro, 75

Macacos, episodio de offerta de, 20, 290

Macotas, conselheiros do sova, 141

Malanca, 308, 309

Mandioca, 43

Mapole, arvore e folha, 252, 253

Mappas, meu caminho de Benguella ao Bihé, 181

Massango como alimento, 234, 237

Massonge, riacho caudaloso, 51

Mavando, sova, 196

seu exercito, 196-197

visita do sova e sua côrte, 199

Mel, 306

Milho, 94

Minha vida diaria, hygiene, costumes, etc.; 272

trabalhos, 273-274

Missionarios, referencia a, 101

Moenacuchimba, aldea, 95

Môma, povoação de, plantações enormes, 103

Mucano, crime sujeito a multa, 144, 145

receio de incorrer nelle, 155

Mucassequeres, acampamento de, 278

verdadeiros selvagens, sua descrição, etc., 280-284

diferença entre elles e os Ambuellas, 281

Muene-Calengo, sovêta, 221, 237

Muene-Caú-eu-hue, chefe dos Ambuellas, 278

sua visita, 279

episodio: duas filhas do Rei dos Ambuellas offerecem-se como

concubinas, 285, 288-290, 294

separão-se da minha comitiva, 311

Muenevindo, povoação governada por uma mulhér, 240

Mundombes, figuras, 43, 44

Muzinda, povoação, 177

costumes, 178, 179

Nano, povos do, 81

Nariere, 328

Ngóla, visita ao sova de, 58

troca de presentes, 59

Nhengo, planície, 316

acampei, 318

grande afluente do Zambeze, sua descrição, 319

Nhongoaviranda, rio, 234

Ninda, rio, acampado em suas margens, 312

enxame de insectos, e perigo de feras, 312, 313

Nondumba, riacho, 62

Norôco, lago formado pelas aguas do Zambeze, 328

Observações scientificas. Systema por mim seguido, 130, 131

astronômicas, 185, 191, 192

outras, de Benguella ao Bihé, 186-193

em Cambuta, 240

Obstáculos, 69

Onda, rio, 209, 211

peixe "Ditassôa," 211

fetus arbòreos, 212, 217, 218

Opumbulume, àrvore, 267

Oúco, produzindo uma flór odorosissima 266, 315

Palanca, libata, 75

primeiro ponto determinado por mim, 75

o século Palanca amarrado, 97

precauções contra elle, 100

Peacock, D^{or.}, meu mèdico assistente em Londres, xii

Pereira de Mello, ix

serviço penhorante de, 166

Permutação, commercio de, 43

Pessange, povoação de, 74

Põe, rio, 88

Pombeiro, chefe de carregadores, 140, 141

Pontes, sobre o Calae, 86

id. Canhungamua, 89

Porto de Fende, rio, sua descrição, 66

Provisões, falta de, 49, 50, 74, 228, 272

longe de socorros, 276, 317

tomadas á força, 321

Quando, rio, 65, 73

Queimbo, nascente do, 248

Quiaia, povoação, 95

Quiassa, bebida, 147

Quichôbo, antilope amphibio, 260

Quillengues, descrição, 52, 53

casamento, 53

embriaguez, 54

sahida de, 56, 187

Quimbandes, paiz, 195

raças e costumes, 195, 196

industrias, 207, 208

o paiz, 210

Quimbungo, libata, 88

Quingolo, libata, 74

Quingue, velho capitão do, seus protestos, etc., 107

Quiocos, ou Quibocos, 234

descrição do paiz, seus costumes, etc., 234, 235

Quipembe, chegada a, e recepção pelo sova de, 71

queixas contra Portugal, 72

visita e presente do sova de, 179

Quissangua, bebida, 147

Quissêcua, serra de, sua elevação, ascensão, etc., 57

Quissengo, rio, 61

Quissonde, formiga destruidora, 226, 227

Quissonge, festa selvagem com sacrificio de carne humana, 148

Quissongo, 116

chefe de carregadores, 140

Quitaqui, riacho, caudaloso, 51

Ràpidos, da libata grande, 66

mupas de Canhacuto, 66

cataractas de Quiverequete, 66

Sambo, libata do sova no paiz do, 90

mulhér do Sambo, 93

acampamento entre Sambo e o Bihé, 94

um enviado do sova, 95

a "Enhana" de Ambamba, 189

Sanguesugas, 218, 249, 299

Secula-Binza, rio, 65, 70

Século, fidalgo, 142

Sepulturas de séculos, 104, 105

Silva Porto, ix, 34

chego a Belmonte, 122

meus companheiros deixão a residencia de Silva Porto, que eu então occupo, 126

casa de Silva Porto, 128

serviços penhorantissimos de, 166, 242

Sociedades geogràphicas e outras, referencias a, xi, xii, xiv

Songue, especie de antilope, 270, 271, 305

Sovas do Dombe, descripção, nomes, etc., 39

cerimonias selvagens na acclamação do novo sova, 143

as mulheres do sova, 144

Stanley, ix, 22

offerecimentos feitos em nome do Governo Portuguez a, 22, 23

sua estada em Loanda, 23

Sulphato de cal, 42

Superstição

esterilidade de mulheres, 293, 294

Tama, serra da, 50

"Tamega", corveta, ix

passageiro da corveta, 21

Taramanjamba, valle extenso, 46

falta d'água, 46, 47

Tartarugas, 319

Termites, como alimento dos Bihénos, 148, 189, 213, 217, 218, 323

do Nhengo, 324

nas margens do Cutato, 103

Tia Leonarda, ou Tia Lina, do Ambriz, 19

Tributo a El-Rei, iii

Tributo de gratidão, em geral, vii

Uba, monte, 61

Umpuro, rio, 51

Upanga, ribeiro, 63

Urivi, armadilha dos Luchazes, para caça, 245, 278

Usserem, ribeiro, 61

Ussongue, rio, 66

Vambo, acampámos em suas margens, 51

Vaneno, povoação, 95

Varea, rio, affluente do Cuime, 209

Verissimo Gonçalves, 56

reconhece algumas raparigas roubadas em Quillengues, 81

Vicéte, libata fortificada entre rochas, 66

Zaire, subi o, 21

Zambeze, resolvo ir direito ao alto Zambeze, 129

LONDRES:
NA TYPOGRAPHIA DE GUILHERME CLOWES E FILHOS (COMPANHIA LIMITADA), STAMFORD STREET E CHARING
CROSS.

Notas:

[1] Alfredo Pereira de Mello, capitão-tenente, e Governador de Benguella, era o mesmo Tenente Mello de que fala Cameron no *Across Africa*, e que era então Ajudante-de-Campo do Governador da Provincia d'Andrade.

[2] Parte d'estes carregadores, 200, só chegaram a Benguella a 27 de Dezembro, e outros 200 por fins de Fevereiro.

[3] Isto é quasi a prática seguida entre os Maraves, a prova do Muave. (Gamito, e Muata Cazembe.)

[4] Eu chamo fardo a carga de um homem, proxivamente trinta kilogrammas.

[5] Lembra-me aqui do que me dizia o Ivens, com aquella graça que nunca perdeu nos transe mais dolorosos. Dizia elle, "Em eu vendo entrar no meu campo prêto de sapatos de liga e guardasol, já sei que é branco, e estou logo a tremer."

*** END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK COMO EU ATRAVESSEI ÀFRICA DO ATLANTICO AO MAR INDICO,
VOLUME PRIMEIRO ***

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S. copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE
THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE
PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase "Project Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at www.gutenberg.org/license.

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at www.gutenberg.org. If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website (www.gutenberg.org), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement

copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you ‘AS-IS’, WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™’s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at www.gutenberg.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation’s EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state’s laws.

The Foundation’s business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887.

Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at www.gutenberg.org/contact

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit www.gutenberg.org/donate.

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: www.gutenberg.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: www.gutenberg.org.

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.